

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO
DE PROFESSORES**

**A MÚSICA NA TERCEIRA IDADE: REFLEXÕES ACERCA DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE IDOSOS DA UNATI-UEM SOBRE
AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM UM CONTEXTO DE
EDUCAÇÃO PERMANENTE E NÃO FORMAL**

PAULO LOPES

**MARINGÁ
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ENSINO, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

**A MÚSICA NA TERCEIRA IDADE: REFLEXÕES ACERCA DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE IDOSOS DA UNATI-UEM SOBRE AS
EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO
PERMANENTE E NÃO FORMAL**

Tese apresentada por PAULO LOPES, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores

Orientadora: Profa. Dra. SOLANGE FRANCI
RAIMUNDO YAEGASHI

MARINGÁ
2023

FICHA CATALOGRÁFICA:

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

L864m

Lopes, Paulo

A música na terceira idade : reflexões acerca das representações sociais de idosos da UNATI-UEM sobre as experiências vivenciadas em um contexto de educação permanente e não formal / Paulo Lopes. -- Maringá, PR, 2023.

234 f.: il. color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Representações sociais. 2. Ensino de música. 3. Terceira idade. 4. UNATI-UEM. 5. Educação permanente. I. Yaegashi, Solange Franci Raimundo, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Fundamentos da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 374.00846

PAULO LOPES

**A MÚSICA NA TERCEIRA IDADE: REFLEXÕES ACERCA DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE IDOSOS DA UNATI-UEM SOBRE AS
EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM UM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO
PERMANENTE E NÃO FORMAL**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi (Orientadora)
– UEM

Profa. Dra. Andréia Veber – UEM – Maringá

Profa. Dra. Karen de Azevedo Coutinho – UEM – Maringá

Profa. Dra. Rute Grossi Milani – UNICESUMAR – Maringá

Profa. Dra. Betânia Alves Veiga Dell' Agli – UNIFAE – São
João da Boa Vista

Profa. Dra. Luciana Maria Caetano – USP – São Paulo
(suplente externa)

Profa. Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula – UEM –
Maringá (suplente interna)

Data de Aprovação: 28/07/23

Dedico este trabalho à professora Regina
Taam (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Solange Franci Raymundo Yaegashi, que conhece o meu trabalho com a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) desde que fui coordenador geral, e que foi sempre gentil, presente, generosa e pontual em suas orientações. A pessoa certa no momento certo. Muito obrigado por tudo!

À minha esposa e companheira de vida, Sula Andressa Engelman, que plantou a ideia e me motivou a fazer este doutorado, sempre disposta a conversar com carinho e paciência nos momentos de dúvida.

Aos meus pais, Sr. Francisco e D. Maria Amélia, que me ensinaram a vida toda a como respeitar e valorizar os idosos.

À Andréia Veber, minha amiga e colega de departamento, que abriu a minha mente e me incentivou a realizar este doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Muito obrigado!

À Banca Examinadora, que realizou as observações necessárias para este trabalho, com apontamentos que me levaram a muitas reflexões de grande importância para a sua concretização.

Ao Departamento de Música e Artes Cênicas – DMC, por ter autorizado o meu afastamento no último ano para eu poder escrever este estudo, em especial, aos colegas Andréia Anhezini e Flávio Apro, pelo apoio e por terem ministrado as minhas aulas durante o meu afastamento.

À Nicole Penteado, que, gentilmente, ajudou-me com informações sobre as disciplinas de música sob sua responsabilidade, atualmente, na UNATI.

Aos alunos da UNATI, que, gentilmente, participaram das entrevistas e colaboraram grandemente com as suas experiências para este estudo.

A todos os discentes de graduação em música, que me auxiliaram ao longo de 12 anos no trabalho de coral com os idosos da UNATI. Muito obrigado!

A todos os alunos e ex-alunos da UNATI, que participaram das minhas aulas de canto coral desde 2010, com os quais pude aprender muito sobre a vida.

Aos professores do PPE da UEM, que, em suas aulas, contribuíram para o meu pensamento político e social, especialmente ao Prof. Mário Luiz Neves de Azevedo e à Profa. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula.

Aos professores de música, que atuaram nas disciplinas da UNATI e cujos seus trabalhos contribuíram, profusamente, para os dados deste estudo.

À Profa. Terezinha Oliveira, coordenadora geral da UNATI, que permitiu a realização deste estudo na instituição e que sempre, gentilmente, atendeu-nos quando precisávamos de informações.

À Nice e ao Adelino, técnicos administrativos da UNATI, que, solicitamente, forneceram-me informações necessárias para este estudo.

E, finalmente, à UEM, que é referência em nosso estado no trabalho com idosos e proporcionou as condições para que este estudo fosse realizado.

“Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca” (FREIRE, 2002, p. 23).

LOPES, Paulo. **A música na terceira idade**: reflexões acerca das representações sociais de idosos da UNATI-UEM sobre as experiências vivenciadas em um contexto de educação permanente e não formal. Orientadora: Solange Franci Raimundo Yaegashi. 2023. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

RESUMO

O aumento da população idosa é um dos fenômenos mais significativos nos últimos tempos, de modo a ocorrer em diversos países do mundo. Esse novo contexto demográfico provocou múltiplas transformações em todos os setores da sociedade, exigindo, inclusive, a criação de políticas públicas destinadas a esse segmento. Ao levar em consideração tal cenário, a Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá (UNATI-UEM) foi criada em 2009, com a finalidade de promover a inclusão da pessoa idosa na sociedade, tornando-a mais respeitada, participativa e autônoma. Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo investigar as representações sociais dos idosos acerca da música na experiência da UNATI-UEM em um contexto de educação permanente e não formal. Como referencial teórico, foi utilizada a Teoria das Representações Sociais (TRS), a qual permite investigar o funcionamento dos sistemas de referência utilizados para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Participaram da pesquisa 20 idosos que cursaram, ao menos, uma das cinco disciplinas de música ofertadas pela UNATI. Como instrumento de coleta de dados, foram utilizados um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturada. Os dados coletados foram analisados e cotejados de acordo com a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016). Foram elaboradas três categorias de análise: 1) a UNATI-UEM para os idosos; 2) as aulas de música na UNATI-UEM; e 3) os idosos e os discentes de música na UNATI-UEM. Os resultados do estudo revelaram que as disciplinas de música permitem tanto o aprendizado de conteúdos musicais quanto de conteúdos distintos, como literatura, utilização de tecnologias digitais, que perpassam pela experiência de aprender música. Ademais, por suas características e possibilidades de abordagem, essas disciplinas são propícias para desenvolver a educação permanente com idosos. Chegou-se à conclusão de que as disciplinas de música, pelo fato de propiciarem um ambiente interativo de troca de conhecimentos, permitem a construção de representações sociais entre os sujeitos envolvidos, representações de afeto, de respeito e de convivência social. Concluiu-se, ainda, que os trabalhos com música para idosos auxiliados por jovens discentes proporcionam um aprendizado mais eficiente e promovem uma convivência pacífica e agradável entre as duas gerações.

Palavras-chave: Representações Sociais; Ensino de Música; Terceira Idade; UNATI-UEM; Educação Permanente.

LOPES, Paulo. **Music in the third age**: reflections on the social representations of elderly people from UNATI-UEM about their experiences in a context of permanent and non-formal education. Advisor: Solange Franci Raimundo Yaegashi. 2023. 234 p. Thesis (Doctorate in Education) – State University of Maringá, Maringá, 2023.

ABSTRACT

The increase in elderly population is one of the most significant phenomena in recent times, occurring in several countries around the world. This new demographic context caused multiple transformations in all sectors of society, even requiring the creation of public policies aimed at this segment. Taking this scenario into account, the Open University for Third Age People at the State University of Maringá (UNATI-UEM) was created in 2009, with the aim of promoting the inclusion of the elderly in society, making them more respected, participatory, and autonomous. In this sense, the present research aimed to investigate the social representations of the elderly about music in the experience of UNATI-UEM, a context of permanent and non-formal education. As a theoretical framework, the Social Representations Theory (SRT) was used, which allows the investigation of the functioning of reference systems used to classify people and groups and to interpret events in quotidian reality. Twenty elderly people who attended at least one of the five music disciplines offered by UNATI participated in the research. As a data collection instrument, a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview script were used. The collected data were analyzed and collated according to the content analysis technique, proposed by Bardin (2016). Three categories of analysis were elaborated: 1) the UNATI-UEM for the elderly; 2) music classes at UNATI-UEM; and 3) the elderly and music students at UNATI-UEM. The results of the study revealed that music disciplines allow learning both musical and varied content, such as literature and the use of digital technologies, which permeate the experience of learning music. Furthermore, due to their characteristics and possibilities of approach, these disciplines are conducive to developing permanent education with the elderly. Since they provide an interactive environment for exchanging knowledge, it was concluded that music disciplines allow the construction of social representations between the subjects involved, representations of affection, respect, and social coexistence. It was also concluded that works with music for the elderly assisted by young students provide more efficient learning and promote peaceful and pleasant coexistence between two generations.

Keywords: Social Representations; Music Teaching; Third Age; UNATI-UEM; Permanent Education.

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Tríade – Eu-Outro-Objeto.....	82
--	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gênero.....	136
Gráfico 2: Estado civil dos participantes da pesquisa	138
Gráfico 3: Com quem residem.....	139
Gráfico 4: Número de residentes na casa	140
Gráfico 5: Formação das mulheres que compuseram a amostra.....	141
Gráfico 6: Formação dos homens que compuseram a amostra.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estudos selecionados para compor o <i>corpus</i> de análise da pesquisa e a sua distribuição por diferentes regiões do Brasil.	87
Quadro 2: Perfil sociodemográfico dos participantes	132
Quadro 3: Categorias de análise	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados de violência contra o idoso	40
Tabela 2: Dados da UNATI-UEM (2018-2022)	56
Tabela 3: Matrícula de alunos por disciplina em 2022	56
Tabela 4: Distribuição das dissertações encontradas por regiões brasileiras e por esfera administrativa/instituição	89
Tabela 5: Faixa etária dos participantes da pesquisa	137
Tabela 6: Tempo que frequentam a UNATI-UEM	143
Tabela 7: Atividades nas horas vagas	144
Tabela 8: Outras atividades realizadas nas horas vagas.....	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATIs – Academias da Terceira Idade
BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CMU – Curso de Música da Universidade de São Paulo
CNDI – Conselho Nacional dos Direitos do Idoso
COMUNICANTUS – Laboratório Coral do Departamento de Música da ECA-USP
COPEP – Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos
ECA – Escola de Comunicação e Artes
Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz
GRE – Gabinete da Reitoria
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES – Instituições de Ensino Superior
IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
LADEM – Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais
LBA – Legião Brasileira da Assistência
NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade
OMS – Organização Mundial de Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas
PAS – Processo de Avaliação Seriada
PIAM – Programa Integral para a Pessoa Idosa
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PRCEU – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP
PROCERE – Programa Centro de Referência do Envelhecimento
PUC – Pontifícia Universidade Católica
RS – Representações sociais
RU – Restaurante Universitário
SESC – Serviço Social do Comércio
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS – Teoria das Representações Sociais

UCB – Universidade Católica de Brasília
UCDB – Universidade Católica Dom Bosco
UCP – Universidade Católica de Petrópolis
UCR – Universidade da Costa Rica
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFSJ – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFT – Universidade Federal do Tocantins
UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade
UNATI-UEM – Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá
UNATI-USP – Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo
UNESP – Universidade Estadual Paulista
USP – Universidade de São Paulo
UTI – Universidade da Terceira Idade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. A SOCIEDADE ATUAL E O IDOSO	31
2.1 O novo “velho”	34
2.2 Envelhecimento e Educação Permanente	44
3. A UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE NO BRASIL	51
3.1 A UNATI-UEM	53
3.2 UNATI-UEM e sua importância no contexto político, social e educacional. 60	
3.3 A Educação Permanente para e com o idoso.....	62
4. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	65
4.1 A expansão das áreas de pesquisa	65
4.2 Representações Sociais – Conceito	67
4.3 Teoria das Representações Sociais – Principais influências	69
4.4 As representações sociais e as suas principais correntes.....	72
4.4.1 O senso comum, o universo consensual, o universo reificado e as suas relações	77
4.4.2 Ancoragem e Objetivação.....	79
4.4.3 Eu-Outro-Objeto.....	81
5. REVISÃO DE LITERATURA SOBRE IDOSOS, UNATI E MÚSICA ENTRE O PERÍODO DE 2005 E 2021	84
5.1 Análise quantitativa das produções encontradas.....	87
5.2 Análise qualitativa das produções encontradas	90
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	123
6.1 Características da pesquisa.....	123
6.2 Campo da pesquisa	124
6.3 Participantes da pesquisa	124
6.4 Instrumentos utilizados para a coleta de dados	125
6.5 Procedimentos para a coleta de dados.....	126
6.6 Procedimentos para a análise de dados.....	127
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO	131
7.1 Perfil sociodemográfico dos participantes	131
7.2 Análise das entrevistas semiestruturadas	146

7.2.1 A UNATI-UEM para os idosos	147
7.2.2 As aulas de música na UNATI-UEM	162
7.2.3 Os idosos e os discentes de música na UNATI-UEM	181
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	201
REFERÊNCIAS	213
APÊNDICES	225

1. INTRODUÇÃO

As universidades públicas brasileiras passam, atualmente, por um momento delicado. Afirmamos isso em parte, porque o nosso país vive um momento de crise educacional. Convivemos com um sistema financeiro mundial que defende a celebração do mercado como único referente da vida social (CURY, 2010), de modo a direcionar a uma educação voltada para atender aos desejos dos estudantes. Nesse contexto, defrontamo-nos com discussões sobre a privatização das Instituições de Ensino Superior (IES), sobre os conteúdos que elas ensinam ou, ainda, sobre o questionamento acerca da necessidade da existência desse tipo de instituição.

A população economicamente menos privilegiada dos locais onde essas IES estão inseridas que, geralmente, faz a sua formação escolar na rede pública, cada vez mais prejudicada pela falta de recursos que o Estado deveria dispor, manifesta dificuldades de ter acesso às vagas ocupadas por jovens vindos das redes de ensino privadas, as quais comumente privilegiam o ensino voltado aos concursos vestibulares. Não querendo correr o risco de sermos reducionistas, acreditamos que tal contexto pode ser explicado, fundamentalmente, devido às diversas mudanças que a nossa sociedade sofreu nas últimas três décadas, ocorridas em relação à condição socioeconômica.

Por conseguinte, em razão da diminuição da presença de alunos de classes sociais mais modestas dentro do ambiente universitário público, tal circunstância pode ter levado à criação de um conceito pejorativo de que as IES não sejam locais para o cidadão mais pobre. A concepção que a população de menor poder aquisitivo tem sobre as universidades públicas e a sua função dificulta que essas instituições cumpram com uma de suas principais funções: o atendimento às camadas mais necessitadas da população, bem como impede o diálogo entre elas e a sociedade, para que, assim, sejam conhecidos os reais interesses mais latentes da população.

Ao examinar as leis brasileiras, verifica-se a Constituição de 1988, que regula os direitos, os deveres e as ações da universidade pública brasileira. Em seu

Artigo 207, aborda a abrangência das instituições universitárias públicas e determina que “[...] as universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988, *on-line*).

Podemos perceber, nesse artigo da Constituição, que a universidade, a partir de então, recebeu a incumbência de atuar nas áreas de pesquisa, ensino e extensão de forma intrínseca. Esse fator abre consideravelmente o campo de possibilidades de atuação, mas é delimitado por outro, que tem relação com o nível de atenção atribuído a cada setor da sociedade. Realizando uma retrospectiva sobre a história das universidades públicas, mais especificamente em relação à reforma do ensino superior brasileiro em 1968, é possível evidenciar que as alterações implementadas na época ajudaram a consolidar um modelo de universidade que valoriza a pesquisa e o ensino, ao delimitar a primeira como uma função da pós-graduação, e, à graduação, a formação dos quadros de profissionais especializados (LUZ; BRIZOLLA; GARCIA, 2017). Amparados em tais referências e com base nos modelos brasileiros de ensino superior, podemos observar a existência de um notável direcionamento dos cursos de graduação para a formação de profissionais voltados a um modelo específico de sociedade, no qual cada nicho tem o seu papel definido.

Acreditamos que essa linha de trabalho, que vem sendo seguida pelas universidades públicas desde os anos de 1970 até hodiernamente, teve impactos positivos para a sociedade. Todavia, na atualidade, o papel da universidade não pode estar centrado somente na formação de profissionais para o mercado de trabalho, mas necessita de uma ampliação de suas diretrizes, alinhando-se, cada vez mais, às necessidades de nossa sociedade, a qual passa por acentuadas mudanças. Dessa forma, a universidade deve estar ao lado da população para ajudá-la a entender as mudanças e se adaptar a elas.

Dentre as modificações da sociedade, podemos citar, por exemplo, o aumento da população idosa, a diminuição da população de crianças e jovens, que impactam, profundamente, a estrutura social e econômica do país. Não pretendemos que a universidade solucione todos os problemas que a sociedade possa vir a ter, mas enxergamos como substancial que ela entenda o processo de

mudança ocorrente, que acompanhe e ajude as pessoas a se adaptarem, paulatinamente, a essas transformações. Em outras palavras, a universidade precisa ter uma atuação mais condizente com a atual realidade, “[...] a forma como as instituições de ensino superior estrutura o papel que representam na sociedade influi no perfil histórico da formação e, conseqüentemente, no estilo de vida do cotidiano” (GOMES, 2014, p. 4).

Na direção dessas mudanças sociais e das novas necessidades que a população apresenta atualmente, temos os programas de educação para o idoso, os quais se constituem como um dos temas mais complexos que a universidade pública precisa tratar. Conforme vimos, as universidades públicas estão moldadas a um sistema educacional estruturado para a criação de profissionais na área de Educação, que são preparados para trabalhar com os ensinos fundamental e médio, porém, quando olhamos para as atuais demandas sociais, percebemos que isso não é suficiente. Se considerarmos a existência de uma grande população de idosos no Brasil, e que esses idosos precisam de um processo de reinserção social, pois a legislação brasileira prevê a criação de programas educacionais para esse fim, notamos, então, a imprescindibilidade de mudanças na formação dos discentes, uma vez que há a necessidade de ajustar o formato pedagógico das universidades para atender às demandas que tais mudanças sociais trazem.

Na nossa área de trabalho, que é a música, entendemos como imprescindível preparar os discentes de graduação para trabalhar com o idoso, pois ele encontrará esse sujeito como partícipe em seus diversos campos de atuação. Para citarmos um dos muitos exemplos possíveis, temos a área de regência coral, que costumamos encontrar, em seus coros, formações específicas com pessoas da terceira idade, corais mistos (compostos por homens e mulheres) ou de igrejas, onde, comumente, há participação de idosos combinados a outras faixas etárias. As variantes são profusas nesse campo e, diante desse cenário, vemos como necessária uma mudança na formação do discente de graduação em diversas áreas, já que, hodiernamente, todos esses profissionais devem aprender a trabalhar com o idoso e contribuir para o processo de reinserção social desse cidadão.

Assim, acreditamos ser substancial complementar a formação dos jovens discentes por meio da convivência e do trabalho com o idoso dentro do ambiente

acadêmico, a fim de prepará-los para atender às demandas sociais. Ainda, acreditamos que, para promover a integração do idoso ao nosso modelo de sociedade atual, faz-se necessário propiciar o seu desenvolvimento intelectual, que pode ser estimulado por uma ampliação de relações sociais nas quais os idosos possam se realizar (BOTH, 1999). Tal condição pode ser fomentada dentro do ambiente universitário, onde o idoso irá conviver com os jovens discentes em formação profissional e dividir experiências com eles, em uma relação dialógica na qual se aprende e ensina.

Defendemos que a participação do idoso em disciplinas, como as ofertadas pela Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá (UNATI-UEM), sendo orientado por professores da graduação e os seus discentes, contribuirá para um desenvolvimento intelectual desse cidadão, encaminhando-o a uma reinserção social. Em outras palavras, as relações de convivência entre os idosos e os seus colegas matriculados nas disciplinas de música, aliadas à interação com os professores e os seus discentes auxiliares, podem trazer benefícios aos idosos em diversas áreas de suas vidas, sobretudo na integração social dentro do ambiente acadêmico acessado.

Tal processo de convivência intergeracional oportunizado pelas relações compartilhadas dentro da esfera acadêmica nos fez chegar à Teoria das Representações Sociais para este estudo, pois observamos que, durante os anos de trabalho com as aulas de música, o processo de ensino não se passava apenas no âmbito teórico e musical, mas estava vinculado às relações entre os indivíduos participantes.

Observamos que, cada vez que havia o ingresso de um ou mais jovens do curso de graduação em música da UEM para nos assistir durante as aulas, o processo de ensino era modificado. Mudavam-se as relações, a forma de aprender, as formas de se comunicar e, principalmente, o comportamento dos indivíduos em relação ao ensino de música. Sempre ocorriam ajustes no grupo e, da mesma forma, quando não tínhamos nenhum discente como auxiliar, o processo também se modificava; a percepção que tínhamos é que haviam conteúdos compartilhados para além do campo musical, e começamos a observar que tais conteúdos dependiam das relações humanas durante que ocorriam em sala de aula, e que eles poderiam variar de acordo com os indivíduos que estavam envolvidos durante

o processo de ensino musical. Assim, observamos que esses conteúdos que iam além dos campos teóricos e técnicos musicais complementavam a aprendizagem dos participantes das disciplinas de música, e que sem isso, algo faltava para que o ensino de música fosse mais efetivo.

Nesse sentido, durante os anos de atuação na UNATI-UEM, pudemos perceber que esse órgão¹, ligado à Reitoria da UEM, possibilita um campo de pesquisa amplo que necessita ser explorado e desenvolvido, sobretudo por existirem poucos trabalhos na área de Música, desenvolvidos em nossa universidade, que utilizam os idosos como temática, principalmente os que abordam a educação ajustada ao idoso, considerando as suas características (necessidades) físicas, psicológicas e sociais.

Ademais, a Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos aponta: “Novas necessidades foram explicitadas pela pessoa idosa, como de autonomia, mobilidade, acesso a informações, serviços, segurança e saúde preventiva” (BRASIL, 2022c, p. 2). Dessa forma, esta pesquisa se mostra relevante pelo fato de abarcar uma investigação sobre o processo de preparação do idoso para a sua reinserção social, as suas representações sociais e os seus benefícios, uma vez que, dentre as responsabilidades da universidade, destaca-se a ação de ofertar programas adequados às necessidades da população idosa.

Por ser pertinente a este estudo, pedimos licença para relatar, brevemente, um pouco da nossa trajetória de músico e professor de música, mais especificamente no campo de atuação de ensino de música a idosos.

No ano de 2002, ingressamos como aluno do Curso de Graduação em Música da Universidade de São Paulo (CMU-USP), ligado à Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP). Nesse mesmo ano, começamos a fazer parte do programa universitário denominado Laboratório Coral do Departamento de Música da ECA-USP (Comunicantus), coordenado pelo Professor Livre-Docente Marco Antonio da Silva Ramos. O Comunicantus coordenava, na época, cinco grupos corais dentro da USP, e um deles era o Coral da Terceira Idade da USP, que é um

¹ A Universidade Aberta à Terceira Idade da UEM foi criada como um órgão suplementar, vinculado à Reitoria. Tal formato a coloca no organograma da instituição, tendo direito à verba fixa como outros órgãos, departamentos e setores da IES, e sendo independente para ofertar disciplinas, programas, cursos, eventos e demais atividades, dentro e fora da universidade.

coro comunitário formado por alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo (UNATI-USP), da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (PRCEU), que esteve em atividade entre o período de 1997 e 2019. Esse coro era coordenado pelo Comunicantus e funcionava como um laboratório de formação musical com dois grandes objetivos em um mesmo nível de importância: 1º) buscava-se a formação musical do idoso por meio do canto coral; 2º) ao mesmo tempo, primava-se pela formação dos discentes de graduação em música como regentes, preparadores vocais e diretores artísticos de coros da terceira idade.

A nossa preparação para trabalhar música com os idosos teve início nesse programa, ao qual ficamos vinculados entre o período de 2002 e 2008. A participação nesse coro contribuiu, de forma direta, para a realização da pesquisa do nosso Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (2006), intitulado “Canto Coral- Um caminho para educação musical na minha experiência no projeto Comunicantus”, sob orientação da Professora Livre-Docente Susana Cecília Igayara, e, de forma indireta, ao nosso mestrado, que foi realizado entre os anos de 2008 e 2010, também na USP, resultando na dissertação intitulada “Estudo do desenvolvimento da escuta melódica de adultos integrados a coros vocacionais”. Essa dissertação é, até o tempo presente, muito utilizada em nosso trabalho com os idosos, pois as questões nela discutidas são de grande valia para o nosso dia a dia como docente do Coral da UNATI-UEM.

Em 2010, já como docente da Universidade Estadual de Maringá (UEM), a convite da Profa. Dra. Regina Taam, criamos o Coral da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá (UNATI-UEM), nos mesmos moldes do coro irmão de São Paulo, ou seja, visando tanto ao ensino de música para o idoso quanto à formação do discente de graduação em música para trabalhar com corais da terceira idade. Devido ao nosso envolvimento com o ensino de música para idosos, no ano de 2016, candidatamo-nos e fomos eleitos para a coordenação geral da UNATI-UEM, cargo que ocupamos até outubro de 2020. O Coral da UNATI-UEM esteve em atividade até julho de 2022, data de nosso afastamento para a continuação desta pesquisa de doutorado.

Por intermédio dessa breve e parcial descrição de nossa trajetória profissional, justificamos o nosso envolvimento com o ensino de música para idosos

por meio do canto coral e o nosso interesse de realizar esta pesquisa em nível de doutorado.

O objetivo do presente estudo consiste em investigar as representações sociais dos idosos acerca da música na experiência da UNATI-UEM em um contexto de educação permanente e não formal. Esse objetivo se desdobra em cinco objetivos específicos: 1) discutir as mudanças que aconteceram no âmbito social, a fim de compreender o papel do idoso na sociedade atual; 2) abordar a importância da Universidade Aberta à Terceira Idade no Brasil e, em especial, da UNATI-UEM; 3) retomar os principais conceitos da Teoria das Representações Sociais, a fim de subsidiar as análises das entrevistas com os idosos da UNATI-UEM; 4) realizar uma revisão de literatura com a finalidade de analisar as produções acadêmicas sobre representações sociais de idosos das Universidades Abertas à Terceira Idade e o ensino de música em um contexto de educação permanente; 5) investigar as representações sociais dos idosos da UNATI-UEM geradas durante a convivência nas disciplinas de música, que acontecem nos moldes de uma educação permanente e não formativa, com o intuito de entender como esse programa contribui para o bem-estar dessa parcela da população idosa. Ressaltamos que o modelo educacional adotado pela UNATI-UEM

[...] reconhece a educação permanente, não formal, como instrumento eficiente para valorização e reconhecimento do idoso como cidadão participativo e merecedor de atendimento com qualidade em todos os seguimentos sociais. Nesta perspectiva, a educação emerge como um auxílio ao fortalecimento da autoestima, integração social e valorização das relações intergeracionais, fomentando debates sobre as questões que envolvam essa faixa etária, transpondo as limitações e preconceitos em relação à velhice, ora sustentados socialmente [...] (CARREIRA; TAAM, 2012, p. 639).

Desse modo, não demanda um currículo a ser cumprido ou a existência de um prazo determinado, mas sempre está em processo de desenvolvimento, sendo feito de acordo com as necessidades e com as experiências dos participantes, ao promover um ambiente saudável e seguro, que, indiferentemente da idade a que chegaram, possam exercer a função de protagonistas, sentindo-se e agindo como sujeitos históricos (CARREIRA; TAAM, 2012).

Do ponto de vista científico, a realização desta pesquisa se justifica por não haver estudos sobre as representações sociais de idosos em contextos de aprendizagem de música permanente e não formal. Ademais, conforme abordaremos na segunda seção, há pesquisas realizadas que apontam para um crescimento da população idosa mundial, bem como para o aumento da expectativa de vida. Assim, faz-se necessária a realização de ações que possam preparar esse idoso para uma vida mais longa. Novas pesquisas na área da Educação podem investigar maneiras para facilitar o processo de adaptação do idoso a esse contexto atual, trazendo benefícios para ele e para a sociedade em que está inserido.

Para atingir os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo. Na pesquisa qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta de dados, e o pesquisador figura como o principal instrumento. Os dados coletados são predominantemente descritivos, primando por uma interação social profissional, com método, planejamento e papéis definidos, além de provida de objetivos claros (MINAYO, 2007). Logo, o interesse do pesquisador, ao estudar um determinado problema, é averiguar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

No caso específico da presente pesquisa, podemos afirmar que um dos principais elementos que envolvem o ensino de música é o elemento social. A interação entre os participantes de uma atividade musical, comumente chamada de “fazer música juntos”, pode viabilizar o processo de criação das representações sociais, pois, quando ensinamos alguém a cantar uma música, isso é feito de forma oral e conjunta, compartilhada socialmente entre os elementos de um grupo de música ou de um coral. A propósito, quando se postula sobre a criação das Representações Sociais (RS), consideramos o pensamento de Jodelet (2001, p. 21), que as define como “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Analisando essa afirmação, podemos perceber a semelhança do fazer musical com o ato de ensinar uma pessoa ou um grupo de pessoas a cantar uma música.

Nesse contexto, a questão orientadora que se busca responder com a presente pesquisa pode ser assim descrita: ‘Quais são as representações sociais dos idosos sobre música na experiência da UNATI-UEM em um contexto de

educação permanente e não formal?'. Defendemos a tese de que o trabalho com música pode ser um grande viabilizador do processo de inclusão social do idoso; assim, a difusão e a ampliação de programas, como o da UNATI-UEM dentro das universidades, são essenciais para melhorar o bem-estar dessa população, por fomentar a reinserção social de tal parcela da população em seu meio de convívio. Acreditamos que a adoção do ensino de música com uma abordagem que vá além dos conteúdos teóricos e técnicos pode auxiliar na recuperação da dignidade do cidadão idoso, que fica relegado a um papel figurativo no contexto sociofamiliar – e, porque não dizer, posicionado como um grupo subalterno em relação às outras faixas etárias da sociedade, dando um novo significado à existência para essa parcela da população, uma vez que, ao idoso, abrem-se novas possibilidades de conhecimento na universidade e seu ambiente socioeducativo, aspectos fora do seu alcance até esse momento da vida.

Em nossa sociedade, a música, geralmente, está ligada ao contexto midiático, sendo mais voltada ao entretenimento do que à formação do cidadão. Segundo Hummes (2004), atualmente, a música está presente na vida das pessoas em todos os lugares e momentos: na escola, na televisão, no rádio, na internet, no celular. Tal fato demonstra que a música é um conteúdo com muita facilidade de ser acessado e pode ser, constantemente, vivenciado pelo público idoso a partir dos diversos meios tecnológicos.

Nesse sentido, a nossa hipótese para a utilização da música em nosso estudo é de que ela faz parte da vida e das relações das pessoas: por seu intermédio, os indivíduos podem construir gostos, afinidades, interagir durante o fazer musical, emergindo como uma opção ao ensino permanente e não formativo para os idosos, pois se estimula um convívio contínuo entre os participantes; e, por características próprias, possibilita que os seus conteúdos sejam ensinados gradativamente e ajustados ao nível intelectual do grupo, à medida que os seus membros se desenvolvem.

Além das questões musicais inerentes à prática do ensino da música, quando olhamos para outras áreas de trabalho com a terceira idade, como a Geriatria e a Gerontologia, estudos apontam que há vantagens de trabalhar a música com idosos, pois nos mostram que, nessas áreas, “[...] o uso da música vem se sobressaindo por proporcionar efeitos significativos nas esferas

psicoemocionais, físicas e sociais destas pessoas (idosas), repercutindo na melhora da autoestima e da sociabilização” (GOMES; AMARAL, 2012, p. 105, parênteses nosso).

Outra característica que justifica a utilização da música no ensino permanente e não formal é de que não há fim para os conteúdos utilizáveis para o ensino musical nesse formato, pois o material que pode ser acessado e criado para essa finalidade é inesgotável. O ensino de música pode, ainda, desenvolver a memória afetiva do idoso, haja vista que, por meio da utilização de um repertório que remeta a outras épocas de suas vidas, podemos resgatar sentimentos vividos anteriormente e ressignificá-los para o atual momento de vida desses cidadãos.

Segundo Conceição (2013), em seu estudo sobre o ensino de Canto Coral para idosos, registraram-se relatos dos participantes de que era importante cantar e ter uma atividade musical para as suas vidas, visto que alguns ensinavam o repertório aprendido nas aulas para os seus netos. A autora afirma que a atividade musical “[...] carregava o prazer de cantar em grupo, de reencontrar os amigos e realizar uma atividade que promovia o bem-estar e agregava conhecimento à vida deles” (CONCEIÇÃO, 2013, p. 49). Essa afirmação aponta para a importância da atividade musical para as relações sociais das pessoas, estando envolvidas diretamente, como o caso dos cantores do coro, ou indiretamente, como vemos na referência a familiares dos participantes.

Concernente ao exposto, desejamos investigar essas relações que ocorrem durante as disciplinas de música oferecidas ao público idoso pela UNATI-UEM, bem como a suas representações sociais, os seus saberes compartilhados e os novos saberes construídos socialmente. Investigar questões que nos mostrem, nos campos das RS e da música, os principais elementos, comportamentos e aprendizados que surgem durante a experiência em que os sujeitos idosos estão envolvidos.

De acordo com Jodelet (2017, p. 484), “[...] a natureza simbólica da comunicação musical, colocada diretamente em relação com as representações sociais, aponta dimensões temporais, espaciais e culturais”. Tais interações que ocorrem nessas dimensões dentro de um grupo podem influenciar todo o processo de aprendizagem e troca de saberes dentro das turmas de disciplinas de música ofertadas pela UNATI-UEM. Nesse sentido, citamos o pensamento de

Jovchelovitch (2011a, p. 21), a qual afirma que “a representação [...] está na base de todos os sistemas de saber e compreender sua gênese, desenvolvimento e modo de concretização na vida social, nos fornece a chave para entender a relação que amarra o conhecimento à pessoa, à comunidade e mundos da vida”.

Portanto, como referencial teórico para esta pesquisa, recorre-se à Teoria das Representações Sociais (TRS), representada por autores como Serge Moscovici, Denise Jodelet, Ivana Marková, Jean Abric, Sandra Jovchelovitch, Alda Judith Alves-Mazzoti, Solange Franci Raimundo Yaegashi, Andréia Veber, Karen de Azevedo Coutinho, dentre outros. Em relação ao campo do ensino de música, para além dos conteúdos teóricos e técnicos, destinado a idosos nas Universidades Abertas à Terceira Idade, são utilizados os trabalhos de Keika Inouye, Marcelo Caires Luz, Alda de Jesus Oliveira, Pierre Vellas e Renato Veras.

Por uma questão didática, este trabalho se subdivide em oito seções. Na primeira, esta Introdução, discorremos sobre os desdobramentos teóricos que sustentam os objetivos, a problemática, a justificativa e as hipóteses da tese. Na segunda seção, apresentamos uma contextualização sobre o idoso na sociedade atual, as suas diferenças em relação à maneira como é visto em contrapartida como, de fato, é. Discutimos, ainda, a respeito do que mudou com ele e com a sociedade onde vive. Também fizemos uma explanação sobre educação permanente e educação não formativa – e quais são as suas diferenças em relação ao ensino permanente voltado para o idoso.

Na terceira seção, descrevemos o histórico do surgimento dos programas para terceira idade no Brasil, as suas principais influências, bem como o surgimento das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. Enfocamos o surgimento da UNATI-UEM, a sua estrutura e importância regional em diversos campos, com destaque para as questões que envolvem a adoção de uma educação permanente dentro da universidade e os seus ganhos para o ensino de pessoas na terceira idade. Já na quarta seção, abordamos a Teoria das Representações Sociais e os seus principais conceitos que nortearam esta pesquisa.

Na quinta seção, por sua vez, apresentamos uma revisão de literatura dos principais trabalhos que envolvem a TRS e o ensino de música para terceira idade nas UNATIs brasileiras. Na sexta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Enfocamos os aspectos éticos

empregados, o campo da pesquisa, a caracterização dos participantes, os instrumentos e os procedimentos utilizados para a coleta dos dados, bem como as estratégias aplicadas para a análise deles.

Na sétima seção, exibimos o perfil sociodemográfico dos participantes do estudo e a análise das categorias criadas para investigar os dados das entrevistas semiestruturadas realizadas. Por fim, na oitava seção, trazemos as conclusões da tese, nas quais discutimos as implicações educacionais deste estudo.

2. A SOCIEDADE ATUAL E O IDOSO

A sociedade atual passa por mudanças em suas muitas áreas e camadas. Órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), recomendam ajustes nas políticas públicas para que a sociedade se prepare para essas mudanças. Uma das questões que mais chamam atenção é o crescimento da população idosa.

A distribuição etária da população mundial está passando por uma profunda transformação. À medida que a mortalidade e a fertilidade diminuíram, a distribuição de idades mudou gradualmente em favor das mais avançadas. Todas as regiões do mundo estão passando por essa mudança. O aumento da expectativa de vida e a redução da fertilidade são os principais fatores que impulsionam a “transição demográfica”² (NACIONES UNIDAS, 2008, p. 150, tradução nossa).

Tais transformações afetam diretamente os números populacionais, como afirma a especialista independente das Nações Unidas sobre o os direitos humanos das pessoas idosas, Rosa Kornfeld-Matte (2016), que, durante a Conferência Internacional sobre o Envelhecimento na cidade de Brdo, na Eslovênia, destaca que o número de pessoas com mais de 60 anos poderá aumentar mais do que o dobro em todo o mundo, passando de 900 milhões de pessoas idosas, em 2015, para mais de 2 bilhões, em 2050 (NAÇÕES UNIDAS, 2003; 2016).

Com o aumento da população idosa e as progressões futuras de que esse processo continuará acontecendo, são necessárias ações em prol da construção de um novo modelo de sociedade, que considere o lugar, a importância e as necessidades dos idosos nos mais diversos contextos e setores da sociedade, seja econômica e/ou socialmente, pois uma “[...] sociedade para todas as idades possui

² “La distribución por edades de la población mundial está pasando por una profunda transformación. A medida que la mortalidad y la fecundidad han ido descendiendo, la distribución por edades se ha ido modificando gradualmente en favor de las más avanzadas. Todas las regiones del mundo están experimentando ese cambio. El aumento de la esperanza de vida y la reducción de la fecundidad son los factores clave que impulsan la “transición demográfica” (NACIONES UNIDAS, 2008, p. 150).

metas para dar aos idosos a oportunidade de continuar contribuindo com a sociedade” (ONU, 2003, p. 19).

A ONU revela que a maioria dessa população idosa mundial vive em locais menos desenvolvidos, “64% de todas as pessoas idosas vivem em regiões menos desenvolvidas – um número que deverá aproximar-se de 80% em 2050” (A ONU..., 2021, *on-line*), fato que aponta para uma dificuldade de acesso às melhorias sociais e de uma educação voltada para a atualização de seus saberes, ao abarcar novos conteúdos para a convivência social.

O desenvolvimento da medicina e da indústria farmacêutica, além de uma melhoria no que tange à qualidade de vida, possibilitou um aumento significativo na longevidade da população mundial, mas esse aumento da expectativa de vida levou a uma preocupação social: como manter o idoso integrado e ativo na sociedade?

Ao sair do âmbito mundial para um mais próximo de nossa realidade, utilizando dados de pesquisas coletados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), verificamos que, no município de Maringá, no censo de 2010, registrou-se uma população total de 357.077 pessoas, sendo que 61.791 desse total com idade igual ou superior a 60 anos. Em 2022, o mesmo Instituto apresenta uma estimativa de aumento da população total para 436.472 pessoas e, embora não apresente uma estimativa para pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, podemos inferir que o número subiu consideravelmente (IPARDES, 2023).

Um exemplo dessas transformações ocorridas em nosso país foi a criação pelo governo brasileiro da Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003³, denominando-se Estatuto do Idoso⁴ (BRASIL, 2003), que regulamenta os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. A definição dessa faixa etária foi amparada nos parâmetros apontados pela Organização das Nações Unidas, a qual determina que, em países em desenvolvimento, é considerada a idade de 60 anos para as pessoas ingressarem na terceira idade, pois se entende que as condições de trabalho e de vida nesses países possam contribuir para levar as pessoas a

³ Data na qual a população idosa brasileira atingiu o número de 15 milhões de pessoas (BRITO, 2018).

⁴ Nome posteriormente modificado para Estatuto da Pessoa Idosa, redação dada pela Lei nº 14.423, de 22 de julho (BRASIL, 2022b), para substituir, em toda a Lei, as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”, respectivamente.

atingirem tal condição de maneira prematura, diferentemente do que ocorre em países desenvolvidos, que oferecem melhores condições a seus cidadãos e consideram os idosos pessoas com idade a partir dos 65 anos (ONU, 2003). Por conseguinte, devido à classificação brasileira como país em desenvolvimento, neste estudo, adotaremos como referência para as pessoas idosas a idade a partir de 60 anos.

Para atender às demandas da crescente população denominada terceira idade, com cada vez mais disposição, saúde e a sua longevidade ampliada, somando-se aos direitos constantes no Estatuto do Idoso, o governo brasileiro e o dos Estados da União tiveram de executar ações que pudessem atender a essa população. Mas é preciso entender quais são as verdadeiras necessidades que esse público demanda, como ele está inserido nas comunidades e quais são as melhores abordagens para atendê-lo, o que inclui a criação de políticas públicas específicas para essa parcela da população.

Nas políticas já existentes na legislação brasileira que já atendem a essa faixa da população, temos o Estatuto do Idoso, que, em seu Artigo 1º, estabelece que “[...] aquelas pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos são os integrantes da terceira idade” (BRASIL, 2003, *on-line*). Assim, deixa-se especificado qual é o arquétipo de pessoa que será atendida por essa legislação.

Nesse cenário, a criação de programas, como as Universidades da Terceira Idade, mostra-se como uma alternativa eficaz, cuja função primordial é oferecer conteúdo e atividades para atualizar o conhecimento das pessoas idosas, também chamadas de pessoas na terceira idade, propiciando que possam ser respeitadas e participem, de maneira ativa, da sociedade.

Dentre as suas preocupações e áreas de abordagem pertinentes ao trabalho das Universidades da Terceira Idade, destacamos o ponto de vista de Vieira (2005, p. 104), a qual argumenta que

[...] as Universidades da Terceira Idade não só objetivam a recuperação do valor social, cultural, moral e econômico da pessoa idosa – através de um processo de atualização –, como também a promoção de uma vida útil e plena, permitindo a essas pessoas, por meio de uma Educação Permanente, o acompanhamento dos avanços tecnológicos e das transformações que ocorrem no mundo de hoje.

Com base nessa citação, podemos afirmar que o sentido das Universidades da Terceira Idade é a reintegração do idoso na sociedade atual, utilizando um formato de educação permanente e não formal que permita acompanhar as mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas de nossa sociedade – e que tais saberes também possam ser considerados relevantes para o desenvolvimento do ser humano e de seu bem-estar.

2.1 O novo “velho”

Iniciamos esta subseção com um esclarecimento sobre a nossa escolha da expressão novo “velho”, que ouvimos durante um acontecimento ocorrido na ocasião da preparação de festa junina promovida pela UNATI-UEM, no ano 2018. Nesse cenário, observando todo o envolvimento dos idosos que ali estavam trabalhando nos preparativos para o evento, chamou-nos atenção a alegria e o empenho de todos os alunos da UNATI-UEM. Uns preparavam os quitutes, outros ensaiavam os passos para dançar quadrilha, outros traziam objetos de casa para montar a pescaria de brindes, e, de muitas maneiras, todos estavam envolvidos para que o evento fosse bem-sucedido. No dia da realização da festa, observamos que um senhor, o qual já contava com quase oitenta anos e que ajudou na organização do Restaurante Universitário (RU) da UEM, foi o noivo da quadrilha e ainda ajudou na limpeza após a festa. Em uma conversa, indagamos para ele de onde tirava energia e disposição para realizar tantas tarefas, e ele respondeu sorridente: “Depois que entrei na UNATI, professor, eu me tornei um novo velho”.

Percebemos, na fala desse senhor, que houve uma mudança em sua vida após o seu ingresso na UNATI/UEM. Podemos inferir que essa energia e o vigor apresentados por ele não ocorriam anteriormente à sua participação nas atividades ofertadas pelo programa. Mas como era a vida desse senhor e dos demais idosos antes do ingresso em programas, como a UNATI? Ou melhor dizendo: como vivem os idosos que ainda não têm acesso a esses programas? Para nos ajudar a entender essa questão, vamos analisar documentos do governo brasileiro e de órgãos internacionais, para, assim, traçar um perfil desse idoso.

Devido às mudanças que a atual sociedade vem sofrendo em suas várias áreas e camadas sociais, órgãos internacionais, como a ONU, têm recomendado a realização de ajustes nas políticas públicas, com o intuito de que cada nação possa se preparar para essas transformações. Uma das questões que mais chamam atenção, nesse sentido, é o crescimento da população idosa.

O mundo está no centro de uma transição do processo demográfico única e irreversível que irá resultar em mais populações idosas em todos os lugares. À medida que taxas de fertilidade diminuem, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais deve duplicar entre 2007 e 2050, e o seu número atual deve mais que triplicar, alcançando dois bilhões em 2050. Na maioria dos países, o número de pessoas acima dos 80 anos deve quadruplicar para quase 400 milhões até lá (BRASIL, 2019).

Com o aumento da população idosa e as progressões futuras de que esse processo continuará acontecendo, são necessárias ações que integrem o idoso nessa nova realidade social, cultural e econômica. Além disso, segundo a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), um indivíduo pode envelhecer de forma natural, convivendo bem com o passar dos anos e se mantendo ativo em todas as fases da vida (BRASIL, 2019). Para que esse processo ocorra na sociedade, deve haver espaço para todas as idades realizarem as suas metas, além de propiciar aos idosos a oportunidade de continuar colaborando com ela.

Ao considerar os alertas que órgãos internacionais e nacionais têm feito por meio de dados apontados em documentos oficiais, que demonstram a grande elevação do número da população idosa em todo o mundo, somados a documentos oficiais do governo brasileiro acerca da mesma questão, podemos inferir que tal crescimento ocorrerá em nosso país de maneira exponencial nas próximas duas décadas. Esse indicativo aponta para uma necessidade de criação de programas para lidar com essa problemática e que possam atenuar a dificuldade de acesso das pessoas idosas, diminuindo a carência de uma educação voltada para a aquisição de novos conteúdos pertinentes a esse processo de aumento populacional.

A nosso ver, dois dos principais acontecimentos, em nível mundial, que possibilitam a longevidade das pessoas são: a) desenvolvimento da Medicina e, por conseguinte, da indústria farmacêutica; b) melhoria no que tange à qualidade

de vida⁵. Todavia, o aumento da expectativa de vida levou a uma preocupação social em relação a como manter o idoso integrado e ativo socialmente.

Para iniciarmos a compreensão do perfil do idoso brasileiro na contemporaneidade, devemos considerar que novas necessidades foram manifestadas pela pessoa idosa, como a de autonomia física e intelectual, de mobilidade, de acesso a informações, de serviços, de segurança, de saúde preventiva (BRASIL, 2022c), dentre outras não relacionadas em documentos oficiais.

Contudo, é importante enfatizar que o processo de trilhar o caminho na busca de satisfazê-las compõe as características dessa camada da população, que, em um país, como o Brasil, com uma população tão grande e com dimensões territoriais extensas, faz com que as pessoas tenham diferenças em vários níveis. Nesse sentido, também podemos identificar diferenças entre os idosos das regiões de nosso país na busca de atingir tais demandas.

Acreditamos que um fator decisivo que afeta os idosos, bem como as outras camadas sociais, é o atual sistema econômico brasileiro com diretrizes capitalistas. Assim, segundo Mendonça *et al.* (2021, p. 60), “[...] é da natureza do modo de produção capitalista gerar desigualdades, que castigam, severamente, cidadãos de todos os ciclos de vida, principalmente os pertencentes à classe trabalhadora”.

Dessa maneira, podemos encontrar na desigualdade econômica uma das principais características do idoso em nosso país. Analisando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), encontramos os perfis dos cidadãos de todos os estados brasileiros e, por meio de análises dos dados lá encontrados, verificamos uma diferença significativa no aspecto socioeconômico. Mendonça *et al.* (2021) apontam que uma distinta camada da população, que é mais rica, detém uma grande concentração de renda, beneficiando-se dessa desigualdade social.

⁵ Por se tratar de um conceito amplo e pelo fato de que a sua compreensão demanda estudar a complexidade da sociedade, adotaremos como parâmetro para o termo qualidade de vida o que sugere a organização Mundial de Saúde (OMS) em seu documento. Para a OMS, o conceito de qualidade de vida depende de uma avaliação subjetiva, com aspectos positivos e negativos. Depende, ainda, do contexto cultural, social e ambiental, e aponta seis grandes áreas que descrevem aspectos fundamentais da qualidade de vida em todas as culturas: uma área física (energia, fadiga), uma área psicológica, nível de independência (mobilidade), relações sociais, o ambiente (acesso aos cuidados de saúde) e a área religiosa, considerando que as áreas de saúde e qualidade de vida são complementares e sobrepostas (OMS, 1998).

Quando nos detemos a observar a classe trabalhadora, encontramos um contingente significativo de idosos que sofrem, além da pobreza, discriminação e violência, sendo vistos como um fardo não somente para a sociedade, mas também para as famílias e o Estado (MENDONÇA *et al.*, 2021). As condições em que essa camada da população vive deixam os idosos à margem da sociedade, isolados e ignorados quando pensamos em termos de participação social, pois o aproveitamento de seus conhecimentos e habilidades acumulados durante as suas vidas não é de interesse comum.

Com a diminuição da renda do trabalhador, as famílias estão sem condições de assumir despesas com alimentação e atendimento médico hospitalar. Assim, de acordo com um estudo realizado pelo IBGE (2022b), houve uma queda nos ganhos da população em todas as regiões do Brasil, no período entre 2012 e 2022. Apresenta, também, que 18,2% dos lares são mantidos por meio de aposentadorias e pensão, configurando-se em um dado preocupante, pois o percentual de 14,7% da população brasileira é formado por pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (IBGE, 2022b). Dessa forma, podemos inferir que os idosos são responsáveis não apenas por se sustentar, mas, em muitos casos, continuam sustentando os seus familiares mais jovens. Esses dados podem ser ainda mais desarmônicos se observarmos a região Nordeste, a qual comporta 9,6% de sua população que recebe aposentarias e pensões, ao participar de 18,8% da renda total (IBGE, 2022b), ou seja, a renda dos idosos é responsável por quase 20% da economia da região.

Essa situação revela outra dificuldade social, que é a baixa renda de uma parcela considerável da população, já que, quando analisamos as pecúnias recebidas por intermédio das aposentadorias e pensões que ajudam a manter as famílias dependentes de seus idosos, verificamos que tais “[...] valores da aposentadoria acompanham o reajuste do salário-mínimo e grande parte dos aposentados ganha o piso” (BELANDI, 2022, *on-line*). Podemos, assim, perceber que, pelo fato de as correções monetárias dos benefícios não serem realizadas a contento, ocorre uma perda no poder de compra dessas pessoas que, segundo o IBGE (2022b), é inferior ao menor valor de renda *per capita* domiciliar da história no Brasil. Tal fato traz consequências substanciais em seu modo de vida, sobretudo no que diz respeito à alimentação e à saúde.

Há, também, casos de idosos que não têm condições de arcar com o seu próprio sustento e, nessas condições, custear os seus tratamentos de saúde se torna algo muito distante. De acordo com Mendonça *et al.* (2021), diante dessa situação econômica precária, os familiares, geralmente, assumem os cuidados e as despesas de saúde de seus idosos, mas essa decisão pode prejudicar a própria família, pois muitos familiares o fazem, com frequência, por falta de alternativa, mesmo sem ter condições financeiras de fazê-lo.

Ao escolher cuidar de seu idoso dependente, os familiares não só rebaixam o seu padrão econômico, como adiam os seus planos para se aperfeiçoar profissionalmente, perdendo oportunidades de trabalho e de estudo. Ademais, isso faz com que as pessoas se tornem socialmente reclusas por muito tempo – e, quando finalmente podem retomar os seus projetos, o distanciamento é muito grande para se fazer uma atualização profissional. Segundo Furtado *et al.* (2020), a legislação brasileira, incluindo o Estatuto do Idoso, garante os direitos das pessoas mais velhas, porém o que se percebe é o desrespeito e a negligência no tratamento dessa população.

Como mencionamos, a saúde é um dos aspectos que preocupam os idosos no Brasil. Mesmo com a criação de legislação e programas para levar o idoso a ter um atendimento de saúde digno, as tentativas para atingir a maioria da população idosa ainda são insuficientes, sobretudo a mais necessitada, que depende, exclusivamente, do atendimento público. No Estatuto do Idoso, podemos observar o seguinte:

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003, *on-line*).

No entanto, podemos observar que a realidade difere do que está estabelecido nas leis, se tomarmos como exemplo o idoso do Sergipe, estado no qual o percentual de 59,0% dessa população ganha até um salário-mínimo, fato que aponta para a maioria dos idosos se encontrando na faixa econômica de baixa

renda, de modo a enfrentar dificuldades financeiras nessa etapa da vida, principalmente nos gastos com saúde (MENESES; NASCIMENTO JÚNIOR, 2013).

Tal situação não se restringe à população sergipana, uma vez que temos relatos de trabalhos realizados em outros estados, como o Paraná, onde pesquisas com idosos apontam ser necessária uma atuação mais incisiva do governo em questões de segurança, salários, saúde e novas oportunidades de trabalho, a fim de que ocorra um melhor processo de envelhecimento (ANTUNES; NOVAK; MIRANDA, 2014). Podemos perceber, portanto, que falta muito para a efetiva implantação de ações que possam, de fato, promover um envelhecimento com acesso a cuidados de saúde em todo o país, e que o discurso das autoridades, embora seja simpático aos idosos, na prática, as ações ainda são tímidas no que se refere à conquista desse direito do idoso.

Outra grave característica social que temos no Brasil é a questão que envolve a violação contra os direitos dos idosos, sobretudo no que tange ao abandono familiar. No Artigo 37 do Estatuto Brasileiro do Idoso (BRASIL, 2003), a pessoa idosa tem direito a uma moradia digna, ser amparada por sua família natural ou substituta – ou, ainda, morar desacompanhada de seus familiares, quando assim o desejar, podendo ser em uma casa ou em instituição pública ou privada. Mesmo com o direito assegurado por lei, que determina o direito do idoso a receber moradia e assistência familiar, temos uma parcela da população que vive sem tal cobertura. Segundo Nascimento *et al.* (2022), tal fato se dá por motivos econômicos, sociais e afetivos. Os resultados de uma pesquisa realizada pelas autoras indicam que as

[...] famílias com maior poder socioeconômico tendem a justificar a institucionalização através da incapacidade de lidar com o adoecimento, enquanto os idosos residentes de ILPIs⁶ não lucrativas, muitas vezes, não possuíam família próxima ou haviam sido vítimas de abandono familiar (NASCIMENTO *et al.*, 2022, p. 78).

As autoras afirmam que o fato de os idosos estarem entregues a cuidados que serão administrados por empresas privadas não garante que sejam tratados

⁶ Institutos de Longa Permanência para Idosos no Brasil.

dignamente, pois apontam que, nesse caso, a lógica de mercado irá intermediar a relação paciente-cuidador, ou seja, haverá uma relação entre mercadoria-serviço sob uma lógica de lucratividade, a qual modifica a ênfase do atendimento de cuidados com a pessoa idosa para a exploração e o interesse econômico sobre ela, isso no caso das instituições pagas (NASCIMENTO *et al.*, 2022). Todavia, quando verificamos as instituições sem fins lucrativos, o que encontramos em muitas situações é um desinteresse pelo bem-estar do paciente. “Não são poucos os informes veiculados pela imprensa que dão conta da situação de abandono e descaso social enfrentada pelo cidadão idoso no Brasil” (ROCHA; BARBA; LARA, 2022, p. 101).

Temos, também, a questão da violência contra os idosos que tem atingido níveis preocupantes. Segundo o Ministério da Mulher, da Família e Direitos Humanos do Brasil, foram registradas mais de trinta e cinco mil denúncias de violações de direitos humanos contra pessoas idosas entre os meses de janeiro a junho de 2022, sendo que 87% (30.722) delas ocorreram na casa onde os idosos residem, e os principais agressores são os filhos, vizinhos e netos (BRASIL, 2022a). Na Tabela 1, vemos a proporção das agressões por faixa etária.

Tabela 1: Dados de violência contra o idoso

Faixa Etária	Denúncias
70 a 74 anos	5,9 mil
60 a 64 anos	5,8 mil
65 a 69 anos	5,4 mil
80 a 84 anos	5,2 mil
75 a 79 anos	4,7 mil
85 a 89 anos	3,5 mil
90 anos ou mais	2,5 mil

Fonte: Brasil (2022a).

Por meio da Tabela 1, observamos que, em primeiro lugar nas denúncias, aparecem as vítimas pertencentes à faixa etária entre 70 e 74 anos, com 5,9 mil registros; em segundo lugar, estão os idosos entre 60 e 64 anos, com 5,8 mil registros, seguidos pela faixas etárias dos idosos entre 65 e 69 anos, com 5,4 mil;

os idosos entre 80 e 84 anos, com 5,2 mil; os idosos entre 75 e 79 anos, com 4,7 mil; os idosos entre 85 e 89 anos, com 3,5 mil; e, finalizando, com os idosos com mais de 90 anos, ao registrar 2,5 mil denúncias.

Outro aspecto a ser mencionado em relação ao perfil do idoso brasileiro é a proporção de gênero. Segundo dados do IBGE (2022a), enquanto nascem 104,8 meninos para cada 100 meninas, o fenômeno demográfico constatado é uma inversão nesse quadro, pois, entre os idosos, há uma concentração de mulheres maior que a de homens nesse grupo etário, apontando para uma diminuição da população masculina ao longo da vida. A razão de gênero calculada para a população com idade a partir de 60 anos ou mais mostra a existência de, aproximadamente, 78,8 homens para cada 100 mulheres, mas se estima que, entre os idosos de 70 anos ou mais, a razão é ainda menor, com 71,8 homens para cada 100 mulheres, o que pode ser explicado, sobretudo, pelos diferenciais de mortalidade entre os gêneros nas diversas faixas etárias (IBGE, 2022a).

Tal realidade aponta para outra mudança no perfil das famílias brasileiras, que é a participação de mulheres idosas no mercado de trabalho. De acordo com Mendonça *et al.* (2021), as mulheres, que tradicionalmente se dedicavam às atividades domésticas e familiares, estão cada vez mais ingressando em um mercado de trabalho desfavorável para garantir o sustento da família, pois passaram a chefiar, de modo a assumir o sustento de seus filhos e netos. Segundo Furtado *et al.* (2020), há diferenças entre o envelhecimento contemporâneo comparado ao envelhecimento de antigamente, além da longevidade ter aumentado. Todavia, as autoras enfatizam que “[...] os desafios sociais, culturais, econômicos, políticos e a necessidade de promoção à saúde prevalecem” (FURTADO *et al.*, 2020, p. 8).

Par Vellas (2009), as sociedades no período pré-industrial tratavam a velhice de forma muito diferente da atualidade, pois as pessoas idosas eram integradas aos grupos sociais, principalmente à família, que solidariamente as protegia dos riscos e perigos comuns à idade. O autor afirma que as mudanças sociais impostas gradativamente pelo sistema econômico foram modificando as relações humanas, em especial, a familiar. Os adultos foram constrangidos a um trabalho frequentemente duro e complexo. Ademais, demarcavam-se rotinas e comportamentos impostos pela organização racional do trabalho, pelas normas de

produtividade e pelas longas distâncias dos locais de trabalho em relação a seus domicílios (VELLAS, 2009), dificultando a proximidade e a convivência com as suas famílias, principalmente com os seus idosos que necessitavam de cuidados.

Atualmente, além dos desafios que o idoso enfrenta com as suas condições econômicas e de saúde, defronta-se com o aspecto social. Nossa sociedade tende a excluir o idoso de seu seio, pois há um conceito construído de que as pessoas quando chegam à terceira idade já não podem mais contribuir economicamente. Por essa razão, passam a não ser incluídas nas decisões e tarefas do dia a dia. Notamos que envelhecer em nossa sociedade é um desafio para a população, uma vez que as construções sociais estão voltadas para a juventude, que consegue corresponder à velocidade das mudanças que vivenciamos no cotidiano, diferentemente ao idoso (SOTERO; TOURINHO, 2022).

Tal fato, inclusive, ocorre no mercado de trabalho, em que os idosos costumam buscar o complemento para suas aposentadorias e pensões em virtude de seu poder de compra diminuído pelos fatores inflacionários da nossa economia. Todavia, precisam concorrer com os jovens, que são socialmente valorizados para as tarefas em relação ao idoso.

No Brasil, historicamente, ocorre “[...] uma supervalorização do jovem, e isso, chega até a esfera do trabalho, onde a velhice é vista como um desprestígio e fundamental para o descarte do indivíduo, como se ele fosse uma máquina que perdesse sua utilidade, por já estar retrógrada” (BAFUM; SOARES, 2016, p. 178). Dessa forma, esse idoso que busca um posto de trabalho não tem uma equidade de condições para disputar essa vaga, pois está socialmente em desvantagem frente ao jovem. Os seus conhecimentos, geralmente, estão desatualizados; todas as suas qualidades são anuladas; o idoso é visto como um indivíduo desqualificado para assumir um emprego, já que toda a sua experiência não é relevante na atualidade, sendo tratado como uma mercadoria que perdeu o seu valor para o mercado (BAFUM; SOARES, 2016).

No aspecto relacionado à formação escolar dos idosos, o panorama nos mostra que ainda há muito a se fazer para essa população. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. No grupo etário de 60 anos ou

mais, a taxa foi de 18,0%, o que corresponde a quase 6 milhões de pessoas (PNAD..., 2020).

Para nos ajudar a compreender, com mais eficácia, a formação escolar do idoso contemporâneo, lançamos mão de estudos realizados pelo governo brasileiro, os quais relatam que o cidadão que chega, atualmente, à terceira idade teve pouco acesso à informação, ao conhecimento reificado, e não participou do desenvolvimento tecnológico, como ocorreu com as gerações atuais (BOCCHINI, 2020). Além disso, teve poucas oportunidades de alcançar uma educação mais completa que envolvesse outros conhecimentos, como estudar outros idiomas ou artes, e que, geralmente, ingressou cedo em atividades profissionais para assumir responsabilidades que inviabilizaram o seu desenvolvimento intelectual. Podemos observar essa falta de oportunidades analisando dados, como do PNAD (2020), os quais informam que a escolaridade média do idoso brasileiro é de 3,4 anos de estudo. Por meio dessa informação, podemos concluir que os conhecimentos sobre tecnologias, línguas estrangeiras, dentre outros, não fizeram parte da formação desse público.

Vimos que dados oficiais apontam para a existência de uma parcela expressiva de idosos com um nível de escolaridade de pouca monta e que, futuramente, esse é um quadro que ainda tende a persistir, pois uma pesquisa realizada em 2018, pelo Instituto Paulo Montenegro (KUBOTA, 2020), evidencia o número de 58% de analfabetos funcionais na população com idade entre 50 e 64 anos, assinalando para um aumento significativo no número de idosos analfabetos nos próximos anos, de modo a tornar os programas, como as UNATIs, de grande relevância para a nossa sociedade.

Com o objetivo de atender às novas demandas da crescente população, considerada de terceira idade e, especialmente, cumprir com os direitos sociais do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), o governo brasileiro e os seus estados executaram ações que visavam a atender a essa faixa da população que, cada vez mais, apresenta disposição para novas atividades e saúde para realizá-las.

Um dos campos de interesse dessas políticas é a educação escolar. Até há duas ou três décadas, quando se pensava em educação, estávamos nos referindo ao trabalho de formação da criança para se tornar um cidadão inserido na sociedade. Dessa forma, podemos afirmar que a escola era um local onde as

crianças adquiriam conhecimentos sistematizados e necessários à sua integração social (SAVIANI, 1989). O indivíduo, após o término do seu período educacional, seria integrado ao mercado de trabalho e assumiria funções sociais. Entretanto, no que se refere aos idosos, a educação passa a ser uma das principais estratégias dessas políticas governamentais, mas é preciso ser ajustada às necessidades de aprendizagem do cidadão da terceira idade. Assim como o jovem se integra ao mercado de trabalho, a educação ajustada ao idoso, conceituada como educação permanente e não formal, precisa ser adotada como um recurso para a reinserção sociocultural dessas pessoas.

Uma das soluções adotadas para auxiliar nessa recolocação social do idoso é o surgimento de programas para a terceira idade coordenados por algumas universidades públicas brasileiras, inspirados no trabalho de Pierre Vellas (2009), na década de 1970, na França. Esses programas oferecem atividades de caráter não formativo, ou seja, sem o objetivo de profissionalizar os seus participantes, por intermédio de atividades acadêmicas, sociais e artísticas, com o intuito de atualizar os conhecimentos da pessoa idosa, levando-a a compreender a sociedade atual e torná-la atuante em seu seio.

Sobretudo, destacamos a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), que é conhecida como UNATI-UEM, da qual falaremos na terceira seção, com o objetivo de pontuar questões relativas ao seu surgimento e às ações nela desenvolvidas, visando a destacar o seu alcance e a importância na sociedade maringaense e nos municípios do seu entorno.

2.2 Envelhecimento e Educação Permanente

Com o aumento da população idosa em todo o mundo, é necessário que a sociedade aprenda a conviver com uma nova realidade social que esse fato traz. Como essas pessoas tiveram um aumento em sua longevidade, tornou-se essencial fazer com que esse processo ocorra da melhor maneira possível, ou seja, que tenham mais saúde; que se sintam confiantes e sejam úteis à sociedade; que possam desfrutar de direitos dos quais todas as pessoas das outras faixas etárias desfrutam; que não sejam sujeitos excluídas do processo de desenvolvimento social e tecnológico, sendo necessário educar o idoso para assumir esse papel.

Educar o idoso, então, é capacitá-lo para alcançar novos níveis de percepção, de conhecimento e de ação. As pessoas, dentro da complexidade atual, visualizarão diferentes bifurcações nesse caminho. A educação libertadora auxiliará o idoso na busca da melhor bifurcação. Esse é o caminho para trilhar o futuro, para se adiantar aos acontecimentos; para não andar a reboque da história, mas para fazer história, ser sujeito (BECKER, [2023]).

Na direção de propiciar melhores condições para o idoso participar mais efetivamente da sociedade atual, diversas ações governamentais e civis foram instituídas para atender às necessidades da população idosa no Brasil, por exemplo, a criação de Programas de Atendimento à Saúde do Idoso, das Academias da Terceira Idade (ATIs), de atividades artísticas e de eventos públicos e institucionais, dentre outras.

Nos últimos anos, as instituições governamentais brasileiras, organismos da sociedade civil e movimentos sociais conquistaram uma gama de leis, decretos, propostas e medidas que estabelecem direitos voltados para a pessoa idosa, referenciados pelas diretrizes internacionais (Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento). Contabilizam-se conquistas democráticas importantes, como a criação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI), em 2002, e a elaboração e publicação do Estatuto do Idoso, em 2003, que regulamenta os direitos das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

O processo de reinserção das pessoas de terceira idade pode ser feito de uma forma não convencional para os padrões educacionais vigentes no Brasil, fugindo dos modelos mais comuns de ingresso, como vestibular e Processo de Avaliação Seriada (PAS), objetivando que os jovens mais bem preparados conquistem um lugar nas universidades públicas. Tal processo deve possibilitar e desburocratizar o acesso a esses programas, mesmo para idosos menos preparados ou que tenham pouca ou nenhuma formação escolar. Segundo Cachioni (2006), uma Universidade Aberta da Terceira Idade deve possibilitar o ingresso de qualquer pessoa acima de 60 anos, independentemente de sua formação escolar.

Ainda, faz-se preciso observar as diretrizes estabelecidas pelo Estatuto do Idoso brasileiro, que postula, em seu Capítulo V, Artigo 21, que “o Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos,

metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (BRASIL, 2003, *on-line*), ou seja, independentemente do ambiente familiar e social ao qual o idoso pertença ou de seu nível de escolaridade, todas essas pessoas têm direito a uma educação garantida, por via legal, que as permite se preparar para reingressar dessa sociedade atualizada. Não podemos lançar mão dos mesmos processos seletivos utilizados com os jovens em idade de ingressar nas universidades brasileiras, pois tais processos serviriam apenas como ferramentas de supressão.

Outro importante aspecto para o cidadão da terceira idade é a exclusão social que, muitas vezes, dá-se pelo fato de ele ter um grau de estudo insuficiente ou, então, pouco ou nenhum conhecimento em informática e tecnologias digitais, limitando o seu acesso a informações, notícias e relacionamentos em redes sociais, de modo a torná-lo afastado dos demais membros de sua família ou comunidade (SANTOS *et al.*, 2019).

Um dos pontos que mais contribuem para atrair o público idoso para a UNATI é o interesse em participar e conhecer o ambiente acadêmico, movido pelo desejo de adquirir novos conhecimentos e, em muitos casos, até por um sonho contido da juventude de frequentar a universidade que, agora, torna-se possível por essa via, que cria a oportunidade de frequentar o mesmo ambiente que os jovens, como os seus próprios netos podem frequentar, além dos professores, os quais têm a idade de seus filhos, possibilitando a troca de conhecimento entre gerações distintas. Segundo Saviani e Duarte (2010), a educação proporciona a formação humana. Para os autores, “[...] a educação, enquanto comunicação entre pessoas livres em graus diferentes de maturação humana, é promoção do homem, de parte a parte – isto é, tanto do educando como do educador” (SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 423).

Observamos, por meio dos programas de órgãos e instituições que trabalham com idosos, que, para ensinar a esse público os conteúdos necessários à atualização de sua formação – e, assim, poder voltar a participar efetiva e ativamente da sociedade em que esse sujeito está inserido –, é preciso utilizar modelos educacionais adequados às suas necessidades e que respeitem suas características etárias, bem como seus conhecimentos de vida. Para compreendermos quais são as bases dessa modalidade de educação, vamos

abordar dois conceitos distintos: o de educação permanente e o de educação formal.

A educação permanente é considerada um processo educacional mais abrangente relativo à formação integral e contínua do indivíduo; é compreendida como uma atualização corrente das práticas (MASSAROLI; SAUPE, 2022). Esse tipo de educação se propõe a uma atualização profissional de uma área na qual o indivíduo tem formação, no caso, a Medicina, que requer que os seus profissionais estejam sempre em atualização constante. Já a educação formal se refere à educação escolarizada, com um currículo especificado, “[...] com objetivos definidos, com uma estrutura e sistematização regulamentados por regras e legislações específicas” (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2017, p. 23). Podemos afirmar que está voltada para a formação profissional do ser humano desde a sua introdução no ambiente escolar até a sua formação como profissional pronto para servir na sociedade.

Ao identificar esses dois conceitos frente às necessidades de aprendizagem do cidadão idoso que foram supracitadas, chegou-se a um modelo híbrido e adaptado desses modelos de educação. O modelo de educação formal gerou um modelo oposto, o da educação não formal, que, segundo Oliveira, Scortegagna e Silva (2017, p. 23), trata-se de um modelo que “[...] possui intencionalidade, sistematização e uma flexibilidade mais ampla respeitando o tempo e o ritmo de aprendizagem e em diferentes espaços educativos[...]”; ou seja, trata-se de um modelo que extrapola o caráter formativo da educação, pois é utilizado para a disseminação do conhecimento em seus diversos campos, sem se deter ao aspecto formativo profissional, mas voltado a uma abordagem ampla de cunho social, cultural e humano.

Dessa forma, para o ensino do idoso, essa educação não formal deve ser implementada nos moldes da educação permanente tradicional, ou seja, ao longo da vida, com base “[...] na ideia de que os indivíduos aprendem sempre, ao longo da vida porque a educação é um processo e nunca cessa” (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2017, p. 22), e que deve ser pensada para as condições e necessidades dessa camada da população.

Assim, quando mencionarmos a educação permanente neste estudo, estaremos nos referindo a essa modalidade híbrida de educação que não está a

serviço da obrigatoriedade de uma formação profissional por parte do idoso, e sim de uma formação humana, que traz conteúdos necessários à sua reintegração social – e que é realizada de forma contínua e permanente.

É nesse modelo de educação permanente e não formativa que o ensino de música pode contribuir para o idoso, pois o trabalho no campo musical permite uma ampla gama de abordagens que pode ir além dos âmbitos teóricos e técnicos, bem como uma continuidade permanente por meio de seus conteúdos, por assim dizer, inesgotáveis. Quando olhamos para a História da Música e pensamos no repertório de obras voltadas, por exemplo, para o canto e o Canto Coral, encontramos registros de materiais que datam da Idade Média, como os cânones⁷, sem mencionarmos que, além de todas as obras escritas por tantos séculos, temos a possibilidade de serem escritas novas músicas e elaborados os arranjos de canções populares para os grupos com os quais se trabalhará, ou seja, no âmbito do conteúdo, é inegável a sua aptidão para a educação permanente, uma vez que as suas possibilidades amplas e as suas variedades são inexauríveis.

Segundo Teodoro (2006), em relação às características para uma área ser utilizada na educação permanente, destaca-se a de estar baseada na noção de uma flexibilidade curricular e que seja organizada para atender às mudanças de interesses e necessidades de qualquer tipo de clientela, como é o caso do ensino de música oferecido pelas UNATIs aos idosos, pois a riqueza de conteúdos musicais permite ao docente escolher os tópicos a serem abordados de acordo com o nível de desenvolvimento musical do grupo. Além disso, tal ação pode permitir a participação de pessoas na escolha das músicas a serem trabalhadas ao longo do período de aulas (CONCEIÇÃO, 2013), e ampliar o enfoque para além dos conteúdos teóricos e técnicos.

Podemos verificar a amplitude do campo musical para a educação permanente quando consideramos que o idoso tem uma participação ativa: ele pode cantar, dançar, participar da escolha do repertório por meio de suas sugestões e gosto pessoais – e, até mesmo, participar do processo criativo dos arranjos

⁷ Canon, sistema, regra. Na música, o cânone consiste em uma técnica de imitação a duas ou mais partes (vozes), cujas origens remontam a meados do século XIII (DOURADO, 2008).

(CONCEIÇÃO, 2013), possibilidades que tornam o fazer musical dinâmico, variado e copioso, ao gerar um processo de continuidade profícuo.

Quando falamos em ensino de música ou canto coral, a imagem que as pessoas têm em suas mentes é a de um grupo cantando em ensaios e apresentações – ou, então, em uma sala de apreciação musical ouvindo peças do repertório geralmente erudito. Mas, na verdade, os conteúdos que compõem o fazer musical não são evidentes para quem está treinado na área ou faça parte de um grupo de pessoas que estão aprendendo música. Para esclarecer o nosso ponto, vamos recorrer ao trabalho do musicólogo e compositor americano Roy Bennett (1986), no qual os elementos formadores da música deslindam que os principais elementos da música são melodia, harmonia, timbre, forma e textura. Por sua vez, esses elementos também são formados por outros ainda mais basilares, que são o ritmo, a duração, o som e o silêncio. Por intermédio deles, podemos desenvolver a percepção auditiva, a percepção melódica, a percepção harmônica, a percepção de sua própria voz dentro do coral, a percepção corporal (LOPES, 2010), dentre outras diversas habilidades que trabalham e desenvolvem os sentidos do ser humano.

Destarte, podemos observar que o ensino de música que trate questões além dos conteúdos teóricos e técnicos para idosos, pode ser realizado em um contexto de educação permanente, pois, para aprender a identificar os elementos musicais supracitados, bem como as habilidades que mencionamos, é necessário um processo contínuo, guiado por cada música nova aprendida pelos alunos, e que pode trazer nuances, percepções e descobertas a cada aula realizadas sempre nos moldes daquele utilizado pelas UNATIs, sem o intuito de formar profissionalmente os participantes, mas, no caso da música, formar ouvintes, cantores e conhecedores de música sempre mais desenvolvidos.

Além dos conteúdos próprios do fazer musical, temos outras contribuições que o ensino de música pode oferecer para o idoso em um contexto de educação permanente. Segundo Hummes (2004), a música está presente no cotidiano de todas as sociedades e pode exercer várias funções, dependendo da situação e ocasião em que está inserida. Podemos perceber que, por causa dessa inserção social, as atividades musicais podem afetar, positivamente, em diversas áreas e contribuir para o bem-estar e a ressocialização do idoso. Em seu trabalho sobre

Canto Coral com idosos, Prazeres (2010, p. 71) afirma que “[...] a participação em Canto Coral, a música e as reminiscências geradas pelas canções antigas, como amenizadora das perdas biológicas, psicológicas e sociais e capaz de abrir possibilidades de ressignificação na vida do idoso”. Para a autora, a música e os seus sons afetam as atividades musculares, a respiração, a pressão sanguínea, o humor, o metabolismo e até a pulsação cardíaca, e que a participação em atividades musicais interfere, benéficamente, nos campos biológico, psicológico e social, tendo um importante papel na retomada de suas vidas.

Um dos principais benefícios que a música pode oferecer à educação permanente é o seu caráter socializador, já que, como elucida Hummes (2004, p. 19), a música “[...] fornece um ponto de convergência no qual os membros da sociedade se reúnem para participar de atividades que exigem cooperação e coordenação do grupo”; ou seja, por meio de suas características coletivas, como o canto coral, que é uma prática na qual as pessoas cantam em grupo, além de se reunirem para ouvir músicas, podem participar da escolha do repertório, participar de apresentações públicas musicais e, gradativamente, construir um novo grupo social em torno dos conteúdos ensinados.

Vemos, então, que a atividade musical vem ao encontro das necessidades e dos anseios dos idosos que procuram as UNATIs, pois oferece condições necessárias para a reinserção desse público em um novo ambiente social.

3. A UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE NO BRASIL

Os trabalhos de educação voltados para a inclusão do cidadão idoso no sistema social brasileiro datam da década de 1960. De acordo com Cachioni (1998), essas primeiras experiências de cunho educacional para atingir “adultos maduros” (termo da autora) e idosos foram realizadas pelo Serviço Social do Comércio (SESC). Os trabalhos tinham como linha de orientação educacional “[...] a mesma metodologia de serviço social e desenvolvimento da sociabilidade, que era usada para crianças, jovens e adultos” (CACHIONI, 1998, p. 46).

Tal metodologia incluía atividades como ginástica, *yoga*, natação, atividades artísticas, atividades manuais e módulos de informação de cunho generalista (CACHIONI, 1998). Podemos ver, por meio desse relato, que as atividades estavam voltadas mais para o campo do entretenimento e da socialização do que para a formação. Entretanto, havia a necessidade de uma abordagem que também privilegiasse o campo educacional, e que não apenas ocupasse o idoso com atividades recreativas, mas que o ajudasse a se reinserir na sociedade, a qual o mantinha à margem.

Segundo Vellas (2009, p. 33), “a sociedade materialista do crescimento, do lucro, condenou a velhice, pois a considerou inútil por não produzir mais”, considerando-a sem importância do ponto de vista econômico. Por isso, fazia-se necessário modificar esse quadro e colocar o idoso de volta à sociedade em uma nova condição, sendo valorizado e respeitado.

Nesse sentido, era fundamental implementar programas que, em condições de oferecer uma formação mais ampla, pudessem ajudar o cidadão idoso a readquirir o seu lugar não no âmbito profissional ou econômico, mas que o preparasse para um processo de retorno à sociedade. Tais programas deveriam contemplar conteúdos pertinentes ao momento que o idoso estava vivendo. Nessa acepção, Piana (2009) considera que é preciso reeducar o idoso, no sentido de prepará-lo para a velhice, a fim de que possa compreender o seu próprio processo de envelhecimento, que consiga perceber as modificações da sociedade em constante transformação e que aprenda a se posicionar frente a esse contexto.

No caminho de construção dos programas para terceira idade no Brasil, além do pioneirismo do SESC, que, por influência francesa, criou, na década de 1960, os Grupos de Convivência, e, mais tarde, nos anos de 1970, as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade (CACHIONI, 1998), tivemos outras instituições que se enveredaram por esse caminho. Como exemplo, citamos a extinta Legião Brasileira de Assistência (LBA), que também trabalhou com o mesmo modelo do SESC, oferecendo atividades artísticas, socioculturais, atividades físicas e de lazer para esse público (CACHIONI, 2003).

Em relação aos programas e às atividades que tiveram a sua iniciativa oriunda das universidades brasileiras, tendo como campo de ação os programas de extensão na área da Gerontologia, que datam da década de 1980 (CACHIONI, 2003), podemos apontar, como uma das primeiras iniciativas, a criação do Núcleo de Estudos para a Terceira Idade (NETI), na Universidade Federal de Santa Catarina, fundado no ano de 1983 com o intuito de formar recursos humanos em vários níveis e promover o cidadão idoso (VERAS; CALDAS, 2004).

Ao longo da década de 1980, sugeriram várias ações promovidas por universidades de todo o Brasil, inspiradas no modelo francês de Pierre Vellas, as quais começaram a ser chamadas de Universidades Abertas para a Terceira Idade, tendo diversas denominações, como: “Universidade **para, aberta à, ou da** Terceira Idade” (CACHIONI, 2003, p. 54, grifos da autora).

Devido às diferenças regionais, socioeconômicas e culturais das localidades onde estão sediadas, as Universidades Abertas à Terceira Idade brasileiras passaram – e continuam passando – por diversas mudanças em seus programas, adequando os seus processos formadores às características da população idosa que atendem em sua região.

Mesmo com as suas diferenças, podemos identificar, em todas elas, alguns padrões pedagógicos fundamentais para a sua atuação, como:

[...] proporcionar ao idoso um ensino adequado as suas necessidades e interesses, integrando no seu projeto educativo todas as virtudes direcionadas à longevidade, promovendo, assim, dentre outros aspectos educativos, uma vida saudável e agradável ao educando (BOTH, 1999, p. 32).

Ademais, observamos outras características, como “[...] incrementar os saberes e conhecimentos; incrementar os saberes práticos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo e possibilitar o crescimento contínuo, às relações sociais e a participação social” (CACHIONI, 2003, p. 46).

Assim, as Universidades Abertas para a terceira Idade, além de primarem pelo sistema de educação permanente, passam a ser entendidas, hodiernamente, como

[...] um processo que não se conclui nunca, estendendo-se por toda a vida dos sujeitos. Significa dar oportunidade de aprendizagens contínuas, objetivando a atualização do ser humano, atendendo suas necessidades de interação e aprimoramento do saber (TEODORO, 2006, p. 43).

Fizemos até aqui uma breve descrição acerca do surgimento e do perfil educacional das Universidades Abertas à Terceira Idade brasileiras. Na próxima subseção, discorreremos sobre a UNATI-UEM.

3.1 A UNATI-UEM

Dentre a implementação de ações e iniciativas para atender às necessidades dos idosos no Brasil, conforme já descrito neste estudo, salienta-se a criação de programas e de órgãos implantados em instituições públicas voltadas à preparação do idoso para a sua reinserção na sociedade atual. No Paraná, podemos citar a UNATI-UEM, cuja estrutura física e pedagógica está localizada dentro de uma universidade pública. O espaço universitário onde a UNATI-UEM está inserida propicia um nicho ideal para a pesquisa e a aprendizagem, tanto para o futuro docente das diversas áreas de formação quanto para o idoso que procura se atualizar e continuar ativo dentro da sociedade.

A UNATI-UEM desenvolve suas atividades e cursos sem a finalidade de tornar o idoso um profissional em uma nova área de atuação, mas para que ele se contextualize e possa interagir dentro do atual momento sociocultural e político. Na UNATI-UEM, definiu-se, como parâmetro de trabalho para os professores a ela vinculados, uma modalidade de ensino particularmente denominada educação não formativa para a terceira idade, com o objetivo de abordar conteúdos acadêmicos,

mas também outros relevantes para a compreensão das modificações que a nossa sociedade tem sofrido – e de que o idoso tem ficado alheio a elas. Percebemos, então, que tais mudanças ocorreram e continuam ocorrendo em diversas áreas, ao justificar a necessidade de preparar o idoso, que, atualmente, tem a perspectiva de uma vida longa, para participar desse complexo e constante processo de mudança e colaborar com a sua experiência para a sociedade.

Criada no ano de 2009, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) nasce como um órgão vinculado ao Gabinete da Reitoria (GRE) da UEM, com a finalidade de oferecer educação permanente e não formal para pessoas da terceira idade. Semelhantemente às universidades da terceira idade instituídas anteriormente, também se pautou no modelo de Pierre Vellas.

A UNATI-UEM tinha, dentre os seus objetivos, a recuperação do valor social, cultural, moral, o desenvolvimento intelectual e econômico das pessoas de terceira idade do município de Maringá e seu entorno, bem como a promoção de uma vida útil e plena, possibilitando a essas pessoas, “[...] por meio de uma Educação Permanente, o acompanhamento dos avanços tecnológicos e das transformações que ocorrem no mundo de hoje” (VIEIRA, 2005, p. 103), para, assim, auxiliar a reintegração do idoso na sociedade atual, utilizando um formato de educação contínua que permite acompanhar as mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas.

Ademais, a UNATI-UEM oferece esse tipo de educação supracitada por meio de diversas atividades não formativas, possibilitando ao idoso construir novas amizades; ter acesso a pessoas com idade e em situações semelhantes; e conviver com os estudantes de graduação e os professores das disciplinas a ele ofertadas. Dentre os conteúdos ministrados pelo programa, destacamos: música, teatro, pintura, escultura, grupos de leitura (sobre filosofia, história etc.), grupos de conversa, palestras, eventos acadêmicos, eventos sociais, informática e outros.

Cumprir assinalar: dentre outros benefícios que os idosos frequentadores da UNATI-UEM podem desfrutar, encontra-se a formação de novos vínculos socioafetivos não só com os colegas de turma, mas também com os docentes e discentes envolvidos nas disciplinas e demais atividades oferecidas. Essas vivências podem contribuir sobremaneira para a melhoria da qualidade de vida

desse público. Segundo Cachioni (2003, p. 52): “[...] através dessas ações, são oferecidos cursos e/ou atividades abertas que possibilitam ao idoso maior acesso ao conhecimento dos vários campos do saber, além de facilitar sua interação social com as gerações mais jovens”.

Dessa forma, a UNATI-UEM pode propiciar a oportunidade de convivência entre pessoas de faixa etária distintas, um fato que proporciona a troca de conhecimentos entre elas, além da possibilidade da construção de novos saberes. Por conseguinte, são muitos os benefícios para a pessoa da terceira idade inserida nesse processo, que pode desenvolver a sensação de pertencimento ao contexto educacional gerador de saberes elaborados coletivamente.

O projeto de criação da UNATI-UEM veio pelas mãos dos professores Regina Taam e Cláudio Stieltjes, os quais relatam que o ato de sua criação representa uma ação educativa de consequências políticas que abraça a ideia do ser humano emancipado, de modo a se centrar na elevação do nível de conhecimentos e no aumento da possibilidade de acesso às informações, ampliando os anos de estudo da população idosa (STIELTJES; TAAM, 2011).

Com a implantação da UNATI, a UEM assumiu diversos compromissos com o cidadão da terceira idade em sua região de atuação. Publicada em 14 de dezembro de 2009, a Resolução nº 034/2009-COU da UEM, que regulamenta a criação da UNATI-UEM, cita, em seu Artigo 1º, que a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI/UEM), órgão suplementar, vinculado ao Gabinete da Reitoria, tem por princípios:

- I - compromisso com a luta nas diferentes formas de exclusão social do idoso;
- II - compromisso com a promoção da autonomia, da dignidade e da cidadania do idoso;
- III - a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- IV - perspectiva da horizontalidade entre os diferentes campos do conhecimento: a inter, a multi e a transdisciplinaridade;
- V - compreensão do envelhecimento, no curso da vida nas dimensões biológica, psíquica e social;
- VI - a gratuidade dos trabalhos educativos (UEM, 2009, p. 2).

Ao longo de mais de uma década de existência, a UNATI-UEM se tornou um espaço de disseminação de conhecimento para a terceira idade. Iniciou as suas atividades com trezentos e vinte e nove inscritos, sendo que os seus primeiros

coordenadores foram os professores Regina Taam e Cláudio Stieltjes, que também foram os idealizadores do projeto na UEM. Da época de seu surgimento até o ano de 2019, atendeu mais mil e duzentas pessoas – e nesse último, o ano anterior à pandemia de covid-19, que impôs um isolamento social, principalmente aos idosos, a UNATI-UEM contou com quinhentos e vinte alunos inscritos em quarenta e duas disciplinas ofertadas em regime presencial. Na Tabela 2, demonstramos o número de alunos que se matricularam nos últimos cinco anos.

Tabela 2: Dados da UNATI-UEM (2018-2022)⁸

Ano de Referência	Matrículas Novas
2018	70
2019	89
2020	30
2021	50
2022	75
Total de novos matriculados	314

Fonte: elaborada pelo autor.

Por meio dessa tabela, podemos ver que o interesse de pessoas para ingressar na UNATI-UEM é grande e que, mesmo no período da pandemia de covid-19, em que as aulas foram ministradas pelo sistema remoto, a procura continuou. Em 2022, observamos que o número de inscritos foi bastante alto.

Na Tabela 3, apresentamos o número de alunos matriculados por disciplina no ano de 2022.

Tabela 3: Matrícula de alunos por disciplina em 2022

Nº	Disciplinas Ofertadas em 2022	Matriculados
1	A linha do clima: passado, presente e futuro das mudanças climáticas e do aquecimento global	2
2	Anatomia humana: conhecer o corpo humano para o autocuidado e longevidade	21
3	Canto e Movimento (Canto Coral)	17

⁸ A UNATI-UEM não tem registros anteriores ao ano de 2018 de seus números de inscritos.

4	Cerâmica para iniciantes I	7
5	Curso básico de origami II	5
6	Direitos fundamentais e a Constituição Federal de 1988	7
7	Educação Financeira sustentável: base da prosperidade	17
8	Equilíbrio corpo e mente no cotidiano das pessoas: oficina do fazer, sentir e ser	45
9	Fotografia e seus encantos	27
10	Fotografia e seus encantos	25
11	Geo-história e os recursos minerais do Paraná	7
12	Ginástica para a terceira idade	31
13	Hidroginástica	35
14	História de algumas religiões	31
15	Introdução à Química	5
16	Introdução ao uso de ferramentas digitais	10
17	Língua Inglesa: Habilidades Comunicativas T1	41
18	Língua Inglesa: Habilidades Comunicativas T2	30
19	Lógica e argumentação	16
20	Noções básicas da Língua Japonesa	4
21	Noções básicas e os benefícios da técnica de Meditação Transcendental	22
22	Nutrição	45
23	O espanhol em contexto hispano-americano	28
24	Origami II	8
25	<i>Photoshop</i> Avançado	26
26	<i>Photoshop</i> Básico	29
27	Política, Filosofia e Literatura na Formação Humana	34
28	Razões e Proporção	4
29	Saúde Mental na 3ª Idade: qual seria a nossa real necessidade?	95
30	<i>Smartphone</i>	25
31	Teatro na arte e na vida	15

32	Tecnologia de derivados lácteos	6
33	Temas de filosofia	26
34	Tributos e Política Públicas	10
35	Vivenciando a música do Brasil e de outros países da América Latina	18
Total de Matrículas		767

Fonte: elaborada pelo autor.

Em seus primeiros dez anos de existência, foram ofertados cento e setenta e oito disciplinas de ensino não formativo e continuado, as quais tratavam de assuntos de interesse do idoso, como saúde, educação, matemática, filosofia, história, horticultura, fotografia, música, teatro e cultura. Segundo a Tabela 3, atualmente, são ofertadas 35 disciplinas com 767 idosos inscritos.

Nos anos entre 2010 e 2022, as disciplinas foram ofertadas por 122 professores lotados em 29 departamentos de áreas diferentes da UEM. Juntamente a esses professores, tivemos a participação de 54 monitores, que foram alunos da graduação e da pós-graduação de diversos cursos da UEM.

Numerosas ações no campo de atendimento socioeducacional e interacional foram desenvolvidas, gerando uma diversidade de projetos, cursos, palestras, investigações, parcerias, por meio do atendimento de pessoas da comunidade da terceira idade de Maringá e região, ao envolver cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Ciências Exatas, Humanas e Biológicas.

Em 2014, por meio de um convênio entre UEM e o governo do estado do Paraná, foi criado o Programa Centro de Referência do Envelhecimento (PROCERE). A partir dessa ação, foram oferecidos cursos de cuidador de idosos para treinar e orientar profissionais que atendem pessoas da terceira idade. Essa ação contou com a participação de 28 municípios da região de Maringá. Além disso, a UEM firmou vários convênios com a Prefeitura do município para atendimentos nas áreas da Medicina, Enfermagem, Odontologia e Educação Física, visando à melhoria da saúde do idoso.

Na área da pesquisa, foram desenvolvidos diversos trabalhos em nível de graduação e pós-graduação, tendo os alunos da UNATI-UEM como objeto de estudo, com o intuito de melhorar as ações destinadas a eles. Em decorrência

disso, alguns trabalhos foram publicados em revistas científicas do estado do Paraná, bem como de outros estados do Brasil. Além disso, foram realizados dois Simpósios Internacionais de Gerontologia, em 2014 e 2017, que reuniram docentes e discentes de diferentes países e áreas de atuação, os quais tinham o idoso como foco de investigação.

Dentre as principais áreas em que a UNATI-UEM atua, encontramos os seguintes eixos temáticos: Artes e Cultura; Processos e Procedimentos Comunicativos; Saúde Física e Mental; Direito e Cidadania; e Meio Físico e Social.

Os cursos destinados aos alunos da UNATI-UEM são ofertados de forma flexível. Geralmente, têm regime semestral ou anual, como ocorrem nos cursos de graduação da UEM, mas podem ser ofertados em caráter modular, com carga horária e número de aulas a critério do professor que irá oferecer a disciplina. As aulas podem ser ministradas por professores da UEM, na ativa ou aposentados, mas também por acadêmicos de graduação ou pós-graduação orientados pelo professor responsável pela disciplina.

Os componentes curriculares disponibilizados obedecem aos mesmos critérios de criação que as disciplinas dos cursos de graduação da UEM, contendo ementas, objetivos, metodologia, bibliografia, dentre outros quesitos; a única exceção corresponde aos critérios de avaliação, pois a educação não formativa não adota esse processo, pois não faz parte dela uma ascensão de nível ou uma obrigatoriedade de comprovação de domínio de conteúdo, como é caso dos cursos para formação profissional.

Em relação aos direitos e deveres que os alunos da UNATI-UEM têm no campo acadêmico, os matriculados nas disciplinas obedecem aos mesmos critérios das disciplinas da graduação, com exceção dos critérios de avaliação; logo, são alunos da UEM, com registro acadêmico e acesso a todos os locais do *campus*, como biblioteca, restaurante universitário, ambulatório, dentre outros espaços, de modo a integrar totalmente o idoso dentro do ambiente acadêmico.

Todavia, mesmo que esses dados apresentados sejam positivos, consideramos que as ações para integrar as pessoas de terceira idade à sociedade atual são insuficientes para atender a essa nova demanda. Por exemplo, a UEM comporta 68 cursos de graduação, mas a oferta de disciplinas direcionadas à UNATI-UEM por parte dos departamentos e de seus professores, se comparada a

esses números, ainda é tímida frente à demanda. Também inserimos a essa questão a falta de incentivo do estado do Paraná referente a esse programa, de maneira a não reconhecer as aulas que tais profissionais ofertam para a UNATI integradas à carga horária mínima dos professores, tampouco os remuneram por se tratar de uma atividade extracurricular em que o docente está envolvido. Essa situação é agravada pelo fato de as aulas não serem contabilizadas para a contratação de novos docentes, não considerando esses idosos alunos da instituição, embora o sejam. Tais regulamentos dificultam a viabilização de uma oferta mais significativa de vagas para pessoas idosas na instituição, bem como diminuem as oportunidades para estudantes, futuros licenciados, se prepararem para trabalhar com essas pessoas.

As áreas nas quais os discentes formados nos cursos de graduação poderiam atuar com idosos são abrangentes. Citamos, como exemplo, os campos das Ciências do Corpo, da Psicologia e das Ciências Humanas em geral. Essas áreas, devido às suas características em relação aos conteúdos versados e aos ensejos de abordagem que oferecem, propiciam ao docente e ao futuro profissional que poderá trabalhar com o idoso expandir as suas possibilidades em ensino aprendizagem, além dos interesses acadêmicos.

Com efeito, a UNATI-UEM tem contribuído para a formação e integração do idoso, de modo a ampliar os campos de trabalho e pesquisa para acadêmicos de graduação e pós-graduação, cooperando, assim, com a formação humana (PIACEZZI; TAAM, 2010). Aliás, com o implemento de mudanças nas políticas públicas estaduais, poderia aumentar, significativamente, o alcance a outros cidadãos idosos.

3.2 UNATI-UEM e sua importância no contexto político, social e educacional

Ao longo de sua primeira década de criação, a UNATI-UEM se tornou um espaço de disseminação do conhecimento. Foram ofertadas 178 disciplinas de ensino não formativo, tratando de assuntos de interesse do idoso. Diversas ações no campo de atendimentos socioeducacional e interacional foram desenvolvidas, gerando uma diversidade de projetos, cursos, palestras, investigações, parcerias, por meio do atendimento de pessoas da comunidade da terceira idade de Maringá

e região, ao envolver cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Ciências Exatas, Humanas e Biológicas.

A UNATI-UEM se tornou, nos últimos anos, um centro de referência no desenvolvimento do trabalho com o idoso. Transformou-se em um vasto campo para a realização de pesquisas nas áreas das disciplinas por ela oferecidas, mas, principalmente, na Educação, que necessita desenvolver metodologias voltadas ao ensino-aprendizagem do idoso e para os acadêmicos de graduação e pós-graduação, que irão se especializar para atender a esse público.

Em posse desses dados, podemos perceber que temos, dentro da UEM, um ambiente adequado para estimular a formação de futuros profissionais para trabalhar com o público idoso e, ao mesmo tempo, oferecer aos idosos a oportunidade de se atualizarem nas diversas áreas que a UEM trabalha, além de fomentar uma convivência intergeracional.

Segundo Cachioni (2003), os programas educacionais devem oferecer aos idosos a oportunidade de se relacionarem com as outras gerações, e a interação entre os alunos da graduação e os alunos da UNATI é fundamental para o desenvolvimento das relações na sociedade de nosso município. A troca de conhecimentos entre essas gerações pode estimular o desenvolvimento de novos saberes e ajudar na formação humana dos graduandos, oportunizando o desenvolvimento de todos os envolvidos para interagir, com mais eficácia, nos campos físico, psicológico e social.

Veras e Camargo Junior (1995) enfatizam que, conforme os idosos passam a conviver no mesmo espaço educacional com os jovens na universidade, inicia-se uma tentativa particularmente importante para reduzir a discordância e as diferenças de ideias e valores, de forma a causar tensão entre as gerações.

Dado que a UEM tem um projeto bem estruturado pautado no modelo francês de Pierre Vellas (2009), e que pode trazer contribuições para a comunidade idosa de Maringá e região, faz-se necessário oportunizar a construção de um projeto de formação e integração que possa contribuir para esse ajuste social, ou seja, já existem um programa e um espaço que viabilizam um convívio entre gerações distintas, e as interações possibilitadas por essa condição podem interferir, positivamente, tanto na formação e ampliação de campos de trabalho quanto para a formação humana de nossa sociedade.

Frente às condições apresentadas pela UNATI-UEM, é substancial que se conheça, de forma mais detalhada, quem é o público que frequenta esse programa e como essas pessoas percebem as atividades destinadas a elas. Nesse sentido, para esta pesquisa, como já informado na Introdução, temos como objetivo investigar as representações sociais dos idosos em música na experiência da UNATI-UEM em um contexto de educação permanente e não formal.

3.3 A Educação Permanente para e com o idoso

Pelo fato de a universidade não ter um modelo educacional que viabilize a convivência de discentes e idosos em sala aula, é necessário que a UEM discuta a criação de uma via curricular que estimule o desenvolvimento da formação junto ao idoso. Embora existam ações isoladas por parte de alguns professores que permitem o contato do graduando e pós-graduando com o aluno idoso, falta a institucionalização de um programa para que idoso e discente de graduação possam coabitar a sala de aula de maneira oficial e curricular.

Sentimos, também, a falta de uma organização pedagógica para a abordagem educacional voltada ao idoso, que atenda às suas necessidades e que o mantenha inserido e participante da sociedade, ou seja, uma educação “que o ajude a acompanhar as mudanças que ocorrem no decorrer da vida, seja na área tecnológica, econômica ou social” (TEODORO, 2006, p. 27). A não existência de tal organização se deve ao fato de que nunca, na história, a população viveu tanto e, menos ainda, nunca foi necessário um processo de educação para a integração social dessa faixa populacional, pois o pensamento era de que o papel social do idoso já havia sido cumprido, mas, hodiernamente, com o aumento da expectativa de vida, a realidade mudou.

Todavia, para que essa organização pedagógica se faça, é necessário dar voz a esses idosos e identificarmos, por intermédio de suas falas, as representações sociais construídas por eles nos grupos formados nas disciplinas de música, para, posteriormente, estender esse trabalho às demais disciplinas não formativas ofertadas pela UNATI-UEM.

Segundo Saviani e Duarte (2010, p. 422-423), podemos “[...] considerar consensual a definição da educação como formação humana. A questão, portanto,

que necessita ser examinada é em que consiste a formação humana?”. Mas como responderemos a essa pergunta? Podemos partir da ideia de que esse pensamento dos autores é um dos grandes desafios da educação na atualidade, sobretudo no que tange ao idoso, pois é necessário preparar esse cidadão para viver dentro de uma nova realidade social que utiliza tecnologias para a comunicação entre as pessoas. É preciso levar a esse público novos conhecimentos, lançar mão de conteúdos que possibilitem que esse cidadão possa interagir nessa sociedade tão diferente da qual ele convivia em sua juventude. Podemos dizer, inclusive, que uma das principais necessidades de formação humana é a aprendizagem de novas maneiras de se comunicar.

Tal realidade em nosso país levou alguns educadores a se voltarem para uma educação direcionada ao idoso não de cunho para a formação profissional, mas com características e saberes que o recoloca como ser interativo em seu meio. Como já mencionamos anteriormente, dados do governo brasileiro apresentam um quadro de baixa escolaridade da população com faixa etária igual ou superior aos sessenta anos, além de ter pouco ou nenhum conhecimento em informática e outras tecnologias. Dessa forma, deve ser pensada uma metodologia capaz de atualizar tais conteúdos para esse idoso, dando-lhe igualdade de condições frente à sociedade atual.

O cenário da UNATI-UEM, além de oferecer um espaço acadêmico de conhecimento e informação, oportuniza para a pessoa idosa a criação de um novo núcleo social, que, embora formado por indivíduos com interesses e necessidades semelhantes, propicia a interação e a troca de conhecimentos. Logo, o “[...] homem se constitui no encontro com outros homens, mediado pelo material semiótico proveniente da interação social” (RIOS, 2006, p. 71). Tal modelo educacional descrito pela autora deve ter alguns requisitos para atender às necessidades e características do público idoso. Esse modelo não pode ser engessado; ele precisa ser ajustado às diversas condições que possam surgir durante o seu processo. Nas palavras de Teodoro (2006, p. 44), uma

[...] educação permanente é baseada na noção de um currículo flexível, organizado para atender a mudanças de interesses e necessidades de qualquer tipo de clientela, como no caso das UNATIs, que oferece oportunidades de entrada e saída, em

diferentes momentos, com menos ênfase em certificados, como pré-requisitos para a participação nas atividades.

A educação permanente e não formativa exerce um papel importante para a adaptação do idoso na sociedade atual. Para que isso possa ocorrer, precisamos considerar que estamos lidando com pessoas que têm uma experiência de vida; que têm, portanto, saberes adquiridos ao longo dos anos e que devem ser considerados nesse processo educativo. Não podemos renunciar ao conhecimento, às experiências, às vivências culturais e sociais do idoso durante o processo educativo, mesmo que ele não tenha um objetivo de formação profissional. Segundo Teodoro (2006, p. 41): “é pela educação permanente que vamos auxiliar o idoso a exercer sua cidadania, fazendo-o sentir a necessidade de mudanças, de unir-se e criar espaços para tornar visíveis suas necessidades, suas soluções e propostas”.

O autor enfatiza, ainda, que

[...] a educação é permanente porque o homem não acaba nunca de amadurecer, qualquer que seja a idade, o sexo e a situação socioeconômica. É neste contexto, que as universidades abertas para a terceira idade almejam o *status* de uma revolução pedagógica voltada para a educação permanente para a terceira idade, oferecendo a estes novos alunos a oportunidade de continuar a sua educação em um espaço de trocas que levam a reeducação, a democratização, a transformação, e a sua inserção às novas perspectivas da vida contemporânea (TEODORO, 2006, p. 45, grifo do autor).

A educação permanente e não formativa propicia ao idoso e ao docente oportunidades de expandir a sua gama de conteúdos de ensino-aprendizagem, além daqueles puramente acadêmicos, ao permitir a abordagem de temas relativos às suas experiências pessoais, aos saberes que cada um traz consigo, e fomentar a troca de conhecimentos no campo pessoal e social. Em suma, possibilita a discussão sobre como vamos viver em sociedade.

4. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O ensino de música para idosos vinculados à UNATI-UEM se trata de uma atividade caracteristicamente social, que engloba aspectos como a convivência, a troca de saberes, de forma a envolver as relações de um grupo no cotidiano dessa atividade, para além dos conteúdos teóricos e técnicos que são comumente abordados em contexto de sala de aula. Segundo Coutinho (2017, p. 82), “a TRS está principalmente interessada no fenômeno das representações sociais, que abrange os saberes produzidos na e pela vida cotidiana”, ou seja, por meio da Teoria das Representações Sociais (TRS), iremos investigar os processos que abarcam a formação das representações sociais dos idosos sobre a música na experiência da UNATI-UEM.

Nesta seção, trataremos da TRS e de sua importância para este estudo. Abordaremos o seu surgimento, as suas principais influências, as suas possíveis aplicabilidades em campos diversos de pesquisa e os seus principais conceitos aplicáveis a este estudo.

4.1 A expansão das áreas de pesquisa

A atual sociedade vem sofrendo modificações em seus diversos setores. No campo da aprendizagem, isso tem ficado cada vez mais evidenciado. Quando pensamos no ensino voltado para a escola tradicional, ou seja, uma escola que irá lidar com crianças e adolescentes, com idades a partir dos 6 ou 7 anos, podendo ir até os 17 ou 18 anos, encontramos um local de ensino que busca preparar esse público para a convivência e atuação em sociedade. Um dos principais fatores de mudança nessa sociedade, porém, é o aumento da população idosa; referimo-nos não apenas quantitativamente, mas também em relação à sua longevidade, que aumentou, consideravelmente, nos últimos trinta anos em todo o planeta, criando uma expressiva população díspar das outras faixas etárias no que tange aos conhecimentos que têm para viver atualmente.

Esse novo idoso, já abordado anteriormente neste estudo, necessita ser preparado, ou seja, atualizado socialmente para continuar participando da

sociedade na qual convive, sobretudo por se tratar de um público que não acompanhou o desenvolvimento social em seus diversos níveis, principalmente no campo tecnológico. Vemos, aqui, um campo vasto a ser estudado pela ótica das representações sociais, que tem por característica permitir a inserção de novas áreas da sociedade em seus estudos. Jodelet (2017, p. 23) reforça essa ideia quando profere que “a TRS se configura como um campo ainda em expansão e mudanças, que precisa ser constantemente revisitado, estudado e reavaliado”. Complementa discorrendo sobre a sua adaptabilidade para a utilização em várias áreas, ao relatar que “a evolução desse domínio de pesquisa deu lugar a diversas orientações teóricas e modelos de abordagem e firmou sua fecundidade em número crescente de campos de aplicação” (JODELET, 2017, p. 22). Tal afirmação deixa evidente a possibilidade de se realizar pesquisas que envolvam o aprendizado dos idosos, pois, assim como a TRS, a classe das pessoas idosas está em expansão e se modificando com a criação de espaços do saber em movimento (JOVCHELOVITCH, 2011a).

A ampliação do número de idosos na sociedade contemporânea demanda trilhar um caminho de reinserção social, que exige deles a obtenção de novos conhecimentos e habilidades para poderem participar ativamente do desenvolvimento dessa sociedade, por exemplo, as tecnologias, nas quais estão apenas timidamente envolvidos. Assim, vemos que, como a TRS permite muita maleabilidade para a análise de situações em contexto social, no caso deste estudo com os alunos da UNATI, a sua utilização é plenamente cabível. Historicamente, a TRS se estabelece por meio dos diversos campos de pesquisa em que vem sendo utilizada. Nesse sentido, podemos afirmar que a flexibilidade de sua utilização em diversas áreas é uma característica dessa teoria.

Trata-se de uma teoria que ao longo de sua existência tem-se validado como multidisciplinar, ampla e aberta a distintas abordagens e subteorias que possibilitem o estudo das representações sociais de objetos diversos, atendendo a distintos campos de conhecimento (VEBER, 2020, p. 105).

Em relação aos idosos e às suas novas necessidades sociais, tornou-se imprescindível a criação de legislações que pudessem oportunizar a eles programas para o atendimento de suas carências. Nesse processo, o papel da

educação é fundamental, pois ela deve encontrar maneiras de ensinar, ou seja, preparar esse público para realizar tal aprendizagem. Para essa função, temos, como principais aliadas, as Universidades Abertas à Terceira Idade, que oferecem programas com conteúdo de interesse dos idosos. Dentre tais programas, é recorrente o ensino de música, como podemos ver por meio dos programas de diversas UNATIs ao longo do Brasil e, mais proximamente, a UNATI-UEM.

Nesse contexto, o desenvolvimento de pesquisas que utilizem a TRS na experiência do ensino de música na UNATI é essencial para ajudar a encontrar quais são os benefícios, os conceitos e os saberes construídos por meio da convivência e interação entre os sujeitos participantes das aulas. Dessa maneira, entendemos que, pelo fato de as disciplinas de ensino de música ofertadas pela UNATI-UEM englobarem atividades que contemplam interação social, convivência social e intergeracional, associadas à aprendizagem de conteúdos musicais, é relevante conhecer as mudanças que ocorrem por meio da experiência vivenciada nas aulas. Para isso, acreditamos que a ótica da Teoria das Representações Sociais pode contribuir, de maneira esclarecedora, para tal compreensão.

Jodelet (2017, p. 476) chama a atenção para a importância de trabalhos que utilizem as TRS na área de música e justifica ser um projeto original de Moscovici o de “desenvolver um dia um campo de estudo das representações sociais consagrado à arte”. A pesquisadora afirma, ainda, que há uma produção quase inexistente de trabalhos em música na Psicologia Social. Entendemos que a TRS vai ao encontro de nossas pretensões nesta investigação, pois nos ajudará a identificar as representações sociais dos idosos que cursam ou cursaram disciplinas de música.

4.2 Representações Sociais – Conceito

O nascimento da Teoria das Representações Sociais se deu no ano de 1961, a partir da publicação do estudo de Serge Moscovici, intitulado “*La Psychanalyse, son image, son public*”, que trata da representação social na psicanálise. De acordo com Alves-Mazzoti (1998), em meados da década de 1970, Moscovici, quando publicou o seu estudo em formato de livro, revelou que o seu propósito com essa

teoria era de redefinir o campo da Psicologia Social a partir daquela ocorrência, salientando a sua função simbólica e força de construção do real.

Inicialmente, enfrentou muita resistência pelo fato de a Psicologia Social se limitar ao estudo do indivíduo e às relações não formais, além da tradição positivista, mas, ao longo dos anos, ocorreram mudanças na área da Educação. O surgimento de novas teorias de ensino, como a construtivista, dentre outras, e o sucesso obtido pelas abordagens qualitativas e aumento de interesse nos estudos de condutas humanas culminaram por motivar o desejo pelo estudo das representações sociais. Nas primeiras décadas do século XXI, houve um aumento de estudos e pesquisas envolvendo as TRS, de modo a levar a uma ampliação nos campos de pesquisa em que foram utilizadas.

Moscovici evidencia que um dos principais pensamentos que contribuíram para a elaboração de sua teoria veio do trabalho de Durkheim, retomando o conceito de representação coletiva, que se refere “às crenças, sentimentos e ideias habituais dadas e homoganeamente compartilhadas de uma comunidade” (COUTINHO; YAEGASHI, 2017, p. 216). Mas outras teorias e conceitos foram utilizados por ele durante o processo de consolidação das TRS, como os trabalhos de Piaget, Vygotsky, Freud e Lévy-Bruhl, dentre outros.

As dimensões centrais da pesquisa de Moscovici foram desenvolvidas por meio da análise das representações sociais sobre o senso comum, inspiradas em seu conhecimento sobre o trabalho de Piaget acerca da concepção de mundo da criança.

As influências que recebeu dos trabalhos de Vygotsky e Lévy-Bruhl passam pela descoberta da existência de vários pensamentos, e não apenas um, mas em um mesmo indivíduo, que resultou no desenvolvimento do conceito de polifasia cognitiva (COUTINHO, 2017).

Ao considerar as influências que Moscovici recebeu para a formulação de sua teoria, bem como a combinação delas em um ambiente educacional, qualificamos que a concepção da TRS no presente estudo compreende que ela é uma teoria de relação (COUTINHO, 2017), pois se dá por intermédio das relações sociais e humanas vivenciadas e construídas pelos indivíduos de um grupo. Na subseção seguinte, trataremos, mais detalhadamente, dos teóricos que influenciaram o pensamento de Moscovici.

4.3 Teoria das Representações Sociais – Principais influências

Dentre os mais importantes teóricos que influenciaram Moscovici no desenvolvimento da sua Teoria das Representações Sociais, podemos apontar Durkheim, que, por meio do conceito de representação coletiva, chamou atenção para a diferença das relações entre os indivíduos, distinguindo as representações em dois campos: o individual (o domínio da Psicologia) e o coletivo (o domínio da Sociologia), amparado no pensamento de que “as leis que explicam os fenômenos coletivos eram diferentes do tipo de leis que explicavam os fenômenos em nível de indivíduo” (FARR, 2013, p. 30).

Embora Moscovici e Durkheim discordassem em suas visões sobre o assunto, não se pode negar as influências de Durkheim no trabalho de Moscovici. Segundo Farr (2013, p. 28), “existe uma clara continuidade entre o estudo de representações coletivas de Durkheim e o estudo mais moderno, de Moscovici sobre as representações sociais”. Dentre essas diferenças, podemos mencionar a forma como cada uma via a sociedade a ser pesquisada: Durkheim se pautava em uma sociedade arcaica, primitiva e estática; já o olhar de Moscovici foi na direção de uma sociedade atual, moderna, e em um constante processo de mudança.

Moscovici também se utilizou da visão piagetiana na construção de sua teoria. Foi por intermédio da obra de Piaget que ele encontrou dois conceitos fundamentais: a concepção de mundo da criança e a transformação do saber. Segundo Coutinho (2017), Moscovici retirou da obra de Piaget as dimensões centrais de sua Psicologia Social, isto é, o conceito de representação, a investigação do senso comum, a preocupação com a mudança e o desenvolvimento.

No campo das representações de mundo da criança, em que surgem, de maneira espontânea, os seus distintos estágios do desenvolvimento intelectual, buscou compreender como a criança distingue o mundo exterior do seu mundo interior e como diferencia o eu da realidade objetiva. Investigou, ainda, o desenvolvimento da lógica em função da socialização do pensamento, chegando à conclusão de que “é por meio das trocas de experiências e de sua qualidade, que se iniciam a construção de representações nas crianças” (COUTINHO, 2022, p.

112). Tais descobertas foram de grande importância para Moscovici conceber as representações sociais dos adultos.

O segundo conceito encontrado por Moscovici na obra de Piaget que faz parte da TRS é a construção do saber. Nessa teoria, ele encontra como o conhecimento é transformado e se desloca de uma forma elementar para outra. Piaget traz os processos de assimilação e acomodação como equilibradores da aprendizagem da criança. Esse aspecto está no conceito da TRS, a qual estuda as relações entre os integrantes de um grupo que estão em constante troca de informações e saberes. Segundo Jovchelovitch (2011a, p. 9), “a socialização dos saberes e a diversidade cognitiva que lhe caracteriza é um fenômeno básico das comunidades humanas e uma marca central das sociedades contemporâneas”. Assim, podemos perceber que, por meio da obra de Piaget, Moscovici pôde conhecer como a troca de conhecimentos – costumes, hábitos e condutas – é feita entre os indivíduos pertencentes a um grupo, e como essas trocas passam a compor um pensamento comum para essas pessoas.

Outro teórico que influenciou Moscovici foi Lévy-Bruhl, em seu trabalho publicado no livro “A mentalidade primitiva”, de 1921, o qual aborda a ideia de causalidade e a maneira como ela era compreendida pelos povos primitivos (COUTINHO, 2017). Nessa obra, Moscovici encontra a ideia de que o indivíduo pode ter não apenas uma, mas diversas maneiras de pensar, ou seja, uma pessoa pode pensar de forma diferente de acordo com uma situação ou mesmo uma função ou atribuição que tem em seu grupo, pois o pensamento está condicionado aos papéis sociais que o sujeito exerce.

Lévy-Bruhl (2008) insistiu no fato de que diferentes tipos de saberes estão presentes na mesma sociedade, saberes esses que não estão isolados por áreas, mas coexistem e interferem uns nos outros, podendo ser modificados durante o processo de relação social em que são empregados. Para Jovchelovitch (2011a), a diversidade de situações e experiências culturais que encontramos requer esforços adaptativos e uma plasticidade crescente de nossos saberes e motivações. Por meio dessa complexidade de saberes difusos e interligados, o modo como representamos o mundo é múltiplo. Por exemplo, quando um indivíduo desempenha a função de professor de matemática, mas também é pai de família e treinador do time de futebol do bairro, os conhecimentos que ele utiliza para cada

função são diferentes, e o seu comportamento e as atitudes irão mudar de acordo com a função social em determinado momento, mas, ao mesmo tempo, não há como separar esses saberes, pois eles se influenciam mutuamente. Essa diversidade de pensamentos que habita o indivíduo está presente no processo de formação das representações sociais. Segundo Moscovici (1979, p. 204-205, tradução do autor),

[...] um sujeito individual (ou coletivo) poderia usar uma pluralidade de modos de reflexão dependendo do domínio do ambiente externo e dos objetivos propostos. As inferências e as especializações que dela resultam constituem um verdadeiro fenômeno da polifasia cognitiva⁹.

É desse trabalho de Lévy-Bruhl que Moscovici retira o conceito de polifasia cognitiva, que trata da coexistência de muitos pensamentos que habitam um mesmo indivíduo, mas que também coexistem nas relações entre os vários indivíduos de um grupo. Segundo Jovchelovitch (2011a), Moscovici definiu a polifasia cognitiva como a coexistência de formas diferentes de saber no mesmo campo representacional: “[...] a coexistência dinâmica – interferência ou especialização – de modalidades distintas de saber, correspondendo a relações definidas entre o homem e seu meio, determina um estado de polifasia cognitiva”¹⁰ (MOSCOVICI, 1979, p. 202).

Vygotsky também contribuiu para esse conceito de polifasia cognitiva, embora, segundo Coutinho (2017), quando Moscovici consultou a obra de Vygotsky, a sua TRS já estava elaborada. Mesmo assim, o pensamento de Vygotsky impactou as ideias de Moscovici. No trabalho que Vygotsky escreveu sobre a formação do ser humano, Moscovici tem a sua atenção chamada para a existência de uma forte ligação entre as atividades de representação da criança e da atividade do Eu. Conforme elucida Coutinho (2017, p. 115),

⁹ “[...] un sujeto individual (o colectivo) podía utilizar una pluralidad de modos de reflexión en función del dominio del medio exterior y de los objetivos que se propone. Las inferenchs y las especializaciones que resultan de ello constituyen un verdadero fenómeno de polifasia cognitiva” (MOSCOVICI, 1979, p. 204-205).

¹⁰ “[...] la coexistencia dinámica - interferencia o especialización - de modalidades distintas de conocimiento, correspondientes a relaciones definidas del hombre y de su medio, determina un estado de polifasia cognitiva” (MOSCOVICI, 1979, p. 202).

[...] a partir da relação concreta com o mundo, na ação da criança sobre o mundo de objetos, que ela desenvolve a capacidade emergente para representar tanto o mundo como a si própria. É aprendendo a colocar uma coisa no lugar da outra, a fazer um objeto representar o outro que a criança aprende a representar a si mesma e a reconhecer, a dar sentido, significar e simbolizar.

Foi por meio da utilização das ideias de Vygotsky e Lévy-Bruhl que Moscovici estabeleceu a relação entre sujeito e objeto, que leva os indivíduos a construírem as representações sociais em seu grupo, mas também induz o sujeito a perceber a si mesmo no mundo, a sua relação com o outro e com o todo. Segundo Jovchelovitch (2011a), encontramos, aqui, uma coexistência de saberes, que é a essência da polifasia cognitiva.

Por último, mencionamos a influência de Freud no desenvolvimento da TRS de Moscovici. Segundo Coutinho e Yaegashi (2017), nos trabalhos de Freud, Moscovici conheceu os processos de interiorização, formados no inconsciente. Tais processos funcionam como difusores das representações que estão no âmbito coletivo, a fim de que sejam irradiadas para o campo pessoal, individual, isto é, “[...] a representação de um grupo é interiorizada pelo sujeito” (COUTINHO; YAEGASHI, 2017, p. 211), e o conhecimento é passado por meio de um processo de disseminação, realizado a partir da transmissão cultural que ocorre do grupo para o indivíduo.

Em síntese, muitos teóricos influenciaram Moscovici em sua busca pela formulação da TRS. Contudo, nesta subseção, iremos nos deter apenas aos nomes supracitados por ter mais relação com esta pesquisa, mas é importante ressaltar que, mesmo indiretamente, algum outro autor que não tenha sido citado anteriormente poderá surgir.

4.4 As representações sociais e as suas principais correntes

Em virtude dos objetivos desta pesquisa, explicitar o que são as representações sociais e como elas se formam é algo essencial. Para Jodelet (2001, p. 22), a representação social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a

construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Mas tal explicação apenas exemplifica, de maneira simples, o processo de criação das representações. Para complementar o seu pensamento, a autora continua a sua explanação exemplificando que as representações sociais podem abranger questões relativas a diversos campos, como no âmbito sensorial, no pessoal, no coletivo e no individual:

[...] elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e nas transformações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

A partir dessa afirmação de Jodelet (2001), podemos inferir que a construção das representações sociais está vinculada aos mais diversos aspectos do relacionamento humano, que surgem nas interações em grupos e pelos indivíduos a eles pertencentes. Assim, o conhecimento compartilhado por essas pessoas resulta nos códigos de conduta e saberes de um grupo social, interligando o pensamento individual ao coletivo e o coletivo ao individual, ao criar um tipo de conhecimento para esse grupo. Segundo Coutinho (2022, p. 99), “as representações sociais permitem o entendimento da relação das questões individuais mais simples às mais complexas e, também, o entendimento das questões sociais”.

Vemos, então, que as representações podem ser construídas por processos distintos passíveis de ocorrer dentro de um grupo, contido em suas ações, atitudes e comportamentos inseridos no processo de comunicação entre as pessoas. Conforme nos enuncia Moscovici (2015), as representações sociais emergem da carência latente em indivíduos e grupos sociais de se comunicarem. O autor continua explicando que é uma forma de externar os nossos pensamentos: “[...] o pensar é feito em voz alta. Ele se torna uma atividade ruidosa, pública, que satisfaz a necessidade de comunicação e com isso mantém e consolida o grupo, enquanto comunica a característica que cada membro exige dele” (MOSCOVICI, 2015, p. 51). Diante disso, são promovidas a comunicação e a circulação do conhecimento social ajustado aos membros do grupo, para que, assim, eles possam se entender

e gerar as suas próprias representações que manterão um constante interesse para se compreenderem mutuamente.

Para que as pessoas possam comunicar-se, devem ajustar-se umas às outras. Se não for assim, significa que estão lidando com diferentes representações e, portanto, não podem conhecer a mensagem, nem saber como é codificada, sendo impossível comunicar-se utilizando um código meramente individual (VEBER, 2020, p. 113).

Conforme já abordamos, as representações sociais são construídas por meio de ações que ocorrem entre o indivíduo e o grupo, mas, segundo Moscovici (2015), também em suas relações com um objeto, em inter-relações dialógicas da integração Eu-Outro-Objeto, que é um dos conceitos que utilizaremos neste trabalho. Podemos afirmar que a formação das representações sociais não se dá apenas na esfera cognitiva, mas também na esfera atitudinal, sendo necessária uma interação para que elas sejam construídas pelos indivíduos de um grupo.

Sobre a relação do indivíduo com o objeto, Moscovici (1979) explica que o sujeito e o objeto não são fundamentalmente distintos. Segundo Abric (2001, p. 12), “esse objeto está inscrito em um contexto ativo, parcialmente concebido pelo menos pela pessoa ou pelo grupo, como uma extensão de seu comportamento, suas atitudes e das normas a que se refere”¹¹.

Dessa forma, a construção das representações sociais depende de duas esferas: 1) a esfera social, pois é feita por meio da interação e do comportamento dos indivíduos frente ao objeto; e 2) a esfera cognitiva, já que depende dos saberes construídos resultantes dessas inter-relações elaboradas mentalmente, ou seja, são formadas durante o processo (ABRIC, 2001).

Observamos que as ações e os comportamentos dos indivíduos e do grupo, com suas falas e pensamentos, interferem na elaboração de suas representações, uma vez que ocorrem em um processo dialógico e interativo unindo um indivíduo a outros e criando em relação ao objeto um significado comum, pois o objeto intermediará e fará parte da relação entre indivíduo e grupo. Ainda segundo Abric

¹¹ “Ese objeto está inscrito en un contexto activo, concebido parcialmente al menos por la persona o el grupo, en tanto que prolongación de su comportamiento, de sus actitudes y de las normas a las que se refiere” (ABRIC, 2001, p. 12).

(2001), Moscovici afirma que “esta relação com o objeto é uma parte intrínseca do vínculo social e deve ser assim interpretado dentro desse panorama”¹² (MOSCOVICI, 1986 *apud* ABRIC, 2001, p. 12).

Outro conceito que nos permitirá compreender as relações de um grupo – que é de cunho social e está ligado pelo desejo de adquirir conhecimentos na área musical – é o conceito do senso comum. Veber (2020, p. 118) esclarece que as representações sociais “são frutos de um saber que é social e que está intrinsecamente associado às experiências vividas culturalmente pelos indivíduos”. Além disso, as representações se configuram por meio dos pensamentos e hábitos que são comuns a indivíduos e a grupos sociais. Assim, nas palavras da autora:

A relação sujeito, objeto e social é tecida na interação das esferas ou universos, produzindo conhecimentos que estão no senso comum, nas vivências diárias e cotidianas dos sujeitos e grupos sociais, e que interagem com os conhecimentos cientificamente produzidos, atuando num processo de interação no qual o conhecimento se transforma (VEBER, 2020, p. 118).

Moscovici (1979) nos expõe que as representações sociais são fenômenos que estão relacionados com uma maneira singular de obter e transmitir conhecimento, uma maneira que pode criar realidades e senso comum. Para esta pesquisa, faz-se necessário conhecer esse senso comum do público investigado.

Outro conceito fundamental para este trabalho, do qual falaremos mais detalhadamente em outra subseção, é o de construção das representações sociais. Ele integra os processos de ancoragem e objetivação. Esses processos tratam da maneira pela qual aprendemos, como construímos novos conhecimentos e estabelecemos relação entre os saberes que tínhamos e os novos. O processo de ancoragem vincula o conhecimento novo a um que já temos, e a objetivação cria uma representação palpável para esse novo conhecimento.

Nas palavras de Moscovici (1979, p. 75): “uma representação social é elaborada segundo dois processos fundamentais: objetivação e ancoragem”. O autor define esses processos da seguinte forma:

¹² “[...] este lazo con el objeto es parte intrínseca del vínculo social y debe ser interpretada así en ese marco” (MOSCOVICI, 1986 *apud* ABRIC, 2001, p. 12).

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2015, p. 78).

Esses dois processos explicam a maneira pela qual os conhecimentos são construídos e apreendidos pela memória dos indivíduos do grupo, bem como a forma com que as pessoas aprendem e gravam os saberes socialmente construídos; mais especificamente, esses dois processos criam as representações sociais (MOSCOVICI, 2015).

Coutinho (2022) ressalta que, por meio da ancoragem, comparamos algo que não é conhecido com algo que já conhecemos, estabelecendo uma relação de familiaridade entre os objetos, e que a objetivação torna real um esquema conceitual substituindo a imagem por algo concreto; para isso, lançamos mão de nossa rede de conhecimentos, do nosso senso comum.

Para compreendermos em que nível as representações sociais são formadas, temos de levar em consideração onde são formadas. Nesse sentido, Moscovici (2015) menciona a existência de dois universos, o universo reificado e o universo consensual. Nas palavras do autor:

No universo consensual, a sociedade é uma criação visível, contínua, permeada com sentido e finalidade, possuindo uma voz humana, de acordo com a existência humana e agindo tanto como reagindo, como um ser humano [...]. No universo reificado, a sociedade é transformada em um sistema de entidades sólidas, básicas, invariáveis, que são indiferentes à individualidade e não possuem identidade (MOSCOVICI, 2015, p. 49-50).

Moscovici (2015) assevera que, no universo consensual, o ser humano é a medida de todas as coisas e que, no universo reificado, o que predomina é a ciência. No campo das representações sociais, o universo em que ela se forma é o universo consensual. Nas reflexões de Moscovici (2015, p. 52), “as representações sociais tratam com o universo consensual”. Então, vemos que, por meio das interações entre indivíduos comuns a um grupo, nas trocas de saberes entre eles,

nos conhecimentos socialmente compartilhados e conjuntamente construídos, encontramos o meio de formação das representações sociais.

4.4.1 O senso comum, o universo consensual, o universo reificado e as suas relações

O senso comum, ou também chamado de saber de senso comum, é um conceito existente em todas as sociedades desde o início dos tempos. Moscovici (2015) explica que é um tipo diferente de saber, formado e partilhado em um contexto social próprio, ajustado a diferentes necessidades, obedecendo a diferentes critérios. Essa modalidade de conhecimento compartilhado é responsável pela criação de saberes, comportamentos, condutas e atitudes de um grupo social. O senso comum não está relacionado apenas com a transmissão de conhecimento, mas orienta a forma como os indivíduos se comportam em sociedade. Segundo Mação (2022, p. 46), ele “é um conhecimento hegemônico que nos proporciona as relações e interações sociais, a conversa com pessoas desconhecidas, os saberes e as formas de comunicação”.

O senso comum pode explicar muito sobre os conceitos e saberes que compartilhamos em sociedade; geralmente, não sabemos explicar de onde ou, até mesmo, de quando se originam esses saberes, mas sabemos que são transmitidos por meio do vizinho, da família, do colega de trabalho, por assim dizer, pelas pessoas que estão à nossa volta. Esse conhecimento também transmite os gostos e conceitos culturais compartilhados socialmente, como no caso do gosto musical, que é transmitido entre os sujeitos pertencentes a um grupo e que compartilham informações a respeito de conjuntos musicais, duplas de cantores ou cantores solistas que acabam por definir um nicho ou um grupo de pessoas que admiram um determinado estilo de música e outras características que as cercam. Para Moscovici (2015, p. 200), o senso comum é “todo conhecimento partilhado pela sociedade como um todo, entrelaçado com nossa linguagem, constitutivo de nossas relações e de nossas habilidades”.

Moscovici (2015) afirma, ainda, que o senso comum é o campo de surgimento das Representações Sociais (RS). Ele cria um universo, conhecido como consensual, que é objeto de estudo da TRS, e que divide o nosso mundo

com outro universo, conhecido por universo reificado. Tais universos podem ser diferenciados e identificados por características bem particulares, conforme nos explicam Veber e Yaegashi (2020, p. 5):

[...] nós distinguimos e compreendemos nosso mundo entre dois universos: o consensual e o reificado. O primeiro se refere ao conhecimento de senso comum, chamado de consensual, enquanto o segundo diz respeito ao conhecimento científico, identificado como reificado.

Assim, podemos notar que o universo consensual é aquele que abrange as relações cotidianas, sem caráter acadêmico e com mais informalidade; já o universo reificado é aquele mais centrado no pensamento científico-acadêmico, que busca a comprovação por meio de estudos e pesquisas sobre os fenômenos naturais. Embora socialmente haja uma desvalorização do universo consensual em relação ao reificado, pelo fato de o primeiro ser mais ligado ao empirismo e à imaginação, enquanto o segundo é atrelado ao raciocínio e ao pensamento científico, ganhando *status* de superioridade, não podemos nos distrair com esse conceito.

Moscovici (2015) faz um alerta de que isso não corresponde à verdade e informa que o grau de importância deve ser o mesmo, pois os conhecimentos são complementares e um acaba por influenciar o outro. Relata, também, que a própria ciência e as áreas de tecnologia não hesitam em emprestar dele – o universo consensual e do próprio senso comum – uma ideia, uma imagem, uma construção quando acham necessário, de maneira que qualquer conhecimento compartilhado pela sociedade como um todo está entrelaçado à nossa linguagem, no cerne de nossas relações, habilidades e conhecimentos.

Nesse sentido, de acordo com Jovchelovitch (2011a, p. 99), para Moscovici, “o assim chamado pensamento primitivo (e, por analogia, o senso comum) não é o estágio elementar de uma forma mais desenvolvida de pensamento, tal como a ciência; ele é algo que deve ser considerado e entendido em seus próprios méritos”. Então, podemos inferir que o senso comum e os conhecimentos que transitam pelo universo consensual têm uma importância relevante para a sociedade, constituindo-se a principal matriz para a construção das representações sociais.

4.4.2 Ancoragem e Objetivação

Como expusemos anteriormente, os processos de ancoragem e objetivação são responsáveis pela criação das representações sociais. Vamos tratá-los separadamente, a fim de favorecer nossa explanação.

Ancoragem - Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social (MOSCOVICI, 2015, p. 61).

Por meio da análise dessa citação, podemos afirmar que, para Moscovici (2015), o processo de ancoragem tem uma relação muito similar ao próprio processo de aprendizagem. Quando uma criança encontra em seu caminho um conhecimento novo, ela tende a aproximá-lo de outro que já lhe é familiar, ou seja, a criança fará uma comparação desse novo conhecimento a outro que ela conheça, estabelecendo uma relação de semelhança entre eles; a partir de então, atribuirá um significado ou um sentido para esse novo conhecimento.

Para Moscovici (2015), ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa. Podemos concluir, então, que é por meio da ancoragem que a criação das representações tem início; ela é o primeiro estágio de sua formação.

Mas a ancoragem não está relacionada apenas ao processo de formação de conhecimento de objetos ou de novos saberes, mas também está envolvida na construção dos conceitos e regras de um grupo. Ela pode interferir na percepção de papéis sociais, categorias e valores atribuídos a objetos, a pessoas e a comportamentos. Moscovici (2015) esclarece que é inerente ao indivíduo classificar as coisas, porque algo que não tem uma classificação passa a ser estranho e ameaçador, por isso esse processo ocorre espontaneamente, pois tudo o que nos é estranho gera resistência e distanciamento. Para superarmos tais questões, conciliamos um objeto ou uma pessoa em determinadas categorias para dissiparmos esses sentimentos. Assim, Moscovici (2015) revela que as representações sociais são criadas em um processo orgânico, e que o fato de o indivíduo representar é:

[...] fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. A neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema, onde cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica (MOSCOVICI, 2015, p. 62).

Mediante o exposto, podemos afirmar que, para a classificação e divisão das informações e saberes novos, comparados e agregados aos saberes previamente adquiridos, o indivíduo constitui um juízo de valor, que determinará a organização de todo o seu conhecimento e, por consequência, de suas representações sociais.

As representações sociais envolvem uma relação de reciprocidade, ou seja, a conexão do indivíduo para com o grupo e/ou do grupo para com o indivíduo. Nesse sentido, Moscovici (2015, p. 63) explica que “classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe”. Dessa forma, os novos saberes e representações pertencentes a um grupo e seus indivíduos são condicionados e atrelados a um sistema de normas e diretrizes que organizam os comportamentos e as condutas dentro do grupo, sistema esse que regula todos os tipos de interações entre os seus indivíduos.

Outro processo fundamental para a formação das representações sociais, ao lado da ancoragem, é a objetivação. O seu papel é de suma importância, pois ela é que irá materializar os novos saberes adquiridos por meio da ancoragem. Segundo Coutinho (2022, p. 126), “[...] a objetivação cria a realidade em si”. É o processo que consolida a representação e dá concretude ao objeto. Moscovici (1979, p. 75), por sua vez, explica que “a objetivação leva a tornar real um esquema conceitual, a duplicar uma imagem com uma contraparte material”.

Podemos inferir que os processos de ancoragem e objetivação são complementares para a formação das representações sociais, pois, como explica Moscovici (2015, p. 61):

[...] o primeiro mecanismo (processo) tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. [...] O objetivo do segundo mecanismo (processo) é objetivá-los, isto é, transformar algo abstrato em algo

quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico (parênteses do autor).

Para exemplificar esses dois processos, Moscovici (2015) menciona que tudo o que a mente percebe parece estar diante de nossos olhos físicos, e que o que é inicialmente imaginário começa a assumir a realidade de algo material, ou seja, que pode ser visto.

A objetivação, para ser realizada, pode depender de outras ações internas próprias a esse processo. Jodelet (2001) define a objetivação como um processo que leva o indivíduo a imaginar e estruturar os seus próprios esquemas conceituais, sintetizando o excesso de significações, procedimento necessário ao fluxo das comunicações. Moscovici (1979, p. 76) afirma que “objetivar é reabsorver um excesso de significados materializando-os (e assim distanciando-se deles)”. Em outras palavras, na objetivação, ocorre uma assimilação do conteúdo, uma análise, para, depois, finalmente chegar à representação, que será atribuída àquele novo saber.

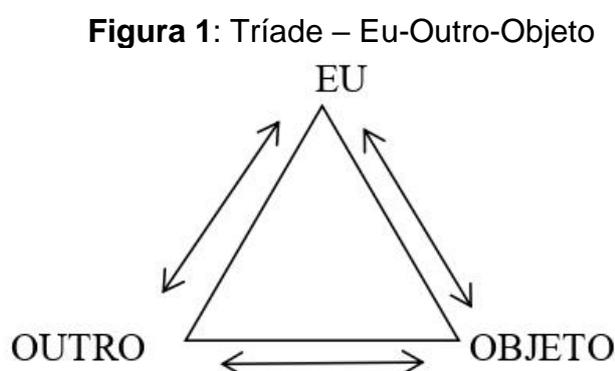
Depreendemos, com isso, que a ancoragem é responsável pelo processo interno, operando a memória como um banco de informações que precisa ser constantemente alimentado e organizado, e a objetivação atua com informações que chegam pela via externa, ao construir os parâmetros para a sua utilização mediante a comparação com os saberes contidos na memória, de maneira a ajustar o novo ao antigo para a utilização no âmbito externo; ou seja, cria-se a representação social.

4.4.3 Eu-Outro-Objeto

Apontada por Moscovici (2015) como o esquema capaz de explicar e sistematizar os processos de interação entre os indivíduos de um grupo, a tríade Eu-Outro-Objeto também está relacionada com a criação das representações sociais. Segundo Coutinho (2022, p. 101), quando falamos de “[...] representações sociais, não podemos deixar de dizer que existe uma relação entre Eu-Outro-Objeto, que é considerada a base da formação do conhecimento”. As relações que ocorrem entre o eu e o outro, frente ao objeto de conhecimento a que estão expostos, são responsáveis pela troca de informações e pela construção de novos

saberes que serão compartilhados pelo grupo, ou seja, as novas representações sociais.

Essa tríade está construída por intermédio das relações sociais e permite a interação contínua que ocorre dentro de um grupo e seus indivíduos. Para Marková (2006), o pensamento racional surge devido à relação dialógica do Alter-Ego, o Outro e o Eu, mas, para completar o processo de troca e criação de saberes, devemos considerar o objeto, pois ele é a interface desse sistema constante de permuta. Para uma efetiva compreensão, observemos a Figura 1.



Fonte: Jovchelovitch (2004; 2011b).

A partir da observação dessa figura, podemos enxergar a dinâmica das relações entre Eu-Outro-Objeto e compreender o fluxo das interações que ocorrem dentro de um grupo; “é onde os saberes se perpassam, tanto do Eu, como do Outro, quanto do Objeto, e é no qual o material se constitui, ou melhor, onde se torna presente o que está de fato ausente por meio do uso de símbolos” (COUTINHO, 2022, p. 102).

De acordo com a autora, essas trocas ocorrem por meio da ação comunicativa, ou seja, dialógica, que integra um indivíduo a outro (outros) e ao objeto-mundo. Podemos depreender que a ação dialógica entre os indivíduos, frente e sobre o objeto-mundo a que estão sendo expostos, gera as novas percepções, pensamentos, comportamentos e atitudes frente à realidade que compartilham no grupo; em outras palavras, geram-se as representações sociais.

A pesquisadora Ivana Marková, discípula de Moscovici, explica essa questão mais detalhadamente. Ela afirma que “[...] o Eu e o(s) Outro(s) (ou o Ego-Alter) são mutuamente interdependentes em e pela interação. O Ego-Alter gera

conjuntamente sua realidade social – objetos de conhecimento, crenças ou imagens” (MARKOVÁ, 2017a, p. 369). Para a autora,

[...] temos de nos concentrar na interação entre o Ego e o Alter e em suas relações. A maneira pela qual o ego seleciona aspectos da realidade é parcialmente determinada por sua experiência social, suas intenções, suas expectativas e sua compreensão da situação (MARKOVÁ, 2017a, p. 370).

Podemos concluir, por meio desse pensamento de Marková (2017a), que a interação entre os indivíduos de um grupo e a dialogicidade presente nessas relações são uma condição *sine qua non* para a sua convivência social. Sem o diálogo entre os indivíduos, bem como as trocas que intercorrem entre eles, não é possível a circulação do conhecimento dentro do grupo – e, conseqüentemente, não seria factível a criação das representações sociais comuns a ele(s).

Na próxima seção, apresentamos uma revisão de literatura sobre os estudos e as discussões que envolvem as representações sociais de idosos das Universidades Abertas à Terceira Idade e o ensino de música em um contexto de educação não formal.

5. REVISÃO DE LITERATURA SOBRE IDOSOS, UNATI E MÚSICA ENTRE O PERÍODO DE 2005 E 2021

A revisão de literatura, segundo Alves-Mazzoti (1998), é um processo de “garimpagem” no qual obras de referência, resumos de trabalhos (anais), artigos, teses e dissertações são de grande utilidade na identificação e seleção de estudos que serão analisados e utilizados para orientar o desenvolvimento da pesquisa, servindo, essencialmente, para que o pesquisador se situe e tenha um panorama geral da área, de modo a permitir a ele identificar o que já foi produzido sobre o seu objeto de estudo e temas correlatos.

A Teoria das Representações Sociais está modestamente presente no campo de pesquisas na área de Música em diversos países. Situação similar ocorre no Brasil, mas, atualmente, inicia-se um processo de incentivo para a ampliação de pesquisas com tal teoria na área das Artes. Conforme afirma a pesquisadora Denise Jodelet (2017, p. 486), em um de seus trabalhos mais recentes, “o domínio da exploração da música parece bem apropriado como espaço pertinente para a aplicação da teoria das representações sociais”.

As pesquisas realizadas com o público idoso, vinculadas às Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATIs), têm uma maior produção de trabalhos, mas, infelizmente, ainda tímida frente a outras áreas, como a Saúde, sobretudo no contexto brasileiro, que foi onde concentramos as nossas buscas. Nesse sentido, o nosso trabalho de revisão foi delimitado a uma pequena produção, fato que nos levou a ir ajustando, gradativamente, o processo de busca do material existente sobre as UNATIs.

Realizamos as nossas investigações em três plataformas de compartilhamento científico: 1) Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); 2) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); e 3) *Google Scholar*. Pontua-se que essas três bases de dados foram escolhidas por serem de fácil acesso, gratuitas, além de permitirem a recuperação de pesquisas importantes para o nosso estudo.

O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES é uma plataforma que tem como objetivo facilitar o acesso em relação às informações sobre teses e

dissertações defendidas nos programas de pós-graduação no país. Para essa finalidade, contamos com uma ferramenta de busca e consulta que permite a investigação por meio dos resumos das teses e dissertações a partir do nome, título e/ou palavras-chave.

Utilizamos, também, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que é uma plataforma muito semelhante à da CAPES, a qual possibilita o acesso em relação às informações sobre teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação brasileiros. Para essa finalidade, contamos com uma ferramenta de busca e consulta que permite refinar as pesquisas de acordo com os campos que podem ser escolhidos pelo usuário. Essa plataforma, ademais, permite o acesso aos resumos das teses e dissertações investigadas durante o processo de busca, com possibilidades como nome, título e/ou palavras-chave.

Convém ressaltar que, inicialmente, pensamos em utilizar somente o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e a BDTD, a fim de realizar a busca de teses e dissertações apenas de Programas de Pós-Graduação; todavia, em virtude do baixo número de estudos encontrados envolvendo o nosso objeto de estudo, optamos por utilizar, também, o *Google Scholar*, uma vez que essa base de dados assegura o acesso a teses e dissertações que podem não estar disponíveis nas duas plataformas, bem como de artigos.

O *Google Scholar*, também conhecido Google Acadêmico, é uma ferramenta de pesquisa de acesso livre, que proporciona uma maneira simples de realizar buscas amplas de literatura acadêmica (artigos, teses, livros, resumos e opiniões judiciais, de editoriais acadêmicos, sociedades profissionais, repositórios, universidades e outros *sítes da web*). Optamos por realizar revisão seletiva ao invés de inclusiva, de modo que todas as buscas fossem embasadas pelas palavras-chave, como nas outras duas plataformas.

A revisão de literatura se deu por meio das seguintes etapas: definição da pergunta orientadora, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, identificação dos estudos relacionados, análise e interpretação dos resultados. A questão que orientou a nossa pesquisa foi: 'O que tem sido produzido em representações sociais de idosos das Universidades Abertas à Terceira Idade e ensino de música em um contexto de educação não formal?'

Para a busca nas bases de dados, utilizamos as seguintes palavras-chaves: “UNATI”; “Universidade aberta à terceira idade”; “Representações sociais e música”; “Teoria das Representações Sociais”; “Idoso”.

Para as buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na BDTD, a pesquisa foi definida para “todos os campos”, sem especificar a ocorrência dos termos no título, assunto ou resumo. Os descritores foram inseridos na busca de maneira combinada, a partir da utilização do operador booleano AND.

Utilizamos como critérios de inclusão as publicações sob o formato de teses e dissertações, divulgadas na íntegra no idioma português, disponibilizadas em meio eletrônico gratuitamente e que abordam a temática das representações sociais de idosos, música e UNATIs. Os critérios de exclusão foram: a repetição das teses e dissertações nas bases de dados; não responder à questão orientadora da pesquisa; e não contemplar idosos e UNATIs.

Para a busca de artigos no *Google Scholar*, por sua vez, recorreremos aos mesmos descritores utilizados na busca de teses e dissertações: “UNATI”; “Universidade aberta à terceira idade”; “Representações sociais e música”; “Teoria das Representações Sociais”; “Idoso”, cruzados pelo operador booleano AND.

Como critérios de inclusão, selecionamos as publicações sob o formato de artigos originais, publicados no idioma português, revisados por pares, disponibilizados em meio eletrônico gratuitamente e que retratassem a temática da nossa pesquisa. O critério de exclusão, por sua vez, consistiu em não responder à questão de pesquisa.

Efetuada as buscas, foram encontrados 781 estudos, sendo 129 no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, 83 na BDTD e 569 no *Google Scholar*. Por meio de uma leitura mais criteriosa dos títulos e resumos, aplicados os critérios exclusão, descartaram-se 769 deles, por não atenderem aos critérios de inclusão da pesquisa e não responderem à questão orientadora. Dessa forma, restaram apenas 12 publicações que compuseram o *corpus* de análise desse estudo, sendo 2 teses, 6 dissertações e 4 artigos.

Todavia, é importante mencionar que, apesar dos esforços empreendidos e da escolha cuidadosa dos descritores utilizados, efetivamente, foram encontrados apenas dois estudos que adotaram a TRS e outros dois que abordaram as atividades relacionadas à música dentro das UNATIs. Os demais estudos, de uma

maneira geral, centraram-se na descrição das propostas de educação oferecidas por UNATIs de diferentes lugares do Brasil, tecendo considerações importantes sobre a formação docente necessária para o trabalho com o público idoso.

Diante disso, optamos por seguir a orientação de Luna (2009), o qual explica que, em caso de reduzida produção de materiais de determinada temática, emprega-se como alternativa a utilização de pesquisas semelhantes ao objeto de estudo proposto, uma vez que estas também podem trazer reflexões importantes para a investigação.

5.1 Análise quantitativa das produções encontradas

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, encontrou-se um total de 12 (doze) estudos, sendo 2 (duas) teses, 6 (seis) dissertações e 4 (quatro) artigos que abordam os assuntos contidos em nossa temática.

No Quadro 1, apresentamos os estudos selecionados para compor o *corpus* de análise da pesquisa.

Quadro 1: Estudos selecionados para compor o *corpus* de análise da pesquisa e a sua distribuição por diferentes regiões do Brasil

Tipo de material	Autor(es)	Ano	Título	Região do Brasil em que a pesquisa foi realizada	IES à qual a pesquisa está vinculada
Artigo	Célia Maria de Souza Sanches Vieira	2005	Práticas Pedagógicas para Terceira Idade: o caso da UNATI	Sudeste	Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
Dissertação	Marcos Fernando Martins Teodoro	2006	UNATI/UERJ: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso	Sudeste	Universidade Católica de Petrópolis (UCP)

Artigo	Tiago Nascimento Ordonez e Meire Cachioni	2009	Universidade aberta à terceira idade: a experiência da Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH USP	Sudeste	Universidade de São Paulo (USP)
Dissertação	Adriana Sancho Simoneau	2010	Os Programas Universitários para a Terceira Idade (UNATIs): representações sociais de pessoas idosas	Sudeste	Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
Dissertação	Maria Márcia Viana Prazeres	2010	Coral na terceira idade: o canto como sopro da vida – A influência do Canto Coral na qualidade de vida de um grupo de coralistas idosas	Centro-Oeste	Universidade Católica de Brasília (UCB)
Artigo	Raimunda Silva D'Alencar	2011	Velhice e educação ao longo da vida: um imperativo para um convívio mais humano	Nordeste	Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Tese	Denise de Barros Capuzzo	2012	Elementos para a educação de pessoas velhas	Centro-Oeste	Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)
Dissertação	Bárbara Borges e Jesus	2012	Docência: um olhar para a terceira idade	Centro-Oeste	Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Dissertação	Kátia Milene de Lima da Conceição	2013	Música e Idosos: a relação ensino/aprendizagem em três oficinas de música na cidade de São Paulo	Sudeste	Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Artigo	Kathya Maria Ayres de Godoy, Aline Shinzato da Silva, Camila Moura Alves e Caroline Dini Alexandrini	2015	O idoso e a arte na UNATI	Sudeste	Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Tese	Gisele Pasquini Fernandes	2020	Educação para além do tempo: a UNATI como um espaço acadêmico aberto	Sul	Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Dissertação	Igor Moura Danieleviz e Silva	2021	As representações sociais de velhice em um projeto de extensão destinado às pessoas idosas	Centro-Oeste	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base no quadro anterior, apresentamos, na Tabela 4, a distribuição dos estudos por regiões brasileiras e por esferas administrativas.

Tabela 4: Distribuição das dissertações encontradas por regiões brasileiras e por esfera administrativa/instituição

Regiões brasileiras	Teses (T) Dissertações (D)		Artigos (A)	T*	Esferas administrativas			T*
	T	D	A	T/D/A	Públicas Federais	Públicas Estaduais	Privadas	
Norte	-	-	-	-	-	-	-	-
Nordeste	-	-	01	01	-	01	-	01
Centro-Oeste	01	03	-	04	01	-	03	03
Sudeste	-	03	03	06	-	05	01	06
Sul	01	-	-	01	-	01	-	02
TOTAL	02	06	04	12	01	07	04	12

Total*

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme pode ser visualizado na Tabela 4, de um total de 12 trabalhos encontrados, 6 (50%) são da região Sudeste, 4 (33,33%) da região Centro-Oeste, 1 (8,33%) da região Sul e 1 (8,33%) da região Nordeste.

Não foram encontrados estudos na região Norte do Brasil. O fato de 10 (83,33%) estudos se concentrarem nas regiões Sudeste e Centro-Oeste tem estreita relação com a maior quantidade de programas de pós-graduação *stricto sensu* nessas duas regiões.

Outro dado relevante é que, dos 12 estudos encontrados, 8 (66,7%) foram produzidos em universidades públicas e 4 (33,3%) são provenientes de universidades privadas. Fica evidente, nesse recorte, que realizamos um maior volume de pesquisas sobre as questões que envolvem as UNATIs pela esfera pública de ensino em relação à esfera privada.

5.2 Análise qualitativa das produções encontradas

A partir da pergunta orientadora e das buscas, localizamos o primeiro registro de trabalhos que tratam da UNATI no Brasil, que teve a sua publicação no ano de 2005. Assim, o nosso levantamento considerou investigações realizadas em contexto brasileiro, difundidas nos meios já supracitados entre os anos de 2005 e 2021.

A partir de agora, iremos descrevê-las individualmente de forma cronológica e, posteriormente, tecer considerações sobre o contexto dado por essas pesquisas em relação à presença da Teoria das Representações Sociais (TRS) nos estudos científicos do ensino de música a idosos vinculados à UNATI e à formação profissional dos discentes de música.

Conforme já informado, aplicados os critérios de inclusão e exclusão, selecionamos um total de 12 (doze) estudos, sendo 2 (duas) teses, 6 (seis) dissertações e 4 (quatro) artigos que abordam os assuntos contidos em nossa temática.

O primeiro estudo encontrado se trata de um artigo de Célia Maria de Souza Sanches Vieira (2005), cujo título é “Práticas pedagógicas para terceira idade: o caso da UNATI”, a qual descreveu uma experiência vinculada à Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(UNATI/UERJ). O estudo teve como objetivo fazer um breve relato sobre a criação da UNATI/UERJ e as suas propostas de educação para homens e mulheres com idade acima de 60 anos, enfatizando, principalmente, o currículo dessa população que envelhece, ao articular a sua chegada a uma universidade pública.

A pesquisa apresentou uma descrição de viés histórico sobre os programas das Universidades Abertas para a Terceira Idade com ênfase para o surgimento da Universidade Aberta para a Terceira Idade (UNATI/UERJ) criada na década de 1990. Vieira (2005) discorreu sobre os cursos e as atividades oferecidas para os idosos vinculados a esses programas, ao ressaltar a importância de as UNATIs oferecerem um espaço para a reformulação dos padrões tradicionais de envelhecimento, sendo experienciado dentro de um ambiente de ensino de forma coletiva, com o propósito de melhoria da qualidade de vida, defesa dos interesses e direitos das pessoas idosas. Ademais, esse espaço deve propiciar a seus participantes a ampliação de seus conhecimentos, bem como do círculo de amizades.

Vieira (2005) dissertou, em seu trabalho, sobre alguns dos principais objetivos das universidades abertas para a terceira idade; destacou aspectos das metodologias desenvolvidas na UNATI/UERJ para o ensino de idosos, tendo como princípio a realidade dos alunos, e comparou diferenças entre tais metodologias e a metodologia que chama de convencional.

Outrossim, Vieira (2005) dedicou um tópico de seu artigo para descrever o período de dez anos iniciais da UNATI/UERJ, em que mencionou a sua criação, os seus objetivos, a sua estrutura administrativa e pedagógica, e aponta uma direção que o processo educativo do idoso deve tomar, quando afirmou que o seu objetivo principal deve ser o desenvolvimento humano. A autora apresentou, ainda, um tópico no qual descreve os resultados que as atividades oferecidas alcançaram durante o período abordado. Fez uma descrição do perfil sociodemográfico dos alunos que participaram do programa, relatou sobre a quantidade de atividades oferecidas e apresentou gráficos demonstrativos do desenvolvimento das atividades, bem como aquelas que foram de maior interesse para o público idoso.

Em seus resultados, Vieira (2005) evidenciou dados que revelam muito da face dos idosos que estavam começando a frequentar o ambiente universitário. Ela destacou que o percentual de 80% do corpo discente era formado por mulheres, e

que cada uma se matriculava em vários cursos, de modo a ter um envolvimento muito ativo, enquanto a pequena parcela de homens era resistente e indecisa, já que escolhia poucos cursos. A autora salientou que uma considerável parcela dessas mulheres era viúva e que se interessavam por iniciar novos relacionamentos amorosos ou, então, cultivavam a sua independência dos antigos parceiros, redescobrando uma nova forma de viver.

Viera (2005) assinalou, ainda, que, para a maioria dos idosos que ingressaram no programa, houve uma ampliação de suas perspectivas pessoais: podem se atualizar em relação à tecnologia e trocar e ampliar os seus conhecimentos por meio da convivência com os jovens. A autora enfatizou, como exemplar, o modelo educacional adotado com os idosos, que mesclava a educação continuada com a característica permanente.

A autora concluiu o seu artigo destacando alguns elementos que ela considerou essenciais para a continuidade e o desenvolvimento do trabalho das UNATIs, chamando a atenção para a necessidade de refletir sobre metodologias de educação mais adequadas ao público idoso, por meio de pesquisa e da atuação profissional qualificada. Também ressaltou o perfil do idoso em nossa sociedade, as suas necessidades, anseios e como, por meio desses programas, pode-se lograr resultados para a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas.

O segundo estudo selecionado se trata da dissertação de Marcos Fernando Martins Teodoro, do ano de 2006, com o título “UNATI/UERJ: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). O estudo teve como objetivo repensar as diversas questões relacionadas à velhice para aquela época, identificando o grau de importância dos projetos educacionais destinados aos cidadãos da terceira idade.

A pesquisa de campo se caracterizou como etnográfica e foi realizada por meio do uso de técnicas associadas à observação participante, à entrevista intensiva e à análise de documentos. Participaram do estudo dez idosos da UNATI/UERJ, os quais estavam matriculados em diversas oficinas vinculadas ao programa. A investigação privilegiou as experiências partilhadas entre os idosos, com as entrevistas inspiradas no trabalho de Ecléa Bosi (1999), buscando compreender os significados da velhice para aqueles que vivenciam os projetos da

universidade. Além disso, relatou as transformações ocorridas na vida dessas pessoas, os benefícios da alfabetização como facilitadora na abertura de novos caminhos e a importância de uma educação permanente para a terceira idade.

A análise dos dados se deu por meio da análise do discurso e das práticas educacionais desenvolvidas pela UNATI/UERJ com os idosos vinculados às suas atividades e cursos.

Teodoro (2006) organizou o seu trabalho em oito partes. Na introdução, é apresentada uma perspectiva sobre as mudanças na população idosa mundial e, de maneira mais direcionada, na população idosa brasileira. O autor expõe elementos de mudança de cunho social (o papel ao qual está relegado o idoso no seio familiar e social), etário (aumento de longevidade), quantitativo (aumento dessa população frente a crianças e jovens) e as suas possíveis consequências na sociedade naquele momento (principalmente, no campo político e econômico), chamando atenção para um aumento nas demandas de estudos para essas questões.

Na segunda seção, abordou demandas sobre o idoso no século XXI, discorrendo sobre o seu perfil, as características comportamentais e o seu lugar em nossa sociedade. Levantou a discussão sobre como o idoso prefere ser chamado, velho, idoso ou cidadão da terceira idade, abordando as questões de discriminação relacionadas à forma como se nomeia o idoso.

Na terceira seção, ele apresentou uma abordagem teórico-metodológica sobre a educação permanente voltada para a terceira idade, discorrendo sobre as características dessa modalidade educacional e as suas vantagens e aplicações ao ensino dos idosos.

Na quarta seção, abordou questões sobre as universidades abertas para a terceira idade (UNATIs, como ele próprio nomeia) desde o seu início na França, a partir da década de 1960 até aqueles surgidos no Brasil. Descreveu, ainda, a mudança do comportamento dos idosos a partir da participação nos programas oferecidos e revelou uma mudança no olhar da mídia em suas reportagens e matérias sobre esse idosos com comportamento de 'não-velho' (termo do autor).

Na quinta seção, Teodoro (2006) apresentou uma descrição sobre o trabalho da UNATI/UERJ em seus primeiros doze anos de atividade, analisando a sua

estrutura pedagógica e organização, ao apontar esse trabalho como um modelo a ser seguido.

Na sexta seção, abordou um estudo de caso sobre os participantes, justificando a necessidade de usar a velhice como tema. Por sua vez, a sétima seção foi dividida em duas seções. Na primeira, Teodoro (2006) discorreu sobre a importância da memória do idoso, da necessidade de trabalhar esse aspecto, tanto estimulando e revisitando as memórias antigas quanto proporcionando a aquisição de novas memórias como incitação para continuar vivendo. O autor, ainda, defendeu a importância da valorização dessa memória e a sua utilidade para o idoso e para a sociedade que, de uma forma geral, exclui esse idoso e as suas experiências. Aliás, na segunda subseção dessa seção, o autor apresentou a análise das entrevistas realizadas com os idosos.

O estudo de Teodoro (2006) foi realizado pelo método etnográfico como caminho para a realização de um estudo de caso, com o intuito de capturar as particularidades culturais e sociais dos participantes, bem como as suas histórias de vida por meio do relato de suas memórias, ao identificar as representações sociais desse grupo. O trabalho de campo foi realizado com os idosos participantes de cinco oficinas oferecidas pela UNATI/UERJ, sendo escolhidas por serem as mais frequentadas pelos idosos, que foram as oficinas de orientação postural, *yoga*, informática, inglês e oficina da memória. Os depoimentos foram colhidos por meio de entrevistas das quais participaram dois idosos de cada uma das oficinas, em um total de dez entrevistados. Após analisar o material coletado, Teodoro (2006) afirmou que, para um trabalho que estuda as representações sociais dos idosos, o pesquisador deve ter interação com o sujeito pesquisado para identificar tais representações.

O autor ressaltou a importância da educação permanente no processo de valorização social do idoso e da preservação de sua memória, pois esse tipo de educação promove o bem-estar e o desenvolvimento de autoestima do idoso. Relevou, ainda, que a memória “[...] é necessária e vital nos currículos das universidades abertas para a terceira idade” (TEODORO, 2006, p. 136), uma vez que é um elemento fundamental para a educação e a cultura dos povos e que temos nela guardadas as nossas lembranças, que nos identificam e nos fazem ter elementos para a comunicação e a troca de saberes com outros elementos do

grupo social. O autor destacou, também, que, dentre os participantes das oficinas de orientação postural, *yoga*, inglês, informática e oficina da memória, ele pôde verificar, por meio de seus relatos, que os idosos apresentaram aumento de satisfação, sociabilidade e autoestima.

Teodoro (2006) comentou que se deparou com uma dificuldade, que foi a escassez de bibliografia sobre a educação para idosos, e constatou que a maior parte das publicações encontradas por ele tratava mais do campo da Geriatria. Por esse aspecto, ele apontou que a estrutura tríplice de Ensino, pesquisa e Extensão na qual a UNATI/UERJ está construída pode fomentar tanto a realização de mais pesquisas sobre as temáticas relacionadas ao idoso como atender às necessidades dessa camada da sociedade.

Nas considerações finais, Teodoro (2006) teceu reflexões sobre os caminhos e as dificuldades que a sua pesquisa trilhou, destacando a importância da identificação do pesquisador com o tema para o sucesso no desenvolvimento na pesquisa, ao reforçar as questões de que tratou em seu texto, mas, principalmente, chamando atenção para as representações sociais sobre idoso, que ele aponta como sendo associadas ao isolamento, à inatividade e ao dispensável. Por essa razão, considerou necessário o trabalho das UNATIs para a mudança dessas representações em nossa sociedade, de modo a vê-las como um pivô para que outras instituições e a sociedade possam buscar uma reorientação e novos parâmetros para o tratamento da problemática do idoso.

O terceiro estudo selecionado foi o artigo de Tiago Nascimento Ordonez e Meire Cachioni, publicado no ano de 2009, com o título “Universidade aberta à terceira idade: a experiência da Escola de Artes, Ciências e Humanidades”, vinculado ao Programa de Graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo (USP). O estudo teve como objetivos fazer um levantamento sociodemográfico dos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade vinculada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (UNATI/EACH/USP), descobrir os motivos pelos quais os idosos frequentaram o programa e fazer uma verificação do impacto das relações intergeracionais no ambiente acadêmico.

Na primeira parte do artigo, Ordonez e Cachioni (2009) fazem uma descrição da história do surgimento dos programas para terceira idade, que

surgiram na França, em meados da década de 1960, e eram chamados de Universidades do Tempo Livre, além de apontar que elas foram as precursoras das Universidades Abertas à Terceira Idade. Os autores seguem fazendo comparações entre iniciativas de criação dessas instituições que ocorreram em países ao redor do mundo com as ocorridas no Brasil, que se iniciaram na década de 1970. Descreveram, ainda, as características da população idosa brasileira e de nossa sociedade na época do surgimento desses programas, relatando os locais onde surgiram e as atividades oferecidas para os seus integrantes.

No que se refere aos aspectos metodológicos, a coleta de dados se deu por meio dos seguintes instrumentos: 1) questionário com questões fechadas e mistas, para o levantamento de dados sociodemográfico; 2) escala de quatro itens (cinco pontos), com as seguintes categorias: aumentar conhecimentos, investir no aperfeiçoamento pessoal, aumentar o contato social e aproveitar o tempo livre de forma útil e um ponto aberto chamado “outros”, com o propósito de contemplar eventuais peculiaridades locais; e 3) duas questões abertas para avaliar o impacto das relações intergeracionais no ambiente acadêmico. Como procedimentos, foi utilizada uma abordagem inicial com os docentes para que eles levantassem os interessados em participar da pesquisa, para, depois, distribuir o material entre eles. Cada interessado recebeu um protocolo com as questões referentes ao presente estudo e, em seguida, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Participaram da pesquisa vinte estudantes da UNATI – EACH/USP, com a faixa etária a partir de 54 anos, ou seja, adultos maduros e idosos inscritos no primeiro semestre no programa e sendo voluntários para a participação do estudo. A idade média dessas pessoas era de 62,2 anos e 95% eram mulheres. Em relação à formação escolar, 45% das pessoas tinham Ensino Fundamental incompleto; 5% Ensino Fundamental completo; 5% Ensino Médio incompleto; 25% Ensino Médio completo; e 20% tinham Ensino Superior. Em relação à renda mensal familiar, 20% declararam receber até um salário-mínimo; 15% entre um e dois; 25% entre dois e três; 25% entre três e quatro; 10% entre quatro e cinco; e 5% mais de dez salários-mínimos. Os autores revelaram que, em relação aos motivos que justificavam o ingresso das pessoas no programa, aumentar os conhecimentos foi apontado por mais de 50% dos participantes, seguido por aumentar o contato social. Em relação

à satisfação com o programa, 80% das respostas dos entrevistados foram com “muito satisfeitos”.

Os resultados do estudo apresentados pelos autores são muito semelhantes aos de outras experiências realizadas em outras Universidades Abertas à Terceira Idade, mas um fator que gerou bastante surpresa foi o contato intergeracional propiciado pela convivência em ambiente acadêmico, quando os idosos passaram a se relacionar com os discentes de graduação. Nesse aspecto, Ordonez e Cachioni (2009, p. 80) afirmam que “todos que se relacionaram com indivíduos mais jovens (85% dos entrevistados) disseram haver vantagens e ganhos em conviver com pessoas mais jovens no ambiente acadêmico. A maioria relatou que traz ganhos à saúde, às relações sociais e à autoestima”.

Os autores concluíram o seu estudo apontando para questões muito importantes para a educação voltada ao público idoso. Dentre essas questões, destacaram como a educação permanente colabora com uma velhice mais positiva e estimula a sua participação na sociedade; que a convivência com pessoas de outras idades, no caso, de discentes da graduação, permitiu que ambos se apossassem de conhecimentos; e que aprender é um processo contínuo que se faz ao longo de toda a vida – e que é uma necessidade.

O quarto estudo selecionado se trata da dissertação de Adriana Sancho Simoneau, publicada no ano de 2010, com o título “Os Programas Universitários para a Terceira Idade (UNATIs): representações sociais de pessoas idosas”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Instituto de Psicologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O objetivo do estudo consistiu em investigar as representações sociais construídas por pessoas idosas em dois programas distintos para o ensino da terceira idade.

Simoneau (2010) realizou a sua investigação em duas instituições com programas para a terceira idade: a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI- UERJ) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e o Programa Integral para a Pessoa Idosa (PIAM) na Universidade da Costa Rica (UCR), na cidade de San José.

Na primeira seção de sua dissertação, a autora apresentou um panorama sobre o envelhecimento e a velhice naquele contexto, expondo argumentos para desmistificar o pensamento da sociedade sobre o idoso, e encerrou abordando

características sobre a população idosa brasileira e a costa-riquenha. A seguir, na segunda seção, Simoneau (2010) fez uma descrição sobre três programas universitários para a pessoas idosas, as UNATIs. Ela discorreu sobre o surgimento desse programa na França por iniciativa do professor Pierre Vellas, no ano de 1973, e seguiu discorrendo sobre a criação e o desenvolvimento do programa na Costa Rica denominado Programa Integral para a Pessoa Idosa (PIAM), da UCR. Descreveu, ainda, a constituição do programa brasileiro da UNATI-UERJ. Na terceira seção, a autora abordou a Teoria das Representações Sociais, utilizada em sua investigação. Deu ênfase aos trabalhos de Serge Moscovici, Denise Jodelet e Jean Abric. Fez, também, uma descrição de pesquisas efetuadas em outros países, como Argentina, Cuba e Espanha, no campo das representações sociais e idosos.

Nas seções de número quatro e cinco, Simoneau (2010) trouxe os aspectos metodológicos de sua pesquisa, descrevendo o perfil dos idosos participantes nos programas de cada país, ao justificar o arcabouço utilizado para o seu estudo composto por três fases: 1) revisão e análise bibliográfica sistemática; 2) entrada no campo de estudo, onde utilizou as ferramentas para a coleta de dados: questionário de caracterização dos sujeitos, evocação livre e entrevistas em profundidade e; 3) análise de dados: análise estatística, análise das evocações livres e análise de conteúdo temática. A autora explicou que, por esse método, investigou as representações sociais dos idosos e, em seu estudo, utilizou um desenho de corte quali-quantitativo, de tipo exploratório-descritivo, assumindo como referencial teórico a teoria das representações sociais, pautada nas abordagens processual e estrutural como complementar.

A quantidade de pessoas escolhida para participar do estudo foi 618, com idade igual ou superior a 65 anos, respeitando a orientação da OMS e a Lei nº 7.935 da República da Costa Rica, já que foram 477 pessoas idosas do programa costarriquenho e 141 do programa da UNATI-UERJ que preencheram o questionário. Depois, foram selecionadas, dentre essas pessoas, 14 para as entrevistas em profundidade, sendo 7 da Costa Rica e 7 do Brasil, seleção essa feita de acordo com os critérios estabelecidos pelo autor. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram questionários de caracterização dos sujeitos; entrevistas em profundidade e evocação livre do termo indutor da UNATI – essa última etapa

contou com 138 pessoas idosas da UNATI-UERJ. Os dados coletados foram submetidos às seguintes análises: análise estatística, análise de conteúdo e análise de evocação livre.

Na última seção, a sexta de sua pesquisa, intitulada “Ensaio sobre as representações sociais dos programas universitários (UNATIs) entre pessoas idosas que participaram do PIAM-UCR e da UNATI-UERJ”, a autora apresentou os resultados e destacou 11 categorias representacionais nas 14 entrevistas realizadas. Os dados coletados apresentaram uma similaridade no quesito quantitativo nas Unidades de Referência (URs, segundo a pesquisadora) entre os participantes dos dois programas estudados. Enfatiza-se o percentual em que cada categoria foi mencionada nas entrevistas: experiência educativa e ingresso no programa (25,28%); inscrição e motivos para pertencer ao programa (21,82%); desempenho de funções dos alunos no programa (7,02%); programa: um lugar para adquirir conhecimentos (7,02%); programa: grande rede social (6,49%); percepção sobre os docentes e discentes do programa (6,19%); corpo e mente: fonte de juventude (5,89%); valorização *versus* preconceito à pessoa idosa (5,39%); programas e sociedade (5,32%); disciplinas cursadas no programa (5,26%); e percepção sobre os professores do programa (4,32%). Em relação ao grau de expectativas sobre as duas instituições para terceira idade, a autora relatou que os entrevistados manifestaram, em suas falas, que o programa satisfaz as expectativas.

Na análise estrutural, Simoneau (2010) apresentou como possíveis elementos do núcleo central: aprendizagem, conhecimento e amizade; e, em relação às representações sociais sobre as UNATIs apreendidas, apontou que se encontram ancoradas em dois conceitos: a universidade como instituição de ensino superior e a tríade pessoa idosa-velhice-envelhecimento. A autora evidenciou a UNATI como um lugar para o compartilhamento entre as pessoas da mesma faixa etária, em um espaço de relacionamento social próprio para esse grupo e como um espaço para adquirir e renovar conhecimentos na velhice. Em sua conclusão, a autora comparou o programa costa-riquenho com o brasileiro, ao postular que, embora o PIAM-UCR seja um programa mais antigo, a UNATI-UERJ está mais consolidada, e os seus participantes têm um aproveitamento mais direto com os objetivos propostos.

O quinto trabalho selecionado foi a dissertação de Maria Márcia Viana Prazeres, publicada no ano de 2010, com o título “Coral na terceira idade: o canto como sopro da vida – A influência do canto coral na qualidade de vida de um grupo de coralistas idosas”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB). O estudo teve como objetivo principal investigar as influências Canto Coral como atividade na área de Música para idosos e as suas influências na qualidade de vida desse público. O grupo investigado foi o Coral “Sempre Jovem” vinculado à Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade Católica de Brasília (UNATI-UCB). Participaram da pesquisa 21 integrantes do coral de um total de 70, sendo apenas mulheres, pois os homens não se dispuseram a participar.

Na introdução do trabalho, a autora começou descrevendo o perfil do idoso na sociedade mundial. Discorreu sobre o envelhecimento nas perspectivas biológica, psicológica e social e apresentou dados que apontam características da população idosa mundial no que tange ao gênero, ao estado civil, à situação familiar e às relações de amizade. Na primeira seção, a autora apresentou, com detalhamento, os objetivos de sua pesquisa, tendo como objetivo geral analisar se a prática do Canto Coral influencia na melhoria da qualidade de vida dos idosos. Como objetivos específicos, a autora elencou os seguintes: descrever o processo de envelhecimento nas perspectivas biológica, psicológica e social; investigar que efeitos em relação à autoestima são relatados por idosos participantes do estudo; identificar as reminiscências geradas pelas canções antigas nos idosos; e apresentar os efeitos físicos, psicológicos e sociais proporcionados pela música, o canto e a participação em um coral na vida dos idosos.

Na segunda seção, a autora fez uma abordagem sobre questões que envolvem o envelhecimento populacional na atualidade, apresentou os processos biológicos e psicológicos dos idosos e abordou as concepções de autoconceito, de autoestima, de afetividade e os processos sociais que envolvem a velhice no âmbito familiar, religioso e individual. Na mesma seção, ela abordou uma subseção que tratou da atividade coral, expondo as diversas modalidades de coros, como coro empresarial, coro terapêutico, coro educacional, dentre outros. Explicou, ainda, como é feita a escolha de repertório adequado ao idoso, que contempla canções que fizeram parte de suas vidas, ao resgatar, assim, as suas memórias mais caras

para produzir um efeito nostálgico que evoca a alegria desse público. Por meio de tais argumentos, a autora considerou a atividade coral como sendo apropriada para as pessoas da terceira idade; em suas palavras: “o Canto Coral é uma das atividades artísticas que pode ser considerada bastante adequada para o idoso, pois utiliza a música, o canto e a participação em um grupo social onde é valorizado” (PRAZERES, 2010, p. 11).

Na terceira seção, Prazeres (2010) não fez uma revisão de literatura tradicional; ela optou por ir justificando os seus passos durante o processo de observação e coleta de dados amparada por autores das áreas de Educação, Música e Psicologia, cujo referencial era a TRS. A autora relatou que o seu estudo foi realizado com uma abordagem qualitativa, e os procedimentos para a coleta de dados foram um questionário socioeconômico e uma entrevista semiestruturada, com apoio na observação. Os dados foram transcritos e examinados a partir dos moldes de análise de conteúdo de Bardin (2016). O questionário socioeconômico foi composto pelos seguintes tópicos: idade, zona de origem, região onde mora, ensino, estado civil, ocupação, renda, religião, doença, uso de medicamento, atividade física praticada. Chamou-nos a atenção a amplitude da faixa etária do grupo, pois variava entre 60 e 95 anos, fato que demonstra a longevidade das pessoas envolvidas no estudo. A seção em foco se dedicou mais à descrição e às escolhas metodológicas para a realização do estudo do que a algum tipo de revisão de literatura mais formal.

Na quarta seção, Prazeres (2010) apresentou os dados do questionário socioeconômico empregado por ela e fez uma descrição do perfil dos idosos participantes. Em sua escolha para as questões, ateu-se a aspectos econômicos, aspectos sociais, formação escolar, saúde e religião. Na quinta seção, por seu turno, a autora apresentou a sua análise sobre os dados coletados nas entrevistas, dividindo-se em três categorias, cada qual com subcategorias: 1) benefício (memórias, socialização e bem-estar); 2) afetividade (autoentrega, autoestima, saudade e companhia); e 3) qualidade (competência e perseverança). A autora apresentou a sua análise com base nos relatos dos participantes sobre os benefícios que a música traz aos idosos. Dentre esses benefícios, a autora elencou os seguintes: ampliação da memória e da habilidade de reter informações; integração social e afetividade fomentadas pelo cantar em grupo; bem-estar sentido

após as atividades musicais; aumento do interesse pela vida e as demais atividades. Também se registraram relatos que mencionaram a melhoria nas condições de saúde dos participantes. Prazeres (2010) apontou para a existência de estudos que comprovam que a atividade musical pode beneficiar a saúde física e psicológica das pessoas, interferindo na melhoria de várias funções corporais, como as atividades musculares, a respiração, a pressão sanguínea, a pulsação cardíaca, o humor e o metabolismo, tudo afetado, diretamente, pela música e pelo som.

Em suas conclusões, Prazeres (2010) afirmou que o envelhecimento deve ser concebido a partir das perspectivas biológica, psicológica e social, como processos naturais e comuns a qualquer ser humano, porém distintos entre si. Mencionou relatos dos idosos vinculados à atividade de canto coral, que foram coletados nas entrevistas, os quais descrevem uma melhora na autoestima e na satisfação pessoal, corroborando que houve, para esse público, uma “[...] importante contribuição dessa atividade musical como amenizadora dos reveses provenientes do seu meio e de suas limitações inerentes à idade” (PRAZERES, 2010, p. 72).

A autora, mais especificamente, concluiu o seu estudo retomando a problemática de que o envelhecimento deve ser observado na perspectiva biológica, psicológica e social, sendo inerente a todo ser humano – e, por isso, deve ser compreendido e acolhido pela sociedade. A autora afirmou que as atividades musicais são benéficas e necessárias para os idosos e que devem fazer parte dos programas para a educação na terceira idade. De acordo com ela, “[...] a participação em Canto Coral, a música e as reminiscências geradas pelas canções antigas, como amenizadora das perdas biológicas, psicológicas e sociais é capaz de abrir possibilidades de resignificação na vida do idoso” (PRAZERES, 2010, p. 71). Nesse sentido, salientou que há necessidade de ampliação de estudos e da criação de programas que ofereçam tais benefícios à população idosa.

O sexto estudo selecionado foi o artigo de Raimunda Silva D’Alencar, Profa. Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/DFCH) e coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento em Ilhéus, no estado da Bahia. Esse artigo foi publicado em 2011, com o título “Velhice e educação ao longo da vida: um imperativo para um convívio mais humano”. O estudo teve como objetivo refletir

sobre os 12 anos de trajetória da experiência de educação desenvolvida na Universidade Estadual de Santa Cruz, que vem oferecendo oportunidades às pessoas idosas em seu entorno enquanto espaço de construção de saberes.

Em seu artigo, D'Alencar (2011) fez um relato sobre a criação e o desenvolvimento da Universidade aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/UNATI), destacando as dificuldades enfrentadas pela instituição dentro e fora de seu ambiente. O artigo foi dividido em cinco partes.

Na introdução, a autora levantou importantes questões, as quais são discutidas no decorrer do texto, como as dificuldades socioeconômicas do idoso na sociedade em que está inserido, a formação dos profissionais de educação que não abarca a faixa etária do idoso, o despreparo e a resistência dos professores, os seus colegas de universidade, em relação ao ensino dos idosos e sobre qual é a forma de educação a ser oferecida ao idoso na atualidade.

D'Alencar (2011) prossegue levantando a questão sobre o que é a cidadania hodiernamente, afirmando que tal conceito traz a ideia de relação social que se caracteriza pela relação entre sujeitos ao implicar solidariedade, respeito e reciprocidade. Nesse sentido, a autora defendeu que a educação deve atuar na construção desses sentimentos, pautando-se na ideia de que os seres humanos partilham do mesmo caminho, dúvidas, além de desenvolver a aceitação das diferenças e a compreensão para aprender a conviver. Abordou, ainda, a questão dos espaços de aprendizagem para o idoso e afirmou ser necessário “oferecer ao idoso espaços educativos que lhe permitam incrementar seu poder pessoal para manter-se saudável e integrado a seu contexto” (D'ALENCAR, 2011, p. 174).

A autora prossegue com o seu relato sobre o surgimento da UESC-UNATI, que teve a inclusão dos temas velhice e envelhecimento em 1997, por meio de um projeto de pesquisa com o objetivo de analisar a situação de pessoas inclusas em diferentes categorias ocupacionais (bancários, funcionários públicos administrativos, professores, comerciários, motoristas), seus estilos de vida, interesses, suas representações em torno da velhice e a percepção dos serviços oferecidos à população idosa. Os resultados dessa pesquisa apontaram características muito preocupantes sobre a população de Ilhéus, que, na época, mostrou um amplo desconhecimento sobre a questão da velhice, uma carga de preconceitos presentes nas falas de pessoas que compuseram a amostra da

pesquisa e um forte isolamento dos já idosos. Os resultados obtidos levaram à realização de outros três projetos e do I Encontro da Universidade com a Terceira Idade (UTI), que contou com mais 250 participantes, de maneira a conduzir para a realização de diversas ações e, posteriormente, à criação do programa para os idosos na UESC.

D'Alencar discorreu, também, sobre as dificuldades encontradas a partir da criação do Programa da Universidade Aberta à Terceira Idade (UESC-UNATI), pois embora haja uma legislação federal que garante a criação de programas como esse para a educação dos idosos, nas diretrizes das universidades, a educação de idosos não é tida como prioridade em suas políticas internas. A autora continuou a sua explanação informando que não há destinação de pró-labore para professores que se dedicam ao ensino de idosos, não há destinação de carga horária para esses profissionais, ou seja, eles precisam colocar as aulas dos idosos além de suas cargas horárias normais de graduação e pós-graduação, o que sobrecarrega os profissionais, não os motivando para se interessarem em oferecer conteúdos novos para a população de idosos.

Outro ponto importante que D'Alencar (2011) defende em seu artigo é a utilização do conceito de educação permanente como modelo adequado ao processo reintegração do idoso na sociedade. A autora, ainda, afirmou o seguinte:

[...] só pela via da educação será possível derrubar os mitos de que o idoso não aprende ou é lento para aprender, de que gosta de se isolar, de que só vive do passado, de que perdeu a flexibilidade, a capacidade de atenção e concentração, e de que é incapaz para incorporar novos conhecimentos (D'ALENCAR, 2011, p. 185).

A pesquisadora concluiu o seu estudo ponderando sobre a maneira como deve ser encarado um programa educacional para idosos, ao relatar sobre a experiências, cursos e oficinas oferecidas no período de 1998 a 2010. Mencionou que o ensino para esse público é um processo em perpétua construção, pois a sociedade em que vivemos é móvel e está sempre evoluindo, e a educação não pode ser diferente.

O sétimo estudo selecionado foi a tese de doutorado em Educação de Denise de Barros Capuzzo, publicada no ano de 2012, com o título “Elementos para

a educação de pessoas velhas¹³”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Goiás), com sede em Goiânia.

Esse estudo teve como objetivo específico realizar uma investigação que reflita, de forma crítica, a respeito da prática do ensino para a terceira idade no país, apontando os elementos que possam contribuir para o pensamento, o questionamento e a problematização da educação de pessoas velhas. Capuzzo (2012) estabeleceu como objetivos: analisar as experiências de cinco UNATIs brasileiras; identificar os alunos e educadores desses programas, procurando discutir sobre os conteúdos trabalhados, temáticas priorizadas e objetivos de cada programa; investigar a motivação dos(as) alunos(as) matriculados(as) nos programas; e conhecer a dinâmica da prática pedagógica adotada pelos docentes envolvidos.

Ademais, tal estudo foi realizado como base no método de pesquisa qualitativo, utilizando, como ferramentas de investigação, a pesquisa bibliográfica, a análise de documentos, as observações, o diário de campo e as entrevistas semiestruturadas. A autora explicou que a sua análise se deu de forma indutiva, não se detendo apenas na descrição dos fatos, de maneira que “[...] os métodos qualitativos permitem a construção de um conhecimento diferenciado por intermédio dos diversos sentidos subjetivos” (CAPUZZO, 2012, p. 16).

A partir do aumento da perspectiva de vida da população idosa, das políticas públicas existentes para essas pessoas, bem como o seu desejo para adquirir conhecimentos e se inserir novamente na sociedade, Capuzzo (2012) notou uma grande demanda na área de educação para esse público, mas, para atender a essa necessidade, seria preciso preparar metodologias. Foi quando surgiram as questões: 'Quem são os profissionais responsáveis pela educação de idosos? Existe uma formação de educadores específica para pessoas velhas?'. A partir delas, a pesquisa foi realizada.

Capuzzo (2012) introduziu a questão da educação para idosos por intermédio de um relato das mudanças em nível mundial das políticas para a terceira idade implementadas, principalmente, pela Organização das Nações

¹³ Termo utilizado pela autora.

Unidas (ONU) e pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que promoveram, a partir do final da década de 1990, assembleias e encontros com governantes dos países filiados a esses órgãos sobre quais seriam as orientações de atendimento aos idosos em nível social, econômico, saúde e de reinserção no seu ambiente de convívio.

A autora apontou que não há como fazer esse processo funcionar sem a participação da educação. Para tanto, iniciou uma abordagem de como essa educação deve ser preparada para atender a esse público e discorreu sobre as bases da educação e os ajustes necessários para tal atendimento. Em sua segunda seção, a autora apresentou um relato sobre as experiências das UNATIs em cinco instituições em nosso país e, em seguida, fez uma comparação entre esses programas em relação a seus objetivos, ações, dinâmica de trabalho e formação de seus professores envolvidos no processo de ensino de idosos. Na terceira seção, foi feita uma discussão sobre a formação de professores na perspectiva de atuação com pessoas idosas, segundo o olhar da autora. Ela também teceu uma análise sobre a produção bibliográfica, que ela mesma denomina “pequena produção bibliográfica” existente na época de confecção da tese e, a partir dessas matérias, proferiu reflexões sobre a formação dos professores, sugerindo algumas diretrizes para o trabalho com esse público.

Na quarta seção, Capuzzo (2012) apresentou uma análise de dados de sua investigação, na qual expõe que a sua pesquisa de campo foi realizada na UNATI da PUC Goiás, onde observou os alunos e as práticas pedagógicas em 15 oficinas que contemplaram conteúdos nas áreas de Educação, Saúde, Esporte e Artes. Nessa seção, a autora reportou que as oficinas com maior interesse e frequência por parte dos idosos eram as que tratavam da afetividade ou propiciavam um contato mais afetivo, prático e estimulavam o convívio e a interação social entre os idosos. Os resultados desse tipo de abordagem realizada durante o trabalho dos professores tiveram grande aprovação, constatados por meio da participação dos idosos no dia a dia das oficinas, sobretudo pelo alto índice de assiduidade nas aulas.

A autora, ainda nessa seção, apresentou as características principais dos participantes de seu estudo nos cinco programas analisados, sendo que os participantes, em sua maioria, são mulheres, com percentuais superiores a 90%

em dois programas, a UNATI PUC Goiás e a Universidade da Maturidade, programa da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Os grupos apresentaram heterogeneidade no que se refere à formação escolar, pois contaram com participantes que não tinham formação escolar (analfabetos) até outros com pós-graduação.

Em relação aos conteúdos programáticos das instituições, Capuzzo (2012) identificou a existência de três grandes áreas: a área das atualidades, a área de preservação da saúde e a área de conhecimentos específicos. A autora afirmou que os conteúdos das oficinas e das disciplinas estão, em sua maioria, voltados para as temáticas que envolvem os aspectos socioculturais, psíquicos, físicos, motores e políticos. Nos dados que são referentes à motivação dos idosos participantes, mesmo considerando as limitações que a idade traz à saúde física, dificuldades para locomoção e/ou até de características depressivas, de um modo geral, apresentam uma grande motivação para participar das atividades, costumam chegar adiantados aos horários e exigem pontualidade dos professores. Dentre os objetivos a serem alcançados pelos idosos, a autora apresentou uma lista:

[...] “aprender a dizer não”, “ter autoestima”, “elevar o astral”, “fugir do tédio”, “se preparar para a velhice”, “aprender a conviver com os jovens de hoje”, “se respeitar”, “conviver com as diferenças”, “pensar mais em si mesmo” [...] (CAPUZZO, 2012, p. 89, aspas da autora).

A autora enunciou que os idosos devem se manter ativos em seus processos de aprendizagem, e que o educador que trabalha com eles, por sua vez, deve estar ciente que esse público requer um ensino ativo, propositadamente orientado e ligado ao contexto sociocultural (CAPUZZO, 2012). Os resultados de suas análises apontaram que os conhecimentos construídos durante a formação inicial e continuada dos professores são relevantes, porém essa experiência formativa não os preparou para o ensino dirigido aos idosos. A autora salientou que o saber produzido pela experiência é muito presente na rotina diária desse professor e que deve lançar mão de afetividade, paciência e conhecimento sobre o processo de envelhecimento humano para o seu aprimoramento nas práticas pedagógicas empregadas em cursos destinados a idosos (CAPUZZO, 2012).

A autora concluiu a pesquisa postulando que a área educacional para idosos é um campo novo de pesquisa e precisa de mais descobertas, bem como necessita de matrizes curriculares e saberes sobre terceira idade nos diversos cursos de licenciatura e bacharelado em nosso país, nos quais se encontram os futuros profissionais que poderão trabalhar com idosos (CAPUZZO, 2012). Ademais, em sua conclusão, a autora elencou as competências que os professores devem dominar para o ensino de idosos, dentre as quais são citadas as competências técnicas, científicas e políticas. A autora apontou para a necessidade de uma formação na área de Gerontologia como importante no cabedal desse professor. Um aspecto destacado nos depoimentos dos idosos na prática educativa foi a afetividade. Nas palavras da autora: “o educador afetuoso e ético aparece como o grande mediador do desenvolvimento de seus alunos” (CAPUZZO, 2012, p. 101).

Para a autora, a educação permanente já é vista como algo importante, e que as pesquisas realizadas até agora, comprovadamente, beneficiam os idosos em diversas áreas de suas vidas. Ressaltou, ainda, a necessidade da realização de estudos acadêmicos sobre o envelhecimento em diversas áreas do conhecimento humano, a fim de podermos aprender mais sobre essa importante fase da vida. Sugeriu, também, a realização de estudos a respeito das representações sociais de idosos e de seus educadores.

O oitavo estudo selecionado se trata da dissertação de Bárbara Borges e Jesus, publicada no ano de 2012, com o título “Docência: um olhar para a terceira idade”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), com sede em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul.

Esse estudo se inseriu na linha de pesquisa “Práticas pedagógicas e suas relações com a formação docente”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O seu objetivo principal foi o de analisar os processos de formação profissional dos professores que atuaram em Universidades da Terceira Idade e as concepções sobre educação para idosos que possibilitam a construção de suas práticas docentes. A pesquisadora também buscou observar no trabalho docente voltado para as pessoas na terceira idade quais foram os aspectos presentes em sua formação inicial e continuada para esse trabalho; investigar as concepções dos professores sobre o processo de ensino e

aprendizagem dos idosos; e realizar uma análise acerca dos saberes contemplados em seu fazer pedagógico. Sendo um estudo de caráter qualitativo, Jesus (2012) utilizou questionários estruturados aplicados a partir de entrevistas individuais, por meio dos quais se investigou a construção do conhecimento pedagógico relacionado ao ensino de idosos. Foram entrevistados seis professores ligados à Universidade Aberta da Terceira Idade – UNATI, do Programa de Gerontologia Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiânia – PUC/GO.

Na primeira seção, Jesus (2012) abordou a formação de professores, discorrendo sobre os conceitos de professor reflexivo, autônomo e na condição de agente transformador, bem como a sua formação inicial e continuada. Abordou, também, os conceitos relativos aos saberes docentes, buscando encontrar os saberes que são contemplados na prática do professor de cursos voltados para idosos.

Na segunda seção, Jesus (2012) apresentou o percurso metodológico empreendido para o desenvolvimento da pesquisa realizada com seis professores selecionados que ministravam aulas na Universidade Aberta à Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Na mesma seção, a autora fez uma apresentação do contexto da universidade pesquisada, discutindo as características do ensino dessa instituição, ao mostrar os seus princípios e concepções sobre o pensamento de educação para idosos. Na terceira seção, por sua vez, a autora fez uma descrição e uma análise dos dados coletados, por meio de uma discussão embasada no referencial teórico apresentado. Também foram assinaladas, identificadas e examinadas as concepções sobre o envelhecimento humano, exteriorizadas nas entrevistas realizadas com os professores. Ademais, foram coletados os saberes necessários na efetivação da prática didática com o público idoso participante da instituição que foi o campo da pesquisa.

Dentre os resultados apresentados, a autora dividiu a sua investigação criando indicadores para entender as escolhas dos professores participantes. Todos eles afirmaram que nunca intencionaram trabalhar como docentes, mas surgiram oportunidades na área assim que concluíram as suas graduações, ou seja, todos ingressaram na carreira por causa da proposta de trabalho. Jesus (2012) mencionou, em sua análise, que nenhum dos participantes teve conteúdos em sua formação para os ensinar a lecionar para idosos, mas todos concordam que

isso poderia ser feito por meio de uma formação continuada. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem dos idosos, os professores relataram que é visível a demonstração de interesse, a vontade, o prazer e o desejo de continuar aprendendo demonstrados por seus alunos. Jesus (2012) relatou que os professores afirmam ser notadamente perceptível a evolução na vida dos idosos que frequentam as aulas, já que eles se sentem valorizados e inseridos na sociedade.

Outro dado encontrado por Jesus (2012, p. 65) em seu estudo é “[...] que a maioria dos professores entrevistados sente dificuldade em encontrar o melhor meio para ensinar os idosos, por se tratar de uma nova demanda da área da educação”, e que tal dificuldade pode ser justificada pela baixa assiduidade dos alunos, tornando árdua a jornada docente. A autora relatou que, apesar desse fator, os professores mencionam que os idosos têm outras características que ajudam na sequência do trabalho; dentre elas, são citadas a disciplina, a alegria, a persistência, a abertura e o desejo por novos conhecimentos.

Em suas considerações finais, Jesus (2012) apresentou uma síntese dos resultados da pesquisa, enfocando que o desenvolvimento de seu estudo foi motivado pela preocupação a respeito do exercício da prática docente voltada para idosos e da carência de discussões sobre esse tema. Manifestou, ainda, que, embora a escolha desses professores pela docência com idosos tenha ocorrido de maneira ocasional, a sua identificação com o público em questão e a busca pela melhoria das relações sociais na vida dos idosos que frequentam as UNATIs constituem um dos principais motivos que os mantêm nesse trabalho.

Foram apresentados alguns saberes que a autora considerou necessários para a atuação do professor no ensino de idosos, como conhecer as peculiaridades da aprendizagem do idoso decorrentes de sua idade e adaptar ou criar métodos didáticos para serem usados no ensino desse público, chamando pela necessidade de estudos acadêmicos sobre o envelhecimento, nas diversas áreas de conhecimento humano, para, assim, possibilitar qualidade e o bem viver aos idosos. A autora concluiu que a educação de idosos e o aprendizado da sociedade sobre o processo de envelhecimento irão contribuir para a mudança do estereótipo negativo que envolve a velhice – e que poderá favorecer a criação de uma sociedade mais justa e inclusiva.

O nono estudo selecionado foi a dissertação de mestrado de Kátia Milene de Lima da Conceição, publicada no ano de 2013, com o título “Música e idosos: a relação ensino/aprendizagem em três oficinas de música na cidade de São Paulo”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/*Campus* de São Paulo).

Os seus objetivos foram observar e descrever como se desenvolveram os ensinamentos e as práticas docentes empregadas nas três oficinas realizadas; e verificar as relações que se estabeleceram no contexto ensino/aprendizagem musical para idosos. As oficinas foram ministradas nas instituições Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual Paulista (UNATI/UNESP), no SESC Consolação (São Paulo) e na Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo (UNATI/USP).

Na introdução de sua pesquisa, Conceição (2013) apresentou uma descrição do idoso na sociedade em que vive, o seu contexto socioeconômico e expôs as carências dessa população em diversos campos: do familiar ao social. Logo, a autora apresentou um levantamento de teses e dissertações com recorte no período dos anos de 2008 a 2012, em que apontou para uma pequena produção em sua temática. Na segunda seção, a autora destacou questões legais e as políticas públicas para o idoso. Discorreu, ainda, sobre o ponto de vista da gerontologia e de profissionais da área da Saúde em relação às características biológicas, sociais e intelectuais do idoso na atualidade, e finalizou justificando como o ensino de música pode colaborar com benefícios para o idoso em todas essas áreas. Na terceira seção, a autora realizou uma descrição do perfil dos idosos participantes dessa pesquisa e revela que há uma predominância do gênero feminino, sendo apenas de 10% o número de pessoas do gênero masculino.

Por sua vez, na quarta seção, Conceição (2013) fez uma descrição das oficinas. Ela iniciou falando sobre os programas nos quais elas foram oferecidas e, em seguida, as relata separadamente, nesta ordem: a oficina ‘As experiências de ouvir música na UNATI/UNESP’; a oficina ‘Canto Coral da Terceira Idade no SESC Consolação’; e, por último, a oficina ‘As experiências de ouvir música na UNATI/USP’. Na quinta seção, a autora abordou a fundamentação teórica, na qual utilizou os referenciais teóricos desta pesquisa, fundamentando-se em autores que

discutem a relação ensino/aprendizagem/idosos e na Lei nº 10.741/2003, vigente no Brasil, com nomes como Paulo Freire, Carl Rogers, Agostinho Both e Violeta Gainza.

Na sexta seção, Conceição (2013) apresentou uma análise baseada em suas observações que apontam para os elementos de convivência que interferem, positivamente, na aprendizagem, como o afeto e o respeito, que foram sendo intensificados ao longo dos encontros, ao chamar atenção para a afetividade recíproca entre docentes e discentes, o que constituiu um fator decisivo para a permanência dos idosos nas oficinas.

Outro importante fator foi a postura dos professores que, durante as oficinas, demonstravam naturalidade e domínio ao apresentar os conteúdos, agindo como facilitadores para o aprendiz. Em relação ao aprendiz musical durante as oficinas, a autora se deteve em relatar os resultados gerais e metodológicos, e não abordou quais conteúdos foram ensinados ou obtiveram maior sucesso de aprendizagem. Contudo, ela chamou a atenção para a metodologia de ensino utilizada, que estimulou aspectos cognitivos, atributos intelectuais e emocionais, ao incentivar a criatividade, o senso crítico e reforçar a autoestima dos idosos, a fim de valorizar as experiências dos idosos participantes. A autora afirmou, ainda, que as oficinas propiciaram “uma convivência prazerosa, o autoconhecimento, a permuta de saberes e a realização do sonho da aprendizagem musical” (CONCEIÇÃO, 2013, p. 94).

Nas considerações finais, Conceição (2013) fez um apanhado geral de sua pesquisa, descrevendo o seu período de observação, de coleta de dados e de análise, além de reafirmar as suas percepções acerca das três oficinas de música ministradas para os idosos. Ela também abordou o caráter amistoso e interativo entre professor e alunos/participantes e estabeleceu relações entre os autores de referência que utilizou e os dados coletados. Discorreu sobre o caráter respeitoso e inclusivo dos programas destinados à terceira idade que observou e concluiu que a atividade musical pode ser transformadora e fundamental para a melhoria da qualidade de vida dos idosos.

O décimo trabalho selecionado foi o artigo de Kathya Maria Ayres de Godoy, Aline Shinzato da Silva, Camila Moura Alves e Caroline Dini Alexandrini, cujo título é “O idoso e a arte na UNATI”, publicado no ano de 2015 no 8º Congresso de

Extensão Universitária da UNESP, vinculado ao Programa de Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/*Campus* de São Paulo).

Nesse estudo, as autoras iniciaram fazendo um histórico da criação do projeto institucional de extensão universitária, intitulado ‘Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI/UNESP)’, que se deu no ano de 2001, no *campus* localizado no bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo. Essa descrição resume o processo de transformação da UNATI/UNESP de seu início até o ano de 2014, que tem como objetivo proporcionar ao público da terceira idade a inserção no meio universitário de uma forma diferenciada por intermédio das Artes e de processos que abarcam o envelhecimento saudável. Descreve, também, os seus métodos de ensino que passam por combinar ações integradas entre os professores e estudantes de graduação com os idosos em atividades nas quais eles sejam os protagonistas, ressaltando a importância desse trabalho para a formação profissional dos estudantes. Para obter público, foram feitas ações conjuntas com outras instituições privadas e centros comunitários para quebrar a barreira entre o meio acadêmico e o cidadão da comunidade externa, ao promover, assim, um encontro intergeracional.

As autoras relataram que houve uma grande oferta de atividades voltadas para os idosos desde que a UNATI/UNESP foi criada, gerando trabalhos artísticos, intelectuais e acadêmicos. Dentre as atividades ofertadas, destacam-se as oficinas para ouvir música, que trabalharam abordando a leitura-escuta musical, ao instigar a experiência auditiva dos participantes, induzindo-os a construir a significação auditiva em três instâncias: informativa, analítica e criativa. As autoras expuseram que os principais compositores das músicas escolhidas foram Pixinguinha, Chico Buarque e Ernesto Nazareth. Durante os dois anos em que o projeto teve sua realização, foram atendidos 439 idosos com idade superior a 65 anos, um dado que aponta para a grande aceitação do público de idosos em relação às atividades e oficinas ofertadas. No que se refere às áreas artísticas que foram desenvolvidas com os idosos, ressaltam-se as seguintes: desenho, pintura, canto coral, xilogravura, expressão corporal, encadernação, fotografia, cerâmica, Teatro do Oprimido, danças brasileiras somadas às atividades de vivência em ateliê coletivo e experiências de ouvir música.

Godoy *et al.* (2015), na conclusão do artigo, evidenciaram a participação em eventos científicos em outras instituições, onde foram apresentados trabalhos e relatos de experiência. Também mencionaram a criação de exposições com obras de arte dos idosos afetos à UNATI/UNESP, que continham pinturas, xilogravuras, desenhos e cerâmicas, dentre outras, e terminam quantificando os participantes da terceira idade ao longo dos anos, ao reforçarem a importância da articulação entre as áreas de pesquisa e o ensino com criatividade na universidade pública.

O décimo primeiro estudo selecionado foi a tese de doutorado de Gisele Pasquini Fernandes, com o título “Educação para além do tempo: a UNATI como um espaço acadêmico aberto”, defendida em 2020, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM/*Campus* sede), na cidade de Maringá, no Paraná. O estudo teve como objetivos compreender, por meio de um levantamento bibliográfico, como surgiram as Universidades Abertas à terceira Idades (UNATIs), observar como se deu a criação da UNATI/UEM, abrangendo o envolvimento das políticas públicas e a efetivação de direitos de atendimento à população idosa, além de investigar os impactos na vida dos alunos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que lançou mão de entrevista semiestruturada para a obtenção de informações. As entrevistas foram realizadas de forma individual (embora não conste se foi em regime presencial ou remoto), gravadas em áudio e transcritas. Posteriormente, foram elaboradas categorias de análise, de acordo com a proposta de Bardin (2016).

Nessa pesquisa, Fernandes (2020) abordou, em sua introdução, o aumento da longevidade da população mundial, sendo causado, atualmente, por mudanças no comportamento do homem, ao apontar para fatores, como as melhorias nos cuidados com a saúde, habitação, alimentação, práticas sociais, dentre outros aspectos responsáveis dessa ampliação na expectativa de vida. A autora relatou que as mudanças nas questões sociais e econômicas criam a necessidade de se viabilizar uma nova experiência do envelhecer, em que as pessoas sejam preparadas para os anos a mais, mantendo-se ativas. Fernandes (2020) corroborou o seu raciocínio com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostram um aumento significativo de idosos em nosso país: de 4,1% para 13%, em 2018, na população idosa. Nas palavras da autora: “tais dados mostram

a necessidade de que a sociedade e o Estado procurarem respostas para a demanda dos cuidados dos longevos” (FERNANDES, 2020, p. 7).

Na segunda seção, a autora fez uma abordagem a questões sociais sobre a velhice, expondo um panorama de como o idoso se vê e como ele é visto pelo meio em que está inserido. Já na terceira seção, Fernandes (2020) tratou dos aspectos legais sobre os direitos do idoso no Brasil, destacou as políticas públicas em vigor, suas repercussões e analisou as legislações nacionais comparativamente aos planos de Viena e Madri. Nas seções de números quatro e cinco, Fernandes (2020) fez uma abordagem filosófica sobre a UNATI/IEM dentro do ambiente universitário, apontando para questões do campo social, acadêmico e pedagógico, de maneira a levantar aspectos sobre o formato educacional voltado para o idoso.

Na sexta seção, a autora efetuou uma apresentação da estrutura administrativa, acadêmica e pedagógica da UNATI/UEM. Ao expor a estrutura da UNATI/UEM, a autora se apoiou em dois eixos: o sistema de participação democrática do quadro administrativo e a participação conjunta de professores, alunos e da comunidade externa ao ambiente da universidade. Fernandes (2020) descreveu o perfil dos alunos integrados à UNATI, destacando que a maioria dos inscritos é composta por mulheres, ou seja, de um total de 467 inscritos em 2019, eram 382 (82%) mulheres e 85 (18%) homens. A autora apresentou outra característica importante, que é o fato de haver entre os alunos uma maior proporção de viúvas. De acordo com Fernandes (2020), por tradição, a mulher inclina-se a se casar com homens mais velhos do que ela. Como a mortalidade masculina é maior do que a feminina, há um aumento da probabilidade de a mulher viver mais tempo comparativamente ao seu cônjuge.

Outro dado apresentado por Fernandes (2020) se referiu à idade dos participantes, sendo que a faixa etária com mais pessoas inscritas é a de 60 a 69 anos, com 228 idosos, seguida pela faixa de 70 a 79, com 208. A autora também apresentou dados sobre a formação escolar dos idosos inscritos, afirmando que “[...] os números mostram que a experiência acadêmica dos alunos da UNATI/UEM é razoável [...]” (FERNANDES, 2020, p. 156). Ou seja, 33% das pessoas têm Ensino Superior completo ou incompleto e 18% têm pós-graduação. Em relação ao estado civil, os dados coletados por Fernandes (2020) mostraram que, do total de alunos, 47% eram casados, 24% eram viúvos, 14% eram solteiros no momento da

matrícula, 11% eram divorciados, 2% viviam em regime de união estável e 3 pessoas não informaram o estado civil. No quesito nível de renda, a autora relatou que 23% dos idosos inscritos tinham renda mensal entre 4 a 6 salários-mínimos, 20% 3 salários-mínimos, 20% 2 salários-mínimos, 19% 1 salário-mínimo, 14% acima de 6 salários-mínimos e 4% não informaram a sua renda.

Em suas considerações finais, Fernandes (2020) teceu reflexões sobre a sua pesquisa, apontando conclusões que, segundo ela mesma, são momentâneas e provisórias, mas que têm uma importância para estimular futuros trabalhos sobre as questões que envolvem a educação de idosos dentro do ambiente universitário. A autora afirmou que, no caminho que trilhou durante o seu estudo, lançou um olhar transdisciplinar nas investigações, versando sobre aspectos políticos, sociológicos, antropológicos, biológicos, psicológicos e pedagógicos da UNATI/UEM e sobre as questões do envelhecimento e da longevidade.

Por fim, o décimo segundo estudo selecionado para esta revisão bibliográfica foi a dissertação de Igor Moura Danieleviz e Silva, com o título “As representações sociais de velhice em um projeto de extensão destinado às pessoas idosas”, defendida em 2021. A dissertação está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande. O estudo teve como objetivo identificar as representações sociais de velhice no projeto de extensão: “Envelhecimento ativo: saúde e bem-estar para a pessoa idosa”, do Programa Universidade Aberta à Pessoa Idosa, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UNAPI/UFMS), em Campo Grande/MS.

Silva (2021) abriu a sua introdução relatando um pouco de suas experiências pessoais e familiares que justificam o seu interesse pelo tema. O autor fez um panorama de nossa sociedade apresentando as formas pelas quais o idoso é geralmente visto em seu meio de convívio. Abordou, também, a longevidade e o seu impacto na previdência pelo aumento da população idosa, as políticas públicas para essa parcela de nossa população e a demanda para programas de ensino de idosos que se formou em nosso país. Em um primeiro momento, Silva (2021) apresentou a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici, utilizada em sua pesquisa. O autor construiu nesse trecho uma relação entre as TRS e as pesquisas na área de Ciências Humanas, as contribuições da TRS para os estudos sobre a velhice e, por fim, apresentou uma revisão bibliográfica sobre

as pesquisas realizadas em contextos educativos para os idosos, cujo referencial era a TRS.

Na segunda seção, Silva (2021) fez uma análise sobre o idoso na sociedade contemporânea, mostrando os aspectos que interferem na visão que as pessoas têm sobre o idoso. Abordou, ainda, os aspectos relativos à saúde, os problemas fisiológicos causados pela idade e o *status* social que o idoso tem. O autor apresentou dados de teor quantitativo que demonstram, em números, a situação geral do idoso dentro do meio. Na terceira seção, são apresentadas as políticas públicas nacionais e internacionais que regulamentam a criação de programas e cursos de extensão para os idosos, seguida de uma análise sociodemográfica da região Centro-Oeste brasileira, justificando, assim, a criação do programa da Universidade Aberta à Pessoa Idosa da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UNAPI/UFMS), em agosto de 2018, com o objetivo principal de proporcionar um espaço que favorece o respeito entre as diferentes gerações, em que o idoso seja valorizado e possa adquirir e aperfeiçoar conhecimentos, habilidades e competências, sendo protagonista de seu processo de envelhecimento para se reinserir na sociedade.

Na quarta seção, o autor evidenciou os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do trabalho, iniciando pela perspectiva da pesquisa qualitativa. Esse estudo se apoiou na TRS para investigar os seus objetivos, enquadrando-se nos moldes de pesquisa qualitativa, ao se empregar de pesquisa empírica para “[...] verificar como as representações se constroem e se modificam no interior de grupos sociais específicos, a fim de ilustrar o papel dessas construções consensuais nas relações desses grupos” (SILVA, 2021, p. 64).

Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas e categorizadas, segundo a técnica do referencial de análise de conteúdo de Bardin (2016). Para a análise dos dados textuais, o autor utilizou o *software* ALCESTE, para, assim, delinear o perfil das pessoas que participaram da coleta de dados. Os participantes da pesquisa foram 4 pessoas idosas e 5 extensionistas da área de Fisioterapia. Foram investigados os elementos constitutivos de suas representações sociais sobre o processo de envelhecimento. Em outras palavras, buscou-se investigar, por meio dos relatos dos participantes, as representações sobre a velhice antes e depois do início do projeto, bem como

as representações/informações socializadas no projeto e as mudanças trazidas para as suas vidas.

Na quinta seção, Silva (2021) desenvolveu uma análise sobre o material coletado em sua pesquisa e promoveu uma discussão de duas unidades principais, que ele chamou de “velhice” e “idoso(a)”, abrangendo as seguintes categorias: aposentadoria, declínio corporal e estigma, as quais foram relacionadas à unidade “velhice”, e as categorias autogestão da pessoa idosa, socialização e intergeracionalidade, referentes à unidade “idoso(a)”. O autor destacou que existem conceitos distintos relacionados a determinados termos. Aliás, ele citou que há uma imagem positiva quando se usa o termo “idoso(a)” e que, contrariamente, quando se usa o termo “velho(a)”, há uma imagem negativa atrelada a essa expressão. Dessa maneira, podemos enxergar que as categorias atreladas à velhice são de cunho mais negativo, e as atreladas ao idoso de cunho positivo. Essas diferenças ajudaram a localizar os pontos de concordância e discordância entre os grupos de pessoas que participaram das entrevistas – e, conseqüentemente, as representações sociais particulares de cada grupo e as compartilhadas entre os dois grupos.

Nas considerações finais, o autor enfatizou as suas percepções sobre as análises realizadas, nas quais identificou duas representações sociais de velhice, sendo a primeira relacionada a uma visão ocidental arraigada, que é a velhice como uma etapa da vida em desprestígio, declínio corporal e estagnação, e a segunda representação social tem relação com o reconhecimento do(a) idoso(a) após a participação no projeto, ao haver uma “ressignificação da identidade da pessoa em idade avançada, que mesmo nesta condição pode adquirir novos conhecimentos e a capacidade necessária para continuar sendo saudável e ativa” (SILVA, 2021, p. 106). O autor reforçou o conceito que a participação dos idosos em programas voltados para a terceira idade incide, positivamente, em sua qualidade de vida tanto no aspecto físico quanto no social, de maneira a reconstruir a identidade da pessoa idosa, inserindo-a novamente na sociedade.

Após a descrição das pesquisas que compuseram o *corpus* de análise deste estudo (teses, dissertações e artigos científicos), verificamos que há diversas questões que envolvem o idoso que necessitam ser socialmente resolvidas. Nos trabalhos, está clara a necessidade de devolver a esse público o seu lugar de direito

na sociedade. Lugar que, em muitos casos, é apenas de figurante em sua comunidade ou em sua família. Por vezes, eles assumem funções que não deveriam mais exercer, como cuidadores dos netos, cozinheiros dos filhos ou até de pilares de sustentação econômica de seus familiares (PNAD..., 2020). Outro aspecto importante para solucionar essa problemática é preparar adequadamente os docentes vinculados às universidades que oferecem programas e atividades a idosos, bem como seus alunos dos diferentes cursos de graduação, a fim de que tenham uma metodologia propícia para o público com quem trabalham. Nota-se uma necessidade com determinação legal para a preparação de cada vez mais profissionais, inclusive na área de Educação, que possam oferecer materiais e serviços pertinentes aos anseios e carências dessa modalidade de público.

Nesta revisão de literatura, os estudos analisados revelaram que os programas para pessoas da terceira idade envolvem uma questão política garantida pelo nosso governo, como na Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, em seu Artigo 25º, que postula: “As instituições de educação superior ofertarão às pessoas idosas, na perspectiva da educação ao longo da vida, cursos e programas de extensão, presenciais ou a distância, constituídos por atividades formais e não formais” (BRASIL, 2003, *on-line*). De maneira mais específica, essa lei assegura, em seu parágrafo único, que “**o poder público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas** e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual” (BRASIL, 2003, *on-line*, grifos nossos).

Portanto, para que essa legislação se cumpra, é preciso desenvolver abordagens pedagógicas, metodológicas e didáticas para o atendimento dessa demanda reprimida. Os idosos de nosso tempo necessitam que, além da existência de programas, como as Universidades Abertas à Terceira Idade, existam profissionais preparados para ministrar os conteúdos adequados a eles; que sejam relevantes no contexto social no qual estão inseridos; e que possam ter ajuda para se integrarem na sociedade, tornando-se sujeitos atuantes.

Em relação às UNATIs, objeto de estudo dos trabalhos citados nesta revisão, gostaríamos de destacar que nem todas estão lotadas nas universidades; em alguns casos, os programas pertenciam a outras instituições. Mencionamos, a título

de exemplo, dois trabalhos: a tese de Capuzzo (2012), que investigou 5 UNATIs de outras instituições; e a dissertação de Simoneau (2010), que, além da UNATI/UERJ (pertencente à instituição em que a pesquisa foi realizada), investigou a PIAM, programa situado na Universidade da Costa Rica (UCR). Em termos numéricos, foram objeto de estudo pelos trabalhos supramencionados 18 programas, sendo 11 deles pertencentes a universidades públicas, 5 a universidades privadas e duas a instituições ligadas ao comércio (SESC). Como objeto de investigação, a UNATI/UERJ é mencionada em 4 trabalhos, a UNATI/USP em 3 trabalhos e a UNATI/UNESP em 2.

Por meio da revisão de literatura, verificou-se, ainda, que ocorreram mudanças em nossa sociedade devido ao aumento de pessoas longevas a cada ano. Além disso, foi possível mapear o que já se produziu sobre o nosso objeto de estudo e temas correlatos, permitindo evidenciar a originalidade do presente estudo. Nos programas analisados pelos estudos aqui revistos, podemos encontrar diversas semelhanças em relação ao cidadão idoso que frequenta as UNATIs ou os que buscam programas de ensino específicos para idosos. Nos estudos de Vieira (2005), Ordonez e Cachioni (2009), Simoneau (2010), Prazeres (2010), Capuzzo (2012) e Fernandes (2020), encontramos dados que apontam que as UNATIs são procuradas por um público amplamente feminino; em alguns casos, há relatos de que os homens não apresentam interesse em participar de atividades para a terceira idade.

No que se refere ao conteúdo dos estudos revisados, encontramos oito autores que sugerem que a alternativa mais adequada para a metodologia de ensino de idosos é um formato que combine educação permanente e educação continuada (nos moldes que foram tratados nas subseções 2.2 e 3.3 deste estudo), ou seja, que ofereça aos idosos conteúdos necessários à sua atualização tecnológica, inserindo-os em um ambiente onde possam aprender, trocar experiências e conhecimentos, que os reintegrem na sociedade e que os permitam a continuar a se desenvolver enquanto necessitar e desejar (CAPUZZO, 2012; D'ALENCAR, 2011; FERNANDES, 2020; JESUS, 2012; ORDONEZ; CACHIONI, 2009; PRAZERES, 2010; SIMONEAU, 2010; VIEIRA, 2005). Tal modelo de educação vai ao encontro do que é realizado pela UNATI/UEM, que defende e

utiliza o mesmo modelo de ensino para os seus participantes, como expusemos na terceira seção desta tese.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a presente pesquisa se diferencia das pesquisas aqui elencadas em razão de nenhuma utilizar a Teoria das Representações Sociais como abordagem teórico-metodológica para investigar as representações sociais dos idosos vinculados à Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI-UEM) acerca do processo de aprendizagem nas disciplinas de música e de sua participação nesse programa. Apesar de apenas quatro pesquisas trabalharem com a TRS (SIMONEAU, 2010; CAPUZZO, 2012; TEODORO, 2006; SILVA, 2021), verificamos que Simoneau (2010) buscou compreender as representações sociais dos idosos sobre o trabalho desenvolvido em duas UNATIs. Capuzzo (2012), por sua vez, realizou um estudo que investigou as representações sociais dos idosos de cinco UNATIs e analisou a formação dos docentes envolvidos para trabalhar com esse público.

Nos trabalhos de Teodoro (2006) e Silva (2021), investigaram-se as representações sociais sobre a velhice. Por outro lado, quatro pesquisas abordaram as atividades de música dentro das UNATIs (PRAZERES, 2010; CONCEIÇÃO, 2013; GODOY *et al.*, 2015), enfocando atividades de ensino musical no campo do Canto Coral (mesma área nossa), mas não utilizaram a TRS como referencial teórico. O estudo de Capuzzo (2012) tratou do ensino de idosos em oficinas de conteúdos de diversas áreas, incluindo música (Canto Coral, Canto, leitura musical e apreciação musical), ao investigar RS durante o seu estudo, mas não estudou os integrantes das aulas de música com um olhar específico ou atento às suas peculiaridades.

Um ponto que foi unanimidade em todos os estudos constantes nesta revisão de literatura foi a questão do aumento da longevidade do cidadão idoso e a necessidade melhorar as suas condições de vida, independentemente de seus interesses de estudo. Todos concordam que é necessária uma mudança no olhar da sociedade em relação ao idoso – e que não podemos, enquanto cidadãos, permitir que a situação de exclusão social do idoso continue a existir. Destacamos, ainda, que a única pesquisa realizada na região Sul (FERNANDES, 2020), que trabalhou com o corpo discente da UNATI-UEM, não contempla o nosso objeto de estudo, pois esse trabalho se baseia na observação e não deu voz aos idosos.

Em vista disso, torna-se relevante a realização de uma pesquisa que estude as representações sociais dos idosos vinculados a esse tipo de instituição em nosso país, acerca do processo de aprendizagem nas disciplinas de música e de sua participação nesse programa. Dessa forma, a nossa pesquisa consiste em ouvir os idosos, dando-lhes voz para expressar as suas necessidades e desejos. Queremos entendê-los por meio de suas falas e encontrar caminhos e soluções para melhorar o seu processo educacional de ensino nas aulas de música das quais participam. Em outras palavras, almejamos entender as representações sociais que os idosos têm sobre a sua participação na UNATI-UEM – e qual é a relevância dessa instituição em suas vidas.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender ao questionamento e aos objetivos da pesquisa, esta investigação contou com as experiências dos alunos inscritos nas disciplinas de música da UNATI-UEM. Sob a lente da TRS, buscamos investigar, descrever, interpretar, identificar e localizar os saberes, os comportamentos e as atitudes a partir de suas vivências e experiências no grupo acerca do tema.

6.1 Características da pesquisa

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa. Segundo Vieira e Zouain (2005), a pesquisa qualitativa confere importância primordial aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Assim, esse tipo de pesquisa privilegia a descrição detalhada dos fenômenos e dos componentes que os envolvem.

Ao discutir as características da pesquisa qualitativa, Creswell (2007) destaca que, na perspectiva qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta de dados, e o pesquisador é o seu principal instrumento, sendo que os dados coletados são predominantemente descritivos. Assim, o nosso interesse ao estudar as representações sociais dos idosos sobre música na experiência da UNATI-UEM, em um contexto de educação permanente e não formal, é identificá-las e entender qual é o papel do ensino de música na criação dessas RS.

Esse estudo se classifica, ainda, como uma pesquisa descritiva, uma vez que tem por método descrever criteriosamente os fatos e fenômenos, de forma a obter informações a respeito daquilo que já foi definido como problema a ser analisado (TRIVIÑOS, 2008).

No que tange à abordagem, essa pesquisa é classificada como teórico-empírica. A pesquisa teórico-empírica dedica “[...] ao tratamento da face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural” (DEMO, 2000, p. 21). Segundo o autor, o significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas esses dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática.

6.2 Campo da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI-UEM) situada na Universidade Estadual de Maringá, em Maringá-PR. A escolha das pessoas para fazer a pesquisa se deu pelo fato de trabalharmos com esse órgão desde julho de 2010 e o coordenarmos por um período de quatro anos, entre outubro de 2016 e outubro de 2020. Nesse período, pudemos observar as carências, os desejos e a realidade do aluno de música integrado à UNATI-UEM.

6.3 Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa 20 idosos da UNATI-UEM, sendo 15 mulheres e 5 homens, todos regularmente matriculados.

Em relação à formação educacional e profissional, encontramos pessoas das mais distintas áreas de atuação, representantes de muitos setores da comunidade maringaense. Embora não se registrassem questões sobre o local de nascimento no questionário sociodemográfico, durante as entrevistas semiestruturadas, várias pessoas mencionaram ter vindo de outros estados brasileiros, revelando que escolheram a cidade de Maringá para morar após se aposentarem, em virtude das condições e benefícios que a cidade oferece, como o fato de ser uma cidade planejada, ruas arborizadas, com bosques e uma rede comercial bem desenvolvida.

Como critério de composição da amostra, os idosos convidados para participar da pesquisa, necessariamente, deveriam ter cursado ou estar cursando pelo menos uma das disciplinas de música oferecidas pela UNATI-UEM entre os anos de 2010 e 2020, período em que foram ofertadas tais disciplinas, dentre as quais se destacam: Canto Coral; Práticas Musicais; Conversas Musicais Latino-americanas; Vivenciando a música brasileira e de outros países da América Latina; e, por último, Violão.

6.4 Instrumentos utilizados para a coleta de dados

Foram utilizados os seguintes instrumentos na construção da presente pesquisa: 1) questionário sociodemográfico (APÊNDICE A); 2) roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE B).

De acordo Lüdke e André (1986), as pesquisas qualitativas requerem métodos de coleta de dados condizentes com os seus objetivos. Assim, por meio do questionário sociodemográfico, pretendemos identificar o perfil de cada participante, levantando informações como idade, sexo, crenças, escolaridade e formação. A escolha do questionário sociodemográfico se deu pelo fato de tal método se constituir como uma ferramenta de pesquisa que auxilia na composição da pesquisa para delinear o quadro social, cultural, familiar e econômico da população estudada. Tais elementos foram essenciais na realização da presente pesquisa, por agregarem informações fundamentais na organização e na análise dos dados obtidos.

As entrevistas semiestruturadas, por sua vez, permitiram uma maior flexibilidade durante as entrevistas, possibilitando-nos uma ampliação dos questionamentos, à medida que as informações eram fornecidas pelos entrevistados, ao aumentar a nossa gama de investigação e fazer com que os entrevistados fossem se sentindo confiantes para falar sobre os temas abordados.

Segundo Triviños (2008), a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos, que são apoiados de teorias e hipóteses relevantes à pesquisa; no caso desta, investigamos as RS que foram construídas durante as aulas de música oferecidas pela UNATI-UEM, e isso nos ofereceu um campo vasto de questionamentos capazes de estimular o levantamento de novas hipóteses.

É importante ressaltar que, para elaborar as perguntas que compuseram o questionário sociodemográfico e as questões do roteiro de entrevista semiestruturada, levamos em conta dados da nossa revisão de literatura e de nossa própria experiência como professor da área de Canto Coral. Contamos, também, com a colaboração dos discentes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS), orientandos de pós-graduação da Profa. Dra. Solange Franci Raymundo Yaegashi, que nos ajudaram com a certificação da validade das perguntas para a nossa temática. E, como fase final de testagem,

solicitamos a três pessoas idosas que não participaram do estudo para responder às perguntas do questionário sociodemográfico e às questões das entrevistas semiestruturadas, a fim de realizarmos um refinamento do instrumento antes de sua utilização.

Por causa do isolamento social imposto pela pandemia de covid-19, o questionário sociodemográfico foi respondido por meio da ferramenta *Google Forms*, e as entrevistas foram realizadas por meio da plataforma *Google Meet* em horários agendados e com prévia autorização de todos os sujeitos participantes.

6.5 Procedimentos para a coleta de dados

Para dar início à nossa pesquisa, solicitamos à Coordenadora Geral da UNATI-UEM, a Profa. Dra. Terezinha Oliveira, uma autorização para a realização da pesquisa. Requisitamos à coordenadora uma carta de anuência, cujo modelo se encontra no APÊNDICE C deste trabalho, para ser possível realizar a coleta de dados.

Após recebermos autorização para a coleta de dados, o projeto foi submetido ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP) da UEM. Após a aprovação, recebemos o Parecer Consubstanciado do CEP de número: 4940856, e do CAAE: 49918721.6.0000.0104, autorizando-nos a realizar a pesquisa com os alunos da UNATI-UEM.

Para orientar a abordagem das pessoas envolvidas na pesquisa, utilizamos como referência os trabalhos de Bourdieu (1998), Marconi e Lakatos (1996) e Minayo (2002), que discorrem sobre as técnicas que o investigador deve utilizar durante a entrevista, as maneiras de se obter o máximo de informações quanto ao tema investigado.

Um dos pontos que foi levado em consideração é a história de vida dos entrevistados. Segundo Cruz Neto (2002), durante a entrevista, em profundidade, a condução de um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e o convidado cria uma relação de confiança que leva à liberação de um pensamento crítico reprimido ou uma experiência que, muitas vezes, chega-nos em tom de confidência. As informações conseguidas por meio desses relatos podem fornecer um material extremamente fértil para as análises da pesquisa.

Os dados foram coletados no período entre os meses de setembro e dezembro de 2021, obedecendo aos horários agendados previamente com cada convidado. No início da gravação de cada entrevista, para a ciência de todos, fizemos uma leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), constante no APÊNDICE D, e, em seguida, solicitamos que cada participante manifestasse o seu desejo em participar livremente da pesquisa, para que pudéssemos registrar a sua concordância de forma verbal. As entrevistas foram realizadas de forma individual, e a duração variou de acordo com as características pessoais de cada entrevistado. Mais especificamente, a duração das entrevistas variou entre trinta e cinco minutos e uma hora e meia, sempre respeitando o nível de envolvimento, disponibilidade e sociabilidade do participante. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para ajudar na análise do conteúdo coletado.

6.6 Procedimentos para a análise de dados

Com base na TRS, buscamos identificar e analisar as representações dos participantes da pesquisa por meio do questionário sociodemográfico e das entrevistas semiestruturadas.

Os dados do questionário sociodemográfico foram analisados com a utilização da estatística descritiva e apresentados por meio de quadros, tabelas e gráficos.

Os dados das entrevistas semiestruturadas, por sua vez, foram transcritos com o auxílio da plataforma digital *Web Captioner*, que permite a transcrição de entrevistas em áudio e vídeo em diversos idiomas. Em seguida, realizamos uma leitura detalhada do conteúdo e, simultaneamente, uma revisão gramatical. Também corrigimos o sentido lógico do texto com base nas gravações das entrevistas, para, a partir de então, efetuar a nossa avaliação do material. As entrevistas foram transcritas separadamente em arquivos Word, ou seja, um para cada entrevistado, a fim de, assim, não haver desordem ou confusão entre os registros das falas.

Para a investigação textual das entrevistas realizadas com o grupo, utilizamos a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), como

método de leitura, sistematização e exploração das informações coletadas. Tal método nos permitiu, a partir da leitura das entrevistas semiestruturadas, criar categorias de análise para realizar a investigação. Após essa organização, examinamos os “dados brutos” (assim denominados pela autora), que representam as informações em sua íntegra. Em seguida, esses dados foram organizados por meio da criação de categorias agregadas e enumeradas, permitindo uma posterior representação dos conteúdos presentes nos relatos dos participantes.

Segundo Bardin (2016), a técnica de análise de conteúdo compreende três etapas fundamentais: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados – inferência e interpretação.

A primeira se refere à organização dos dados propriamente ditos e leituras preparatórias, cuja autora designa como “leituras flutuantes”. Já a segunda é uma fase longa, a qual consiste, essencialmente, de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas, ou seja, recorte, enumeração, categorização/classificação. A terceira e última fase, por seu turno, explana a caracterização dos resultados brutos submetidos a provas estatísticas, assim como a testes de validação. Após seguirmos essas etapas, foi possível elaborar três categorias de análise: 1) a UNATI-UEM para os idosos; 2) as aulas de música na UNATI-UEM; e 3) os idosos e os discentes de música na UNATI-UEM. A descrição dessas categorias é feita na subseção 7.2.

Faz-se importante ressaltar que o método proposto por Bardin (2016), além de permitir que criemos formas ajustadas ao material que será analisado, propicia lançar mão de ferramentas que contribuam para a realização de uma investigação mais minuciosa. Dessa maneira, para lograr maior precisão no exame dos dados, a autora possibilita uma ampla gama de recursos para a realização desse trabalho. Como ela informa, podemos utilizar:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 42).

Ademais, quando a autora se refere às possibilidades de recursos que podem ser utilizadas durante a investigação, ela está se referindo, claramente, à utilização do computador nesse processo, desde que ele seja preparado para esse tipo de objetivo (BARDIN, 2016).

Diante das orientações da autora acerca da utilização de seu método investigativo, em nossa verificação, contamos com o auxílio da plataforma de tratamento de dados IRAMUTEQ® (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), “um software gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud e licenciado por GNU GPL, que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras” (COUTINHO, 2022, p. 141), o qual foi utilizado como ferramenta de separação, busca de dados, localização de termos e delineador de frases contextuais, ao contribuir para a percepção da importância das terminologias no discurso dos entrevistados, de modo a auxiliar, assim, na inferência do pesquisador sobre as falas, bem como na construção de sua análise.

A utilização desse programa foi pautada nas orientações da autora sobre a realização de análises de conteúdo, aliadas ao incentivo criativo para novas formas de análise, que Bardin (2016), aliás, sugere acerca das ações e ferramentas que o pesquisador pode empregar para extrair informações e dados pertinentes à sua busca:

[...] todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação [...] (BARDIN, 2016, p. 42).

Por meio das orientações da autora, após a leitura e correções necessárias à preparação do texto para análise, fizemos uma formatação do texto de acordo com os parâmetros do *software* IRAMUTEQ, para analisar os dados com maior precisão e, assim, fazer uma busca mais detalhada pelas informações. Depois dessa etapa, alimentamos o *software* com os dados e realizamos uma verificação geral para obtermos as frases temáticas que, no *software*, são chamadas de segmentos de texto, uma vez que nos permitiram iniciar a nossa exploração.

Nas análises, buscamos as marcas de sentido que evidenciaram as representações sociais que circularam entre os participantes da pesquisa e que, por sua vez, esclareceram os conteúdos pertinentes à experiência dos idosos nas aulas de música da UNATI-UEM em um contexto de educação permanente. Cumpre enfatizar que essas marcas nos ajudaram a elencar e selecionar as ações, os benefícios, as categorias de análise e os resultados mais eficientes e suas consequências, ou seja, os aspectos contemplados na realização deste estudo.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao considerar o objetivo central desta pesquisa, que é investigar as representações sociais dos idosos sobre música na experiência da UNATI-UEM em um contexto de educação permanente e não formal, apresentamos, nesta seção, os resultados do material coletado por meio do questionário sociodemográfico e da entrevista semiestruturada concretizada com os participantes.

7.1 Perfil sociodemográfico dos participantes

A seguir, expomos o perfil sociodemográfico dos 20 idosos regularmente matriculados na UNATI-UEM, participantes da pesquisa, obtido por meio da aplicação do questionário sociodemográfico. Esse instrumento serviu como ferramenta para aperfeiçoar a exploração e a inferência dos dados recolhidos com as entrevistas. Os dados podem ser levantados

[...] pela observação sistemática do fenômeno, pela observação participativa, pela realização de entrevistas, ou ainda, pela aplicação de questionários, variando em razão da especificidade de cada estudo e das características do trabalho do pesquisador (SKALINSKI JÚNIOR, 2011, p. 174-175).

Nesse sentido, o questionário complementa o processo de investigação realizado neste trabalho. No Quadro 2, apresentamos alguns dados que nos ajudaram a conhecer o perfil sociodemográfico dos alunos que frequentam as disciplinas de música, ofertadas pela UNATI-UEM. Devido à condição de sigilo acordada com os participantes, utilizaremos a letra “I” acrescida de um número quando precisarmos designar um participante ou utilizar uma fala de algum deles neste trabalho.

Quadro 2: Perfil sociodemográfico dos participantes

Idosos	Idade	Escolaridade	Raça	Renda familiar	Pessoas na casa	Tempo de aposentadoria
11	65 anos	Ensino Médio em Escola Pública	Amarelo (a)	Entre cinco e sete salários-mínimos (R\$ 5.500,00 – R\$ 7.700,00)	Três	Não é aposentado
12	65 anos	Ensino Superior em Escola Privada	Branco (a)	Mais de sete salários-mínimos (R\$ 7.700,00)	Duas	10 anos
13	65 anos	Ensino Superior em Escola Privada	Branco (a)	Entre cinco e sete salários-mínimos (R\$ 5.500,00 – R\$ 7.700,00)	Uma	16 anos
14	68 anos	Ensino Superior em Escola Privada	Preto (a)	Entre três e cinco salários-mínimos (R\$ 3.300,00 – R\$ 5.500,00)	Uma	23 anos
15	63 anos	Ensino Superior em Escola Pública	Branco (a)	Entre dois e três salários-mínimos (R\$ 2.200,00 – R\$ 3.300,00)	Duas	9 anos
16	73 anos	Ensino Superior	Amarelo (a)	Mais de sete salários-mínimos (R\$ 7.700,00)	Uma	19 anos

17	74 anos	Ensino Médio em Escola Pública	Pardo (a)	Mais de sete salários-mínimos (R\$ 7.700,00)	Duas	14 anos
18	68 anos	Ensino Médio Escola Pública	Indígena	Entre cinco e sete salários-mínimos (R\$ 5.500,00 – R\$ 7.700,00)	Mais de cinco pessoas	Não respondeu
19	81 anos	Ensino Médio em Escola Privada	Branco (a)	Entre um e dois salários-mínimos (R\$ 1.100,00 – R\$ 2.200,00)	Uma	23 anos
110	79 anos	Ensino Superior em Escola Privada	Branco (a)	Entre três e cinco salários-mínimos (R\$ 3.300,00 – R\$ 5.500,00)	Duas	33 anos
111	70 anos	Ensino Superior Técnico em Escola Pública	Amarelo (a)	Mais de sete salários-mínimos (R\$ 7.700,00)	Uma	10 anos.
112	71 anos	Ensino Médio em Escola Pública	Branco (a)	Mais de sete salários-mínimos (R\$ 7.700,00)	Duas	6 anos

I13	67 anos	Ensino Superior em Escola Privada	Amarelo (a)	Entre três e cinco salários-mínimos (R\$ 3.300,00 – R\$ 5.500,00)	Duas	13 anos
I14	64 anos	Ensino Superior em Escola Pública	Branco (a)	Entre três e cinco salários-mínimos (R\$ 3.300,00 – R\$ 5.500,00)	Duas	4 anos
I15	67 anos	Ensino Superior em Escola Privada	Branco (a)	Mais de sete salários-mínimos (R\$ 7.700,00)	Duas	11 anos
I16	79 anos	Ensino Médio cursado em Escola Pública	Pardo (a)	Mais de sete salários-mínimos (R\$ 7.700,00)	Mais de cinco pessoas	13 anos
I17	79 anos	Ensino Superior em Escola Privada	Branco (a)	Entre três e cinco salários-mínimos (R\$ 3.300,00 – R\$ 5.500,00)	Quatro	22 anos
I18	83 anos	Ensino Médio (Curso técnico de enfermagem, escola da prefeitura)	Preto (a)	Entre cinco e sete salários-mínimos (R\$ 5.500,00 – R\$ 7.700,00)	Três	13 anos.

I19	75 anos	Ensino Superior	Branco (a)	Mais de sete salários-mínimos (R\$ 7.700,00)	Duas	25 anos
I20	66 anos	Ensino Superior em Escola Pública	Preto (a)	Entre cinco e sete salários-mínimos (R\$ 5.500,00 – R\$ 7.700,00)	Duas	8 anos

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme pode ser observado no Quadro 2, calculamos a idade média dos participantes da pesquisa e chegamos ao número de 71,1 anos. O participante mais jovem tem 63 anos, e o mais idoso tem 83 anos.

No que se refere ao nível de escolaridade, podemos observar que 7 (35%) dos participantes têm o Ensino Médio e 13 (65%) têm o Ensino Superior, revelando um alto nível de escolaridade. Em relação à raça, 10 (50%) se autodeclararam brancos, 3 (15%) pretos, 4 (20%) amarelos, 2 (10%) pardos e 1 (5%) se autodeclarou indígena.

No que diz respeito à renda familiar, 1 (5%) tem a renda entre um e dois salários-mínimos, 2 (10%) têm renda entre dois e três salários-mínimos, 5 (25%) têm renda entre três e cinco salários-mínimos, 4 (20%) têm renda entre cinco e sete salários-mínimos e 8 (40%) têm renda superior a sete salários-mínimos.

Podemos observar que o poder aquisitivo dos idosos que participaram desta pesquisa se destaca em relação à renda média do trabalhador brasileiro. Segundo fonte do IBGE (2022a), a renda média mensal *per capita* do brasileiro em 2021 (mesmo período de nossa coleta de dados) foi de 1,1 salários-mínimos (R\$ 1.353,00). Assim, em termos percentuais, temos 19 (95%) participantes com renda familiar superior à média nacional, frente a somente 1 (5%) dos participantes com renda dentro da margem apresentada pelo IBGE.

No que concerne ao número de pessoas que moram na casa, 5 (25%) participantes declararam que moram com uma pessoa, 10 (50%) declararam que moram com duas pessoas, 2 (10%) declararam que moram com três pessoas, 1

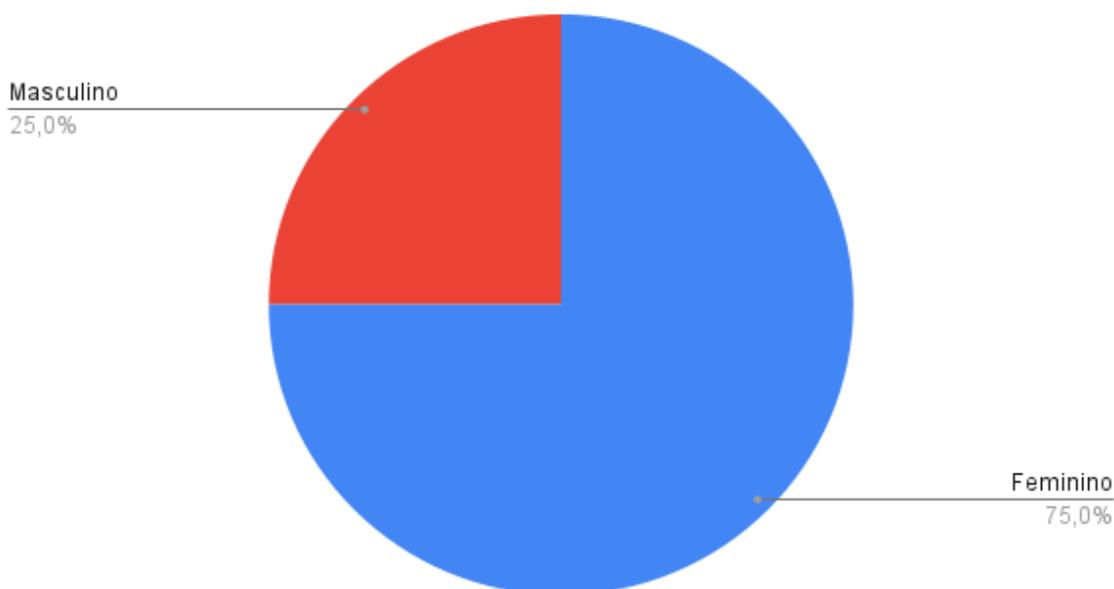
(5%) declarou que mora com quatro pessoas e 2 (10%) declararam que moram com mais de cinco pessoas.

Por fim, referente ao tempo de aposentaria, verificamos que o tempo em que estão aposentados varia de 4 a 33 anos. Um participante disse que ainda não é aposentado. Portanto, temos 19 (95%) dos participantes aposentados e 1 (5%) não aposentado.

No Gráfico 1, apresentamos o gênero dos participantes.

Gráfico 1: Gênero

Gênero:



Fonte: elaborado pelo autor.

Por meio do Gráfico 1, verificamos que a amostra foi composta, em sua maioria, por mulheres ($n=15$; 75%) que foram ou são alunas nas disciplinas de música da UNATI-UEM. Os homens ($n=5$), por sua vez, participaram em menor proporção (25%).

Esses dados corroboram com uma realidade presente nas UNATIs de todo o Brasil. Segundo Vieira (2005), na UNATI-UERJ, o número de matriculados em seus cursos equivale a 80% do sexo feminino e 20% do masculino, fato que ocorre em quase todos os programas oferecidos em nosso país. Da mesma forma, Conceição (2013, p. 38) afirma que, nas oficinas de Canto Coral ofertadas pela

UNESP-SP, foi possível constatar “o grande número de mulheres participantes em relação ao pequeno número de homens. Em um coral de 26 integrantes, apenas quatro eram homens”.

Outro aspecto que pode influenciar na participação maior de mulheres do que de homens em programas para a terceira idade tem relação com a longevidade. Estudos apontam que as mulheres têm vivido mais que os homens por diversos motivos. Segundo Silva (2021), durante a década de 60, o envelhecimento populacional se tornou um fenômeno social no Brasil, ocorrendo um aumento da população idosa e dos anos vividos por essas pessoas. Não obstante, o número de mulheres idosas se destaca em relação ao de homens por diversos motivos relacionados a seu comportamento. Segundo o autor,

[...] as mulheres vivem mais do que os homens, cuidam-se mais, vão mais ao médico e não se aventuram tanto, considerando o ideal de masculinidade vinculado à coragem, ao desprendimento e à aventura (SILVA, 2021, p. 13).

Ademais, em uma reportagem da *BBC News* (2019), intitulada “Expectativa de vida: por que as mulheres vivem mais do que os homens?”, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2016, a média das expectativas de vida ao nascer da população mundial era de 74 anos para mulheres e de 69 anos para homens. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer, em 2019, é de 80 anos para mulheres e de 73 anos para homens. De acordo com a projeção do IBGE para 2018, com base nos dados do Censo de 2010, até o ano de 2016, 0,12% da população era formada por homens com 90 anos ou mais, enquanto esse percentual era de 0,24% da população para mulheres com 90 anos ou mais.

Na Tabela 5, apresentamos a faixa etária dos participantes da pesquisa.

Tabela 5: Faixa etária dos participantes da pesquisa

Faixa etária	N	%
60-64	2	10
65-69	8	40
70-74	4	20

75-79	4	20
80-84	2	10
Total	20	100%

Fonte: elaborada pelo autor.

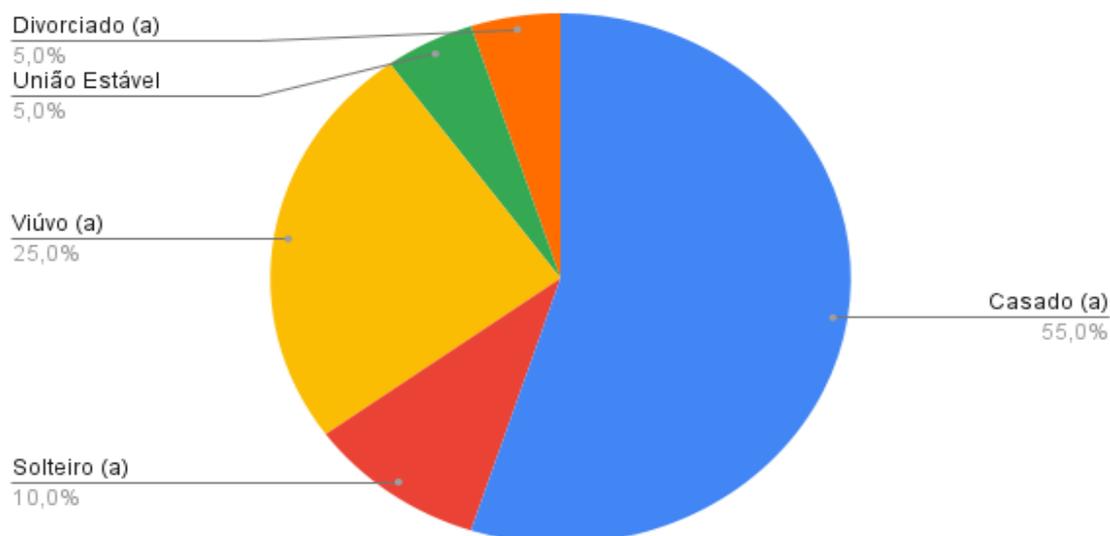
De acordo com os dados da Tabela 5, a maior parcela dos participantes (n=8; 40%) se encontra na faixa etária situada em 65 e 69 anos.

Dentre os participantes desta pesquisa, além de as mulheres aparecerem em maior número, a sua faixa etária é maior. A mulher mais jovem tem 63 anos, e a mais velha tem 83 anos. Entre os homens, o mais jovem tem 64, e o mais idoso tem 79 anos.

Outro aspecto que destacamos está relacionado ao meio social em que convivem e ao estado civil dos participantes da pesquisa, aspectos evidenciados no Gráfico 2.

Gráfico 2: Estado civil dos participantes da pesquisa

Estado civil:



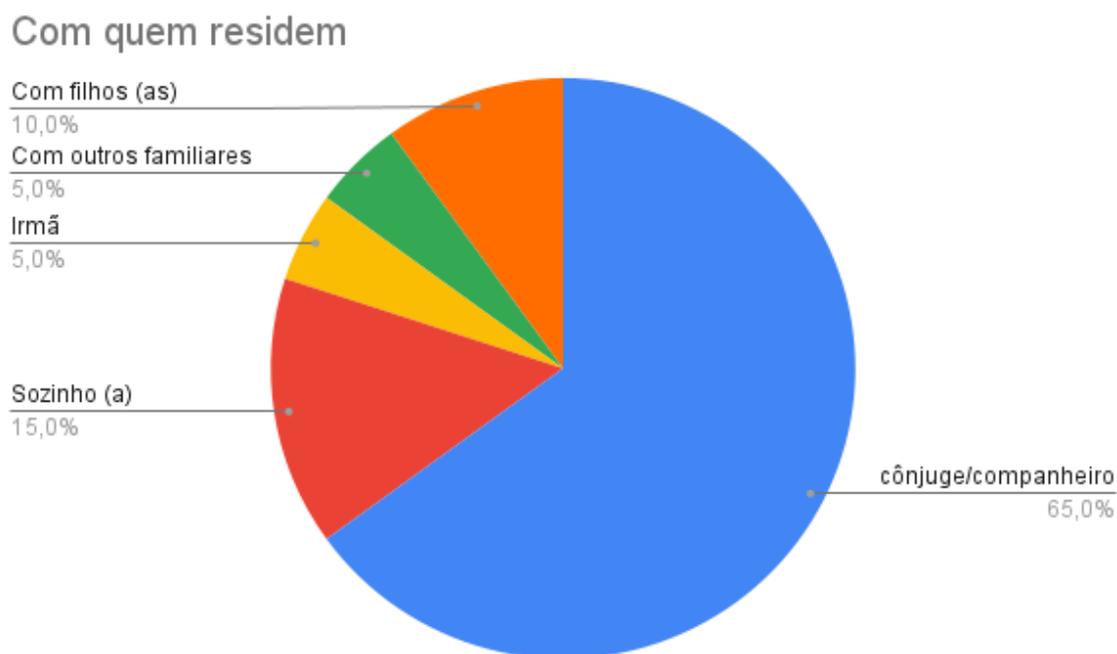
Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme o Gráfico 2, observamos que 11 (55%) dos participantes são casados, 1 (5%) tem união estável, 1 (5%) é divorciado, 5 (25%) são viúvos e 2 (10%) são solteiros. Portanto, a maioria dos participantes (60%) mora com o(a) companheiro(a), e 40% vivem sem um(a) companheiro(a), restando somente a companhia de familiares.

Esses dados revelam que, além das pessoas que moram sozinhas, temos aquelas que residem com apenas uma pessoa. Destarte, essa realidade mostra que o idoso vive de maneira solitária, com exceções de uma parcela pequena que vive com seus filhos, netos ou outros parentes, fato que não configura companhia, pois sabemos como é comum os idosos serem isolados socialmente dentro de suas próprias famílias. De uma forma geral, a maioria dos participantes desta pesquisa vive na companhia de somente uma pessoa.

No Gráfico 3, apresentamos os dados referentes a quem são as pessoas com quem os idosos participantes da pesquisa residem.

Gráfico 3: Com quem residem



Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 3 revela que 13 (65%) dos participantes residem com o cônjuge ou um(a) companheiro(a), 3 (15%) residem sozinhos, 2 (10%) residem com os filhos, 1 (5%) reside com a irmã e 1 (5%) reside com outros familiares. São dados que confirmam a condição de morarem sozinhos, pois 16 (80%) deles residem com o(a) companheiro(a) ou completamente sozinhos.

Podemos inferir, por meio desses dados do Gráfico 3, alguns dos motivos que mais impelem o idoso a buscar os programas para a terceira idade, a procura por companhia, a inserção social e a busca por seus iguais para conviver. Segundo

Ordenez e Cachioni (2009, p. 77), dentre os principais motivos que levam o idoso a procurar os programas para a terceira idade, estão a “[...] busca de contato social: intenção de fazer amigos e procurar companhia, desejo de viver em grupo”. Esse é o perfil básico geral dos convidados que participam desta pesquisa.

No Gráfico 4, apresentamos o número de residentes que moram na casa dos sujeitos da pesquisa.

Gráfico 4: Número de residentes na casa



Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme podemos observar no Gráfico 4, de um total de 20 participantes, 5 (25%) residem com apenas uma pessoa, 10 (50%) residem com duas pessoas, 2 (10%) residem com três pessoas, 1 (5%) reside com 4 pessoas e 2 (10%) residem com mais de cinco pessoas.

Ao relacionar os dados aqui apresentados nos Gráficos 3 e 4, confirmamos a nossa percepção sobre a distribuição de renda. Podemos observar que 15 (75%) dos idosos participantes residem sozinhos ou com apenas mais uma pessoa em casa, 2 (10%) dos participantes vivem com mais 2 pessoas em casa e 3 (15%) residem com mais 3 ou 4 pessoas. Tal informação confirma a nossa percepção

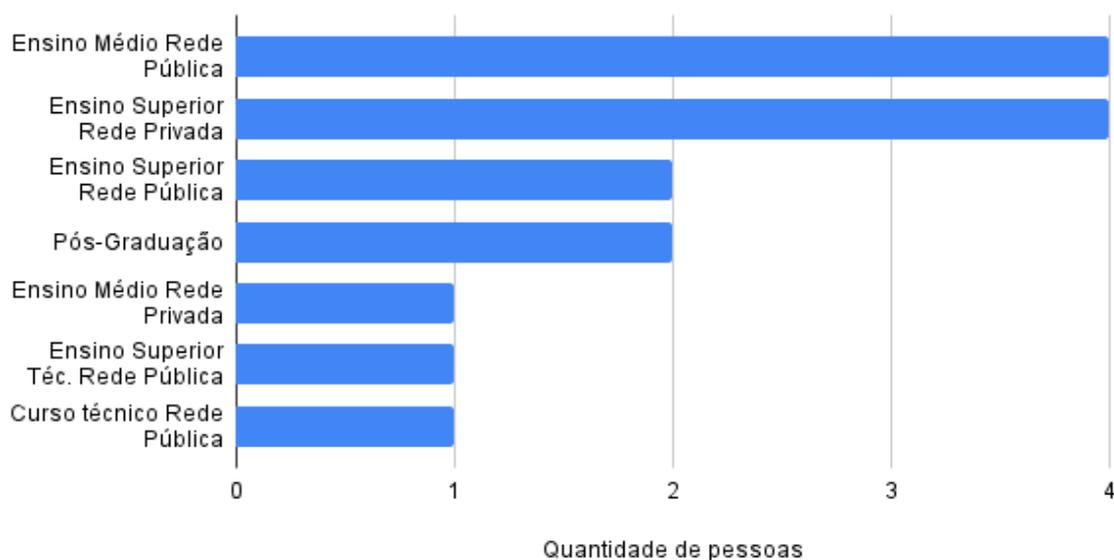
sobre a renda de esse grupo se destacar em nível nacional, pois revela que, mesmo se a renda for dividida de maneira *per capita*, continuará acima da média nacional.

Com base nessas informações, é importante observar que, no caso das disciplinas de música ministradas pela UNATI-UEM, como provavelmente de outras áreas, poderíamos ter uma maior quantidade de vagas direcionadas a pessoas pertencentes às faixas econômicas mais modestas de nossa população e, assim, distribuir essas vagas de forma mais equitativa para a nossa sociedade, que é um dos deveres sociais dos programas pertencentes a instituições públicas.

No Gráfico 5, apresentamos a formação das mulheres da amostra.

Gráfico 5: Formação das mulheres que compuseram a amostra

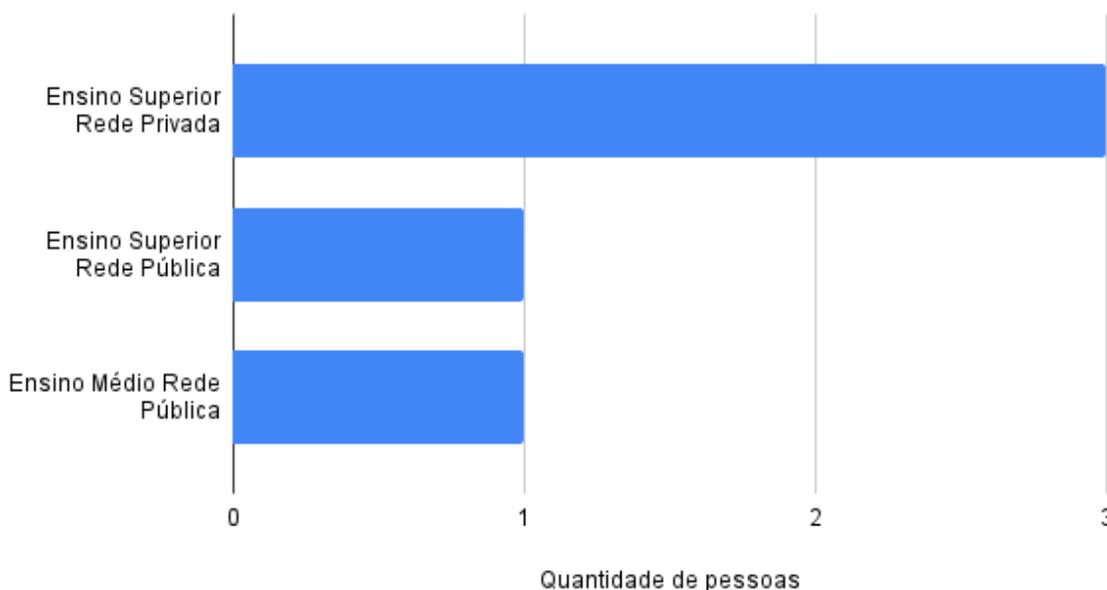
Escolaridade Mulheres:



Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação às mulheres, podemos observar que, das 15 participantes do sexo feminino, 10 (66,67%) têm curso superior, sendo que 2 (13,33%) têm pós-graduação. As outras 5 (33,33%) têm Ensino Médio.

O caso dos homens é um pouco diferente, conforme podemos observar no Gráfico 6.

Gráfico 6: Formação dos homens que compuseram a amostra**Escolaridade Homens:**

Fonte: elaborado pelo autor.

No Gráfico 6, podemos observar que, dos 5 participantes do sexo masculino, 3 (60%) têm Ensino Superior em universidades privadas, 1 (20%) tem curso superior em universidade pública e 1 (20%) tem Ensino Médio. Nenhum tem pós-graduação, dado que aponta para uma formação de interesse mais voltada ao campo profissionalizante.

Outro ponto é o tempo que cada um dos participantes está frequentando as aulas da UNATI-UEM. Consideramos que esse é um dos pontos de maior relevância quando falamos em educação permanente. Dentre os participantes desta pesquisa, o tempo que cada um está inscrito em uma disciplina de música da UNATI-UEM varia bastante: temos pessoas que estão em seu primeiro ano e outras com 12 anos como alunos. Algumas delas estão, inclusive, na mesma disciplina durante esse período. Os dados são tão heterogêneos que optamos por não colocar um gráfico mostrando um perfil, pois este se ancora não em quando cada um entrou, mas, sim, em há quanto tempo os sujeitos estão frequentando as aulas, e o principal: até quando pretendem continuar frequentando. Uma das pessoas

participantes desta pesquisa, ao ser perguntada sobre o que não gostava na UNATI-UEM, foi enfática em sua resposta: “Não gosto quando não tem aula” (I6, 2021). Essa frase nos ajuda a entender o raciocínio de quem vem para a UNATI-UEM: as pessoas vêm para ficar, indefinidamente.

Na Tabela 6, apresentamos os dados sobre o período em que os participantes pertencem à UNATI-UEM.

Tabela 6: Tempo que frequentam a UNATI-UEM

Tempo	N	%
Menos de 1 ano	1	5
1 a 4 anos	4	20
5 a 10 anos	6	30
Mais de 10 anos	9	45
Total	20	100%

Fonte: elaborada pelo autor.

Na Tabela 6, podemos observar que 1 (5%) participante está matriculado na UNATI há menos de 1 ano, 4 (20%) participantes estão matriculados na UNATI entre 1 e 4 anos, 6 (30%) participantes estão matriculados na UNATI entre 5 e 10 anos e 9 (45%) dos participantes estão matriculados na UNATI há mais de 10 anos. Esses dados apontam para uma estabilidade na permanência dos participantes dentro do programa.

Tal fato pode ser justificado por causa de o formato das disciplinas ser em caráter de educação permanente, pois os conteúdos que são abordados não têm natureza curricular ou um prazo para o aluno finalizar. Outra questão está relacionada ao objetivo que traz os sujeitos à UNATI; conforme já abordamos anteriormente, os idosos que se inscrevem nesse tipo de programa estão em busca de um novo meio social, companhia e novas amizades, e esse dado aponta para o fato de que as disciplinas de música ofertadas pela UNATI-UEM possibilitam a realização desses objetivos, pois ninguém permanece em um meio no qual não está inserido socialmente.

Por fim, na Tabela 7, apresentamos as atividades desenvolvidas pelos idosos participantes da pesquisa em seu tempo livre. Para essa ação, os participantes poderiam marcar mais de uma atividade.

Tabela 7: Atividades nas horas vagas

Atividades	N	%
A) Leio um livro	11	55
B) Durmo	2	10
C) Cozinho	9	45
D) Assistir a filmes/séries na televisão	14	70
E) Fico com a minha família	10	50
F) Escrevo	2	10
G) Faço atividade física	14	70
H) Danço	2	10
I) Atividades domésticas	14	70
J) Cuido das minhas plantas	13	65
K) Compras no supermercado	16	80
L) Outras atividades	6	30
Total	20	100%

Fonte: elaborada pelo autor.

Na Tabela 7, podemos observar as atividades desenvolvidas pelos participantes em seus momentos livres. Assim, 11 (55%) participantes usam parte de suas horas vagas para leitura de livros, 2 (10%) participantes usam parte de suas horas vagas para dormir, 9 (45%) participantes usam parte de suas horas vagas para cozinhar, 14 (70%) participantes usam parte de suas horas vagas para assistir filmes e/ou programas de televisão, 10 (50%) participantes usam parte de suas horas vagas para ficar com a família, 2 (10%) participantes usam parte de suas horas vagas para escrever, 14 (70%) participantes usam parte de suas horas vagas para fazer atividades físicas, 2 (10%) participantes usam parte de suas horas vagas para dançar, 14 (70%) participantes usam parte de suas horas vagas para fazer atividades domésticas, 13 (65%) participantes usam parte de suas horas

vagas para cuidar de plantas, 16 (80%) participantes usam parte de suas horas vagas para fazer compras em supermercados.

Ademais, 6 (30%) participantes mencionaram usar parte de suas horas vagas em outras atividades não relacionadas em nosso questionário, as quais são citadas na Tabela 8.

Tabela 8: Outras atividades realizadas nas horas vagas

Outras atividades	N	%
Artesanato	1	16,6
Trabalho voluntário	1	16,6
Viagens	1	16,6
Cuidar de parentes	1	16,6
Atividades religiosas e sociais	4	66,6
Navegar na internet	1	16,6
Caminhar	1	16,6
Ouvir música	1	16,6
Total	6	100%

Fonte: elaborada pelo autor.

Na Tabela 8, observamos que, dos 6 participantes que responderam à alternativa outras atividades, 1 (16,6%) usa parte de suas horas vagas para o artesanato, 1 (16,6%) usa parte de suas horas vagas para serviços voluntários, 1 (16,6%) usa parte de suas horas vagas para viajar, 1 (16,6%) usa parte de suas horas vagas para cuidar de seus parentes, como netos e outros, 1 (16,6%) usa parte de suas horas vagas para navegar na internet, 1 (16,6%) usa parte de suas horas vagas para caminhar, 1 (16,6%) usa parte de suas horas vagas para ouvir música e 4 (66,6%) usam parte de suas horas vagas para participar de atividades religiosas e sociais.

Ao considerar os dados apresentados nas Tabelas 7 e 8, notamos que a maioria das pessoas utiliza o seu tempo livre em atividades diversas, com maior incidência para as modalidades apontadas nos itens E, I, J e K, que estão relacionados a atividades de seu cotidiano e de suas obrigações para a sua casa e família. Destacamos, também, os dados relativos ao lazer, com maior incidência

nas atividades dos itens A e D, com um grande percentual para leitura (55% dos participantes) e assistir a filmes e programas de televisão (70% dos respondentes). Chamamos atenção, ainda, para um número significativo de pessoas que fazem algum tipo de atividade física que apontamos nos itens G, H e em realizar caminhadas, conforme indicado na categoria 'Outras atividades', constante na Tabela 8.

Encerramos, aqui, a análise do perfil dos participantes do questionário sociodemográfico. A seguir, passamos para as análises das entrevistas semiestruturadas.

7.2 Análise das entrevistas semiestruturadas

Nesta subseção, apresentamos o resultado de nossa análise sobre a percepção, as concepções, as atitudes, as emoções, os sentimentos e as experiências vividas pelos entrevistados, isto é, as suas representações acerca do assunto tratado em nosso estudo.

Conforme já explicitado na quinta seção, para a análise das entrevistas semiestruturadas, foram elaboradas categorias de análise. De acordo com Bardin (2016, p. 23), para a elaboração de uma categoria, “exige-se uma preparação dos textos a tratar, e, por conseguinte, uma definição mais precisa das unidades de codificação”. Para a autora,

[...] o analista é obrigado a apelar para os progressos da linguística, a fim de formular regras justificadas. Uma parte importante destes esforços é consagrada a atualizar «dicionários», isto é, grelhas de índices capazes de referenciar e avaliar as unidades do texto em categorias ou subcategorias (BARDIN, 2016, p. 23).

Assim, a primeira etapa realizada foi a leitura e a releitura das transcrições das entrevistas semiestruturadas feitas com os idosos, com o intuito de definirmos e localizarmos os pontos comuns nas falas dos participantes, que correspondem aos pontos que nortearam a nossa análise. Após esse processo, definimos as categorias a serem analisadas.

Foram criadas três categorias de análise, cada uma comportando um grupo de perguntas norteadoras para a realização da investigação. As categorias e as respectivas perguntas estão expostas no Quadro 3.

Quadro 3: Categorias de análise

Categoria analisada	Perguntas norteadoras
A UNATI-UEM para os idosos	<ul style="list-style-type: none"> - Como era a vida social do idoso antes da UNATI? - Como se tornou a vida social do idoso após a sua integração na UNATI? - Como era o comportamento do idoso antes e depois de seu ingresso na UNATI? - Como era a convivência entre os idosos vinculados à UNATI?
As aulas de música na UNATI-UEM	<ul style="list-style-type: none"> - O que aprendeu nas aulas de música da UNATI? - O que mais gostava e atraía o idoso nas aulas de música da UNATI? - O que o idoso não gostava nas aulas de música? - Como era o trabalho e a convivência com os professores de música da UNATI?
Os idosos e os discentes de música na UNATI-UEM	<ul style="list-style-type: none"> - Qual é a visão do idoso sobre o jovem antes e depois das aulas de música na UNATI? - Como era a relação e a convivência dos idosos com os discentes de música nas aulas da UNATI-UEM? - O que o idoso não gostou no trabalho com o jovem discente? - Quais são as maiores contribuições do jovem discente para o aprendizado do idoso?

Fonte: elaborado pelo autor.

A seguir, veremos os resultados da análise de conteúdo da primeira categoria denominada “A UNATI-UEM para os idosos”.

7.2.1 A UNATI-UEM para os idosos

Na primeira categoria deste estudo, intitulada “A UNATI-UEM para os idosos”, procuramos focar as RS dos participantes da pesquisa sobre a sua vida social e o seu comportamento antes e depois de seu ingresso nas disciplinas de

música das quais participaram. As questões foram criadas para que os entrevistados desvelassem, por meio de suas respostas, as repercussões e mudanças que a UNATI trouxe para as suas vidas.

Um dos pensamentos mais conhecidos de Aristóteles, filósofo grego, é que o homem é um sujeito social. Acompanhando a história, temos incontáveis provas dessa característica comum aos seres humanos. Quando falamos da Teoria das Representações Sociais, estamos nos referindo a uma teoria que foi talhada para estudar as relações humanas, sobretudo no âmbito coletivo das interações que ocorrem entre os indivíduos de um grupo. Para Moscovici (2015, p. 43), “quando estudamos representações sociais, nós estudamos o ser humano”, estudamos o ambiente onde vivem ou onde procuram viver.

O ser humano depende das relações que constroem com os seus iguais e tem uma necessidade latente de viver em grupo. Para estudar e compreender essas relações humanas, a TRS se mostra muito competente, uma vez que busca elucidar a complexidade dessas relações por meio da análise de suas representações sociais. Portanto, estudar as representações sociais implica conhecer “[...] a forma como os indivíduos compreendem e explicam a realidade, estudando os saberes produzidos no cotidiano da sociedade, considerados saberes sociais” (VEBER, 2020, p. 5).

Quando iniciamos a nossa abordagem investigando como era a vida social dos idosos antes de ingressarem na UNATI, verificamos, nas respostas, uma exteriorização da necessidade pela busca da convivência humana com os seus iguais. Isso pode ser observado nos relatos dos participantes da entrevista:

[...] como sou oriundo lá do Estado de São Paulo, e na ocasião eu estava aqui em Maringá a pouco mais de 10 anos, eu ainda não tinha assim um núcleo de amizade, que era satisfatória sabe. Era um grupo pequeno de pessoas, e eu me senti um tanto isolado, e aí quando eu vi a notícia da abertura do curso da terceira idade. Então eu me interessei e vi aí a oportunidade de me integrar, o que foi muito valioso (I10, 2021).

[...] a minha vida mudou depois que entrei na UNATI, eu tive muitas mudanças, eu mudei para melhor. Eu acho que só me tornei uma pessoa melhor a cada dia porque no estado em que **eu estava muito deprimida, muito triste, muito sozinha e me sentindo assim um pouco inútil** porque eu me aposentei e pelo fato de

tomar medicamento forte eu não tinha muita coragem (I3, 2021, grifos nossos).

Em outro depoimento, também encontramos o mesmo motivo, quando a participante relata que, embora resida com a família, sente-se sozinha:

[...] eu entrei na UNATI porque tinha me aposentado e estava procurando algo para fazer, para enriquecer os conhecimentos, eu vi no site da UEM que a UNATI iria abrir. Eu sou da primeira turma, de 2010. Eu acho importante a gente estar sempre aprendendo e **tendo contato com pessoas, e esse é um dos motivos que me levou a ter mais contato com as pessoas, para não ficar sozinha. Eu tenho duas filhas casadas e meu marido sai bastante para o sítio e eu fico muito sozinha**, então eu queria me relacionar com outras pessoas e também aprender alguma coisa a mais (I15, 2021, grifos nossos).

Podemos observar, nesses depoimentos, que a busca por se relacionar com outras pessoas, o desejo de não estar sozinho, é um dos principais motivadores que justificam o ingresso na UNATI-UEM. Esse ambiente de ensino, onde aprendem música em um formato de educação permanente, pode ajudar a mudar essa condição de isolamento social, pois oferece a “[...] oportunidade de aprendizagens contínuas, objetivando a atualização do ser humano, atendendo suas necessidades de interação e aprimoramento do saber [...]” (TEODORO, 2006, p. 43).

Por meio das declarações supracitadas, observamos que a vida social dessas pessoas, antes de participarem dessas disciplinas, estava cercada pelo sentimento de solidão e pela sensação de isolamento. Assim, podemos inferir que, para esses idosos que participaram deste estudo, uma das RS que compartilham é a necessidade de convivência, causada pelas características comuns a todos do grupo, de modo a envolver a situação da aposentadoria, ao sentirem a falta de um ambiente composto por seus iguais, levando-os a se sentirem sozinhos.

Tal condição ajudou a formar o elo que os ligou mesmo antes de se matricularem, ou seja, quando ingressaram no grupo de alunos das disciplinas de música, o sentimento de isolamento social e a busca por mudar essa condição eram mútuos. Podemos conjecturar que, dentre as RS que foram geradas nesse processo e compartilhadas por todos no grupo, encontram-se as representações do desejo de se relacionar com outras pessoas de sua idade, do anseio de sair do

isolamento social e do propósito de mudar a condição de vida que se encontravam. Vejamos, a seguir, os relatos sobre os impactos da UNATI na vida social dos idosos:

[...] eu entrei na UNATI porque **eu queria fazer parte mesmo de um grupo mais dentro da minha faixa etária**, porque convivência, se tem com a família como um todo, mas naquela faixa etária e o que a UEM estava apresentando era exatamente o que vinha ao encontro do que eu queria (I4, 2021, grifos nossos).

[...] minha vida mudou quando entrei na UNATI. Primeiramente eu queria fazer uma aula de canto porque eu queria cantar na igreja, não por ser no coral da igreja, mas porque cantar era o meu desejo. O que mudou na minha vida foi a parte social, a parte de conhecimento e a parte de convivência, **porque eu não conhecia o pessoal de Maringá, não tinha ainda um convívio**, apenas a minha família” (I19, 2021, grifos nossos).

[...] eu entrei na UNATI porque tinha vontade de ser mais ativa, eu estava levando uma vida muito parada, tinha passado por uns percalços tristes na família queria voar mais, por outros ares, conhecer coisas novas (I8, 2021).

[...] entrei na UNATI para me aproximar, na primeira turma há 11 anos atrás justamente para buscar uma ocupação, e sem sombra de dúvidas, para aprender algo mais **e ter um convívio com outras pessoas praticamente da mesma idade**, o que é muito importante porque a gente tem muita coisa em comum para conversar (I10, 2021, grifos nossos).

[...] para mim a UNATI tem sido muito boa, me ajudou bastante em muitas coisas durante esses 2 anos de pandemia, que me deixaram deprimida por ficar em casa. **A UNATI me ajudou a passar por isso, eu comecei a gostar de sair de casa, ficava tão feliz porque estava dando tudo certo. Na UNATI ouvia coisas diferentes, aprendi coisas boas, conversei com as pessoas**, fiz mais amizades. Então sempre foi um incentivo a mais para mim ir as aulas da UNATI (I1, 2021, grifos nossos).

As falas que acabamos de ler são muito precisas ao denotarem as intenções e os sentimentos dos idosos participantes. Expressões como “fazer parte de”, “vontade de”, “conversei com”, dentre outras constantes nas frases apresentadas, apontam para a necessidade de conviver com os seus iguais, de ter acesso a um ambiente em que possam trocar experiências e continuar as suas vidas após a aposentadoria, fase da vida tida como final, mas que, conforme já vimos neste trabalho, essa fase da vida é longa e demanda outras atividades e interesses por

parte do idoso, ao requerer a construção de novos conhecimentos. “Não há fatos simples na realidade social, mas os homens interpretam (constroem, representam) todos os fenômenos experienciados” (MARKOVÁ, 2017b, p. 104), e isso é feito por meio da própria convivência que o grupo em questão estava predisposto e carente para vivenciar de forma compartilhada.

Quando perguntados sobre as transformações em suas vidas após o ingresso na UNATI, observamos que aconteceram diversas mudanças. Moscovici (2015) afirma que um dos principais elementos para a criação de representações sociais é a natureza da mudança envolvida no processo, pois são geradas influências sobre o comportamento dos indivíduos e, conseqüentemente, do grupo.

Com esse mesmo raciocínio, em seu estudo, Simoneau (2010) tece observações sobre as RS dos idosos, relatando que era comum entre os idosos que entrevistou haver mudanças na esfera social, ao possibilitar a criação de uma nova representação sobre a pessoa idosa quando se registrava a participação no programa da UNATI. Ressaltamos essa característica como significativa nessa categoria, visto que os idosos participantes da UNATI-UEM buscavam uma mudança de vida, de comportamento, almejavam sair do isolamento social em que se encontravam e culminam por encontrar tal transformação. Indagados sobre o que mudou após o ingresso no programa, os idosos assim se pronunciaram:

[...] a mudança mais significativa foi conhecer pessoas, outras pessoas além do meu círculo de amizade. Pessoas com quem mantenho amizade até hoje. Desde aquela turma de 2010, a gente continua tendo amizade. **Isso favoreceu muito, eu não me sinto mais sozinha, me sinto mais animada para viver inclusive** (I15, 2021, grifos nossos).

[...] **eu fiz um monte de novos amigos.** E que nem eu falei também, conhecer a UEM era um sonho. Eu via a UEM assim, muito distante para mim, **e de repente eu estava em aula, de repente já estava no meio de alunos fazendo cursos** e coisas maravilhosas. A gente participou de tantas apresentações e para mim foi tudo muito importante (I12, 2021, grifos nossos).

[...] a minha vida mudou depois que entrei na UNATI, pois **me ajudou a me relacionar mais com as pessoas, com os colegas.** Cada um tem uma história diferente e acho que **me ajudou no sentido de me valorizar mais, de ter uma atividade para participar. Me sentir integrante de algo.** Eu acho que isso, é uma coisa boa porque a gente participa de alguma coisa sem ser serviços domésticos (I18, 2021, grifos nossos).

[...] eu observei que **houve mudanças sociais, culturais e comportamentais**. Por exemplo, **pude compartilhar mais, integrar mais em sociedade, desenvolver a compreensão, perguntar para os outros de opiniões** e culturas diversas. Acredito que pelos cursos da UNATI da UEM, eu pude de certo modo ter uma realização pessoal e ao mesmo tempo conhecer outros pontos de vista e crenças diferentes. Ter uma convivência, respeitar e apreciar a vida em sociedade” (I11, 2021, grifos nossos).

[...] houve mudança sim porque **havia um grupo que tinha um objetivo comum, estar junto**, participar de aulas com professores, aprender o assunto, a matéria. Então foi uma coisa bastante acolhedora, um grupo que trouxe uma melhora para a minha vida (I4, 2021, grifos nossos).

Por meio das falas dos participantes, percebemos que ocorreram mudanças de âmbito social, cultural e comportamental. Tais mudanças são inerentes ao processo de convivência que experimentaram dentro da UNATI. Jovchelovitch (2011a) nos explica que, em uma relação entre saber, comunicação e contexto, todo saber é modificado quando se movimenta dentro de um espaço social. Dessa forma, podemos inferir que as mudanças relatadas se deram pelo processo de interação social de que participaram a partir do momento em que ingressaram na UNATI.

A propósito, podemos apontar que a primeira mudança foi no sentido de que essas pessoas encontraram companhia. Foram muitos os relatos que mencionaram a situação de isolamento social, e sabemos o quanto é comum pessoas que vivem nesse tipo de condição se sentirem excluídas, terem a sensação de estarem desacompanhadas e afastadas do convívio com outras pessoas. Todavia, o que observamos nos relatos dessas pessoas sobre o momento posterior ao ingresso na UNATI é justamente o oposto, pois passaram a se sentir pertencentes a um grupo. Assim, salientamos que uma RS compartilhada pelos idosos participantes deste estudo é a ocorrência de uma mudança em suas vidas; todos, em algum ou em vários aspectos de suas vidas, obtiveram mudanças e comungam disso.

A participação em aulas de música ofertadas por órgãos e programas, como a UNATI-UEM, possibilita, sem dúvida, a formação de novas amizades, não quaisquer amizades, mas, em um primeiro momento, com pessoas na mesma faixa etária e em etapas de vida semelhantes. Tais pessoas deixam a sua antiga condição de isolamento social por intermédio da oportunidade de participar de

atividades que, anteriormente, não tinham acesso, por exemplo, a convivência com várias pessoas em sala de aula ou de participarem, efetivamente, da realização de apresentações musicais públicas, que, além das pessoas envolvidas na execução, abrange o público que assiste. Destarte, percebemos que, ao participarem dessa experiência nas aulas de música, inicia-se um processo de comunicação e interação que provocou transformações nas vidas dessas pessoas, de modo a alterar os seus conceitos, a sua concepção de mundo e as suas representações sobre como a sociedade as visualiza. Para Moscovici (2015, p. 41):

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.

Nessa fala do autor, percebemos como as RS desses idosos foram modificadas: de uma representação de isolamento social, para outras de companhia social, interação social e troca de saberes entre os sujeitos envolvidos. Podemos verificar, em outros relatos, percepções e sentimentos dos idosos sobre o fato de participarem da UNATI, da constatação de fazerem parte de um grupo de pessoas que, além do fato de abranger uma faixa etária comum a todos, partilham de outras representações. Observemos estes relatos:

[...] foi uma coisa bastante acolhedora, um grupo que trouxe uma melhora para a minha vida. **As pessoas da UNATI me fizeram sentir acolhida, muito bem acolhida.** Eu acho que ali temos um espaço pensado especificamente e dado para o idoso (I4, 2021, grifos nossos).

[...] **eu me senti muito acolhido pelos professores,** eles estavam preparados para lidar com o idoso, com aqueles que eu participei de cursos (I10, 2021, grifos nossos).

[...] a minha convivência com meus colegas da UNATI foi boa porque conheci outras pessoas além do meu círculo de amizade. São outras pessoas que até hoje eu tenho contato com algumas, **eu me sentia bem acolhida pelo grupo.** O meu relacionamento no grupo de pessoas da UNATI era bom, eu não tinha problemas com o grupo (I15, 2021, grifos nossos).

[...] **eu fui acolhido pelos professores, pelos coordenadores, por todo mundo** e isso é importante. Se a pessoa se sente segura, ela tem interesse em participar, em se voluntariar para todas as atividades, **porque é um grupo realmente muito unido. Isso é importante** (I16, 2021, grifos nossos).

O sentimento descrito por essas pessoas é o de acolhimento, que envolve a sensação de ser bem recebido em um ambiente novo, ambiente esse pronto para recebê-los e trabalhar com eles. Esse sentimento também lhes confere um lugar que lhes é seu por identificação; lhes oferece a sensação de pertencer a um grupo, de fazer parte de algo com o que se identificam e que se sentem bem por estar inseridos nele. Podemos inferir, com base nessas falas, que as RS de que compartilham são representações de acolhimento ofertado pelas pessoas do grupo e representações de pertencimento, que foram construídas por meio do convívio social e de suas relações. É o sentimento recíproco de pertencer à UNATI e da UNATI pertencer a eles. São detentores de uma sensação de pertencimento.

Assim, por meio desses depoimentos, foi possível constatar que esse processo é favorecido dentro do ambiente e do contexto das aulas de música da UNATI, ao favorecer a mudança da condição de isolamento social anterior desses idosos para uma nova realidade, em que há uma convivência com vários outros sujeitos e a participação em atividades de aprendizagem que envolvem a construção de novos saberes. O fato de relatarem que estão sempre em atividade demonstra a transformação da forma como se percebem após a experiência de convivência com os indivíduos do grupo nas aulas de música.

Desse modo, podemos observar que ocorreram, também, transformações em relação ao comportamento dos indivíduos entrevistados. Segundo Moscovici (1979), uma das principais origens ou características das RS é o comportamento dos elementos de um grupo. Como expressa o autor:

[...] uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. Enfim, ela reproduz e determina os comportamentos, já que define a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e a significação das respostas que lhes damos. Uma palavra, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular tendo a função de elaboração dos

comportamentos e da comunicação entre os indivíduos¹⁴ (MOSCOVICI, 1979, p. 27, tradução nossa).

Foi possível observar, durante as nossas análises, alterações de várias características dos entrevistados, dentre as quais estava o comportamento. Nos relatos que colhemos, por meio das entrevistas, as falas sobre as alterações de comportamento se destacaram, sobretudo em relação à mudança entre o que faziam antes de terem ingressado na UNATI-UEM e após. Vejamos algumas falas para corroborar com o nosso pensamento.

Quando perguntados se tinham percebido mudanças em suas vidas, as seguintes respostas foram proferidas:

[...] eu acho que minha vida mudou sim professor. Porque eu era sempre muito quietinha. Tanto é que eu me sentava sempre lá atrás, e procurava não levantar muito a minha voz para não sobressair entre as outras, para não chamar a tua atenção. Aí mas sempre que alguém começava a conversar comigo eu ficava muito feliz, porque não sou muito de puxar conversa com outras pessoas. Quando as outras pessoas vinham conversar comigo, eu pensava: que coisa que legal! Me sentia importante, isso que incentivava muito na UNATI, porque tinha sempre alguém que vinha conversar com a gente, isso sempre foi fundamental para mim, porque como eu sou muito quieta, muito introspectiva, então eu fui melhorando na questão de conversar com as pessoas [...] (I1, 2021).

[...] eu sempre fui tímido e tive uma preocupação depois que parei de trabalhar na minha atividade técnica, que era de conserto de máquinas tive que começar a me relacionar com as pessoas, e tive dificuldades [...]. A UNATI surgiu na hora certa, porque antes meus cursos eram basicamente técnicos, e quando tive uma oportunidade eu fiz um curso superior de estudos sociais, estudos sociais com ênfase nas disciplinas de Geografia e História e depois comecei a participar de grupos, associações. Então a UNATI foi, assim, uma brecha [...] (I13, 2021).

[...] eu percebi que eu fiquei mais solta, eu nunca tive vergonha de nada, mas eu tive a impressão que tudo que eu queria, era estar no meio de gente, fazendo alguma coisa que eu gostasse, eu gostava de cantar, e a princípio eu participava do coro e depois participei de outros dos cursos na UNATI (I7, 2021).

¹⁴ “[...] una representación habla tanto como muestra, comunica tanto como expresa. Finalmente, reproduce y determina comportamientos, ya que define la naturaleza de los estímulos que nos rodean y nos provocan, y el significado de las respuestas que les damos. En una palabra, la representación social es un tipo particular de conocimiento que tiene la función de elaborar comportamientos y comunicación entre individuos” (MOSCOVICI, 1979, p. 27).

[...] eu sempre fui uma pessoa tímida, porém agora não sou mais. Eu era muito tímida, então soltar a voz, para mim sempre foi difícil. Eu quis aprender música porque é uma coisa que eu não sei, e eu sempre gostei de aprender [...] eu quero aprender, me desafia, eu quero aprender música (15, 2021).

Verificamos, por meio desses relatos, que os idosos afirmaram que tinham um comportamento tímido, retraído, isolado, inicialmente; alguns deles apresentavam dificuldades, inclusive, de falar em público, cantar, de aprender uma atividade que há muito tempo desejavam. Observamos que o comportamento destacado antes de ingressarem na UNATI denota uma dificuldade de as pessoas se exporem socialmente e sugere uma dificuldade para exercerem atividades sociais devido a essa característica.

No caso das relações de ensino e aprendizagem nas aulas de música, que demandam o envolvimento dos alunos e é sempre um ato de exposição pessoal quando uma pessoa canta em público, isso fica evidente em uma aula de canto coral, por exemplo, na qual as pessoas estão constantemente cantando para outras e com outras pessoas, sendo observadas ao realizarem tal atividade durante toda a aula. Esse tipo de atividade contribuiu, sem dúvida, para a mudança desse comportamento, dessa postura de retraimento, permitindo que os idosos se abrissem para a comunicação entre os colegas do grupo, a fim de se relacionarem e realizarem as atividades musicais em conjunto.

Segundo Boehme (2013), é importante salientar que o desenvolvimento humano precisa da comunicação para se concretizar, que é a conexão essencial nas relações humanas. Nas palavras da autora:

[...] nessa relação de um com o outro, o idoso trará toda a sua bagagem de vivências, sua história e cultura, ganhos e perdas, sucessos e derrotas, desejo e insatisfação. Sabe-se que o processo comunicacional não é algo simples, que obedece a um determinado esquema, mas um processo feito de muitas interferências no momento em que os sujeitos se comunicam (BOEHME, 2013, p. 33).

É comum ao ser humano, independentemente de sua idade, ter esse tipo de comportamento por não se sentir à vontade em ambientes que, comumente, não fazem parte de seu convívio. Porém, no caso em questão, que envolve o idoso, além de esse comportamento ser um impeditivo para o seu desenvolvimento e

interação social, poderá restringir o seu processo de aprendizagem musical, pois, nas aulas de coral e em outras modalidades de ensino de música, é necessário que a pessoa se envolva com outras, sobretudo em uma atividade feita coletivamente, que pode permitir que os conteúdos tratados ultrapassem o limiar dos conhecimentos teóricos e técnicos envolvidos nessa atividade.

Nos relatos dos participantes, foi possível constatar o quanto que o ambiente proporcionado nas aulas de música da UNATI contribuiu para a mudança desse comportamento retraído por parte de alguns de seus alunos e para que as trocas de saberes entre os seus integrantes ocorressem sem entraves, promovendo a criação de novas RS.

Destacamos, ainda, o relato de outra participante: “[...] eu senti que eu melhorei, e a parte social também, eu era... eu comecei a sentir que eu era muito fechada, e na UNATI eu comecei a me abrir mais com as pessoas, eu conversava mais [...]” (I3, 2021).

Percebemos, nessa fala, um importante sinal de mudança oportunizado pela participação dessa pessoa na UNATI-UEM. Mas há outros aspectos que apontam para a mudança de comportamento que ocorre durante as trocas de saberes e as observações realizadas entre as pessoas de um grupo. Dentre as mudanças que aconteceram com os idosos participantes das disciplinas de música ofertadas pela UNATI-UEM, podemos destacar o respeito pelas diferenças dos outros, conforme os relatos evidenciados na sequência:

[...] para mim foi uma mudança bastante específica... foi um processo gradual, mas tendo em vista o estilo de vida que eu até então tinha, por estar atuando como empreendedor, você tem uma estrutura enxuta, então você centraliza as decisões, a tomada de decisões. **E essa centralização faz com que você não compartilhe ideias, você acaba não ouvindo as demais pessoas**, mesmo porque nessas decisões, na maioria das vezes, você está restrito a um corpo dirigente de uma, duas pessoas, no máximo três. Tem decisões que você tem que tomar muito rapidamente no dia a dia. **Quando entrei na UNATI foi um aprendizado no meu caso [...] de eu ouvir mais, ouvir aquelas pessoas [...]** (I2, 2021, grifos nossos).

[...] sim, eu observei, que houve mudanças sociais, culturais e comportamentais. Por exemplo: **poder compartilhar mais, integrar, viver mais em sociedade, desenvolver a compreensão, perguntar para os outros opiniões** e culturas diversas. Acredito que pelos cursos da UNATI, da UEM eu pude,

de certo modo, ter uma realização pessoal, e ao mesmo tempo conhecer outros pontos de vista, de crenças e assim, uma convivência de **respeitar e apreciar a vida em sociedade** (I11, 2021, grifos nossos).

[...] havia pessoas que a gente quando viu pela primeira vez pensava que era chato, **e de repente você travou amizade com ele, e hoje é uma pessoa muito importante, a gente percebe que tem uma recíproca e interesse de trocar ideias, de conversar.** Quando se encontra é uma satisfação muito grande, e isso veio muito da UNATI, o se encontrar, e estarmos sempre prontos para receber aquele calor humano, aquela atenção, é muito importante (I10, 2021, grifos nossos).

[...] na UNATI as pessoas têm diferentes categorias profissionais, até muitas que trabalham como domésticas, do lar, então não é aquela condição de nível de conhecimento, e **isso é muito legal para gente**, a minha vida mudou muito depois da UNATI eu conheci pessoas, inclusive até muitas pessoas que por causa da idade já faleceram a gente sente muita saudade desse pessoal, no coral a gente tem que estar juntos então a gente tem muita amizade (I6, 2021, grifos nossos).

[...] depois que entrei na UNATI **as pessoas que eu conheci são pessoas totalmente diferentes** do meu convívio, não eram as pessoas que eu lidava, **eram todas outras pessoas, outros interesses e isso é bom.** O ser humano vive das relações, ele só continua humano por causa das relações que ele mantém com outro ser humano (I5, 2021, grifos nossos).

Podemos enfatizar que aceitar as pessoas diferentes e aprender a ouvi-las é respeitá-las. Essa característica foi construída pela interação dos indivíduos componentes desse grupo de entrevistados, que é formado por pessoas de diversas áreas de formação e que tiveram profissões distintas durante as suas vidas. Tal relação é muito importante para uma convivência social em um ambiente saudável, e esse respeito é construído, gradativamente, durante o processo educativo. Segundo Alves Neto (2016, p. 29), “[...] à medida que os seres interagem uns com os outros, com objetos, meios de comunicação e demais campos da sociedade, acabam por incorporar uma série de imagens a respeito de tudo que os cerca”.

Então, podemos apontar como parte das RS criadas por meio da convivência entre os indivíduos desse grupo e as suas interações o respeito pelas diferenças, sejam elas de formação profissional, conceituais, raciais e culturais. Ademais, há o pensamento compartilhado de que eram pessoas solitárias e fechadas – e que,

agora, são pessoas interagentes de atividades culturais e educacionais que, antes, não tinham acesso, de maneira a revelar uma satisfação por estarem participando juntas desse processo de reintegração social.

Outro ponto importante dentro dessa categoria diz respeito à convivência entre os idosos inscritos nas disciplinas de música da UNATI-UEM. Conviver, segundo o dicionário Michaelis, significa: “Ter convivência, ter intimidade ou viver com outrem; relacionar-se amigavelmente ou dar-se bem; experimentar situações difíceis; aguentar, suportar” (CONVIVER, [2023], *on-line*). De acordo com Moscovici (2015), as interações entre pessoas de um mesmo grupo constituem o único processo capaz de explicar a criação das RS. Outrossim, pontua-se que a interação é a relação; é o comportamento que move os integrantes das disciplinas de música oferecidas pela UNATI.

Abordamos, na quarta seção, a tríade Eu-Outro-Objeto e a sua importância para a criação de novas RS, bem como para a continuidade desse processo, pois as representações sociais não são estáticas; elas estão em constante mudança. Nessa perspectiva, Moscovici (2015, p. 208) argumenta que “[...] as representações sociais se apresentam como uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias [...]”. Portanto, podemos inferir que isso ocorre por causa da convivência dos indivíduos de um grupo e das relações que se constroem por meio do encontro, da formação de um grupo. Elas existem à medida que são úteis e circulam.

Dessa forma, ressaltamos os relatos de alguns participantes da pesquisa a respeito dessa convivência:

[...] e **as relações são importantes, e conviver com pessoas** que a gente nunca conviveu, faz a gente ver o mundo de outra forma [...] (I5, 2021, grifos nossos).

[...] **foi um período muito, muito alegre e divertido, foi muito bom. As amizades que eu fiz**, algumas ficaram. Então até hoje foi assim, foi bom, resumindo, foi muito bom (I4, 2021, grifos nossos).

[...] o importante é a primeira vez, e depois explicar o que pode, **todo mundo que começa, e ver aquela convivência**, todo mundo na mesma idade, **já se incentiva de estar no grupo**, é um incentivo inicial (I13, 2021, grifos nossos).

Podemos observar, nesses relatos, que o processo de interação entre as pessoas integradas nas aulas de música é de grande relevância para o desenvolvimento das RS, pois configura um processo em movimento, em constante construção. No relato do participante I5, ele destaca a mudança na forma de ver o mundo, ou seja, uma mudança de paradigmas, que corrobora com a criação de novos conceitos por causa da interação, da convivência e da comunicação. No segundo relato, embora não de forma direta, podemos notar a quantidade de novas experiências e de situações de interação que a convivência nas aulas de música da UNATI-UEM possibilitou a essa pessoa. No relato do participante I13, averiguamos, em sua fala, que ele se identifica com os seus iguais naquele grupo, sente-se bem por fazer parte de um coletivo de sua mesma faixa etária.

Moscovici (2015) explica que a comunicação e as representações sociais são mutuamente condicionantes, pois só podemos nos comunicar se partilharmos determinadas representações, e uma representação só é compartilhada quando se torna um objeto de interesse e de comunicação. Sem dúvida, essa afirmação está presente nos relatos, porque, neles, encontramos a necessidade de se ajustar às pessoas, a convivência respeitosa, o surgimento de amizades e a mudança de comportamento, aspectos partilhados por meio das interações e da comunicação. Mas também observamos que, primeiro, já se registravam representações que os uniam, como a faixa etária, o desejo de ter um grupo de convívio, o implícito desejo de aprender música. Vejamos mais relatos sobre a questão:

[...] a minha convivência com os colegas da UNATI foi boa. Antes da UNATI eu não conhecia essas pessoas, o meu grupo de amizades era formado por meus ex-colegas de trabalho, então com a UNATI, o meu círculo de amizades se diversificou (I18, 2021).

[...] convivendo ali, na UNATI, eu fiz um grupo de amizade, e a parte social, e também de cultura que para mim trouxe bastante conhecimento cultural, a minha convivência com as colegas, minha relação com os colegas da UNATI. Eu tenho uma boa relação com elas, fiz uma grande amizade. Eu senti muito a perda de algumas que já se foram, que faleceram (I19, 2021).

[...] eu vi ele decaindo porque ele se e aposentou de verdade, não quis saber de fazer mais nada, teve oportunidade e inclusive você chamou ele para ser aluno, pois precisava de voz masculina no coral e ele não aceitou, então eu vi ele decaindo, e eu me via crescendo, mais viva. A minha convivência, a relação com meus

colegas da UNATI não dá para qualificar ou identificar, uma pessoa é uma mais maravilhosa que a outra (I12, 2021).

[...] a minha convivência com os colegas da UNATI foi muito boa eu fui recebida muito bem. Não tenho nada a reclamar, já vou me entrosando e foi tudo em paz. A minha vida melhorou muito. Eu sempre comento aqui em casa digo eu sou idosa (I9, 2021).

Podemos expor que, no campo das RS, os dados coletados por meio das entrevistas realizadas com as pessoas participantes apontam para uma modificação substancial em relação às representações sociais que tinham antes de ingressar na UNATI, em comparação às atuais. Com base nos relatos discutidos, encontramos representações de isolamento social e representações de tristeza, enquanto, após a participação nas aulas de música da UNATI, encontramos representações de acolhimento e representações de alegria, consequências de uma convivência social em um ambiente que permitiu que o idoso pudesse ser mais feliz e participativo. Nas palavras de Moscovici (2015, p. 40):

[...] podemos afirmar que o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual.

Vemos, por meio dos relatos, um sentimento impregnado em todos: a satisfação de estar naquele grupo, o prazer nas relações, o prazer da mudança que trouxe benefícios para as vidas deles. Satisfação e prazer que não foram dados pela UNATI, mas construídos por meio das relações de interação entre esses idosos, fomentadas durante as aulas de música, ao constituir um pensamento coletivo acerca do objeto UNATI, mais especificamente, sobre o objeto aulas de música da UNATI, que, para essas pessoas, tornou-se um lugar de deleite pessoal por causa das representações compartilhadas individualmente e coletivamente.

Moscovici (2015, p. 54) alerta que “[...] a mudança como tal somente é percebida e aceita desde que ela apresente um tipo de vivência e evite o murchar do diálogo [...]”. Para nós, ficou notório que essa modalidade de mudança foi encontrada nos relatos, uma dialogicidade estimulada e desenvolvida em torno das aulas de música. As RS desse grupo foram criadas por meio desse processo

coletivo, de convivência, partindo do individual para o coletivo e do coletivo para o individual, ao ser resultante da somatória das experiências trazidas pelos indivíduos, que se transformaram nas representações partilhadas pelo grupo.

Fechamos essa subcategoria com mais relatos de participantes que validam os anteriores:

[...] então, a UNATI ajuda a gente a se relacionar mais com as pessoas, a convivência com os colegas é muito boa. Cada um tem uma história diferente e acho que me ajudou no sentido de valorizar mais também (I18, 2021).

[...] você melhora muito, você passa a pensar diferente em termos de coletividade, em termos de participação, você melhora a sua tolerância em relação às outras pessoas, isso é importante. A minha convivência com meus colegas da UNATI, o relacionamento era de amizade, de troca de informações, e claro que quando você se liga a um grupo, como aquelas pessoas, você tem mais afinidade, a vida melhora (I16, 2021).

[...] nos outros cursos da UNATI também foi uma experiência muito boa, e eu tenho praticado até hoje aqueles ensinamentos. A minha vida melhorou depois que eu entrei na UNATI, porque a gente vem de uma de uma região, de um estado diferente. E a gente se sentiu perdido aqui, o que aconteceu é que a UNATI trouxe esse benefício da convivência, e que eu fui me inteirando com as pessoas, fui aprendendo. A vida se tornou mais agradável numa cidade que eu considerava até então estranha (I10, 2021).

Destacamos, nesses relatos, os elementos relativos à convivência, que trouxe novos colegas, novas experiências, novas histórias, novas relações propiciadas pelas interações entre os indivíduos do grupo. Essa convivência contribuiu para a criação de novas RS, representações de uma autopercepção positiva nos âmbitos individual e coletivo, representações de integração social a um grupo, representações de amizade, representações de se sentir aceito pelo grupo e representações de uma convivência social agradável.

7.2.2 As aulas de música na UNATI-UEM

A segunda categoria deste estudo, intitulada “As aulas de música na UNATI-UEM”, deteve-se a fazer análises relativas a questões corriqueiras no ambiente da sala de aula, como conteúdo de aprendizagem, o que mais os idosos gostavam ou

não durante as aulas e sobre a sua relação com os docentes de música e seu trabalho com eles. Elaboramos essas questões pelo fato de considerarmos substancial que um docente esteja preparado para lidar com as necessidades de aprendizagem do público idoso. Corroborando com o exposto, Capuzzo (2012, p. 12) afirma que:

[...] criar oportunidades para o idoso ter acesso à educação implica em educadores qualificados para atender as especificidades desse grupo, que é singular em relação à maioria dos que são sujeitos da educação, que são os mais jovens.

Assim, para o sucesso dessa nova educação permanente e não formal destinada ao idoso, é necessário que o professor não saiba apenas lidar com o ensino do jovem e da criança, mas compreenda as especificidades do público idoso. Isso também se aplica aos professores de música da UNATI. Somado a isso, nessa esfera de análise, procuramos focar as RS dos participantes nas relações sociais e de aprendizagem dentro do contexto das aulas.

Mas, antes de passarmos para as análises, faremos uma explicação sobre as disciplinas de música ofertadas pela UNATI-UEM. A atividade de canto coral¹⁵, que é tradicionalmente chamada de Coro¹⁶, tem um caráter coletivo que remonta aos tempos mais antigos da história da música e da própria humanidade. Essa atividade promove a participação de pessoas de gênero diferentes e pode dividir um grupo em diferentes naipes¹⁷, de acordo com a característica vocal de cada um, por exemplo, um naipe de vozes graves e outro com vozes agudas. No caso da disciplina de canto coral da UNATI-UEM, temos a divisão de 3 naipes, sendo sopranos (mulheres de vozes agudas), contraltos (mulheres de vozes graves) e um naipe masculino (homens de vozes graves com baixos e barítonos).

¹⁵ Designação comum de coro, termo genérico para conjunto de vozes. Corais podem ser infantis, femininos, masculinos e mistos (DOURADO, 2008).

¹⁶ Conjunto de vozes organizadas em naipes. Na formação moderna, compõe-se por sopranos, contraltos, tenores e baixos (SATB). Existem, ainda, coros de vozes iguais, ou seja, masculinos, femininos e infantis, e coros mistos, dentre outros, a depender da formação. A expressão 'coro misto' (ou coro para vozes mistas) se refere, genericamente, a qualquer coro de vozes masculinas e femininas [var.: coral] (DOURADO, 2008).

¹⁷ Em um conjunto instrumental ou vocal, grupo de executantes com o mesmo tipo de instrumento (naipe de violinos, naipe de trombones) ou classificação vocal (naipe de contraltos) (DOURADO, 2008).

Na disciplina Práticas Musicais, o trabalho é desenvolvido por um professor com uma turma de idosos e tem como objetivo principal levar o idoso a vivenciar a música por meio do conhecimento dos principais elementos musicais (som, silêncio, tempo, ritmo e timbre). Esse trabalho é elaborado por meio do conhecimento e da experimentação de diversos instrumentos musicais, sendo eles da área de teclado, cordas e percussão, além de utilizarem o canto.

Na disciplina Conversas Musicais e Latino-americanas, eram estudados intérpretes musicais brasileiros e latino-americanos. Por meio da apreciação musical de suas obras, eram abordadas questões sobre historiografia, como informações sobre a vida do musicista, a sua carreira musical, as suas músicas, dentre outros dados. As aulas ocorriam de forma participativa: os alunos traziam as suas ideias, reflexões, conhecimentos sobre os conteúdos abordados, experiências e memórias; assistiam a vídeos; e faziam análises críticas das músicas, desenvolvendo a reflexão, a rememoração, a troca de conhecimentos e as vivências relacionadas às músicas e músicos abordados.

Na disciplina Vivenciando a Música Brasileira, era trabalhado o conhecimento e reconhecimento de músicas brasileiras, por meio da apreciação musical e da vivência prática, a partir da reflexão sobre as músicas abordadas por registro escrito ou em áudio. Eram estudadas músicas de cada região do Brasil; discutia-se sobre cultura popular e os costumes de cada região. Eram realizadas interações e troca de informações por meio dos relatos dos alunos sobre as suas reflexões e memórias de experiências, vividas em viagens por vários lugares do Brasil. Eram trabalhados, principalmente, ritmos como baião, xote, xaxado, coco, arrasta pé, carimbo, cururu, ciranda, samba enredo, dentre outros.

Por fim, na disciplina de Violão, assim como as demais, trabalhava-se com um grupo de alunos, em que o professor ensinava teoria musical aplicada ao instrumento, leitura musical e técnica para o desenvolvimento da prática do violão, além do repertório para iniciantes.

Iniciaremos a nossa análise abordando a questão dos conteúdos que o idoso aprendeu nas aulas de música das UNATI e as RS criadas nesse processo. Conforme já exposto, a justificativa para a utilização da TRS para pautar o nosso estudo em relação ao ensino de música de idosos oferecido pela UNATI-UEM se deve às características favoráveis e adequadas dessa teoria para analisar

fenômenos e relações sociais em grupo para além dos conteúdos teóricos e técnicos, o que está em conformidade com o ensino de música nas disciplinas ofertadas pela UNATI. Assim, o êxito depende da interação entre os integrantes do grupo, bem como das relações humanas construídas no processo. No caso da disciplina de Canto Coral, temos uma fala que nos revela sobre a predisposição que há em relação ao trabalho com idosos.

A atividade de canto coral, especificamente, é considerada socialmente democrática, pois pode ser realizada por diferentes pessoas de diversas idades ou estilos. O que os coristas buscam, na maioria das vezes, é o prazer, de modo que fazem desta atividade um espaço terapêutico para a sua vida (SILVA; ROSSI, 2018, p. 3).

Observamos, aqui, características do trabalho em canto coral que aparecem entre os conteúdos aprendidos e compartilhados pelos idosos participantes relativos ao âmbito musical. Mas, além disso, alguns desses conteúdos puderam ajudar as pessoas em outras categorias de suas vidas, o que aponta para os benefícios que a experiência musical pode trazer em outras áreas de nossas vidas. Segundo Prazeres (2010), a música pode trazer vantagens para a vida dos idosos como o resgate da memória, o bem-estar psicológico, o fortalecimento da autoestima e o convívio social – podemos incluir a esses benefícios aqueles relacionados às funções cognitivas e à saúde física (SILVA; ROSSI, 2018). Vejamos, nos depoimentos a seguir, alguns dos conteúdos de aprendizagem citados, bem como a sua amplitude temática:

[...] noto que as outras alunas têm uma certa dificuldade de aprender essas partes com bemol¹⁸ e sustenido¹⁹ de fazer aquela transição de uma para outra parte, então eu vejo que você tem uma paciência tão grande, um trabalho tão grande para poder fazer a pessoa entrar na música (I1, 2021).

[...] aprendi em termos de afinação da voz para mim foi muito proveitoso porque as vezes a gente não sabe aonde nós estamos como nós estamos cantando então eu me cobro muito eu me cobro a minha participação nos coros (I7, 2021).

¹⁸ Sinal característico da notação musical que indica que a nota deve ser tocada um semitom abaixo (DOURADO, 2008).

¹⁹ Nota natural alterada ascendentemente a um semitom (DOURADO, 2008).

[...] com você que é do canto eu aprendi até respirar novamente, porque a gente vai chegando a um ponto que engorda um pouco e vai esquecendo essa parte de respiração, então para mim foi importante desde a respiração até os exercícios com a voz e tudo isso para mim foi muito importante (I12, 2021).

[...] eu aprendi a falar sem, a expor o que eu estava pensando sem timidez, comecei a participar de debates e discussões sem medo ou vergonha, passei a assumir funções em associações de bairro e no município, passei a ter mais visibilidade na comunidade, então é essa a grande experiência nessa participação (I13, 2021).

Nessas falas, detectamos alguns dos mais importantes conteúdos musicais para os idosos, trabalhados durante as aulas de música da UNATI. Vamos discutí-los separadamente para poder localizar, com mais eficácia, os seus benefícios. O primeiro diz respeito aos conceitos de teoria da música, uma vez que a participação nas aulas irá ajudar a desenvolver a memória do idoso, pois o envolvido nesse processo de aprendizagem está iniciando em uma nova linguagem, a linguagem dos sons musicais, aprendendo conceitos sobre os sons que conhece e os que não conhece, de maneira a trabalhar a sua memória e a sua capacidade cognitiva. Segundo Prazeres (2010, p. 71), “o Canto Coral é uma prática extremamente interessante, capaz de proporcionar diversos efeitos positivos nas áreas cognitivas e límbicas, possibilitando a melhora da qualidade de vida dos idosos”.

Outro elemento musical citado pelos participantes é a afinação²⁰ e a colocação vocal, que estão relacionadas com a qualidade estética e artística, de modo a conferir ao cantor maior segurança para cantar e, ao espectador, uma maior beleza ao ouvir determinada melodia.

Foi citada, ainda, a respiração para o canto, que, mesmo com o objetivo de melhorar o desempenho vocal do coralista, trouxe um benefício prático para a saúde do participante I12, melhorando a sua qualidade respiratória e, conseqüentemente, a sua saúde.

Por último, temos o relato que menciona uma mudança de comportamento e de atitude do participante I13, que, por meio do trabalho de desinibição durante as aulas e a participação em apresentações públicas com o coral, passou a ter um

²⁰ Altura do som relativamente a outro som ou a um parâmetro pré-convencionado (DOURADO, 2008).

comportamento mais interativo, revelando uma melhoria em sua inserção na comunidade. Vimos, aqui, alguns conteúdos trabalhados que trouxeram benefícios diretos e indiretos para a vida dos idosos participantes, sendo desenvolvidos no decorrer das aulas de música da UNATI e fomentados por meio das suas interações.

As utilizações diversas que os idosos deram a esses conteúdos mostram que cada sujeito, quando elabora mentalmente uma representação, realiza essa ação de forma própria (MAGALHÃES, 2013), dando a eles aplicações particulares. Podemos depreender que, se o sujeito é capaz de receber tais conteúdos e a eles atribuir sentidos, torna-se capaz de modificar a sua realidade social, não copiando, mas atribuindo significados próprios ao que é social (ORNELLAS, 2009). Assim, o sujeito transforma e ressignifica os novos saberes gerados e compartilhados por esse grupo de pessoas.

Verificamos, também, que outra RS criada e compartilhada por eles é a percepção de que naquele espaço obtiveram saberes que interferiram e modificaram positivamente as suas vidas, ou seja, compartilharam a representação de que, nas aulas de música, adquiriam novos conhecimentos de música, o lugar onde aprendiam.

Outro ponto importante a ser considerado em nossa análise é o gosto comum compartilhado pelos participantes deste estudo em relação aos conteúdos trabalhados nas disciplinas de música. Observamos, nas falas dos entrevistados, que esse elemento está presente em todos os casos. Vejamos, na sequência, alguns exemplos:

[...] gosto de músicas mais curtas que são cantadas à 3 vezes e faziam aquele conjunto, ficava uma harmonia muito bonita, e principalmente me apresentar em público. O que eu gosto e acho bem legal, é que isso me motivou, pelo fato de gostar muito de cantar música e de poder me apresentar, de falar, das outras pessoas me verem cantando (I1, 2021).

[...] você está aqui para aceitar aquilo que está sendo proposto e tem profissionais que estão fazendo isso e você não possui nenhum conhecimento nessa área, mas isso também me possibilitava aceitar melhor o meu processo de mudança pessoal e entender que era um desafio para eles e para mim. Eu sempre gostei muito de música, hoje eu ouço ritmos de música que eu detestava mas

aprendi isso na UNATI, pelas conversas que nós tivemos e tudo mais (I2, 2021).

[...] o coral sempre foi uma das coisas que eu gostei, cantar mesmo sabendo que eu tinha minhas dificuldades. Eu me sentia importante no coral porque estava fazendo uma coisa que gostava, quando criança eu cantava muito e na escola eu formei um coral de crianças de vozes infanto-juvenis. Eu amava muito, tenho até fita gravada (I3, 2021).

[...] gostei de trabalhar foi a respiração, porque eu já fazia parte do coral da igreja e a gente chega lá, ensaia e vai embora, no coral da UNATI tinha toda uma preocupação com a técnica para respirar, prestar atenção quando sobe a música, e o que mais gosto nas aulas de música da UNATI é de encontrar o pessoal, e eu também gostava quando você falava para gente que iríamos aprender uma música em inglês (I4, 2021).

[...] cantar com grupo, essa é uma das coisas mais gostosas que a gente tem no coral, a gente perdeu isso na pandemia que é o cantar junto. Mas aprendemos uma outra coisa, porque eu acho que o grupo aprendeu muito mais na pandemia porque era uma aula particular (I5, 2021).

[...] eu acho que tem um acréscimo muito grande da música para mim, o conteúdo que eu mais gostei nas aulas de música da UNATI foi aprender música dessa forma que você trabalha, quando você está no coral em vozes diferentes, para mim é uma magia você primeiro coloca a voz de soprano e depois coloca contralto e então coloca os homens, é uma mágica, que coisa linda! (I6, 2021).

Com base nesses relatos, podemos observar que todos compartilham do gostar de cantar em um coral; podemos dizer que desfrutam do fato de cantarem em coro. Damos destaque para dois trechos curtos: “quando você está no coral em vozes diferentes, para mim é uma magia” (I6) e “cantar com o grupo, essa é uma das coisas mais gostosas que a gente tem no coral” (I5). Sem querermos nos centrar em didatismos, mas o sentimento compartilhado não se refere ao fato de simplesmente cantarem juntos, mas, sim, à divisão de vozes, que é comum na atividade do canto coral e aos efeitos harmônicos que a união de vozes distintas pode gerar. Falamos de uma sensação que é complexa, pois se trata da construção de um pensamento artístico individual e coletivo:

O propósito da Arte é a comunicação de sentimento para sentimento, entre diferentes pessoas, que se estabelece através de formas harmoniosas e suas relações, as quais estimulam

sensações ou geram prazer estético. A Arte torna visível o invisível (PRAZERES, 2010, p. 49).

As sensações a que se refere a autora podem ser explicadas pela experiência que o sujeito tem ao ouvir a sua voz cantando uma melodia e ouvir, ao mesmo tempo, outro sujeito (ou grupo) cantando outra melodia diferente simultaneamente. Por exemplo, quando ouvimos um grupo coral dividido em duas vozes: um grupo de mulheres (naípe feminino) cantando uma melodia conjuntamente a um grupo de homens (naípe masculino) cantando outra, mas ambas com o mesmo texto, cada uma delas com as suas características naturais (mulheres com vozes mais agudas que os homens), porém a junção dessas sonoridades produz um efeito artístico e estético que os diferencia de quando uma ou outra voz canta separadamente.

Podemos perceber que o canto coral e as atividades de música da UNATI são atividades artísticas que podem ser consideradas deveras apropriadas para o idoso, pois utilizam a música, o canto e a participação em um grupo social onde o sujeito é valorizado (SILVA; ROSSI, 2018). Dessa maneira, com base nos depoimentos dos entrevistados, podemos inferir que uma RS compartilhada pelo grupo é o sentimento de prazer em participar/cantar do/no coral da UNATI e, principalmente como afirmam, de cantar em um coral que atua dividido por vozes²¹.

Outra questão importante que revelou gostos e interesses que os idosos têm acerca das aulas de música das quais participaram equivale a quando foram indagados sobre o que mais gostavam ou, de certa forma, o que mais os atraía nas aulas. Entender o motivo ou os motivos que mais seduzem o idoso nas disciplinas de música da UNATI pode nos ajudar a compreender o que buscam as pessoas nesse contexto de aprendizagem. Para o professor, manter o interesse da turma na disciplina que ministra é um dos fatores determinantes para o sucesso de seu trabalho. Podemos dizer que esse quesito para a instituição, nesse caso, a UNATI, está relacionado ao motivo de sua existência. Então, compreender o que move os sujeitos envolvidos nas aulas de música e o que os mantém interessados pode nos

²¹ “2. Composição para vozes diferentes, mas de extensões semelhantes em oitavas diversas, como soprano e tenor” (DOURADO, 2008, p. 364).

mostrar outras RS que foram criadas por intermédio da interação social desse grupo. Nas palavras de Murta (2017, p. 55, grifos da autora):

Considerando-se o sujeito criador da própria história e que sofre interferência do meio social, buscamos elementos necessários para tornar visível aquilo que está encoberto **no como e por que**, tendo em vista que, pela ciência, estamos à procura de entendimento, de nova forma de olhar, os quais nos mostrem novas possibilidades.

Fica assim evidenciado que o sujeito constrói os seus saberes sendo influenciado pelo meio em que está inserido e pelo conhecimento a que tem acesso naquele contexto. Tal fato pode demonstrar que o sujeito desenvolve sentimentos, gostos, pretensões e expectativas acerca do que será oportunizado a ele por continuar integrado àquele grupo, ao ter uma ideia clara do que o incentiva a continuar participando dessa experiência. Vejamos algumas falas dos entrevistados:

[...] o que mais me atrai nas aulas de música é o próprio desafio, para mim o próprio desafio, porque eu vejo que tem pessoas que tem uma tonalidade de voz definida que parece que está tudo pronto, assim tudo encaixado, e para mim não é assim, e também porque a música é a área da ciência que mais trabalha a conservação do equilíbrio mental do ser humano. Existem estudos que comprovam que os músicos perdem menos neurônios que outras pessoas (I2, 2021).

[...] o que mais me atrai nas aulas de música da UNATI é cantar, não tem outra coisa, acho que é cantar mesmo, então a cada música nova é um novo desafio para mim (I3, 2021).

[...] o que mais me atrai nas aulas de música da UNATI é a alegria, o conjunto, o estar junto ali, por isso que eu fui para o coral para cantar, para ficar junto ali (I5, 2021).

[...] o que mais me atrai nas aulas de música da UNATI é cantar, é abrir a boca para cantar (I7, 2021).

[...] o que mais me atrai nas aulas de música da UNATI é o desafio de se apresentar em público, cantar, o interesse de aprender, então isso traz uma satisfação, traz acima de tudo uma ocupação e interesse, então é muito importante (I10, 2021).

[...] o que mais me atrai nas aulas de música da UNATI é um sentimento de liberdade, porque eu estou realizando uma coisa que realmente gosto e estou podendo me dedicar um pouco, porque a gente fala e não faz, o tempo passa (I11, 2021).

[...] eu queria estar nas aulas e conversar, conversar com um e com o outro, a gente chegava até bem mais cedo para bater papo e a aula em si tudo me atrai (I12, 2021).

[...] o que mais me atraia nas aulas de música da UNATI era desenvolver a minha voz, eu desconhecia a existência da voz do tenor, a do soprano. Que voz bonita! eu falei. Pensava que a minha voz era fraca e sem volume, é que a voz que tem que ter dezenas, milhares juntas para somar e sair alguma coisa, então no coral eu ficava admirado, a gente percebe que voz bonita (I13, 2021).

[...] o que mais me atrai nas aulas de música da UNATI é exatamente aquelas informações que você está buscando e que de repente aparece, então é uma coisa que vem atender uma necessidade que você tem no teu cérebro. Eu tinha dificuldade de formar as escalas menores, então um dia na aula o professor começou a fazer essas escalas e de repente deu um 'tilt' e eu descobri como é que a felicidade (I16, 2021).

[...] o que mais me atrai nas aulas de música da UNATI é preparar e saber que a minha voz está afinada, ouvir a minha voz e ver as pessoas, ouvir as pessoas cantarem e estar junto com aquele grupo de pessoas, se preparando, eu acho que isso é o que mais me atrai (I19, 2021).

[...] o que mais me atrai nas aulas de música da UNATI é aprender a cantar em conjunto, eu nem sabia que isso era possível (I20, 2021).

Nessas falas, observamos que existem palavras que apontam para o que é mais importante para cada um dos idosos nas aulas de música. Como já vimos anteriormente, cada pessoa pode construir a sua história, a sua participação dentro de um grupo, e isso é feito por meio de seus interesses, de suas aspirações. Vamos destacar algumas palavras reveladoras de suas pretensões no grupo, que são: cantar, voz, aprender e desafio. Essas quatro palavras estão interligadas aos objetivos principais que mantêm essas pessoas participando da UNATI, no caso mais específico, das aulas de música.

Para Moscovici (2015, p. 93), “[...] a acepção de um conhecimento implica a dependência em relação ao grupo que com ele se identifica e se encarrega de sua reputação”. Vemos, então, que o conhecimento, o aprendizado desejado por essas pessoas, é o elo que as prende e, ao mesmo tempo, as impele a continuar participando; é o seu objeto. Dessa forma, observamos que a música ou, mais especificamente, as atividades musicais, como as oferecidas pela UNATI, podem

criar interesses para os idosos, pois a música, além de sua execução prática, tem uma função social de transmissão cultural, oferecendo novos valores históricos, estéticos e éticos, a fim de promover a comunicação e a expressão do ser humano e de sua cultura. É, também, um elemento psíquico, integrador, que envolve processos cognitivos (SILVA; ROSSI, 2018).

Ademais, nas falas dos entrevistados, podemos perceber a existência de uma busca por cantar corretamente ou aprender a usar a voz, desafiar-se em suas dificuldades musicais, adquirir conhecimento de novos conceitos musicais, aprender técnicas para o canto. A nosso ver, são essas as bases que compõem o objeto, que é mediado pelo eu e o outro, e que levam à construção das RS que os mantêm no grupo, conduzindo-os a continuarem se sentindo atraídos por fazer parte dele. Segundo Abric (2001, p. 12-13, tradução nossa):

Toda representação é assim uma forma de visão global e unitária de um objeto, mas também de um sujeito. Essa representação reestrutura a realidade para, ao mesmo tempo, permitir uma integração das características objetivas do objeto, das experiências anteriores do sujeito e seu sistema de normas e atitudes. Isso permite que a representação seja definida como uma visão funcional do mundo que permite ao indivíduo ou grupo dar sentido ao seu comportamento, e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências e assim adaptar e definir um lugar para si²².

Podemos assim inferir que as palavras ‘cantar, voz, aprender e desafio’ estão entrelaçadas, interligadas como uma rede que envolve o pensamento dos participantes dessa entrevista – e por eles são compartilhadas. Juntas, essas palavras compõem o sentimento, o objeto de interesse que os impulsiona a continuar aprendendo música ao lado dos integrantes do grupo. É a RS que os une e de que comungam.

²² “Toda representación es así una forma de visión global y unitaria de un objeto, pero también de un sujeto. Esta representación reestructura la realidad para a la vez permitir una integración de las características objetivas del objeto, de las experiencias anteriores del sujeto, y su sistema de normas y actitudes. Esto permite definir a la representación como una visión funcional del mundo que permite al individuo o al grupo conferir sentido a sus conductas, y entender la realidad mediante su propio sistema de referencias y adaptar y definir de este modo un lugar para sí” (ABRIC, 2001, p. 12-13).

Quando modificamos a questão e invertemos para qual seria o conteúdo, a atividade, ou seja, aquilo que eles não gostavam nas aulas de música da UNATI, vemos uma grata surpresa.

Nesse ponto, fizemos uma análise investigando, minuciosamente, os conteúdos e, até mesmo, as ocorrências que os entrevistados não gostavam ou que menos gostavam nas aulas de música da UNATI. Essa questão deve ser observada em todas as áreas de conhecimento, pois, por mais que um indivíduo goste de uma área, nem todo conteúdo é agradável ou é mais palatável a ele. Esse tipo de análise pode nos levar a encontrar RS que estejam circundando essa condição, ou seja, uma questão que vive na esfera da subjetividade, onde “são considerados os processos que operam no nível dos próprios indivíduos” (VEBER, 2020, p. 116). Moscovici (2015) revela que algumas representações se referem a fatos, e outras às ideias; dessa maneira, iremos investigar se há ocorrências que causaram desagrado nos entrevistados ou se houve alguma mudança de perspectiva frente às aulas de música de que participaram. Para tanto, precisamos considerar que:

As condições de existência modelam as experiências subjetivas dos sujeitos. Ou seja, seu modo de vida e lugar de existência vão determinar seu modo de pensamento e suas representações sobre objetos diversos, num conjunto dinâmico, pautado na relação com os meios diversos (VEBER, 2020, p. 118).

Nesse sentido, vamos considerar algumas questões já respondidas pelos entrevistados; como exemplo, recordemos da condição em que as suas vidas estavam antes de entrarem na UNATI, tratada na primeira categoria deste estudo. Lá, observamos que se tratava de uma vida sem muitas atividades, em alguns casos, de isolamento social. Dessa forma, essa condição será fundamental na construção do gosto pessoal em relação às aulas de música a eles ofertadas. Vejamos, então, algumas falas dos entrevistados:

[...] eu não gosto do sistema online remoto de aulas implantado na pandemia em relação as suas aulas. Eu também sei o quanto é difícil manter esses grupos ativos durante a pandemia, mas enquanto você estava ensaiando um naipe, os outros dois estavam mantendo as conversas paralelas então também não gostei (I2, 2021).

[...] eu não gostava do horário das aulas da UNATI, 2 horas da tarde com calor era terrível (I4, 2021).

[...] na aula de música o que eu não gosto é de cantar sozinha professor. Ah, a hora que o senhor põe a gente para cantar sozinha, vou te contar. Eu também fico frustrada quando não consigo assistir a aula. Acaba sendo um hábito, a gente dá risada, gosto de ver as pessoas (I6, 2021).

[...] o que eu não gostei no trabalho da UNATI foi que por causa da pandemia eu parei com as aulas do coral, pois tenho dificuldade de utilizar a internet para as aulas (I12, 2021).

[...] o que eu não gostei nas aulas de música da UNATI, não tinha o que não gostava, apenas eu ficava incomodado na verdade comigo mesmo quando chegava atrasado (I13, 2021).

[...] o que não gostei nas aulas da UNATI? Então, não tenho queixas da UNATI, todos os professores que eu tive são maravilhosos, atenciosos com os idosos, não tenho queixa não (I14, 2021).

[...] nas disciplinas de música da UNATI não tem nada que eu não goste, não acho defeito de nada e nenhum, cada uma dentro da sua maneira de dar aula, as aulas de música para mim todas foram boas (I17,2021).

[...] acho que não tem o que não tenha gostado, mas posso dizer que não estou gostando agora das aulas online, eu não gosto. Nas aulas de música, o dia que não tem aula eu não gosto, sinto falta quando tem férias, muito longo [...] (I20, 2021).

Percebemos, nos depoimentos supracitados, que há poucas ou nenhuma queixa, em alguns casos ao trabalho desenvolvido nas aulas de música da UNATI, mas que não há um consenso, de um modo geral, observamos a ocorrência de queixas com um caráter mais subjetivo, geralmente guiadas pelo histórico social e cultural de cada um, a maneira com que cada indivíduo foi criado por sua família. Essa observação procede, pois, segundo Veber (2020, p. 118): “As representações, assim, são frutos de um saber que é social e que está intrinsecamente associado às experiências vividas culturalmente pelos indivíduos”.

Essa afirmação da autora, que compete, mais uma vez, reproduzi-la, ajudamos a perceber o quanto as queixas dos idosos estão relacionadas à sua formação social e cultural. Vamos destacar, aqui, alguns trechos para confirmar o nosso ponto. Os entrevistados I2, I12 e I20 não gostavam do fato de as aulas serem

oferecidas em sistema remoto, o que aponta para uma dificuldade para a utilização de tecnologias, o que é comum para as pessoas da terceira idade.

O entrevistado (I4) mencionou não gostar do horário em que as aulas ocorriam, alegando o fato do clima nesse horário não ser favorável a ele. Vemos, aqui, uma opinião que habita a esfera subjetiva, por exemplo: vivemos em uma sociedade de horários adequados ao mercado e à coletividade, e não às conveniências individuais; queremos dizer que essa queixa, na verdade, não é direcionada ao trabalho da UNATI ou à sua qualidade, mas, sim, a uma condição socialmente imposta, que pode agradar a alguns e desagradar a outros. Moscovici (2015, p. 30), ao se referir à visão humana, afirma que “[...] nós percebemos o mundo tal como é e todas nossas percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase físico, em que nós vivemos”. Podemos notar que o relato de I4 nada mais é do que um construto da experiência de vida dessa pessoa, que não corresponde, necessariamente, à realidade de todos os outros participantes.

Outras duas falas que confirmam essa construção social de conceitos que pode ser compartilhada constam nos trechos supracitados dos entrevistados I6 e I13. Assim, uma menciona: “Eu também fico frustrada quando não consigo assistir a aula” (I6). O outro assim se manifesta: “[...] apenas eu ficava incomodado, na verdade comigo mesmo, quando chegava atrasado” (I13), revelando sentimentos de incomodo e frustração. Não gostar de perder as aulas e não gostar de chegar atrasado são comportamentos socialmente compartilhados que a sociedade procura manter e cobra de quem, em algum momento, não cumpre com essa norma social, levando o indivíduo a se sentir em falha diante do grupo. Abric (2000) explica sobre esses comportamentos por meio da atribuição de quatro funções às representações:

Função de saber: elas permitem compreender e explicar a realidade. Função identitária: elas definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos. Função de orientação: elas guiam os comportamentos e as práticas. Função justificadora: elas permitem, a posteriori, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos (ABRIC, 2000, p. 28).

No caso em questão, encontramos duas dessas funções: a função de orientação, que explica as condutas dos dois idosos, e a função justificadora, que é relacionada com as intervenções nas ações do grupo, como a necessidade de dar explicações e justificar as suas condutas em uma situação diante de seus parceiros (ABRIC, 2000), como nos depoimentos supracitados nessa categoria relativos a faltas e atrasos nos compromissos do grupo, denotando um sentimento de falha quando um comportamento social esperado não é realizado, ao conduzir as pessoas a se sentirem frustradas e insatisfeitas com as suas atitudes perante o grupo. Nessa direção, o autor continua explicando que:

A representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas. A representação é um guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais (ABRIC, 2000, p. 28).

Essa afirmação de Abric (2000) expressa como as representações sociais construídas pelos sujeitos de um grupo comum regem suas ações, falas e sentimentos, justificam suas decisões e guiam suas condutas no cotidiano do coletivo que compartilham.

Nas demais falas, o que encontramos é um certo tipo de satisfação ou mesmo um contentamento com as aulas de música oferecidas pela UNATI. As queixas que encontramos não giram em torno de questões pessoais, como no caso do entrevistado I6, que relata um desconforto, até uma certa timidez quando precisa cantar separadamente do grupo, ou como é o caso do entrevistado I2, uma crítica em relação ao comportamento de colegas durante as aulas.

Mas, de forma geral, o retorno pode ser explicado por algumas pequenas expressões no meio de suas falas. Por exemplo: “não tinha o que não gostava”, “não tenho queixas da UNATI”, “não tem nada que eu não goste”, “não acho defeito de nada e nenhum”, “acho que não tem o que não tenha gostado”. Quem observa essas falas, talvez acredite que o sistema de ensino oferecido aos idosos atingiu um nível muito elevado em sua aplicação, mas isso pode ser objeto para outro estudo. Na verdade, o que acreditamos é que as aulas ofertadas pela UNATI tiveram para essas pessoas outro significado além do pedagógico ou conteudístico, uma vez que proporcionaram a reinserção desses idosos em um ambiente social,

moldado pela elaboração compartilhada de RS pelos sujeitos componentes desse grupo. Nas palavras de Magalhães (2013, p. 187):

[...] as RS são fundantes na vida cotidiana, pois não estamos isolados num vazio social, vivemos num mundo de objetos, pessoas, acontecimentos e ideias que nos servem de apoio para compreender, administrar e enfrentar o mundo ao nosso redor.

Por meio dessa citação, podemos inferir que o que levou a essa aceitação maciça em torno das aulas de música se deve à construção de RS em volta desse objeto, o conteúdo musical, as aulas de música, mas também à construção de outras representações que giram em torno do grupo social do qual os sujeitos fazem parte e da identidade que esse grupo passou a ter perante a sociedade que o observa.

Também devemos considerar que houve a criação de outras RS em torno dos saberes que são ensinados e compartilhados dentro da UNATI. Jodelet (2001, p. 17) nos lembra que

[...] sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta. Além de nos ajustar a ele, precisamos saber como nos comportar, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam: é por isso que criamos representações.

Mediante o pensamento da autora, podemos inferir que esse grupo de entrevistados tem as aulas de música da UNATI como um lugar onde se atualizam, aprendem, fortalecem-se mentalmente, de modo a se prepararem para existir novamente nessa sociedade, que exige deles as mesmas habilidades sociais e tecnológicas requeridas aos mais jovens para que sejam respeitados.

Vemos que uma das mais importantes RS compartilhadas por eles em relação às aulas de música da UNATI é o sentimento de apego a essa atividade, na qual são tratados e se tratam como iguais, independentemente de suas dificuldades de aprendizagem, de locomoção, de saúde ou quaisquer outras que possam ter.

Faremos, agora, um questionamento que foi muito interessante de ser explorado quanto ao trabalho dos docentes de música de forma mais ampla.

Investigamos como a relação docente-idoso ocorria, como os idosos viam esse trabalho e como se dava a relação em sala de aula.

Acreditamos que um dos principais pontos do ensino para idosos está apoiado na preparação e na qualidade do professor que irá atendê-los. Não temos, no nosso sistema educacional, cursos de graduação que oferecem disciplinas cujo objetivo seja preparar os discentes para trabalhar com o público idoso. Esse é um dos desafios que a Educação brasileira terá de enfrentar, pois a população idosa do país já é grande e irá aumentar cada vez mais. Dessa maneira, torna-se fundamental desenvolver cursos que possam preparar profissionais para atuar nessa faixa etária:

[...] É necessário que os idosos sejam estimulados a terem maior autonomia e independência, por meio de educação continuada, crescimento, atualização e realização pessoal, para que estes possam ser ativos e construtores do seu próprio “eu” e da sociedade (LOPES; ARAÚJO; NASCIMENTO, 2016, p. 193).

Devemos ouvir as experiências dos idosos que participam das universidades para a terceira idade, a fim de podermos saber o que é preciso para atendê-los, quais são as suas necessidades de aprendizagem e qual é a melhor abordagem em sala de aula para eles, pois se trata de um público diferenciado no âmbito educacional. Os idealizadores e ex-coordenadores da UNATI, Regina Taam e Claude Stieltjs, em um de seus estudos, revelaram que os idosos que frequentam as aulas “namoram com a transdisciplinaridade” (2011, p. 146) e nos mostram como esse público se diferencia dos demais, sobretudo quando a questão é a transdisciplinaridade:

[...] ela é “imposta” por nossos alunos que, longe de receberem passivamente ensinamentos especializados, reagem a eles, forçam com perguntas e comentários a abertura de brechas pelas quais esses ensinamentos são penetrados e fecundados por conhecimentos produzidos de diversas formas, em diferentes níveis e diversas formas de saber (STIELTJES; TAAM, 2011, p. 147).

Mediante tal descrição, que é aplicável aos idosos entrevistados nesta pesquisa, optamos por ouvir como se deu a sua experiência com os professores da UNATI e como era a convivência deles com esses profissionais. Conforme já vimos,

o corpo docente que oferece as disciplinas da UNATI é composto por professores dos cursos regulares da UEM, sendo eles da graduação ou da pós-graduação, temporários, efetivos ou aposentados. Alguns programas de pós-graduação indicam alunos do programa de mestrado e doutorado para oferecer disciplinas esporadicamente, de acordo com o interesse da pesquisa que está sendo realizada e o interesse dos alunos da UNATI por ela. Vejamos, então, algumas falas dos entrevistados sobre essa questão:

[...] eu gostei muito gostei de todos eles, não tenho nada o que dizer de negativo, de coisas que eu não gostei, todos os que eu tive aula até agora sempre foram muito cordiais, cada um tem seu jeito de ser, cada um tem seu jeito de dar aula e em todas que eu fiz, os professores sempre fizeram de uma maneira que me ajudou bastante a ter mais vontade de continuar (I1, 2021).

[...] no trabalho dos professores da UNATI eu tive uma grata surpresa, eu fui impactado muito positivamente pelos professores com os quais eu tive as aulas (I2, 2021).

[...] o que mais gosto no trabalho dos professores é a dedicação, todos são muito dedicados, muito atenciosos, muito pacientes. Eu admiro muito isso, muito porque eu vejo as nossas dificuldades e eles ajudam a gente a superar tudo isso, e com a dedicação, com o carinho, com a paciência (I3, 2021).

[...] os professores da UNATI para mim eles foram amigos [...] o que eu mais gostei no trabalho dos professores da UNATI era que na hora das discussões em sala de aula, era muito interessante, era um dos momentos mais divertidos, mais gostosos, mais descontraídos, era um momento de aprendizagem e troca de informações, eu aprendi bastante e espero ter ensinado alguma coisa também, eu não tenho nada para reclamar do trabalho dos professores, são ótimos! (I4, 2021).

[...] o trabalho dos professores da UNATI eu admiro muito, eu amo demais porque são todos professores da UEM, todos tem uma graduação científica. Não tem conhecimento sem fundamentação é tudo comprovado e estudado, analisado e pesquisado. Os professores são muito bons, você vai sair de lá com maior firmeza, aquela teoria, aquele estudo, aquela análise de texto, eu amo demais! (I6, 2021).

[...] o que mais gostei no trabalho dos professores da UNATI foi a interação, a vontade de estar ali, deles isso a gente percebe bem claro tem exceções, mas em tantos professores é impossível uma unificação, mas nada que mereça um comentário negativo nada que desmereça o trabalho (I8), 2021).

[...] eu gostei muito dos professores, são muito atenciosos para trabalhar com a gente, dispostos a ensinar, têm paciência [...] o trabalho dos professores é muito bom, eles têm muita paciência com a gente, para explicar colocavam exemplos, deixavam a gente rever as aulas, gravavam vídeos e nos davam acesso aos conteúdos para revisar em casa, são bem organizados (I9, 2021).

Podemos observar, nesses relatos, uma certa unanimidade em relação à qualidade do trabalho dos professores da UNATI, pois todos mencionam, de uma forma ou outra, que gostam do trabalho deles. Poderíamos ter colocado um número bem maior de depoimentos, uma vez que essa opinião ressoa na fala de todos, mas isso não seria interessante para este estudo, porque o que nos interessa é entender o que levam os idosos a darem respostas tão positivas em relação ao trabalho dos professores da UNATI-UEM.

Verifiquemos alguns termos para ajudar a nossa análise sobre o assunto. Encontramos os seguintes vocábulos: cordialidade, atenciosos, pacientes, interação, admiração, vontade, dedicados e organizados. Observamos, aqui, algumas ações e comportamentos dos professores relatados pelos entrevistados, de modo a se relacionarem com a criação de RS, pois, para ocorrerem, dependem da convivência entre os indivíduos de um grupo; dependem da dialogicidade. Magalhães (2013, p. 182) explica que “[...] a representação social é mediada pelos processos de socialização que controlam e constroem a realidade através de regras e valores [...]”. Conforme observamos nas falas dos idosos, os conceitos, as imagens, as ideias e os saberes foram construídos por meio dessa relação, relação essa que envolve o diálogo, a comunicação, a convivência e a interatividade entre as pessoas do grupo, o professor e o conteúdo, uma relação de ego-alter-objeto.

Passamos, agora, a analisar as expressões contidas nas falas mencionadas. As expressões são: “eu fui impactado muito positivamente”, “discussões em sala de aula eram muito interessante”, “era um dos momentos mais divertidos, mais gostosos, mais descontraídos”, “era um momento de aprendizagem e troca de informações”, “não tem conhecimento sem fundamentação é tudo comprovado e estudado, analisado e pesquisado”, “para explicar colocavam exemplos, deixavam a gente rever as aulas, gravavam vídeos e nos davam acesso aos conteúdos para revisar em casa”. Percebemos que tais expressões nos levam a perceber como o processo dialógico e interativo cria mudanças, novos conhecimentos e,

consequentemente, novas RS sobre o trabalho dos professores da UNATI-UEM. Veber (2020, p. 115) elucida que, nessas relações, “[...] o sujeito está situado num campo social que é dinâmico e ativo, estando ligado a um universo social do qual é ator participativo e, também, resultado dele, tornando-se interlocutor num processo representacional”. Em função disso, podemos entender como o idoso passa a se conectar com as aulas de música da UNATI, pois o traz de volta ao centro das ações de sua vida, onde cria, participa, interage, modifica-se, aprende e ensina.

Para Paulo Freire (2002), o ser humano é inconcluso e está sempre buscando se inserir socialmente para se completar. Essa característica nos leva a inferir que as RS compartilhadas por esse grupo são fruto dessa busca pela completude a que Freire se refere, perseguindo sentido e objetivos para continuar vivendo. Podemos dizer que as RS que essas pessoas compartilham junto a seus professores estão atreladas a essa busca.

Segundo Marková (2006, p. 363), a representação “pressupõe a transformação de um tipo de conhecimento em outro; e a transformação de vários tipos de conhecimento é pertinente às condições sociais, históricas e culturais específicas”. A representação envolve o sentimento de transformação, de busca e crescimento compartilhado pelos idosos. Então, podemos inferir que as RS compartilhadas pelos idosos acerca do trabalho dos professores de música da UNATI-UEM são representações de admiração, de tolerância, de dedicação ao trabalho, de paciência com o idoso, de confiança e de domínio do conteúdo ensinado. Podemos dizer: uma representação de que são bons profissionais.

7.2.3 Os idosos e os discentes de música na UNATI-UEM

A terceira categoria desta pesquisa, intitulada “Os idosos e os discentes de música na UNATI-UEM”, analisou as relações entre os idosos e os discentes de graduação envolvidos nas atividades das aulas de música da UNATI. Mais especificamente, nessa esfera, procuramos investigar as RS dos participantes deste estudo sobre a sua convivência com os jovens discentes do curso de graduação em música, que auxiliaram o trabalho dos professores em sala de aula,

e as relações entre duas gerações distintas, convivendo juntas em um contexto de ensino aprendizagem e seus desdobramentos no âmbito social.

Antes de iniciarmos as análises, gostaríamos de salientar um ponto importante. Nem todos os participantes deste estudo tiveram oportunidade de conviver com jovens discentes. Esse fato ocorreu somente na disciplina de Canto Coral; as outras disciplinas, já citadas anteriormente, não tinham jovens discentes auxiliando os professores que as ministravam. Em alguns casos, contavam com a participação de convidados que vinham falar de um tema específico ou um instrumento musical, e cada convidado, geralmente, vinha em apenas uma aula, não configurando uma convivência contínua. Essa diferença é muito importante para este estudo, pois buscamos compreender se os períodos de convivência entre os idosos e os jovens discentes lograram mais resultados para o ensino musical dos idosos do que aqueles que são feitos sem a participação desses discentes.

Iniciamos a nossa investigação desse ponto tentando desvendar qual era a representação do idoso sobre o jovem antes de participar da UNATI e descobrir se houve mudança do conceito inicial após a convivência com os jovens discentes de música nas aulas.

As diferenças entre gerações distintas e as divergências, sobretudo no campo da convivência e interação, são comuns em todas as sociedades. Podemos usar como exemplo desse fato os conflitos entre pais e filhos adolescentes, além dos desdobramentos que ocorrem durante essa fase da vida em incontáveis lares brasileiros. Quando falamos do processo de reinserção do idoso na sociedade, acreditamos que a interação com outras faixas etárias, principalmente com a de jovens, pode favorecer uma conquista desse objetivo.

Para a área da Gerontologia, o diálogo entre as gerações enriquece as trocas culturais e faz parte da humanização, traz o benefício da consciência comunitária, da consciência pessoal dos envolvidos nesse processo de troca cultural (BOTH, 1999). Nesse sentido, defendemos o trabalho de ensino para idosos com a participação efetiva de jovens, a fim de, assim, fomentar as trocas de conhecimentos e a construção de laços sociais.

Os jovens discentes do curso de graduação em música da UEM, quando ingressam no curso por meio do concurso vestibular, em sua maioria, têm idade entre 17 e 18 anos, ou seja, estão na fase final da adolescência. Durante os anos

de 2010 a 2020, período em que trabalhamos na disciplina de Canto Coral na UNATI, desde o início, contávamos com esses alunos atuando como instrumentistas acompanhadores, ensaiadores de naipe, preparadores vocais e até como regentes à frente do coral. Nessa situação, pudemos observar as relações que ocorreram entre os jovens e os idosos em diversos âmbitos.

Segundo Marková (2017a, p. 362), “[...] interações heterogêneas entre os grupos e seus contextos específicos produzem uma variedade de estilos de pensamento e comunicação, alguns baseados em consenso, outros em dissenso e contradição [...]”. Nesse ínterim, podemos inferir que essas interações são fomentadoras das discussões que levam à construção e difusão de conhecimento. Como já vimos, as RS são criadas por meio das relações de interação entre os sujeitos de um grupo que podem favorecer a formação de novos saberes e de RS. Outra questão importante é que a formação de RS por um grupo pode levar a mudanças mútuas de opinião dos sujeitos envolvidos no processo, pois, como nos informa Marková (2017a), tal interação pode conduzir à formação de conceitos contraditórios ou consensuais.

Assim, tivemos os jovens discentes em contato direto com os idosos do coral em situações reais de ensino, o que oportunizou a preparação profissional desses jovens e o acúmulo de experiências para futuras atuações no campo de trabalho. Em relação aos idosos, a situação propiciou a convivência com uma geração distinta, permitindo a aquisição de novos saberes por intermédio desses discentes. De forma inversa, os idosos que participaram das outras disciplinas de música que não contavam com a cooperação de jovens em suas aulas não tiveram a mesma oportunidade.

Ao longo desse processo vivenciado por jovens discentes da UEM e os idosos da UNATI, observamos que não ocorriam apenas aprendizados no campo musical, mas também no campo pessoal e social. Por meio da TRS, vamos procurar analisar esse contexto educacional experimentado pelas duas gerações supracitadas, que frequentavam e dividiam as aulas de música da UNATI.

Vejamos alguns depoimentos dos idosos participantes desta pesquisa que falam de suas concepções sobre jovens antes de entrarem na UNATI:

[...] tratar como neném infantilizando a voz, nós não somos assim, nós somos normais, uma pessoa como todo mundo, a gente só está um pouco mais velha, não tem essa de tratar a gente como bebê [...] (I5, 2021).

[...] eu acho que o idoso dentro da nossa cultura é marginalizado. Você sente que em alguns locais você é recepcionado como pessoa, em outros, você é uma, mas ninguém te dá atenção. Veja bem, atravessar na faixa de segurança das ruas, se é um idoso que está ali parado esperando eles pararem, eles não param para ele, mas quando aparece um jovem, eles param e o jovem passa [...] (I10, 2021).

[...] isso de se misturar com jovens, quando falaram que ia misturar nós idosos com jovens eu me preocupei um pouco quando eu escutei falar que ia ter isso, porque eu pensava assim: será que eles vão nos respeitar? Porque a gente enxergava os jovens como irresponsáveis, aquele monte de jovens [...] (I12, 2021).

Podemos extrair dessas poucas falas pensamentos prévios importantes sobre a juventude atual, ou seja, podemos encontrar representações. Nas frases: “[...] não tem essa de tratar a gente como bebê [...]”, “[...] o idoso dentro da nossa cultura é marginalizado [...]”, “[...] que ia misturar nós idosos com jovens eu me preocupei um pouco [...]”, podemos depreender que as pessoas idosas foram tratadas em outros contextos com desrespeito, menosprezados e até tinham receio de ficar em um mesmo ambiente com jovens. Nas respostas desses idosos, encontramos a indignação por serem subestimados, por serem tratados como incapazes e a repulsa de serem preteridos por outras gerações em espaços públicos. Podemos inferir, aqui, a existência de RS a respeito da convivência com jovens de temor e repulsa. Além de atribuírem aos jovens um comportamento irresponsável frente aos idosos, observamos uma falta de convivência social entre essas gerações e até uma certa resistência a isso. Segundo estudos da gerontologia,

[...] com a retirada dos mais velhos do mundo epistemológico ficam empobrecidas as vias informacionais. [...] Sem a presença do conhecimento mediado pela sabedoria tendente a proteger a vida [...] os mais jovens instituem suas redes informacionais sem a legitimidade histórica e sem a prudência de parâmetros comunitários (BOTH, 2001, p. 111).

Por intermédio dessa citação de Both (2001), podemos inferir que é necessário restabelecer o contato entre idosos e jovens, possibilitando a troca de informações, costumes e hábitos para restabelecemos um equilíbrio social. Nas aulas de música oferecidas pela UNATI, podemos ver algumas falas que confirmam esse pensamento. Nos depoimentos evidenciados na sequência, percebemos uma mudança de conceito em relação aos jovens, direcionada para os discentes que atuaram nas disciplinas de música, sobretudo em Canto Coral:

[...] o trabalho dos jovens discentes eu acho muito bom, não tem o que dizer, é um trabalho muito bom mesmo, dão atenção aos idosos, tudo que você precisava eles prontos. Eu notei que eles tinham muito interesse, muita vontade e gostavam principalmente de estar ali com você, com a gente, eu senti isso da parte deles (I3, 2021).

[...] jovens discentes nas aulas de música da UNATI, eu sentia todos eles, acho que não tem nenhum que eu não tivesse um sentimento, de que fossem minhas crianças, foram crianças queridas. Eles tinham um grande carinho, um grande respeito pela gente, aprendíamos com eles [...] (I4, 2021).

[...] os jovens discentes nos respeitam demais. Todos eles que lidavam a gente, aliás, na verdade, dos cursos que eu fiz na UNATI, que não são muitos, eu só vi jovens no coral, só na música. Nas outras disciplinas eu não vi ninguém trabalhando, então eu posso falar por aqueles que eu conheço, pela turma que eu conheço. Todo mundo recebe um tratamento de respeito mútuo, acho que pelo mesmo sentimento que eu tive que eles sabem alguma coisa que eu não sei, eles tratam a gente com respeito e tem toda paciência para ensinar. Eu sou grata pela junção do trabalho dos jovens discentes (I5, 2021).

[...] os monitores²³ a gente vê que dão assim o maior carinho aos idosos, e a gente tem que ter muito carinho, respeito e paciência com os jovens discentes, porque a gente também passou por isso, então eu analiso que esse pessoal está fazendo de tudo! Tudo se aproveita na vida, nada é perdido, então tudo que a gente aprende é um degrau que você sobe. É incrível a responsabilidade que esses jovens têm, eu admiro, muito diferente dos jovens comuns de hoje, é uma coisa maravilhosa! (I6, 2021).

[...] os jovens discentes do curso de música da UNATI, aqueles meninos e as meninas são fantásticos. A paciência também que eles tiveram e você ajudando os jovens a se superarem, a paciência que tem, porque não é fácil lidar com os jovens e lidar com o velho ao mesmo tempo (I7, 2021).

²³ Os discentes da graduação que atuam nos corais também são chamados de monitores.

[...] os jovens discentes de música na UNATI é uma delícia professor. Eles chegam com tanta alegria, e a gente se apegou a eles. Tocavam piano enquanto a gente conversava, tinha aula tocava um fundo musical para gente, tão lindo, tão gostoso, a gente não queria que acabasse. O trabalho dos jovens complementa, é muito bom, uma delícia, no ano passado com os meninos foi muito gostoso! (I8, 2021).

Essas são algumas das muitas falas gentis e carinhosas, proferidas pelos idosos participantes deste estudo em relação aos jovens discentes que atuaram com os professores de Canto Coral. Podemos notar como foi importante para os idosos a integração desses jovens ao grupo. Os discentes foram acolhidos como integrantes do coral, e não apenas como auxiliares ou monitores que estavam apenas temporariamente naquela disciplina. Houve uma integração legítima entre essas duas gerações nessa disciplina, que levou a resultados musicais muito importantes durante esses anos de existência do coral. Por meio dessas falas, verificamos que aqueles que não tiveram a participação de jovens em suas aulas de música foram privados dessa integração vívida e benéfica para todos os envolvidos – e que ajudou os participantes a formarem um grupo composto por duas gerações distintas.

Encontramos, nas falas dos idosos, sentimentos, como respeito, afeto, carinho e gratidão pelo trabalho dos discentes. Além disso, fica evidenciado nessas falas que a participação desses jovens complementa o processo de ensino aprendizagem musical, pois eles atuam mais próximos aos idosos do que o professor da disciplina, prestando auxílio e orientações importantes, além de servirem de exemplo musical e vocal para a turma, conforme lemos nestes relatos:

[...] como dizia um jovem discente, eu pegava carona nas vozes das outras pessoas. Eu fazia isso, achava isso muito mais fácil do que aprender praticamente a música sozinha. Então, quando eu estava cantando junto com os jovens, eu acho que cantava bem melhor (I3, 2021).

[...] as vozes do contralto que precisavam tanto de ajuda estavam cantando junto. Quando uma jovem discente cantava com o pessoal parece que saía bem melhor nos ensaios. Eu gostei muito do jeito que ela ajudava a cantar (I1, 2021).

[...] eu gostava muito de uma monitora, pois ela cantava para a gente escutar. Eu cantava em cima do que ela cantava, pois eu sou

mais de ouvir e tentar imitar o que a pessoa está fazendo, pois como ela ficava ouvindo e percebendo as vozes. Quando estava fazendo as aulas do coral, ela ficava do lado oposto ao nosso cantando e dando apoio (I20, 2021).

Por meio dessas falas, podemos confirmar como era efetiva a atuação dos jovens discentes com os idosos. O fato de estarem junto aos naipes do coral, cantando com os idosos e dando suporte, orientações e explicações, possibilitou a construção de uma relação de confiança no trabalho desses jovens, relação que os aproximava e os fazia desenvolver um vínculo que os aproximava socialmente, que os fazia compor um mesmo grupo. Pessoas de gerações diferentes, com funções diferentes dentro do coral, mas com objetivos comuns, compartilhando as mesmas situações, as mesmas expectativas e desejos. Dentre esses objetivos, citamos: cantar bem, cantar junto, aprender as músicas etc.:

[...] o Canto Coral, constitui uma prática valiosa para a melhora da autoestima e à satisfação pessoal da população idosa, proporcionando a partir dessas benesses, a recuperação da crença em si mesmo como indivíduo, alterando para melhor o conceito que a sociedade tem dele e ele de si mesmo (PRAZERES, 2010, p. 72).

Essa afirmação de Prazeres (2010) nos remete ao processo de construção de RS, pois a convivência compartilhada entre os idosos e os jovens discentes desse grupo se enquadra nas mesmas bases da tríade eu-outro-objeto, na qual podemos encontrar o eu como o idoso, o outro como o jovem e o objeto como a música. De acordo com Nobrega e Andrade (2021), a interação entre esses três elementos irá propiciar a criação de representações sociais comuns, sendo que, por meio da comunicação dialógica, realça-se a presença do Alter (Outro), que, por sua vez, em comunicação com o Ego (Eu), produz realidades sobre o Objeto (Música) em si, que fomenta as ações, os comportamentos e o surgimento de novos sentimentos entre os indivíduos de um grupo em torno do objeto compartilhado.

Moscovici (2015, p. 79) explica que a TRS “[...] toma, como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda a sua estranheza e imprevisibilidade”. Nesse sentido, podemos afirmar que o grupo formado pelos idosos da UNATI e os jovens discentes compõe justamente tal ponto de partida; e, ao analisarmos os seus comportamentos, a convivência e a interação, isso faz com

que possamos perceber quais foram as RS construídas no processo. Assim, ao colhermos nas falas sentimentos como afeto, respeito, carinho, gratidão e alegria, que são transmitidos e compartilhados por todos, podemos inferir que as principais RS criadas são o prazer em dividir as aulas entre eles, o gostar de conviver nesse grupo e a sensação de se sentirem respeitados mutuamente.

Como discutimos anteriormente, no início de nossa abordagem nesta categoria de análise, a convivência e a comunicação entre diferentes gerações se mostram deveras difícil na sociedade atual. Segundo Both (1999), há muitas questões que prejudicam a ocorrência de um diálogo fluido entre as duas gerações.

A partir de agora, analisaremos os aspectos sobre a convivência entre os idosos e os jovens que atuaram nas aulas de músicas da UNATI.

No mundo atual, as relações mudaram em função dos avanços tecnológicos. De acordo com Otero, Yaegashi e Kamimura (2023), as tecnologias digitais exercem influência nas diversas práticas sociais não apenas por meio do uso de dispositivos que se popularizaram nas últimas décadas e da internet, mas também pelo desenvolvimento de novas formas culturais, comumente denominadas cultura digital ou cibercultura. Destarte, a cibercultura tem implicações nas relações interpessoais, no trabalho, na formação profissional, na educação, nas relações de consumo etc. Ao mesmo tempo em que promove a interação entre as pessoas, essas tecnologias também podem contribuir para um comportamento de isolamento social ou de uma “pseudo” interação social.

Assim, a conectividade à internet e a convivência em um mesmo ambiente não significam mais que há interação entre as pessoas. Por exemplo, quantas vezes estamos em um restaurante e as pessoas nas mesas ao lado não estão conversando entre si, mas cada uma olhando para o seu celular? Juntos, porém distantes. Isso é muito comum no universo do jovem atualmente. Both (1999, p. 38) já apontava que “[...] a consciência dos mais jovens pode até mover-se na direção de um saber internetizado, mas, para a promoção da originalidade pessoal, não se pode fugir dos arranjos afetivos e cognitivos engendrados nas comunidades”. No caso do estímulo para a reinserção do idoso em sociedade, promover a convivência e o diálogo entre gerações pode auxiliar esse processo.

Marková (2006, p. 15) explica que dialogicidade é “[...] a capacidade da mente humana de conceber, criar e comunicar realidades sociais em termos do

‘Alter’”, em que o Alter é utilizado pela autora como os “Outros”, e não o “Outro”, primando pelo aspecto coletivo das interações dialógicas que ocorrem dentro de um grupo entre os seus sujeitos. Então, podemos apreender que

[...] nosso conhecimento social, as realidades e as leituras de mundo que fazemos, o que pensamos e como nos comunicamos estão vinculados essencialmente aos Outros, com os quais mantemos um diálogo, uma relação dialógica, que implica dinamicidade e mutualidade (NOBREGA; ANDRADE, 2021, p. 188).

Vejamos algumas falas dos idosos participantes deste estudo sobre a convivência com os jovens discentes:

[...] foi muito bom, foi muito interessante a convivência com os jovens, porque são jovens e eu não sou muito de conversa, de fazer amizade, e quando um jovem vinha conversar comigo, isso era um prêmio para mim. Eu fico com o coração grande com um jovem conversando comigo, é muito bonito pois eles se interessam pela gente (I1, 2021).

[...] tanto na música como com eles, mesmo apesar de conviver pouco vendo a vida deles, eu não vivia tanto com eles por ir nas aulas apenas uma vez semana. Além de ver era uma atitude participativa, eles ensinando e a gente aprendendo, a gente brincando, a gente perguntando para eles. Eles às vezes me perguntavam algumas coisas mais particulares da vida da gente, não assim uma invasão, mas tinha algumas coisas que eles perguntavam e que era muito prazeroso responder. Os jovens discentes me perguntavam sobre o que é que eu fazia antes, como foi a vida profissional, eram coisas nesse sentido, não tinha invasão pessoal, perguntavam como é que foi a sua trajetória de trabalho, essas coisas, eu me sentia respeitada por eles (I4, 2021).

[...] a convivência entre a gente na UNATI com os jovens discentes é interessante, e também ligar o jovem com o velho ali, o fato de não perderem essa oportunidade de aprenderem aquilo que já foi um dia o pensamento da sociedade, de abandonar o idoso. Esses jovens discentes que trabalharam com a gente não tenho nada a reclamar deles estão sempre disponíveis, sempre alegres [...] (I5, 2021).

[...] eles conversam, e perguntam, e passam o conteúdo. Eles dão também segurança para gente, essas meninas lindas dão muita segurança para gente. Sem elas às vezes ficamos um pouco perdidas, elas dão as notas certas e nos apoiam [...] (I8, 2021).

[...] quando tinha medo de falar com o professor, eu falava com eles, pois parecem que dão mais abertura para fazermos perguntas

sobre algo que não entendi, ficamos à vontade para perguntar aos jovens monitores. A convivência com os jovens discentes foi excelente [...] (9, 2021).

[...] aqueles jovens que participaram naquela época como monitores foi excelente, eu gostei do convívio com eles, se aproximavam da gente, vinham e dialogavam e tudo mais. Foi muito bom, me senti bem com eles [...] (I10, 2021).

[...] todos os jovens que estão dedicados à música, eles já têm alguma coisa diferente, a música tem mais espírito do que qualquer outra coisa, então eu acho que esses alunos que vieram, todos eles vieram com dedicação, com o coração. Isso é perceptível em relação às outras atividades. A minha relação com os jovens discentes é que eles chegam nas pessoas de idade com um pouco mais de respeito [...] (13, 2021).

[...] foi muito gratificante a gente conviver com esses jovens discentes da graduação, a disponibilidade deles, saber que eles estão ali sem bolsa, não estão ganhando nada e com toda aquela força de vontade, aquele carinho por nós. Eles devem se tornar professores exemplares [...] (I19, 2021).

Vemos, nesses trechos extraídos das entrevistas, como a convivência entre os idosos e o jovens discentes foi pacífica e agradável. Como já vimos no início desta categoria de análise, foram construídas relações de afeto, gratidão, carinho e respeito, mas, quando observamos, de forma mais específica, percebemos o desenvolvimento de uma relação de confiança que os idosos estabeleceram com os jovens. Vemos que a dialogicidade das relações, desenvolvida durante as aulas de música, fez com que esse sentimento fosse constituído.

Para entendermos essa relação, precisamos compreender como ela se formou, como ela surgiu, vamos partir do fato de que os idosos se matricularam nas disciplinas para aprender música, e os jovens discentes ingressaram na monitoria com o intuito de auxiliar o professor a ensinar música. Conforme já expomos anteriormente, a música é o objeto entre os idosos e os jovens, o Eu e o Outro, o objeto por meio do qual as relações, os diálogos e as interações são motivados. Dessa maneira, notamos que:

Toda representação é assim uma forma de visão global e unitária de um objeto, mas também de um sujeito. Essa representação reestrutura a realidade para, ao mesmo tempo, permitir uma integração das características objetivas do objeto, das experiências anteriores do sujeito e seu sistema de normas e atitudes. Isso permite que a representação seja definida como uma visão

funcional do mundo que permite ao indivíduo ou grupo dar sentido ao seu comportamento, e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências e assim adaptar e definir um lugar para si²⁴ (ABRIC, 2001, p. 12-13, tradução nossa).

Por meio dessa explicação do autor, podemos inferir que as RS foram criadas a partir de uma reestruturação social, uma mudança no tratamento e na forma de olhar do idoso para o jovem e do jovem para o idoso. As duas gerações dentro do grupo reconstruíram, por meio das interações, novos conceitos, novos saberes e novos comportamentos em relação uns aos outros, compartilhando novas RS, representações de diálogo, pois se tornou uma representação comum a todos os sujeitos desse grupo; mais especificamente, representações de tolerância e de compreensão das diferenças entre cada uma das faixas etárias, mediadas pelo aprendizado musical desenvolvido nas aulas.

Por outro lado, temos, dentro do grupo de entrevistados, idosos que não tiveram a oportunidade de trabalhar com esses jovens discentes. Vejamos em suas falas como isso é para eles:

[...] eu me lembro que eu participei do curso de informática que tinha os monitores que ajudavam, mas não tínhamos jovens discentes nas disciplinas que participei na UNATI. As pessoas jovens são muito legais e gosto de lidar com eles. Para mim, trabalhar com esses jovens discentes teria sido muito interessante, pois poderíamos trocar informações, a gente tem que trocar essas coisas [...] (I16, 2021).

[...] nas disciplinas que eu cursei não houve a presença de jovens discentes ou monitores, só teve a presença de convidados ou o mesmo companheiros de pós-graduação, que a professora trazia e que mostravam os instrumentos que tocavam, foi a única vez que eu vi alguém convidado participar (I17, 2021).

[...] nas disciplinas que cursei na UNATI não havia jovens discentes ou monitores. Em algumas oportunidades veio sim algum aluno que estava na graduação, como convidado para falar sobre instrumentos musicais, mas não havia ninguém fixo na turma. O

²⁴ “Toda representación es así una forma de visión global y unitaria de un objeto, pero también de un sujeto. Esta representación reestructura la realidad para a la vez permitir una integración de las características objetivas del objeto, de las experiencias anteriores del sujeto, y su sistema de normas y actitudes. Esto permite definir a la representación como una visión funcional del mundo que permite al individuo o al grupo conferir sentido a sus conductas, y entender la realidad mediante su propio sistema de referencias y adaptar y definir de este modo un lugar para si” (ABRIC, 2001, p. 12-13).

que eu mais gostei no trabalho desses convidados aí eu não tenho muito o que falar que foi só isso que eu disse mesmo que eles vieram e explicaram foi tudo muito rápido (I18, 2021).

Podemos confirmar, nessas falas, que houve apenas a participação de convidados em algumas aulas, mas que não havia a presença constante de jovens discentes auxiliando o trabalho dos professores, de maneira a ajudar na orientação dos idosos, conforme mencionamos no caso da disciplina de Canto Coral. Dadas as experiências descritas pelos idosos que não conviveram com os jovens nas disciplinas, podemos inferir que aconteceram perdas consideráveis na aprendizagem dessas pessoas, principalmente no campo social. Uma das pessoas, inclusive, manifesta-se dizendo que gostaria de ter tido essa experiência e que acha isso necessário. Arriscamo-nos a dizer que a criação de RS para esses idosos que não conviveram com os jovens ficou reduzida, pois não houve tempo para uma convivência mais profunda, nem para o diálogo com os visitantes, que vinham de forma esporádica e apenas quando convidados, contribuindo, infimamente, para o desenvolvimento sociocultural, para a mudança de conceitos e para a criação de RS, em comparação ao processo daqueles que oportunizaram a vivência com os discentes de forma efetiva em suas aulas. Para Moscovici (2015, p. 55),

[...] a mudança como tal somente é percebida e aceita desde que ela apresente um tipo de vivência e evite o murchar do diálogo, sob o peso da repetição. Em seu todo, a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas.

Reafirmamos, com base nessa fala do autor, ser fundamental para a reinserção do idoso na sociedade e para o desenvolvimento social do jovem que as ações que oportunizem a convivência e a interação entre tais gerações se tornem cada vez mais frequentes. Acreditamos que o ensino de música que transcende os conteúdos teóricos e técnicos e, por vocação, o canto coral, que é uma das práticas musicais com maior interação entre os seus participantes, são umas das principais ferramentas para que tais processos aconteçam.

Depois de tratarmos da convivência dos participantes deste estudo com os jovens discentes, fomos investigar como era o trabalho desses jovens para eles.

Nesse trecho, iremos analisar o que os idosos não gostavam no trabalho dos alunos da graduação com quem conviveram.

Essa análise é pertinente para este estudo, pois as RS não são criadas apenas a partir do consenso e da boa convivência, mas também são feitas em situações de conflitos. Duveen (2015, p. 16), em seu prefácio para a obra de Moscovici “Representações sociais: investigações em psicologia social”, expressa que “[...] mais frequentemente, as representações sociais emergem a partir de pontos duradouros de conflito, dentro das estruturas representacionais da própria cultura” (p. 16). Assim, vemos como natural a existência de alguma forma de conflito ou alguma discordância em um ambiente social, principalmente quando convivem nesse ambiente diferentes gerações em um contexto de ensino e aprendizagem. Por exemplo, podem ocorrer situações em que o idoso se sinta constrangido por ser ensinado por um jovem ou o jovem fique intimidado por ensinar um idoso. Vejamos, nas falas dos entrevistados, o que houve nesse sentido:

[...] as coisas que eu não gosto no trabalho dos jovens discentes de imediato eu não consigo lembrar de nada. Acho que tudo foi tão bom para mim e talvez não tenho nada que me marcou negativamente, não há nada que eu não tenha gostado agora [...] (I1, 2021).

[...] o que não gostei no trabalho dos jovens discentes, o que eu poderia mencionar seria a falta de experiência deles. Mas por outro lado também aproveitei, por exemplo, nessa reflexão de aceitar isso como sendo algo que faz parte do processo. Confesso que no início isso me incomodava bastante, mas depois eu pensava assim comigo: Olha, você está aqui para aceitar aquilo que está sendo proposto, e tem profissionais que estão fazendo isso e você não possui nenhum conhecimento nessa área. Mas isso também me possibilitava aceitar melhor o meu processo de mudança pessoal, e entender que era um desafio para eles e para mim (I2, 2021).

[...] se os jovens discentes também cometerem alguns deslizes, isso faz parte do estudo do crescimento deles. Então não tem nada a ver errar, pois errar é importante para a formação deles, eu sei que vão vai melhorar [...]. A gente também comete erros na vida, não tem nada de criticar. Eu sempre falei com os alunos dessa forma, eu vejo, como trabalhei com jovens, eu analiso o lado positivo, então vou ajudar no crescimento deles. O que não gosto no trabalho dos jovens discentes, eu acho que não tem nada, não existe, nunca, ninguém, não passou pela minha cabeça essa história de falar que não gosta dele, imagina! (I6, 2021).

[...] o que eu não gostei no trabalho dos jovens discentes, não tenho nada a dizer, em absoluto. Eu acho que tudo que foi feito foi a gente, nós como adultos mais velhos, a gente tinha que entender esses jovens. Eu, por exemplo, nunca tive nada, nada, absolutamente nada a reclamar ou dizer que não gosto disso ou não gosto daquilo, pelo contrário [...] (I7, 2021).

[...] no trabalho dos jovens discentes de música na UNATI eu não me lembro de algo desagradável. Sempre foi tudo muito positivo e muito interessante, havia aquela recíproca de aprender alguma coisa com a gente de uma maneira assim bem moderada em relação a tudo, mas eles tinham assim o devido cuidado de nos orientar, eu achei que foi muito proveitoso. Eu me sentia respeitado por eles [...] (I10, 2021).

[...] não vejo nada negativo, eu acho que não tenho uma coisa a dizer nesse sentido. Acho que não tem nada negativo, o trabalho dos jovens discentes foi muito maravilhoso. Todos que passaram pelas aulas para mim foi sempre muito importante, eu creio que a gente acolheu eles bem porque eles têm contato com a gente até hoje (I12, 2021).

[...] os jovens discentes, tudo que eles ensinavam, as notas que você ensinava, depois eles ficavam fazendo e cantando para gente repetir, eu gostava. Não teve nada que eu não gostasse neles, eu me sentia respeitada por eles, porque não tive nunca um dia que eu precisei reclamar deles, nunca eles fizeram pouco caso de mim [...] (I20, 2021).

Curiosamente, não encontramos qualquer menção de conflitos ou qualquer outra situação de discórdia entre os idosos e os jovens discentes, condição que pode indicar que o processo de convivência e interação entre eles foi muito aprazível e cordial. Na verdade, o que encontramos foram alguns comentários sobre a falta de experiência dos jovens para executar o seu trabalho e de possíveis equívocos por parte da abordagem dos jovens. Outro ponto interessante nas falas é a aceitação e o entendimento do quadro momentâneo de inexperiência e inabilidade dos jovens discentes, revelando a compreensão de que é imprescindível para a sociedade essa oportunidade de o jovem poder aprender a trabalhar com o idoso, conforme este relato:

[...] a junção do trabalho dos jovens discentes com os professores é importante, porque eles estão numa escola pública e a formação deles é para trabalhar depois com a sociedade, com a formação da sociedade, e o idoso está na sociedade ainda (I5, 2021).

Por meio dessa fala, bem como das anteriores supracitadas nesta categoria, percebemos uma conscientização dos idosos sobre a importância de colaborar com a preparação profissional dos jovens, para, futuramente, desempenharem o seu papel na sociedade. A combinação dessas duas faixas etárias em um mesmo grupo mostra que há diversos benefícios para a sociedade quando convivem e interagem frente a um interesse comum, como o estudo de música. Segundo Duveem (2015), o acontecimento das representações está ligado aos processos sociais enredados com diferenças na sociedade, e a coexistência dessas diferenças em um mesmo espaço pode gerar RS que levam a uma acomodação no convívio. Os saberes já construídos pelos idosos, ao serem compartilhados com os mais jovens, conduzem a um exercício da cidadania e da construção de uma cultura em processo de transformação (BOTH, 1999).

Podemos inferir que as RS criadas são relativas ao sentimento compartilhado de contribuição mútua para a sociedade. Vemos, aqui, um exemplo de educação para idosos, que promove o ensino de conteúdos musicais aliado ao aprendizado sobre o processo de envelhecimento na sociedade, de modo a contribuir “[...] para a mudança do estereótipo negativo que envolve a velhice e favorecerá a criação de uma sociedade mais justa e inclusiva” (JESUS, 2012, p. 69). Todos os sujeitos pertencentes a esse grupo percebem que, juntos, exercem um papel importante na reconstrução de uma nova cidadania, com o idoso contribuindo para a formação do jovem, e o jovem contribuindo para melhorar a condição social do idoso.

O último ponto de nossa análise foi a investigação sobre a questão de os jovens terem ensinado alguma coisa ou feito alguma contribuição durante as aulas de música para o aprendizado dos idosos que participaram deste estudo.

Esse é um dos pontos mais incomuns; socialmente falando, é a condição de o idoso aprender com o jovem. Levantamos essa questão, pois o ciclo da vida estabelece que o mais velho é quem ensina ao mais jovem, e não o oposto. Com o desenvolvimento das novas tecnologias, configurou-se um domínio do uso da internet pelo jovem, além das dificuldades de o idoso se adaptar a essa realidade. Observamos que a lógica natural da transmissão de saberes, atualmente, está um tanto modificada. Não estamos dizendo que, agora, o idoso não tem mais nada a

ensinar ao jovem, mas, em alguns aspectos, ele pode aprender com o jovem e continuar ensinando ao mesmo tempo.

Outro ponto importante a ser observado nesta categoria é a análise em relação aos conteúdos que foram trabalhados nas aulas de música da UNATI, mas não será uma análise de caráter apenas conteudístico, porém mais ampla, mais humana. No trabalho que realizamos com os idosos, o nosso foco não está atrelado ao campo da *performance* musical, ou seja, não pretendemos criar um coral com o intuito de fazer apresentações musicais de nível profissional, “[...] a ênfase não está no produto ‘música’ e sim no processo relacional aprendizagem musical/pessoa” (VIANA, 2020, p. 83). Nas aulas, desenvolvemos o ensino de música para e com os idosos, e não para o mundo dos concertos. As apresentações ocorrem com o intuito de complemento de aprendizagem, de desenvolvimento de autoestima e de inserção social, cujo idoso passa a ser o protagonista de sua vida, e não mais aquele figurante que ninguém percebe na tela. Após esses apontamentos, seguimos para a análise.

Acreditamos que o processo de ensino do idoso cumpre com um papel diferente do estabelecido socialmente. Na segunda seção desta tese, mais especificamente na subseção 2.2, intitulada “Envelhecimento e Educação Permanente”, tratamos de questões sobre como deve ser realizado o ensino voltado para o idoso. Nesse sentido, Teodoro (2006, p. 28) aborda pontos importantes que o idoso deve dominar:

Os valores humanos, hoje em dia, conduzem ao reconhecimento da riqueza da diversidade. É necessário estar atualizado, e esta atualização de conhecimentos significa um reconectar-se com a vida, ampliando contextos e percepções sobre os mais diversos cenários vivenciados e os acontecimentos ao seu redor.

Teodoro (2006) afirma ser necessária a ampliação dos conceitos de mundo para o idoso, já que precisa conhecer novas realidades, conhecer e entender as mudanças na sociedade e, como o autor cita, deve se conectar novamente à vida. Para isso, é fundamental que a pessoa idosa possa retomar o contato com os jovens, trocar informações e saberes com eles, aprender sobre esse mundo tão diferente para eles, mas rotineiro para a juventude.

Para que o idoso possa exercer sua cidadania neste mundo de mudanças, se faz necessário que esteja sempre estudando, se atualizando, no sentido de aprender o que é importante para melhorar a sua qualidade de vida, para que seja capaz de fazer visíveis suas necessidades, de lutar pela resolução de seus problemas, assim como possa ser escutado em suas propostas (TEODORO, 2006, p. 28).

No campo da TRS, como já vimos, a mudança faz parte do processo de construção das representações. Dessa forma, podemos depreender que é necessário ao idoso conviver com o jovem dentro de um ambiente de ensino para que possa mudar, coabitando um espaço que oportunize a participação do jovem, mas pensado e voltado para o idoso, que suscite aprendizagem e atualização contínuas, ao permitir que se sintam úteis, com novos laços de amizade e a chance de realizar sonhos pendentes (SIMONEAU, 2010). Vejamos algumas falas dos entrevistados sobre as contribuições de aprendizado junto ao jovem nas disciplinas de música:

[...] as maiores contribuições desses jovens discentes do curso de música para o meu aprendizado eu acho que foi para as vozes do contralto que precisavam tanto de ajuda (I1, 2021).

[...] as maiores contribuições deles para o meu aprendizado é que eles eram importantes no nosso processo de aprendizagem, porque o dia que eles faltavam o grau de aprendizado da turma como um todo era menor. Então eles tinham uma função, mesmo que eles não apareciam muito, mas essa função de estar sob sua regência era fundamental, aí isso ficou assim para mim, ficou muito evidente [...] (I2, 2021).

[...] a maior contribuição dos jovens discentes para mim, a meu ver eles já são professores, tinha um monitor que enquanto tocava, ele prestava atenção no que a gente estava cantando, ele conversava com o senhor no sentido de a gente crescer e desenvolver certinho a música. Ele brincava com a gente, mas a atenção dele era profissional mesmo, era de ensinar (I5, 2021).

[...] no caso de cantar, de mostrar, de ensinar de chamar atenção para alguma coisa, no bom sentido é claro. Eu acho que eles fazem muito bem para nós, também eles têm se desenvolvido muito bem, estão dando conta do recado [...] (I8, 2021).

[...] as maiores contribuições dos jovens para meu aprendizado acho que aprender a cantar. Acho que com acompanhamento a gente aprende a cantar, ouvindo mais o som, com eles tocando os instrumentos. Acho que isso me ajudou a melhorar bastante, principalmente a minha percepção e a sonoridade [...] (I9, 2021).

[...] além de demonstrarem ser muito esforçados, eles também se preocupavam em como passar os conteúdos, em como a gente poderia absorver melhor, e na parte mais difícil, a mais aguda porque nós somos contraltos. Eu acho que eles são bastante conscienciosos nessa parte [...] (I11, 2021).

[...] a maior contribuição dos jovens discentes de música nas aulas da UNATI foi que eles trouxeram seu aprendizado de música, era essa função de auxiliar, com uma outra didática nova, uma didática do jovem, a maneira de se expressar, a maneira de explicar [...] (I13, 2021).

[...] a maior contribuição que os jovens discentes deram para mim foi cantar. Havia uma monitora que eu gostava muito dela, ela cantava para a gente escutar, e eu cantava em cima do que ela cantava, pois eu sou mais de ouvir e tentar imitar o que a pessoa está fazendo, pois como ela ficava ouvindo e percebendo as vozes e quando estava fazendo as aulas do coral, ela ficava do lado oposto ao nosso, nos dando apoio com a voz (I20, 2021).

Em primeiro lugar, destacaremos os conteúdos musicais ensinados, os que foram mais importantes na opinião dos idosos que vieram por meio da contribuição dos discentes. Podemos elencar, nos trechos expostos, os seguintes conteúdos: ensinar a cantar, ensinar o idoso a reconhecer a sua voz dentro do naipe (sopranos e contraltos), ensinar música, dinamizar o processo de aprendizagem na aula, recorrer à abordagem de ensino direcionada, compartilhar o seu conhecimento musical, ensinar o idoso a desenvolver a sua percepção auditiva e utilizar uma didática própria para o ensino de música que transcende os conteúdos teóricos e técnicos.

Vemos, aqui, que são apontados conteúdos importantes para a formação musical de uma pessoa, aspectos que trabalham memória auditiva e controle vocal, mas também vemos que, por meio dessas experiências compartilhadas com os jovens, com base nas falas dos idosos, depreendemos que houve a construção de conceitos a respeito da conduta dos próprios jovens discentes, como mencionam, de que são pessoas sérias, comprometidas com o seu trabalho, dedicados, já profissionais em sua área de atuação, conforme afirma o entrevistado I5.

Para Flament (2001, p. 33), pesquisador que tem o seu trabalho atrelado ao de Abric (2000; 2001), “[...] uma representação social é um conjunto organizado de cognições relacionadas a um objeto, compartilhadas pelos membros de uma população homogênea em relação a esse objeto”. Então, definimos que o objeto é

o ensino de música para além dos conteúdos teóricos e técnicos, e a população homogênea a ele concerne aos idosos e aos jovens. Assim, podemos inferir que esse grupo construiu representações sociais no sentido da competência em relação ao trabalho dos discentes, uma habilidade realizada por meio da interatividade que ocorre em um processo de ensino e aprendizagem compartilhado, nesse caso, entre os idosos e os jovens envolvidos nas aulas de música.

Ainda, pudemos observar que as contribuições dos jovens para o aprendizado dos idosos não vieram somente no âmbito dos conteúdos musicais, mas vieram em relação ao comportamento desses discentes para com os idosos. Identifiquemos, a seguir, outros relatos dos entrevistados:

[...] a maior contribuição do trabalho dos jovens discentes para mim, no meu caso foi a minha permanência no coral. Realmente eu achava que não tinha muito jeito para cantar e que eu ia deixar o coral a qualquer momento. Eu senti que eu não ia para a frente, eu falava minha voz não dá, eu vou sair. Então eu cheguei a comentar com dois monitores e eles não me deixaram sair [...]. sempre recebi assim um incentivo deles, aguenta mais um pouco, é assim mesmo sabe, e cheguei aqui, até aqui. Eu tenho muita gratidão a eles [...] (I3, 2021).

[...] a maior contribuição dos jovens discentes para mim foi a paciência em me ensinar música. É uma coisa mesmo de sentir como família [...] (I4, 2021).

[...] atenciosos demais, eles nos respondem com muito cuidado tranquilamente. Eu acho que isso é muito bonito, o respeito. A maior contribuição dos jovens discentes de música na UNATI é a competência no trabalho (I8, 2021).

[...] a gente está alcançando a nossa aceitação, eu percebi isso, e eu só sei que esses jovens discentes agem de um modo esforçado e responsável. Eu senti isso [...] (I11, 2021).

[...] as maiores contribuições dos jovens discentes de música para meu aprendizado nas aulas da UNATI, como que eu vou falar? É que as pessoas não são iguais umas às outras, e a gente tem que aprender respeitar cada um, respeitar o outro, então isso eu acho que veio a calhar para mim, aprendi a respeitar (I14, 2021).

[...] a maior contribuição do trabalho dos jovens discentes de música é que eles davam aquela atenção direcionada para gente, para a pessoa. Acho que eles vieram somar, porque com tantos alunos idosos, e só você ali, e eles chegando ali na turma, os jovens discentes da graduação eles vieram somar ao seu trabalho (I19, 2021).

Notamos, nessas falas, a construção de algumas representações, ou seja, imagens formadas em relação ao comportamento desses jovens durante a sua atuação nas aulas. Quando indagamos sobre a definição de uma representação social, devemos observar se está presente ali algum sentido, algum significado, pois, quando isso ocorre, corresponde a um modelo específico recorrente e inclusivo de imagens, crenças e comportamentos simbólicos (MOSCOVICI, 2015).

Analisadas dessa forma, o autor relata que, estaticamente, as representações se assemelham a teorias que organizam premissas e observações em torno de um tema específico, “[...] uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante” (MOSCOVICI, 2015, p. 209-210). Assim, quando verificamos a existência de certas construções, como as encontradas nas falas, por exemplo, a formação do respeito às diferenças, da paciência com as limitações alheias, da motivação, da atenção, da responsabilidade, da dedicação, do comprometimento, da aceitação e da sensação de acolhimento, logo as identificamos como RS que foram geradas por meio das ações e dos comportamentos dos sujeitos do grupo das aulas de música da UNATI.

Então, podemos observar dois conjuntos de RS no que tange à pergunta analisada nesta categoria, a qual investiga acerca dos benefícios do trabalho dos jovens discentes para o aprendizado dos idosos. Mais especificamente, encontramos um conjunto de RS formadas em relação aos conteúdos de aprendizagem musical, em que pudemos identificar RS quanto à competência dos jovens para trabalhar com idosos, representações de confiança no conhecimento musical dos discentes. O outro conjunto é formado em torno das ações, das atitudes e dos comportamentos partilhados durante a convivência nas aulas. Nesse segundo conjunto, aliás, pudemos identificar RS de gratidão pelo trabalho dos jovens, representações de carinho por eles, representações de que os jovens tinham tolerância e paciência no trato com os idosos e representações de respeito entre esses sujeitos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar as representações sociais dos idosos acerca da música na experiência da UNATI-UEM em um contexto de educação permanente e não formal. Para tanto, lançamos mão de cinco objetivos específicos: 1) discutir as mudanças que aconteceram no âmbito social, a fim de compreender o papel do idoso na sociedade atual; 2) abordar a importância da Universidade Aberta à Terceira Idade no Brasil e, em especial, da UNATI-UEM; 3) retomar os principais conceitos da Teoria das Representações Sociais, a fim de subsidiar as análises das entrevistas com os idosos da UNATI-UEM; 4) realizar uma revisão de literatura com a finalidade de analisar as produções acadêmicas sobre representações sociais de idosos das Universidades Abertas à Terceira Idade e o ensino de música em um contexto de educação permanente; 5) investigar as representações sociais dos idosos da UNATI-UEM geradas durante a convivência nas disciplinas de música, que acontecem nos moldes de uma educação permanente e não formativa, com o intuito de entender como esse Programa contribui para o bem-estar dessa parcela da população idosa. Salientamos que não tivemos o intento de esgotar o tema ou invalidar diferentes formas de abordagem, já que se cuidou, tão somente, de abordar as questões pertinentes aos idosos da UNATI-UEM.

Logramos, por meio deste estudo, o nosso objetivo principal, pois se verificou que as representações sociais dos idosos acerca da música na experiência da UNATI-UEM em um contexto de educação permanente e não formal, construídas a partir de um processo interagente, assumem a função de ajudá-los a se conectarem com o mundo ao seu redor, de forma a se tornarem mais participativos e ativos no ambiente que frequentam, sobretudo no meio social. Assim, por intermédio das representações, eles estabelecem diálogos, trocam experiências, conhecimentos e desenvolvem relações afetivas e de amizade, tanto com os seus colegas de turma quanto com os seus professores e com os discentes envolvidos que os auxiliam nas aulas de música.

Os nossos objetivos específicos foram sendo atingidos, paulatinamente, à medida que fomos trabalhando cada uma das seções deste estudo. Dessa forma, o nosso primeiro objetivo foi alcançado quando, na introdução, fizemos uma

explicação sobre as mudanças na vida da população idosa mundial e sobre a legislação brasileira e mundial destinada a atender a essa nova realidade.

Na segunda seção, discutimos as mudanças que aconteceram no âmbito social, a fim de compreender o papel do idoso na sociedade atual. Vimos que há uma preocupação entre os órgãos internacionais para que a pessoa idosa seja inserida na sociedade e, por meio de acordos com governos de diversos países, foram elaborados documentos que orientam essa solicitação. O Brasil faz parte desses órgãos e tem legislações específicas, sendo a criação da UNATI um dos mecanismos para viabilizar esse processo de inclusão.

Constatamos, também, que estamos em uma sociedade em processo de mudança em diversas áreas, como a econômica, a populacional e, sobretudo, a social. Vivemos em um contexto no qual o mercado dita os costumes, as necessidades e sugere os caminhos para os quais a população deve seguir nos mais diversos campos, como no vestuário, na alimentação, nos costumes, nas áreas de atuação profissional, na comunicação e nas regras de comportamento social. Conforme tratamos, hodiernamente, temos um novo cidadão idoso que vive dentro e, ao mesmo tempo, fora dessa sociedade, a qual carece de novas demandas, e que luta por continuar ativo socialmente nela. Precisamos atender a esse anseio, porque incluir o idoso na sociedade é permitir que as gerações mais jovens tenham acesso ao conhecimento acumulado por eles durante as suas vidas, estimulando uma interação intergeracional benéfica à nossa estrutura social, econômica e afetiva.

Para atingir o segundo objetivo específico, fizemos uma abordagem sobre o surgimento dos programas destinados a idosos e discutimos a importância da Universidade Aberta à Terceira Idade no Brasil e, em especial, da UNATI-UEM, assunto tratado na terceira seção deste estudo. Realizamos uma breve descrição do histórico do surgimento das UNATIs em nosso país e discorreremos, mais a fundo, sobre a criação da UNATI-UEM, a sua estrutura pedagógica e o seu modo de trabalho, que prevê uma educação permanente e não formal, pautada na abordagem de conteúdos e temas de interesse da pessoa idosa, com o objetivo de trazer o idoso de volta ao seio social e readquirir respeito e dignidade. Apresentamos detalhes dos documentos de organização institucional da UNATI-UEM, a qual é estabelecida como um órgão atrelado à Reitoria da universidade,

com independência para atuar nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. A elaboração dessa seção nos leva a afirmar que a UNATI-UEM é importante para a nossa sociedade, pois a condição social e familiar do idoso está atrelada a um isolamento velado, cujo idoso é visto, mas não reconhecido como integrante dessa sociedade. É como se fosse um adereço social, ou seja, todos gostam, acham bonito, mas não dão a atenção devida às suas experiências.

O nosso terceiro objetivo específico foi alcançado por meio da abordagem dos principais conceitos da Teoria das Representações Sociais, realizada na quarta seção deste estudo. Os fundamentos da TRS foram utilizados como subsídio para as análises das entrevistas que realizamos com os idosos da UNATI-UEM.

Por sua vez, o nosso quarto objetivo específico foi atingido por meio da realização de uma revisão de literatura, constante na quinta seção deste estudo, com a finalidade de analisar as produções acadêmicas sobre representações sociais de idosos das Universidades Abertas à Terceira Idade e o ensino de música em um contexto de educação permanente. Tais estudos incluíram artigos, dissertações e teses do meio acadêmico brasileiro e serviram como bibliografia de apoio para as nossas reflexões e análises.

Por fim, o nosso quinto objetivo foi alcançado ao realizarmos uma investigação das representações sociais dos idosos da UNATI-UEM geradas durante a convivência nas disciplinas de música, que acontecem nos moldes de uma educação permanente e não formativa, com o intuito de entender como esse programa contribui para o bem-estar dessa parcela da população idosa.

Na sexta seção, tratamos dos procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste estudo. Sequencialmente, na sétima seção, apresentamos os resultados e a discussão acerca dos dados analisados, divididos em dois tópicos: perfil sociodemográfico dos participantes, com base nos dados do questionário sociodemográfico utilizado; e a análise das entrevistas semiestruturadas, dividida em três categorias distintas.

Ao usar a TRS como ferramenta para analisar as representações sociais dos idosos sobre música nessa experiência de educação permanente e não formal vivida na UNATI-UEM, pudemos entender a importância desse programa para a nossa sociedade, bem como verificar a relevância das disciplinas de música para a pessoa idosa.

Apresentaremos as nossas considerações abordando, inicialmente, o perfil socioeconômico dos idosos participantes do estudo e, em seguida, trataremos das três categorias propostas para a nossa análise, que estão localizadas na sétima seção.

Por meio das ferramentas utilizadas para a investigação, pudemos observar que as pessoas idosas que participaram das disciplinas de música da UNATI-UEM são pessoas com um poder aquisitivo que se destaca em relação à maioria da população trabalhadora no Brasil, com renda familiar superior a três salários-mínimos em 89,4% dos entrevistados. São pessoas com uma formação educacional elevada; como prova disso, no questionário socioeconômico, encontramos a informação de que 65% delas têm curso superior completo, muito acima da média nacional em outras faixas etárias, que é de apenas 17,4% entre pessoas com idade a partir de 25 anos (IBGE EDUCA, [2023]); entre os demais participantes do estudo, 35% têm formação em ensino médio, configurando, também, uma média maior que a nacional nesse quesito, já que, para pessoas acima de 25 anos, o valor corresponde a 27,4% (IBGE EDUCA, [2023]).

Essas informações apontam para a direção de que os frequentadores das disciplinas ofertadas pela UNATI-UEM tiveram acesso à educação provavelmente por serem pessoas pertencentes às classes sociais média e alta da cidade de Maringá. Tal afirmação pode ser corroborada pelo fato de que apenas 5% dos entrevistados têm renda mensal média de até 1 salário-mínimo, enquanto 20% têm renda entre cinco e sete salários-mínimos, e 40% têm renda superior a sete salários-mínimos.

Verificamos que os frequentadores dessas disciplinas não pertencem às classes mais populares de nossa sociedade; logo, a nosso ver, é necessário que seja democratizado o acesso à UNATI-UEM para as classes menos favorecidas socioeconomicamente – e que situação similar ocorra para sujeitos com uma formação educacional mais modesta. Afirmamos isso, pois, quando observamos o teor do documento de criação da UNATI-UEM, encontramos esse objetivo bem definido. Na Resolução nº 034/2009-COU, está explicitado o compromisso com a luta nas diferentes formas de exclusão social do idoso, da dignidade e da cidadania da pessoa idosa. Todavia, no atual cenário, notamos que esse compromisso não está sendo cumprido – não que seja uma exclusão imposta de forma proposital,

mas há um evidente acesso mais comum a pessoas com um grau de formação mais elevado, bem como com um maior poder econômico. Essa situação, a propósito, precisa ser corrigida.

No que se refere às análises das entrevistas semiestruturadas com os idosos, como já expusemos, por meio da técnica de análise de conteúdo, elaboramos três categorias de análise, as quais evidenciamos nos parágrafos seguintes.

Na primeira categoria, denominada “a UNATI-UEM para os idosos”, localizada na subseção 7.2.1, foi-nos permitido identificar algumas RS. Dedicamo-nos a conhecer como era a vida desse idoso antes de entrar na UNATI, como ela se tornou após o seu ingresso e como se dava a convivência dele com os seus colegas dentro do ambiente acadêmico. Verificou-se que os alunos participantes da pesquisa se integram à UNATI-UEM, porque estavam vivendo uma situação de isolamento social. Mesmo aqueles que tinham um núcleo familiar completo, com filhos, netos e outros familiares, estavam sentindo falta de um convívio com outras pessoas de fora desse meio.

Percebemos também, em seus relatos, que a motivação em aprender conteúdos novos e participar de atividades coletivas com os seus colegas de turma era um dos principais atrativos para mantê-los interessados pelo programa. Ali, foram feitos novos laços de amizade, novos conhecimentos e criaram representações sociais comuns aos indivíduos desse novo grupo, que foi formado pela convivência proporcionada pelas aulas de música da UNATI-UEM. Podemos inferir que eram compartilhadas RS de desejo de se relacionar com outras pessoas de sua idade, as RS de anseio de sair do isolamento social e as RS do propósito de mudar a condição de vida em que se encontravam. Tais constatações permitem vislumbrar a importância da UNATI para a vida dessas pessoas que participaram de nosso estudo, pois, conforme vimos, todos relataram impactos positivos em diversos aspectos de suas vidas, fundamentalmente, no âmbito social.

O idoso participante das disciplinas de música, após a sua integração à UNATI-UEM, descobriu um novo ambiente para convivência, um ambiente socializado, compartilhado por todos os indivíduos de seu grupo. Uma modalidade de convivência diferente da que estava habituado até aquele momento de sua vida, pois ela é justificada pelo interesse comum a um conteúdo: o de aprender música.

Ademais, observamos que as pessoas se sentiam acolhidas pelos colegas do grupo, já que sempre eram bem recebidas, o que levou à formação de uma RS de acolhimento, haja vista que todos se sentiam aceitos pelo grupo. Assim, tal fator é preponderante para essas pessoas, pois, quando reconhecem características comuns a todos os participantes de seu grupo, por exemplo, dividirem um mesmo interesse, aceitação mútua entre os colegas, somando-se a outras especificidades já citadas, como o desejo de se socializar, temos a geração de outra representação social, que é a sensação de pertencimento a um grupo de iguais, de fazerem parte de um grupo, de se sentirem uma quase irmandade criada pela união de pessoas com características, desejos e interesses semelhantes – e, em muitos casos, até iguais.

Quando consideramos que esse novo ambiente social é formado dentro de uma universidade, um lugar onde habitualmente não acolhe o público idoso, e sim o jovem que ainda está em formação, essas representações ganham importância para essas pessoas. A representação de pertencimento a esse ambiente universitário traz para o idoso a sensação de igualdade social de sua figura em relação ao jovem. Isso traz outra representação social para esse grupo, que é o sentimento de valorização do idoso dentro do ambiente acadêmico.

Portanto, o sentimento de pertencimento e a formação de uma identidade na qual se sentem reconhecidos são construídos no ambiente da UNATI-UEM, que se constitui como um espaço de vivência, de modo a viabilizar o aprofundamento de conhecimentos e a revisão de atitudes, conceitos, valores éticos e estéticos.

Na segunda categoria de análise, denominada “as aulas de música na UNATI-UEM”, localizada na subseção 7.2.2, foram analisadas questões relativas aos conteúdos ensinados durante as aulas de música: o que gostavam, o que não gostavam e sobre o trabalho e a convivência com os professores. Em relação aos conteúdos musicais, pudemos perceber um interesse comum pelo aprendizado de teoria musical, uma vontade de melhorar as suas habilidades vocais; como se diz correntemente, cantar melhor e de aprender mais.

Foi possível inferir que as RS que compartilhavam em relação a esses conteúdos estavam no campo do aprendizado. Contudo, no caso das pessoas que também fizeram aulas de canto coral, pudemos perceber RS formadas em torno da atividade coral em si, pois o canto coral pressupõe que as pessoas cantem

simultaneamente – e isso resulta em uma sonoridade diferente, cuja harmonia acontece com a junção de todas as vozes, despertando o interesse dos participantes. Aliás, esse fator levou à formação de RS relativas a essa modalidade de fazer musical, representações do sentimento de prazer em participar do coral da UNATI. Essa característica da atividade musical pode contribuir, efetivamente, para a integração social do idoso, uma vez que estimula a convivência por meio do ato de cantarem juntos, pois, em música, um coral é um grande instrumento, e todos os cantores são uma parte importante dele.

Concernente aos fatores e ao conteúdo que mais atraíam as pessoas participantes deste estudo nas aulas de música, pudemos identificar, além de conteúdos musicais, conteúdos atitudinais. Os conteúdos musicais, ao mesmo tempo em que representavam o desejo das pessoas, também representavam um desafio. No que diz respeito ao fator que mais atraía os idosos para as aulas de música, encontramos duas RS: a representação da vontade de fazer música, de cantar, e a representação do desafio de aprender e fazer música.

Na questão que tratou do conteúdo que os sujeitos não gostavam nas aulas de música da UNATI, não encontramos fatores pontuais, mas apenas subjetivos, como não gostar do horário ou do clima em determinado horário – ou, ainda, de o horário ser próximo à hora do almoço, ou seja, questões pontuais que não representavam a opinião do coletivo. O que identificamos, ao contrário, foi a confirmação de RS como de apego pelas aulas de música e de representações que remetem a uma boa convivência no ambiente das aulas.

Encontramos, ainda na segunda categoria, as RS sobre o trabalho dos professores da UNATI, que, a nosso ver, revelam um dos pontos que a UNATI, como órgão institucional, precisa modificar. Ficou evidente que os professores oferecem as suas aulas para os idosos de acordo com a sua disponibilidade de horários dentro da universidade, já que eles não são lotados na UNATI. Assim, as disciplinas ficam condicionadas ao interesse pedagógico que o docente tem pelo trabalho com as pessoas idosas ou, até mesmo, à afetividade que esse profissional tem em relação a essa camada da população. Dessa maneira, a disponibilização de disciplinas não é feita de forma garantida institucionalmente, mas, sim, pelo desejo ou apego do professor ao grupo com que irá trabalhar.

As aulas de música são oferecidas pela UNATI desde o ano de sua criação; têm-se pessoas idosas que frequentam as disciplinas de música há mais de 10 anos, então podemos perceber, nas falas dos entrevistados, palavras que podem descrever o quanto essa relação educacional é quista por eles, o quanto eles têm apego e admiração pelo trabalho dos professores. Destarte, as RS criadas na convivência entre idosos e professores são marcantes, pois encontramos, dentre outras, representações de admiração, de tolerância, de dedicação e de respeito pelo domínio do conteúdo ensinado. Podemos inferir que é uma representação de que os professores são bons profissionais em suas respectivas áreas.

Na última categoria de nossa análise, denominada “os idosos e os discentes de música na UNATI-UEM”, localizada na subseção 7.2.3, o nosso foco foi analisar e conhecer as RS criadas pela convivência e o trabalho dos jovens discentes de música com os idosos. Pudemos notar uma evidente mudança de conceito em relação à convivência com o jovem quando tiveram essa experiência por meio da UNATI-UEM. Inicialmente, encontramos representações de temor e repulsa em relação à possibilidade de convívio social com jovens, mas, após a experiência nas aulas de música, as RS criadas sobre os jovens discentes revelaram sentimentos distintos às representações demonstradas em um primeiro momento. Um dos nossos intuítos neste estudo é estimular o trabalho de jovens discentes com idosos em todas as áreas do conhecimento. Por meio das aulas de música da UNATI-UEM, pudemos constatar como é produtiva tal associação em um ambiente de ensino permanente e não formal.

Por intermédio de nossa análise, pudemos constatar, nas RS criadas pelos idosos em relação aos jovens discentes de música, dois conjuntos distintos de representações sociais: um relativo ao compartilhamento do desejo de aprender conteúdos de aprendizagem musical e de fazer musical, por exemplo, a de gostar de cantar, que se tornou uma RS inerente a todos os indivíduos do grupo; e outro equivalente às representações formadas em torno das ações, das atitudes e dos comportamentos partilhados durante a convivência nas aulas, dentre as quais identificamos representações de respeito; competência para trabalhar com idosos; convivência agradável; gratidão; carinho; e tolerância. Como podemos ver, um trabalho nesses moldes, com a presença de jovens discentes auxiliando os professores nas aulas de música, traz benefícios às áreas de aprendizado e de

convivência social, pois ampara a complementar o processo de reinserção do idosos na sociedade, ao aproximar três gerações: idosos, professores e jovens discentes.

Contatamos, por meio dos relatos dos idosos participantes deste estudo, que, de fato, é necessário complementar a formação do jovem discente por intermédio da convivência e do trabalho com o idoso dentro do ambiente acadêmico. Essa experiência proporciona aos jovens a compreensão das necessidades de aprendizagem dos envolvidos, além de possibilitar uma relação amistosa e afetiva durante o processo, tornando-os mais bem preparados para as demandas futuras em suas carreiras como professores.

Outrossim, constatamos que, por meio das relações sociais entre diferentes gerações dentro do ambiente de sala de aula, pode-se promover o desenvolvimento intelectual do idoso, de modo a ajudá-lo a se integrar ao nosso modelo de sociedade atual. Portanto, a participação do idoso em disciplinas, como as ofertadas pela UNATI-UEM, sob orientação de professores da graduação e de seus discentes, contribui para um desenvolvimento intelectual desse cidadão, encaminhando-o a uma reinserção social.

A propósito, observou-se que as relações de convivência entre os idosos, colegas das disciplinas de música, aliadas à interação com os professores e os seus discentes auxiliares, podem trazer benefícios aos idosos em diversas áreas de suas vidas, sobretudo na integração social dentro do ambiente acadêmico acessado.

Ante tudo o que se produziu, entende-se como comprovada, satisfatoriamente, a tese apresentada de que o trabalho com música pode ser um grande viabilizador do processo de inclusão social do idoso. Assim, a difusão de programas para pessoas idosas em outras universidades e a ampliação de órgãos, como o da UNATI-UEM, por meio do aumento de áreas de estudo oferecidas, são essenciais para melhorar o bem-estar dessa população.

A hipótese apresentada inicialmente de que, por intermédio da música, os idosos podem construir gostos, afinidades, interagir durante o fazer musical, aprender conteúdos gradativamente, ajustados ao nível intelectual do grupo, foi confirmada. Após a leitura e a análise dos relatos dos participantes, confirmou-se, por meio da Teoria das Representações Sociais, todos os elementos de nossa

hipótese. Mudanças foram observadas no comportamento dos idosos em relação aos jovens, aos seus interesses sobre os conteúdos trabalhados, atrelados a um desenvolvimento de suas habilidades musicais, bem como um crescimento de seu círculo social. Constatou-se que o meio acadêmico propiciado pela participação nas aulas de música da UNATI-UEM foi benéfico à melhora da sensação de bem-estar na vida dos entrevistados.

Corroboramos, por meio da análise dos depoimentos dos idosos participantes, que os dados aqui apresentados anteriormente sobre os estudos das áreas de Geriatria e Gerontologia são verdadeiros, pois verificamos a existência de benefícios à vida de idosos participantes de atividades musicais, os quais apresentaram ganhos nas esferas psicoemocionais, físicas e sociais, ao reverberar, positivamente, na autoestima e na sociabilização dessas pessoas.

Assim, encontramos, a partir das análises das entrevistas realizadas com os idosos integrados às disciplinas de música ofertadas pela UNATI-UEM, diversas melhorias para essa população, a qual pôde avançar, qualitativamente, nos campos da vida social, da vida individual, da saúde mental, dentre outros aspectos de suas vidas. Verificamos que as pessoas migraram de uma situação de isolamento para uma de convivência social; também, que essa mudança inicial viabilizou todo um conjunto de mudanças que trouxe mais atividades para essas pessoas, novos interesses, novos saberes e bem-estar – ou, nos termos que a OMS define, melhorou a qualidade de vida desses idosos. Constatamos, neste trabalho, que tal modalidade de programa é fundamental para o cidadão idoso, porque resgata a sua autoestima, reintegra-o à convivência em sociedade e lhe devolve a sua importância em seu meio, que, geralmente, é perdida após a aposentadoria.

Comprovamos, por meio das declarações dos participantes, que a universidade também é um espaço para a pessoa idosa, pois promove a integração e a convivência de pessoas de faixas etárias distintas, diversificando a interação no ambiente acadêmico. Observamos que é produtivo – e benéfico – o trabalho de ensino da música para idosos, sobretudo quando auxiliado por jovens discentes, haja vista que ocorre uma aprendizagem mais dinâmica e ampla no sentido musical, afetivo e social, ao possibilitar o diálogo entre gerações diferentes, além de preparar, mais eficazmente, os futuros profissionais para os desafios que

encontrarão em suas carreiras, com o ensejo de abarcar a sociedade de forma mais completa.

Constatamos, por meio de análise de relatórios demográficos apresentados por um instituto oficial do estado do Paraná, somados aos documentos de matrículas da secretaria da UNATI-UEM, que o número de pessoas que tem acesso à UNATI-UEM é ínfimo. Encontramos apenas 2% da população idosa de Maringá que já frequentou alguma disciplina ofertada pelo órgão e, atualmente, menos de 1% dessa mesma população está matriculada nas aulas.

Amparados nos dados coletados e nas análises realizadas durante este estudo, entendemos ser necessário ampliar o alcance da UNATI-UEM, aumentando a oferta de disciplinas, com a finalidade de gerar um maior número de vagas para o ingresso de alunos.

Ficou demonstrado que o trabalho de idosos com jovens produz frutos promissores para a nossa sociedade e, por isso, é necessário que a universidade inclua nos programas de licenciatura disciplinas que preparem os jovens discentes para atuarem com as pessoas idosas, já que essa interação se trata de uma necessidade social. Faz-se imprescindível, ainda, possibilitar que pessoas de outros nichos sociais, sobretudo os economicamente desfavorecidos, possam usufruir dos conteúdos e benefícios que a participação em um programa como a UNATI oferece.

É preciso ressaltar que, devido ao isolamento social imposto pela pandemia da covid-19, a qual fomos acometidos nos anos de 2020 e 2021, encontramos impedidos de ampliar o nosso estudo. Mas acreditamos que, mesmo assim, os nossos resultados podem apontar para novas investigações, como o desenvolvimento e a preparação de docentes para ensinar a idosos, tão necessário para a ampliação do atendimento a essa faixa da população.

Alvitramos, ademais, a necessidade da realização de estudos sobre a inclusão de disciplinas nos cursos de graduação, com conteúdo preparatório para os discentes se tornarem aptos a trabalharem com o público idoso. Já expusemos neste estudo que tal ação é necessária, pois, hodiernamente, vemos a carência de profissionais qualificados para contemplar tal demanda.

Sugerimos, também, a realização de estudos que investiguem o processo da convivência entre jovens discentes e idosos em outras áreas de formação, a fim

de podermos quantificar os efeitos dessa interação intergeracional na formação profissional e social do jovem. Acreditamos que tais estudos possam colaborar com o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, cujas diferenças de idade não tornem os cidadãos de determinada faixa etária mais importantes que os de outra, de modo a devolver aos idosos o seu devido lugar de participação e atuação.

REFERÊNCIAS

A ONU e as pessoas idosas. **UNIC Rio de Janeiro – Centro de Informação das Nações Unidas do Brasil**, 2021. Disponível em:

<https://unicrio.org.br/acao/pessoas-idosas/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.

ABRIC, Jean-Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán, 2001.

ALVES NETO, Antonio Batista. **As representações sociais de pedagogos(as) sobre indisciplina no Ensino Médio**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Revisão da bibliografia. *In*: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998. p. 179-188.

ANTUNES, Ingrid Gollnick; NOVAK, Marly Terezinha Pianowski; MIRANDA, Vera Regina. O processo de envelhecer na atualidade na visão do idoso. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 32, n. 79, p. 155-164, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325077286_O_Processo_de_envelhecer_na_atualidade_na_visao_do_idoso/fulltext/5af58138aca2720af9c63882/O-Processo-de-envelhecer-na-atualidade-na-visao-do-idoso.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

BAFUM, Helyssa Alves; SOARES, Nanci. Trabalho, envelhecimento e participação: um paradoxo que atinge inúmeros “severinos”. *In*: SOARES, Nanci; MASSO, Maria Candida Del; OLIVEIRA, Josiane Julião Alves de (org.). **I Congresso Internacional Envelhecimento Ativo: Saúde, Segurança e Participação Social**. Franca: UNESP-FCHS, 2016. p. 175-186. Disponível em: https://www.franca.unesp.br/Home/publicacoes eletronicas/congressointernacional envelhecimentoativo/i-congresso-envelhecimento-ativo_.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. rev. atual. Lisboa: Edições 70, 2016.

BBC NEWS. Expectativa de vida: por que as mulheres vivem mais do que os homens? **BBC News Brasil**, 5 fev. 2019. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47132888>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BECKER, Fernando. **Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos**. [S. l.: s.n., 2023]. Disponível em: <http://www.marcelo.sabbatini.com/wp-content/uploads/downloads/2023/06/becker-epistemologias.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BELANDI, Caio. Em 2021, rendimento domiciliar per capita cai ao menor nível desde 2012. **Agência de Notícias IBGE**, 18 jun. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34052-em-2021-rendimento-domiciliar-per-capita-cai-ao-menor-nivel-desde-2012>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BOCCHINI, Bruno. Pesquisa mostra exclusão de idosos do mundo digital e da escrita. **Agência Brasil**, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/pesquisa-mostra-exclusao-de-idosos-do-mundo-digital-e-da-escrita>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BOEHME, Rosana Andrade Rebelo. **Saberes docentes na educação do idoso: compreensões de professores do Programa de Educação Permanente – FURB**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOTH, Agostinho. **Educação gerontológica: posições e preposições**. Erechim: São Cristóvão, 2001.

BOTH, Agostinho. **Gerontologia: educação e longevidade**. Passo Fundo: Imperial, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [1988]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Disque 100 registra mais de 35 mil denúncias de violações de direitos humanos contra pessoas idosas em 2022. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**, 15 jun. 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/junho/disque-100-registra-mais-de-35-mil-denuncias-de-violacoes-de-direitos-humanos-contra-pessoas-idosas-em-2022>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República,

[2003]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022**. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”, respectivamente. Brasília, DF: Presidência da República, [2022b]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14423.htm#art1. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. A vacinação dos idosos. **Fiocruz**, 18 out. 2019. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1676-a-vacinacao-para-idosos>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. [S. l.: s. n.], 2022c. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-pessoa-idosa/publicacoes/dadosobreoenvelhecimentonobrasil.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRITO, Débora. Em 15 anos, Estatuto do Idoso deu visibilidade ao envelhecimento: negligência e discriminação contra o idoso tornaram-se crimes. **Agência Brasil**, 1 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-09/em-15-anos-estatuto-do-idoso-deu-visibilidade-ao-envelhecimento>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CACHIONI, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade**: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira Idade. Campinas: Alínea, 2003.

CAPUZZO, Denise de Barros. **Elementos para a educação de pessoas velhas**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

CARREIRA, Lígia; TAAM, Regina. A universidade está aberta à terceira idade: a Unati enquanto conquista da pessoa idosa. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 11, n. 4, p. 639-641, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/21677/11525>. Acesso em: 19 jun. 2023.

COMUNICANTUS. Coral da Terceira Idade da USP. **Comunicantus**, [2023]. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicantus/index.php/coral-da-terceira-idade-da-usp/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CONCEIÇÃO, Kátia Milene Lima da. **Música e idosos: a relação ensino/aprendizagem em três oficinas de música na cidade de São Paulo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

CONVIVER. *In*: Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis. [S. l.: s. n.], [2023]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Conviver/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

COUTINHO, Karen de Azevedo. **As representações sociais de acadêmicos do curso de Pedagogia acerca de bullying**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

COUTINHO, Karen de Azevedo. **Representações sociais de docentes e coordenação pedagógica do Ensino Fundamental I sobre fracasso escolar**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

COUTINHO, Karen de Azevedo; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. Teoria das representações sociais: bases intelectuais. *In*: TRIANI, Felipe; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos; NOVIKOFF, Cristina (org.). **Representações sociais e educação: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. p. 210-233.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 51-66.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação e crise: perspectivas para o Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1089-1098, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Pw7gBw9zb8y8bdQLmH6RZGw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2023.

D'ALENCAR, Raimunda Silva D'. Velhice e educação ao longo da vida: um imperativo para um convívio mais humano. **Memorialidades**, Ilhéus, v. 8, n. 15, p. 167-191, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/92>. Acesso em: 19 jun. 2023.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DOURADO, Henrique Autran. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: Editora 34, 2008.

DUVEEM, Gerard. O poder das ideias. *In*: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 7-28.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e sua história. *In*: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 27-52.

FERNANDES, Gisele Pasquini. **Educação para além do tempo**: a Unati como um espaço acadêmico aberto. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

FLAMENT, Claude. Estructura, dinámica y transformación de las representaciones sociales. *In*: ABRIC, Jean-Claude (org.). **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán, 2001. p. 33-52.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FURTADO, Gabriela Fernandes *et al.* Perfil do idoso da cidade de Caridade-CE. **Conexões Ciência e Tecnologia**, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 7-21, ago. 2020. Disponível em: <http://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/1468>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GODOY, Kathya Maria Ayres de *et al.* O idoso e a arte na UNATI. *In*: CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UNESP, 8., 2015, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: [s. n.], 2015. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/142633>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GOMES, Caio Cesar Piffero. O papel social da universidade. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 14., 2014, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: [s. n.], 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/131807?show=full>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GOMES, Lorena; AMARAL, Juliana Bezerra do. Os efeitos da utilização da música para os idosos: revisão sistemática. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 103-117, 2012. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/46>. Acesso em: 19 jun. 2023.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 12, n. 11, p. 17-25, 2004.

IBGE EDUCA. Conheça o Brasil - População. Educação. **IBGE Educa**, [2023]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 21 jun. 2023.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua. **Características gerais dos moradores 2020-2021**. [S. l.: s. n.], 2022a. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/07/populacao-ibge-2021-22jul2022.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua. **Rendimento de todas as fontes 2021**. [S. l.: s. n.], 2022b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101950_informativo.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

IPARDES. **Caderno Estatístico**. Município de Maringá. [S. l.: s. n.], 2023. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=87000>. Acesso em: 21 jun. 2023.

KUBOTA, Luis Claudio. O peso do passado no futuro do trabalho: a transmissão intergeracional de letramento. **INAF**, 4 mar. 2020. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/o-peso-do-passado-no-futuro-do-trabalho-a-transmissao-intergeracional-de-letramento/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

JESUS, Bárbara Borges e. **Docência**: um olhar para a terceira idade. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.

JODELET, Denise. **Representações sociais e mundos de vida**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011a.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 20-31, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/TbQqQMLs9D5jQ5CRGzZQNSK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2023.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da Razão em Psicanálise, sua imagem e seu público. *In*: ALMEIDA, Angela Maria de O.; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo. **Teoria das representações sociais**: 50 anos. Rio de Janeiro: Techno Politik, 2011b. p. 159-176.

LÉVI-BRUHL, Lucien. **A mentalidade primitiva**. São Paulo: Paulus, 2008.

LOPES, Maria Jaqueline; ARAÚJO, Janieiry Lima de; NASCIMENTO, Ellany Gurgel Cosme do. O envelhecimento e a qualidade de vida: a influência das experiências individuais. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 19, n. 2, p. 181-199, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/32155>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LOPES, Paulo. **Estudo do desenvolvimento da escuta melódica de adultos integrados a coros vocacionais**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2009.

LUZ, Aline Souza da; BRIZOLLA, Francéli; GARCIA, Carlos Alberto Xavier. A contribuição da universidade pública para o desenvolvimento da sociedade brasileira: o caso da Universidade Multicampi na região do Pampa Gaúcho. **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba, v. 11, n. 11, p. 1-18, 2017.

MAÇÃO, Tayene Elize. **Representações sociais de graduandos do curso de Artes Cênicas sobre a profissão docente em Arte**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

MAGALHÃES, Poliana Marina Mascarenhas de Santana. O eu, o outro e as suas subjetividades: um estudo sobre representações sociais e psicanálise. *In*: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares (org.). **Representações sociais e educação: letras imagéticas**. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 9-249.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 358-375, 2017a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/3VdRjVMytzZqPRjWPkPNKTG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARKOVÁ, Ivana. **Mente dialógica: senso comum e ética**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017b.

MASSAROLI, Aline; SAUPE, Rosita. **Distinção conceitual: educação permanente e educação continuada no processo de trabalho em saúde**. [S. l.: s.

n.], 2022. Disponível em:
<http://www1.saude.rs.gov.br/dados/1311947098405educa%E7%E3o%20continua da%20e%20permanente.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MENDONÇA, Jurilza Maria Barros de *et al.* O sentido do envelhecer para o idoso dependente. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 57-65, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/wBsSgfMPpr3pWznwBpSKjhP/?lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MENESES, Neilson Santos; NASCIMENTO JÚNIOR, Clarckson Messias Araújo do. Um perfil do idoso sergipano. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE*, 7., 2013, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: [s. n.], 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9705>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **El psicoanálisis, su imagen y su público**. Buenos Aires: Editorial Huemul, 1979.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MURTA, Tais Reis Leal. **Representações sociais sobre o ensino de Ciências no Ensino Fundamental: estudo com docentes iniciantes**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

NACIONES UNIDAS. **Estudio económico y social mundial 2007**. El desarrollo en un mundo que envejece. Nueva York: Naciones Unidas, 2008. Disponível em: https://www.un.org/en/development/desa/policy/wess/wess_archive/2007wess_sp.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

NAÇÕES UNIDAS. O aumento da população idosa mundial. **Nações Unidas**, 2003. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>. Acesso em: 8 set. 2019.

NAÇÕES UNIDAS. População idosa mais do que dobrará até 2050; especialista da ONU pede foco em direitos. **Nações Unidas Brasil**, 3 maio 2016. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/72904-populacao-idosa-mais-do-que-dobrara-ate-2050-especialista-da-onu-pede-foco-em-direitos>. Acesso em: 21 jun. 2023.

NASCIMENTO, Cleane Lacerda do *et al.* O idoso nas instituições de longa permanência do Brasil: revisão sistemática. *In: CHAI, Cássius Guimarães;*

ARAÚJO, Emerson Erivan de; CALDAS, Ramos, José Manuel Peixoto (org.). **Novos direitos e novas cidadanias no envelhecer do século XXI: a realidade do idoso no Brasil**. João Pessoa: Editora UFPB, 2022. p. 71-94.

NÓBREGA, Danielle Oliveira da; ANDRADE, Erika dos Reis Gusmão. Teoria das representações sociais e racionalidades distintas: tensionamentos e sínteses entre a ciência e o senso comum. **Revista C&S**, São Bernardo do Campo, v. 43, n. 1, p. 171-201, 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/10387>. Acesso em: 19 jun. 2023.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; SILVA, Flávia Oliveira Alves da. A educação permanente protagonizada pelo idoso na Universidade Aberta para a Terceira Idade/UEPG. **Extensio UFSC**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 19-33, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2017v14n27p19>. Acesso em: 19 jun. 2023.

OMS. **Promoción de la salud**. Glosario. [S. l.]: OMS, 1998. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/67246>. Acesso em: 21 jun. 2023.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

ORDONEZ, Tiago Nascimento; CACHIONI, Meire. Universidade aberta à terceira idade: a experiência da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH USP. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 74-86, 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/150>. Acesso em: 19 jun. 2023.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. Representação social do aluno sobre o afeto revelado na sala de aula e seu enlace com o processo de aprender. *In*: SOUZA, Clarilza Prado de; PARDAL, Luís A.; BÔAS, Lúcia Pintor Santiso Villas (org.). **Representações sociais sobre o trabalho docente**. Aveiro: UA, 2009. p. 119-128.

OTERO, Cleber Sanfelici; YAEGASHI, João Gabriel; KAMIMURA, Larissa Nader. Tecnologias digitais na contemporaneidade: reflexões acerca da vulnerabilidade do ser humano no ciberespaço. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 10, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/868/411>. Acesso em: 19 jun. 2023.

TAAM, R., & PIACEZZI, L. H. V. A educação permanente do trabalhador idoso. In M. J. F. CURY, R. C. S. OLIVEIRA, & COENGA, R. E. (Org.). **As interfaces da velhice na pós-modernidade: avanços e desafios na conquista da qualidade de vida**. Cascavel, pag. 29-44: Edunioeste. 2013.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. **Agência de Notícias IBGE**, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 21 jun. 2023.

PRAZERES, Maria Márcia Viana. **Coral na terceira idade: o canto como sopro da vida – A influência do canto coral na qualidade de vida de um grupo de coralistas idosas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2010.

RIOS, Elane Nardotto. Bakhtin e Vigotski: reflexões sobre o ensino da língua materna. **APRENDER**, v. 2, n. 7, p. 67-88, 2006. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3205>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ROCHA, Alexandre Almeida; BARBA, Clarides Henrich de; LARA, Paulo Cesar de. Os precatórios e a violação dos direitos de cidadania dos idosos: justiça social e a razoável duração do processo. *In*: CHAI, Cássius Guimarães; RAMOS, Emerson Erivan de Araújo; CALDAS, José Manuel Peixoto (org.). **Novos direitos e novas cidadanias no envelhecer do século XXI: a realidade do idoso no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 2022. p. 95-113.

SANTOS, Paloma Ariana dos *et al.* A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. **Audiology - Communication Research**, São Carlos, v. 24, p. 1-8, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/WkNqN959jCrJkP8yPntdT5k/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. Campinas: Autores Associados, 1989.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 15, n. 45, p.422-433, 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782010000300002&script=sci_abstract. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA, Felipe Rodrigues Alves da; ROSSI, Tania M. de F. A música como fator de inclusão social no processo de envelhecimento. **Educação: Saberes e Práticas**, Brasília, DF, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2018. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/SaberesPratica/article/view/341/237>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA, Igor Moura Danieleviz e. **As representações sociais de velhice em um projeto de extensão destinado às pessoas idosas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021.

SIMONEAU, Adriana Sancho. **Os Programas Universitários para a Terceira Idade (Unatis): representações sociais de pessoas idosas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SKALINSKI JÚNIOR, Oriomar. Técnicas de entrevista e sua aplicação em pesquisas científicas. *In*: TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; GONZAGA, Maria Teresa Claro (org.). **Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas**. Maringá: EDUEM, 2011. p. 173-202. Disponível em: http://old.periodicos.uem.br/~eduem/novapagina/?q=system/files/Liv-Cezar_1a.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

SOTERO, Ana Paula da Silva; TOURINHO, Luciano de Oliveira Souza. A inefetividade do regime especial de execução penal para idosos e a vulnerabilidade por condição etária. *In*: CHAI, Cássius Guimarães; RAMOS, Emerson Erivan de Araújo; CALDAS, José Manuel Peixoto (org.). **Novos direitos e novas cidadanias no envelhecer do século XXI: a realidade do idoso no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 2022. p. 13-28.

STIELTJES, Claudio; TAAM, Regina. A UNATI da UEM: educação e política. *In*: OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; D'ALENCAR, Raimunda Silva (org.). **As experiências de universidades abertas em um Brasil que envelhece**. Curitiba: CRV, 2011. p. 141-159.

TEODORO, Marcos Fernando Martins. **UNATI/UERJ: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

UEM. **Resolução Nº 034/2009-COU**. Aprova criação da UNATI/UEM e adota outras providências. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <http://www.scs.uem.br/2009/cou/034cou2009.htm>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VEBER, Andréia. **Educação musical em contexto de internacionalização: representações sociais de professores sobre patrimônio cultural e culturas populares**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

VEBER, Andréia; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. A teoria das representações sociais nas pesquisas em educação musical: identificando campos e abordagens. **Revista Música Hodie**, v. 20, 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Solange-Yaegashi/publication/358203645_Teoria_das_Representacoes_Sociais_nas_pesquisas_em_educacao_musical_identificando_campos_e_abordagens/links/63cde055e922c50e99b704c2/Teoria-das-Representacoes-Sociais-nas-pesquisas-em-educacao-musical-identificando-campos-e-abordagens.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

VELLAS, Pierre. **As oportunidades da terceira idade**. Maringá: Eduem, 2009.

VERAS, Renato Peixoto; CALDAS, Célia Pereira. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tJz7rRmdQSWVbQCJLH5ZM6g/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VERAS, Renato Peixoto; CAMARGO JUNIOR, Kenneth Rochel de. Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida. *In*: VERAS, Renato Peixoto (org.). **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará-Uerj-UnATI, 1995.

VIANA, Helena Brandão. Velhice e aprendizagem: o desafio de ensinar pessoas idosas. *In*: TAVARES, Carla Nunes Vieira; MENEZES, Stella Ferreira (org.). **Envelhecimento e modos de ensino-aprendizagem**. Uberlândia: EDUFU, 2020. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/catalogo/ebooks-gratuitos/envelhecimento-e-modos-de-ensino-aprendizagem>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VIEIRA, Celia Maria de Souza Sanches. Práticas pedagógicas para terceira idade: o caso da UNATI. **Interagir: Pensando a Extensão**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 103-110, 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/viewFile/21417/15533>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO PARA OS IDOSOS VINCULADOS À UNATI-UEM

1. Gênero:

a) Masculino

b) Feminino

2. Qual é sua idade?

R:

3. Quanto à cor/raça, como você se auto identifica?

a) Branco (a)

b) Pardo (a)

c) Preto (a)

d) Amarelo (a)

e) Indígena

f) Outra. Qual: _____

4. Qual seu estado civil?

a) Solteiro (a)

b) Casado (a)

c) União Estável

d) Divorciado (a)

e) Viúvo (a)

f) Outro. Qual: _____

5. Qual a sua escolaridade:

a) Ensino Fundamental cursado em Escola Pública

b) Ensino Fundamental cursado em Escola Privada

c) Ensino Médio cursado em Escola Pública

d) Ensino Médio cursado em Escola Privada

e) Ensino Superior cursado em Escola Pública

f) Ensino Superior cursado em Escola Privada

g) _____ Outros

Explique: _____

6. Com quem você mora atualmente?

a) Sozinho (a)

b) Com cônjuge/companheiro (a)

c) Com filhos (as)

d) Com outros familiares. Quem?

e) Outro. Qual: _____

7. Você está aposentado (a)? Há quanto tempo?

R:

8. Depois de aposentado (a) precisou voltar a trabalhar? Se sim, em que você trabalha?

R:

9. Qual é sua renda familiar mensal? Selecione o valor que mais se aproxime.

- a) Menos de um salário mínimo (R\$ 1.100,00)
- b) Entre um e dois salários mínimos (R\$ 1.100,00 – R\$ 2.200,00)
- c) Entre dois e três salários mínimos (R\$ 2.200,00 – R\$ 3.300,00)
- d) Entre três e cinco salários mínimos (R\$ 3.300,00 – R\$ 5.500,00)
- e) Entre cinco e sete salários mínimos (R\$ 5.500,00 – R\$ 7.700,00)
- f) Mais de sete salários mínimos (R\$ 7.700,00)

10. Essa renda familiar mensal atende a quantas pessoas? (Incluindo você)

- a) Uma
- b) Duas
- c) Três
- d) Quatro
- e) Mais de cinco pessoas

11. Nas horas vagas, quais atividades você realiza? (Você pode marcar mais de uma opção)

- a) Leio um livro
- b) Durmo
- c) Cozinho
- d) Assisto um filme/série na televisão
- e) Fico com a minha família
- f) Escrevo
- g) Faço atividade física
- h) Danço
- i) Faço minhas atividades domésticas
- j) Cuido das minhas plantas
- k) Faço compras no supermercado
- l) Fico navegando nas redes sociais
- m) Outros. Quais: _____

12. Você realiza atividades físicas?

- a) Sim. Que tipo de atividade física? _____
- b) Não. Por quê? _____

13. Você mora em Maringá?

a) Sim

b) Não. Em qual cidade mora? _____

12. Há quanto tempo você está na UNATI?

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS IDOSOS VINCULADOS À UNATI-UEM

1. Por que você entrou para a UNATI-UEM?
2. Como ficou sabendo da existência da UNATI-UEM?
3. Quais foram as mudanças sociais, culturais, sociais, comportamentais ou de outro tipo que você teve depois que começou a frequentar a UNATI-UEM?
4. Sua vida melhorou depois que veio estudar na UNATI-UEM? Conte-nos um pouco sobre isso.
5. Como é para você o trabalho com os professores da UNATI-UEM?
6. O que mais gosta no trabalho com eles?
7. O que menos gosta?
8. A UNATI sempre tem discentes do curso de graduação em música auxiliando os professores nas aulas. Como é para você aprender com esses jovens?
9. O que mais gosta no trabalho com eles?
10. O que menos gosta?
11. Qual foi o conteúdo de música mais fácil de aprender?
12. Qual foi o conteúdo de música mais difícil de aprender?
13. O que você acha que poderia melhorar no ensino de música para os idosos?
14. Na sua opinião, falta algum conteúdo curricular na disciplina de Música que você cursa que tenha interesse?
15. Na sua opinião, como os discentes do curso de Música lidam com o trabalho de ensinar música para vocês?
16. Na sua opinião, qual(is) foi(ram) as contribuições dos docentes para seu aprendizado de música?
17. Qual (quais) disciplina (s) de música na UNATI você está cursando (ou já cursou)? Há quanto tempo?
R:
18. Você já participou de outros corais ou cursos de música? Se sim, por quanto tempo participou?
 - a) Não
 - b) Sim Explique: _____

19. Você toca algum instrumento? Se sim qual?

a) Não

b) Sim Explique: _____

20. O que mais atrai você nas aulas de música?

R: _____

21. O que você mais gosta nas aulas de música?

R: _____

22. O que você não gosta nas aulas de música?

R: _____

23. Qual (quais) a (s) sua (s) maior (es) dificuldade (s) para aprender música?

R: _____

24. Por que você quis aprender música?

R: _____

APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA DA COORDENADORA GERAL DA UNATI-UEM

Declaramos, para os devidos fins e a quem de direito possa interessar, que concordamos em disponibilizar os espaços da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), órgão da Universidade Estadual de Maringá, para o desenvolvimento das atividades referentes à pesquisa de doutorado intitulada: **“Representações sociais de idosos da UNATI-UEM: um estudo sobre o ensino da música em um contexto de educação não formal”**, do doutorando Paulo Lopes, sob orientação da Profa. Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi, do Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores, da Universidade Estadual de Maringá. O período de execução previsto para a coleta de dados corresponde a agosto a outubro de 2021, conforme cronograma do projeto apresentado. Caso não seja possível realizar as entrevistas presencialmente o doutorando fará a pesquisa de forma remota, via Google Meet.

Coordenadora Geral da UNATI-UEM

CPF:

e-mail:

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS ALUNOS DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE – UNATI-UEM

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada **“Representações sociais de idosos da UNATI-UEM: um estudo sobre o ensino da música em um contexto de educação não formal”**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação e orientada pela Prof^a. Dr^a. Solange Franci Raimundo Yaegashi, da Universidade Estadual de Maringá - UEM. O objetivo da pesquisa é investigar as representações sociais dos idosos vinculados à UNATI-UEM acerca do processo de aprendizagem nas disciplinas de música e de sua participação nesse Programa. Para isso, a sua participação é muito importante, e se dará por meio de um questionário sociodemográfico e de uma entrevista semiestruturada, sendo esta formulada por questões previamente estruturadas. Tanto o questionário quanto a entrevista semiestruturada serão aplicados individualmente e dar-se-ão após aceite e serão realizados em sala aula da UNATI ou em sala virtual (de forma remota), via Google Meet. Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Assinalamos ainda que todas as informações aqui coletadas serão utilizadas para fins de pesquisa e serão armazenadas em um banco de dados onde os (as) respondentes serão identificados (as) apenas por um número e/ou letra, sendo analisadas em conjunto com os dados fornecidos por outros (as) participantes da pesquisa. Ao término do estudo, todos os dados coletados serão apagados e destruídos completamente, incluindo qualquer plataforma digital, e-mail e ambiente compartilhado remotamente. A apresentação dos resultados desta pesquisa em eventos acadêmicos-científicos e/ou artigos científicos, empregará os dados obtidos coletivamente, sem referenciar-se a dados individuais, de forma a respeitar o sigilo absoluto quanto à identidade dos (as) participantes. Esteja ciente de que, se você concordar em colaborar com esta pesquisa, não receberá compensação financeira por sua participação.

Informamos que os riscos da pesquisa podem ser: desconforto e ansiedade pelo teor das questões da entrevista semiestruturada, e caso ocorra, você pode deixar de responder, sem que isto lhe cause ônus ou prejuízo. Esclarecemos que o doutorando recebeu treinamento para realizar a entrevista semiestruturada de forma a levar em conta as evidências de que os participantes da pesquisa estão se sentindo bem, minimizando, assim, os riscos de desconforto e ansiedade. Entretanto, caso isso ocorra, a orientadora dessa pesquisa, que também é psicóloga, se dispõe a conversar com esse (a) participante a fim de acolhê-lo (a) em suas dúvidas e inquietações desencadeadas durante a entrevista. Destacamos que além dos riscos relacionados à participação na pesquisa, há os riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas. Dessa forma, a fim de assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações dos (as) participantes da pesquisa, todos os dados coletados em ambiente virtual serão transferidos para um dispositivo local (HD Externo), evitando-se, dessa forma, o vazamento de dados.

Esperamos beneficiar seu processo de aprendizagem ao problematizar a questão importância da música na vida dos idosos, bem como repensar a formação dos discentes de graduação em música da UEM em um contexto de ensino não formativo desse grupo. Caso você tenha dúvidas ou necessite de mais esclarecimentos, poderá nos contatar nos endereços a seguir ou procurar o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da UEM, cujo endereço consta neste documento. Este Termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada, entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isso deve ser feito pelo pesquisador e por você de forma a garantir acesso ao documento completo. Caso não seja possível a assinatura, em virtude da situação de pandemia de Covid-19, a concordância será feita de forma verbal. Assim, o pesquisador fará a leitura do TCLE ao participante, que deverá manifestar seu consentimento em voz alta.

Essa concordância será gravada por meio do Google Meet.

Por fim, caso seja necessário realizar alguma entrevista de forma presencial, em razão do contexto pandêmico no qual o Brasil se encontra, serão tomadas medidas para minimizar potenciais riscos à saúde e a integridade dos participantes e dos pesquisadores, tais como o uso de máscaras, lavagem das mãos com água e sabão/sabonete, desinfecção com álcool 70% dos materiais e equipamentos e disponibilização de álcool em gel para todos os participantes.

Eu,....., declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Prof^a. Dr^a. Solange Franci Raimundo Yaegashi.

_____Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Paulo Lopes, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supranominado.

_____Data:.....

Assinatura do pesquisador

Eventuais dúvidas com relação à pesquisa poderão ser esclarecidas junto aos pesquisadores responsáveis, nos seguintes endereços:

Doutorando: Paulo Lopes

Endereço: xxx

Telefone/e-mail: xxx

Orientadora: Solange Franci Raimundo Yaegashi

Endereço: xxx

Telefone/e-mail: xxx

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Copep) da UEM nesse endereço:

COPEP/UEM - Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4

Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br
Horário de funcionamento do CPEP/UEM: 07h45min às 11h30min; 13h30min às 17h30min